

A woman with brown hair styled in an updo with a flower accessory is shown from the back, wearing a vibrant green, off-the-shoulder, floor-length gown with a lace-up bodice. She is looking slightly to her left. The background is a warm, textured brown.

Segundo livro da
série Os Irmãos Sinistros

COURTNEY MILAN

A vantagem da
HERDEIRA



COURTNEY MILAN

A VANTAGEM DA HERDEIRA

A senhorita Jane Fairfield não podia fazer nada certo. Quando tinha companhia, sempre dizia o que não devia... Por mais caros que fossem seus vestidos, sempre eram horríveis. Nem sequer seu imenso dote poderia salvá-la de ser ridicularizada.

Isso era exatamente o que ela queria. Ela estava pronta para qualquer coisa, até ser humilhada, contanto que permanecesse solteira para proteger a sua irmã.

O senhor Oliver Marshall tinha que fazer tudo certo. Era filho bastardo de um duque, criado em circunstâncias humildes, e pretendia dar voz e poder às pessoas pobres. Se desse um passo em falso, nunca teria a oportunidade de fazer nada. Não o ajudaria em nada salvar a mulher errada. E muito menos lhe ajudaria apaixonar-se por ela. Mas a valente e encantadora Jane tinha algo que ele não podia resistir... Embora isso pudesse implicar em um desastre para os dois.

Para Bajeeny

*Esperei muito um livro para dedicar a você,
minha irmã mais próxima. Queria um que fosse perfeito.*

*Me conformo com um em que a protagonista não tenha seu nome por
acaso.*

Agora olhe a data - Bum!

CAPÍTULO 1



Cambridgeshire, Inglaterra, janeiro de 1867.

A MAIORIA DOS NÚMEROS que a senhorita Jane Vitória Fairfield tinha encontrado em sua vida tinham sido inofensivos. Por exemplo, a costureira com quem ela estava provando um vestido a tinha furado sete vezes ao colocar quarenta e três alfinetes, mas a dor tinha desaparecido logo. Os doze buracos de seu espartilho eram um inferno, sim, mas um inferno necessário; sem eles não conseguiria reduzir sua cintura de um contorno terrível de trinta e seis polegadas, para um também terrível, trinta e uma.

Os dois não eram números assustadores, nem sequer chegava ao número das irmãs Johnson, que estavam atrás dela vendo a costureira cravar com alfinetes o vestido no corpo pouco elegante de Jane.

Não aguentou as irmãs rindo dela pelo menos seis vezes na última meia hora. Não, esses números eram meramente irritantes... como mosquitos que podiam ser espantados com um leque banhado em ouro.

Não, todos os problemas de Jane podiam se resumir em dois números diferentes a esses. O primeiro era de cem mil, e era um veneno absoluto.

Respirou tão profundamente como lhe permitia o espartilho e saudou com uma inclinação de cabeça à senhorita Geraldine e à senhorita Genevieve Johnson. Aquelas jovens não faziam nada de errado aos olhos da sociedade. Estavam com vestidos quase idênticos; um de musselina azul e o outro verde pálido. Levavam leques idênticos, ambos com cenas bucólicas pintadas. As duas eram bonitas e pareciam bonecas de porcelana da China: olhos azuis e cabelos loiros claro que se frisavam formando cachos nos cabelos brilhantes. O contorno de suas cinturas era muito inferior a vinte polegadas. O único modo de distinguir às irmãs era que Geraldine Johnson tinha um sinal em forma de lua perfeito na bochecha direita e Genevieve tinha outro igual na esquerda.

As primeiras semanas depois de conhecer Jane tinham sido amáveis com ela.

Essa suspeitava que deviam ser bastante agradáveis enquanto fazia suas vontades. Mas Jane tinha um talento para que as garotas amáveis deixassem de ser.

A costureira colocou o último alfinete.

-Ai está – anunciou - Agora olhe-se no espelho e me diga se quer trocar algo, retirar um pouco da renda, talvez, ou utilizar menos.

Pobre senhora Sandeston! Pronunciava aquelas palavras igual falaria do tempo um homem que iria cavalgar essa tarde. Melancolicamente, como se a ideia de muita renda fosse horrível, algo que só saberia graças a um extraordinário e improvável ato explícito de clemência.

Jane caminhou para frente e observou o efeito de seu novo vestido. Nem sequer teve que fingir um sorriso, pois este se estendeu por seu rosto como manteiga derretida sobre pão quente. O vestido era horrível. Verdadeiramente horrível. Nunca antes se investiu tanto dinheiro em tanto mau gosto. Olhou sua imagem no espelho com prazer. A imagem lhe devolveu o olhar: cabelo e olhos escuros, charmosos e misteriosos.

-O que vocês acham? - perguntou, voltando-se - Deveria ter mais renda?

Atormentada a senhora Sandeston lançou um gemido a seus pés.

Tinha motivo. O vestido já tinha três tipos diferentes de renda. Metros e metros de azul rodeavam a cintura formando ondas grossas. Uma peça fina de renda belga marcava o decote e um chantilly negro com um desenho de flores criava manchas negras ao longo das mangas. O tecido era bonito de seda estampada, mas não se podia ver debaixo de tantas camadas de renda.

O vestido era uma abominação de rendas mais Jane amava.

Porém uma verdadeira amiga falaria para tirar toda a renda.

Genevieve assentiu.

-Mais rendas. Definitivamente, acredito que precise de mais. Um quarto tipo, provavelmente?

Santo Deus! Jane não sabia onde ia colocar mais rendas.

-Uma magnífica faixa de renda? - insinuou Geraldine.

Era curiosa a forma de amizade, que Jane compartilhava com as gêmeas Johnson. Eram famosas por seu bom gosto; mas conseqüentemente, sempre aconselhavam Jane mal. Mas faziam com tanta amabilidade, que era quase um prazer rir dela.

E como Jane queria que a aconselhassem mal, apreciava seus esforços.

Elas mentiam para Jane, que por sua vez mentia também. E uma vez que Jane queria ser ridicularizada, o acerto funcionava maravilhosamente bem para as três.

Às vezes Jane se perguntava como seria a relação se as três fossem sinceras. Se as Johnson poderiam tornar-se amigas de verdade em vez de ser inimigas encantadoras e educadas.

Geraldine olhou o vestido e falou com decisão.

-Apoio plenamente á faixa de renda. Vai dar ao vestido um ar de dignidade que falta neste momento.

A senhora Sandeston emitiu um som estrangulado.

Jane se perguntava se elas poderiam ser amigas. Normalmente lembrava as razões pelas quais não podia ter amigas de verdade. As cem mil razões.

Por isso aceitou às sugestões horríveis das irmãs.

-O que você acha dessa tira de renda maltês que vimos antes... o dourado com as condecorações?

-É claro - disse Geraldine - O maltês.

As irmãs se olharam por cima de seus leques. Olhares ardilosos que diziam claramente: "vamos ver o que podemos conseguir que faça hoje a herdeira das plumas".

-Senhorita Fairfield - a senhora Sandeston juntou as mãos imitando sem pensar o gesto de prece - Eu suplico. Veja, você pode obter um efeito muito melhor empregando menos adornos. Uma bonita peça de renda é a peça central de um vestido bonito, deslumbrante em sua simplicidade. Mas muita renda... – ela parou de falar com um gesto de mãos.

-Muito pouco e ninguém saberá o que tem para oferecer - interveio Genevieve com calma - Geraldine e eu só temos dez mil libras cada uma e nossos vestidos devem refletir isso.

Geraldine apertou seu leque.

-É claro - murmurou.

-Mas você, Jane, tem um dote de cem mil libras esterlinas. Tem que procurar uma pessoa certa. Nada expressa tanto a riqueza como a renda.

-E nada expressa tanto a renda como... mais rendas - acrescentou Geraldine.

As irmãs se entreolharam.

Jane sorriu.

-Obrigado. Não sei o que faria sem vocês. São muito boas comigo, ensinando-me isso tudo. Eu não sei o que está na moda nem que mensagem transmite minha roupa. Sem seus conselhos, acho que faria tudo errado.

A senhora Sandeston fez um ruído estrangulado com a garganta, mas não disse mais nada.

Cem mil libras esterlinas. Essa era uma das razões pela qual Jane estava ali, observando aquelas mulheres encantadoras e perfeitas trocarem sorrisos

maliciosos que pensavam que ela não compreendia. Inclinar-se uma para a outra e sussurraram, com as bocas por detrás dos leques, em seguida a olharam e riram ao mesmo tempo. Ela estava sendo considerada um palhaço carente de bom gosto, bom senso e razão.

Isso não lhe parecia mal.

Não doía saber que a chamavam amiga na sua frente e por trás contavam sua estupidez a todos que viam. Não a incomodava que a fizessem usar mais e mais rendas, mais joias, mais bijuterias, só para divertir-se mais. Não importava que toda a população de Cambridge rissem dela.

Não poderia se importar. Afinal de conta, Jane tinha escolhido aquilo.

Sorriu para elas como se seu sorriso fosse mostrar a amizade sincera.

-O maltês, então.

Cem mil libras. Havia peso mais bajulador que o de cem mil libras esterlinas.

-Você tem que colocar esse vestido na próxima quarta-feira - sugeriu Geraldine - Está convidada para o jantar do marquês de Bradenton, certo? - Insistiram as irmãs movendo os leques para cima e para baixo.

Jane sorriu.

-É obvio. Não perderia isso por nada no mundo.

-Haverá um homem novo. O filho de um duque. Nascido fora do casamento, infelizmente, mas reconhecido. É quase tão bom como se fosse filho legítimo.

Maldição! Jane odiava conhecer homens novos e o filho bastardo de um duque soava muito perigoso. Teria uma opinião elevada de si mesmo e uma baixa opinião de sua carteira. Era o tipo de homem que veria suas cem mil libras e decidiria que podia até perdoar toda aquela renda. Esse tipo de homem perdoaria muitos defeitos se conseguisse levar seu dote para a conta bancária dele.

-Oh? - perguntou sem comprometer-se.

-O senhor Oliver Marshall - disse Genevieve - Eu o vi na rua. Não é...

Sua irmã lhe deu uma ligeira cotovelada e Genevieve tossiu.

-Quero dizer que parece muito elegante. Seus óculos são muito distintos e seus cabelos são muito... brilhantes e... acobreado.

Jane não demorou nada para imaginar a aparência do duque. Teria barriga. Usaria coletes ridículos e um relógio de bolso que consultaria constantemente. Estaria orgulhoso de seus privilégios e amargurado com o mundo por ter nascido fora do casamento.

-Seria perfeito para você, Jane - declarou Geraldine - É obvio como nossos dotes são menores, não vamos interessa-lo.

Jane forçou um sorriso.

-Não sei o que faria sem vocês - disse com sinceridade - Se não cuidassem de mim, poderia...

Sem elas se dedicando em transforma-la no bobo da corte, Jane podia um dia impressionar um homem, apesar de seus esforços pelo contrário. E isso seria um desastre.

-Cuidam tão bem de mim que tenho a impressão que são minhas irmãs - disse. E pensou nas meio irmãs de algum conto de fadas aterrorizante.

-Nós sentimos o mesmo - Geraldine sorriu - É como se fosse nossa irmã.

Houve quase tantos sorrisos no quarto como renda em seu vestido. Jane pediu perdão em pensamento por sua mentira.

Aquelas mulheres não eram nada como suas irmãs. Dizer isso era insultar o nome de sua irmã. E se havia algo sagrado para Jane, era isso. Tinha uma irmã, uma irmã pela qual faria tudo. Por Emily mentiria, enganaria e compraria um vestido com quatro tipos de renda.

Cem mil libras não era grande coisa. Mas se uma senhorita queria permanecer solteira, se precisava permanecer com sua irmã até que esta atingisse a maioridade e pudesse sair da casa do tutor das duas, esse número se convertia em uma possibilidade.

Quase tanto como quatrocentos e oitenta, o número de dias que Jane tinha que permanecer solteira.

Quatrocentos e oitenta dias até que sua irmã fosse maior de idade. Então Jane poderia abandonar a casa, o que só lhe permitiam continuar ali com a condição de que se casasse com o primeiro bom partido que aparecesse, aí sim poderia deixar de fingir. Emily e ela seriam livres por fim.

Jane estava disposta a sorrir, a usar metros e metros de rendas e chamar Napoleão Bonaparte para sua irmã se assim pudesse protegê-la.

Mas o que tinha que fazer nos seguintes quatrocentos e oitenta dias era procurar um marido buscá-lo assiduamente e não se casar.

Quatrocentos e oitenta dias nos quais não se atrevia a casar-se e cem mil libras esterlinas para o homem que a desposasse.

Essas duas cifras descreviam a dimensão de sua prisão.

Por isso Jane sorriu de novo para Geraldine, grata por seus conselhos e por ter lhe aconselhado mal mais uma vez. Sorriu, e seu sorriso foi sincero.

Poucos dias depois.

O SENHOR Oliver Marshall não queria tirar o casaco quando entrou na casa do marquês Bradenton. Sentia o frio que lhe atravessava as luvas e a corrente de vento invernal que sacudia os vidros das janelas. A armação metálica dos óculos dava uma sensação de gelo nas orelhas. Mas já era muito tarde para voltar atrás.

Bradenton, o anfitrião, veio em sua direção.

-Marshall - disse amavelmente - É um prazer vê-lo outra vez.

Oliver entregou as luvas e o pesado casaco e apertou a mão do marquês.

-Eu digo o mesmo. Faz muito tempo.

A mão de Bradenton também estava fria. Tinha ganhado barriga nos últimos anos e seu cabelo castanho começava mais atrás na cabeça, mas o sorriso que dedicou a Oliver seguia sendo o mesmo: amistoso e, entretanto, frio.

Oliver reprimiu um calafrio. Não importava se os empregados tivessem empilhado um monte de carvão e que este ardesse alegremente. Essas casas antigas sempre pareciam estar habitadas por um vento frio. O teto era muito alto; o mármore do chão era o resultado do frio intenso inclusive através das solas dos sapatos. Para qualquer lugar que Oliver olhasse, via espelhos, metais e pedras; superfícies frias rodeadas por um vazio enorme que as tornavam ainda mais frias.

Disse a si mesmo que faria mais calor quando saísse da entrada e chegasse mais pessoas. No momento, estavam somente Bradenton, Oliver e dois jovens. Bradenton gesticulou para que se aproximasse.

-Hapford, Whitting, esse é Oliver Marshall. Um antigo companheiro de colégio. Marshall, esse é meu sobrinho, John Bloom, o novo conde de Hapford - o marquês Bradenton apontou ao jovem pálido e sério que tinha ao seu lado - E o senhor George Whitting, meu outro sobrinho - apontou a um jovem ruivo de largas costeletas - Senhores, este é Oliver Marshall. Eu o convidei para que nos ajude a completar sua educação, por assim dizer.

Oliver os saudou com uma inclinação de cabeça.

-Me encarregaram da apresentação de Hapford - explicou Bradenton - Ele vai se sentar na Câmara dos Lordes no mês que vem, e isso é algo que não esperávamos ainda.

Hapford usava uma fita negra ao redor do braço; seu traje era escuro. Talvez esse fosse o motivo da casa parecer tão fria e sombria.

-Estimo muito ouvir isso - disse Oliver.

O recente conde se levantou e olhou para Bradenton antes de responder:

-Obrigado. Minha intenção é fazê-lo o melhor possível.

O olhar de respeito com o qual lançou ao anfitrião... Essa era a razão da presença de Oliver ali. Não tinha ido recordar amizades da época do colégio que

foi esfriando com os anos. Bradenton era o tipo de homem que educava os que chegavam novos ao Parlamento. Educava-os e depois fazia o possível pra conservá-los em sua camarilha. Assim tinha adquirido uma boa fama.

-Eu teria gostado de ter mais tempo para me preparar, mas será bom - Bradenton deu uma palmada de aprovação no ombro de seu sobrinho - E Cambridge não é um lugar ruim pra se exercitar. É um microcosmos do mundo. Você vai ver que o Parlamento não é muito diferente.

- Um microcosmos do mundo? - perguntou Oliver, duvidoso. Nunca tinha visto um mineiro de carvão em Cambridge.

Mas Bradenton não compreendeu seu significado.

-Sim, aqui também tem gentinha - olhou para Oliver.

Este não respondeu. Para alguém como Bradenton, ele era escoria.

-Mas a gentinha também retribui - continuou Bradenton - Porque não há uma instituição como Cambridge. Qualquer um pode reivindicar uma educação em Cambridge, de modo que todos os que aspiram algo, podem começar ali. Se o fizerem bem, quando terminam a licenciatura, os mais ambiciosos se tornam iguais a nós. Ou, ao menos, desejam de tal modo entrar em nossas filas que quando se dão conta, todas suas ambições estão a serviço de uma glória maior.

Assinalou a Oliver com um gesto da cabeça.

Esse discurso teria deixado Oliver com raiva em outros tempos. A implicação de que ele não pertencia ao grupo dos melhores, e o pior era ele ficar a serviço dos objetivos de Bradenton ao invés de uma pessoa em seu próprio direito...

Aos treze anos tinha derrubado Bradenton por cometer aquele mesmo pecado. Mas agora o entendia. Bradenton recordava um velho fazendeiro que caminhava todos os dias ao redor de seu campo, examinando as cercas e olhando com receio o campo de seus vizinhos para assegurar-se de que seu lado e o deles estavam claramente delimitados.

Oliver tinha levado anos para aprender a lição do silêncio e deixar que os homens como Bradenton examinassem as cercas. Não serviria de muito e uma pessoa que fosse com cuidado se encontraria um dia na posição de comprar toda a fazenda.

Assim guardou silêncio e sorriu.

-As damas chegarão logo - comentou Bradenton - Se quiserem começar com um brandy... -fez um gesto afastando-se da entrada.

-Brandy - falou Whitting com decisão, e o grupo foi para uma sala adjacente.

Bradenton tinha uma sala inteira reservada só para isso: um aparador com taças e uma garrafa com líquido âmbar. Mas ao menos a sala era menor e, portanto, mais quente. O marquês generosamente serviu as taças.

-Precisamos disso - disse. Passou a primeira taça a seu sobrinho e depois a Oliver.

Este aceitou a taça.

-Muito obrigado. E falando de fevereiro próximo, há algo que quero falar com você. A Ata da Reforma do voto é na próxima sessão parlamentar...

Bradenton se pôs a rir e levantou sua taça.

-Não, não. Não vamos falar de política ainda, Marshall.

-Bem se não agora, talvez possamos falar mais tarde. Amanhã ou...

-Ou ontem, ou no dia seguinte - terminou Bradenton com um brilho nos olhos - Temos que ensinar Hapford como desenvolver-se antes de lhe ensinar o que tem que fazer. Este não é o momento.

Aparentemente, aquela atitude não era compartilhada com todos. Hapford olhava para a frente para Oliver quando este tinha começado a falar. Ao ouvir seu tio, franziu a testa e se voltou.

Oliver poderia ter discutido, mas por outro lado...

-Como quiser – falou - Mais tarde.

Um homem como Bradenton precisava de certas considerações. Precisava que um vizinho parasse a cinco pés da cerca e não discutisse os limites de sua propriedade. Oliver tinha tratado com ele antes e sabia como fazê-lo. Era possível dirigir Bradenton desde que ninguém tivesse a ilusão de que ele estava no comando.

Deixou que a conversa corresse sobre amigos em comuns e sobre a saúde de seu irmão e a esposa dele. Podiam fingir no momento que aquilo não era nada mais que uma reunião amigável e casual. No momento, Bradenton, que estava de pé junto à janela, levantou a mão.

-Bebam – disse - chegou á primeira dama.

Whitting olhou pela janela e soltou um gemido.

-Oh, Senhor, por favor, não! Não me haviam dito que tinham convidado à herdeira das plumas.

-A culpa é de seu primo - Bradenton arqueou uma sobrancelha - Hapford quer gastar uns minutos a sós em um canto com sua noiva. E por alguma razão, a senhorita Johnson insiste em que convidemos a ela também.

-Falando nisso - interrompeu Hapford, com uma dignidade que parecia fora do comum com seus traços juvenis - preferiria que não caluniasse às amigas de minha noiva.

Whitting bufou. A julgar pela sua expressão sombria, qualquer um haveria de dizer que acabavam de condená-lo a três anos de trabalhos forçados.

-Desmancha prazeres - murmurou o jovem. Aproximou-se de Oliver- Alguém deveria te avisar.

-Me avisar do que?

O outro se inclinou e sussurrou dramaticamente:

-Contra a herdeira das plumas.

-Sua fortuna vem das plumas de gansos?

-Não - Whitting não o olhou - Vem de vapores transcontinentais. Chamam-na de herdeira das plumas porque a seu lado pode se morrer a golpes de plumas.

Parecia muito sério. Oliver moveu a cabeça com exasperação.

-Não se pode matar ninguém com uma pluma.

-E você é um perito nisso, certo? - Whitting levantou o queixo - Pois está muito equivocado. Imagine alguém começando a golpeá-lo com uma pluma e não para nunca, até que um dia, a irritação constante contra as plumas de ganso lhe faz perder o controle e, em um ataque de fúria, estrangula a pessoa que lhe batia com a pluma - imitou com as mãos o gesto de estrangular alguém - Então o prenderão por assassinato e você, meu amigo, terá morrido por golpes de plumas.

Oliver bufou.

-Ninguém é tão horrível.

Whitting levou uma mão à cabeça e esfregou a testa.

-Ela é pior.

-Ah, ah! - Bradenton levantou um dedo - Está quase aqui. Isto não são modos, cavalheiros - enfatizou a última palavra e deixou sua taça. Fez um gesto a seus sobrinhos e estes o seguiram de volta a sala. Oliver foi atrás deles.

Sim, Oliver sabia como seria. Tinha sido frequentemente o receptor daqueles "quase insultos". A cortesia da classe alta chega quase á crueldade, não pelas palavras que se pronunciavam, mas sim pelos longos silêncios.

Um empregado abriu a porta e entraram duas mulheres na sala. Uma envolta em uma capa de lã escura com flocos de neve em cima, era claramente uma acompanhante. Tirou o pesado capuz e mostrou um cabelo encaracolado grisalho e uma boca franzida.

A outra...

Se já houve uma mulher que quisesse anunciar ao mundo que era uma herdeira, era aquela. Fazia todos os esforços possíveis para anunciar sua riqueza. Levava uma capa forrada de pele branca e suave e luvas de pelica com arminho nos punhos. Balançou a cabeça e abriu o broche do pescoço, que brilhava com

um brilho dourado. Quando se moveu, Oliver olhou o brinco de suas orelhas, o brilho de prata e diamantes.

Os homens se adiantaram para recebê-la.

-Senhorita Fairfield - disse o marquês de Bradenton, com tom amável. Saudou-a com uma inclinação de cabeça.

-Senhor - respondeu ela.

Oliver se aproximou mais com o resto do grupo, mas se deteve quando ela tirou a capa. Era...

Olhou-a e moveu a cabeça. Poderia ter sido bonita. Seus olhos eram escuros e brilhantes; o cabelo estava recolhido em uma cascata de cachos resplandecentes colocados com arte sobre os ombros. Seus lábios rosados e grossos se entreabriam em um meio sorriso recatado, e sua figura, ou o que se podia ver dela, era como gostavam: suave e exuberante, com curvas que nem o espartilho mais decidido podia esconder. Em outras circunstâncias, a olharia durante toda noite.

Mas olhá-la era como ter um pêssgo apetitoso e descobrir que estava cheio de mofo.

Seu vestido era horroroso. Não havia outra palavra para descrevê-lo; nenhum outro faria justiça ao calafrio de horror que percorria a coluna de Oliver.

Estava na moda colocar um pouco de renda. Em volta dos punhos, possivelmente, ou a poucos centímetros da bainha. Mas o vestido da senhorita Fairfield estava todo coberto de renda, camada após camada do tipo de renda mais intrincado e tecido à mão que existia. Renda negra, azul, renda com bordo dourado... Parecia que alguém tinha entrado em uma loja, pedido trezentos metros dos tipos mais caros de renda e em seguida tivesse colocado em todo o vestido.

Ali não se tratava de adornar um vestido. Se existia um vestido de tecido normal debaixo de tudo aquilo, já não era possível vê-lo.

O grupo se deteve quando ela tirou a capa. Estavam paralisados ao olhar um traje que fazia com que a palavra "estridente" resultasse recatada por contraste.

Bradenton foi o primeiro a se recuperar.

-Senhorita Fairfield - falou.

-Sim, já me cumprimentou - ela tinha uma voz linda. Se Oliver pudesse fechar os olhos! Ou possivelmente olhá-la acima do pescoço.

Ela deu um passo para frente também, pois avançou sobre Bradenton até que ele teve que afastar dois passos. Isso fez com que seus brincos de diamantes pesados definidos em prata, pendurassem a poucos centímetros dos olhos de Oliver.

Um desses brincos podia comprar mais de três fazendas do pai dele.

-Muito obrigado pelo convite - disse ela. Enquanto falava, dobrava a capa.

Um dos empregados de uniforme cinza deveria ter se aproximado para levá-lo, mas ele, como todos os outros, estavam momentaneamente paralisados pelo odioso vestido.

A senhorita Fairfield não parecia se dá conta. Sem olhar para os lados, sem nem sequer olhar para Oliver, entregou a capa. Os dedos dele pegaram a capa antes que seu cérebro pudesse registrar o que acabava de acontecer. Ela se voltou e cumprimentou Hapford e Whitting com voz agradável, com os cachos de seu cabelo provocando Oliver.

Tinha entregado a capa como se fosse um empregado. Um empregado se aproximou e tirou o objeto com um gesto de desculpa, mas era muito tarde. Oliver via horrorizado o sorriso de Whitting, o sorriso que este não podia reprimir. Bradenton também lhe dirigiu um sorriso divertido.

Oliver tinha ido além do ponto onde ele estava com raiva pela pequena ofensa, e aquela nem sequer tinha sido intencional. Mas a jovem era um desastre. Quase sentiu pena dela.

Bradenton fez um gesto atrás dele.

-Senhorita Fairfield – disse - há outro homem aqui ao qual não foi apresentada ainda.

-Há? - a senhorita Fairfield se voltou e por fim olhou para Oliver - Santo Deus! Não o vi ao entrar.

Sim o tinha visto. Mas pensou que ele fosse o empregado. Um simples engano; nada mais.

-Senhorita Fairfield - disse Oliver com suavidade - É um prazer.

-Senhorita Jane Fairfield, este é o senhor Oliver Marshall - apresentou Bradenton.

Ela inclinou a cabeça para o lado e o olhou. Era bonita. A parte irritante do cérebro de Oliver não pôde deixar de notar que apesar do modo chamativo como se vestia era bonita, se gostasse das mulheres do tipo rosa inglesa resplandecente de saúde. E Oliver costumava gostar delas.

Ele se perguntou quando ela perceberia seu erro. A mulher entreceitou os olhos em um gesto de concentração e franziu a testa.

-Nos conhecemos - disse.

Aquilo não era o que Oliver esperava que dissesse. Piscou duvidoso.

-Tenho certeza de que nos vimos antes - continuou ela - Você me parece familiar. Há em você, algo... - a senhorita Fairfield tocou o lábio com um dedo e

moveu a cabeça - Não - concluiu com tristeza - Não, estou errada. É que você é tão comum com esse cabelo e esses óculos, que o confundi com outro.

Ele parecia comum?

Outra mulher que pronunciasse um insulto daquele tamanho teria enfatizado a palavra para assegurar-se de que não se confundia em sua intenção. Mas a senhorita Fairfield não parecia como se acabasse de insulta-lo. Falava como se comentasse o número de cachorrinhos que havia em uma ninhada.

- Me perdoe? - Oliver se surpreendeu erguendo-se e olhando-a com expressão levemente fria.

-Oh, não é necessário que se desculpe - respondeu ela com um sorriso - Creio que não pode evitar ter esse aspecto. Eu jamais o reprovaria - saudou-o com uma inclinação de cabeça, como se fosse uma rainha e lhe fizesse um enorme favor. A seguir franziu a testa - Desculpe, mas se importaria de repetir seu nome?

Oliver fez uma reverência muito rígida.

-Senhor Oliver Marshall. A seu serviço -"Não tome literalmente", pensou para si.

Ela arregalou os olhos.

-Oliver. Possivelmente o chamaram assim por causa de Oliver Cromwell?

O sorriso de Oliver não teve nada de sincero. E esteve a ponto de ceder ao estresse.

-Não, senhorita Fairfield. Não foi por isso.

-Não o chamaram assim pelo homem que foi o lorde Protetor da Inglaterra? Porque ele poderia ser um exemplo que seus pais quisessem que imitasse. Ele também começou sendo comum como você, não?

-O nome não parece em nada tão grandioso - conseguiu dizer ele - O pai de minha mãe se chamava Oliver.

-Possivelmente eles colocaram por...

-Não - interrompeu Oliver - Em minha família ninguém tinha grandes esperanças em ser decapitado postumamente, eu lhe asseguro.

Pareceu a ele que ela quase sorriu então, mas desapareceu de seus lábios antes que estivesse seguro de ter visto. A conversa parou ali.

"Um, dois, três..."

Quando menino, Oliver tinha circulado entre dois mundos; entre o topo da classe alta, tão friamente educados, ao mundo mais alegre da classe trabalhadora onde seus pais moravam. Houve um silêncio gelado que Oliver associava com esses momentos de desconforto da classe alta. Era o momento que todos os homens que o rodeava faziam cálculos apoiados nas boas maneiras

e decidiam guardar seus pensamentos em vez de falar em voz alta e se arriscar em ser grosseiro. Oliver, menino, tinha sido muito frequentemente o receptor desses silêncios: quando admitiu que tinha passado um verão trabalhando com as mãos, por exemplo; ou quando se referia à antiga profissão de pugilista de seu pai. Na verdade, os primeiros anos, até que aprendeu às normas, um silêncio ocorria quase toda vez que abria a boca.

E apesar de ter assumido que esse silêncio nascia das boas maneiras, era um silêncio que podia ser cortado. Oliver tinha experiência suficiente para saber quão profundo podia ser esse corte. Olhou à senhorita Fairfield.

"... quatro, cinco, seis..."

Ela se mostrava calma e seu sorriso era aberto e sincero. Não havia nenhum sinal de que estivesse consciente da tensão.

-Quem mais nos acompanhará esta noite? – perguntou - Cadford? Willton?

-Não, ah... - Hapford olhou a seu redor - Willton não. Está... indisposto.

-Esse é um daquele... não sei como se chama... dessas coisas que alguém diz para evitar dizer a verdade? - a senhorita Fairfield balançou a cabeça, sacudindo os brincos de diamantes - Tenho a palavra na ponta da língua. É um... um... - levantou o queixo com os olhos brilhantes - Eufemismo! - estalou os dedos - Isso é um eufemismo, certo? Diga-me, está indisposto pela farra de ontem à noite?

Os homens se olharam.

-Sim - respondeu Hapford - Senhorita Fairfield, se quiser tomar meu braço... - afastou-se com ela.

-Pobre menino! - comentou Whitting - Estava acostumado a rir dela até que a senhorita Johnson lhe fez parar. Agora que está apaixonado, já não é divertido.

Oliver geralmente não gostava que zombassem das pessoas pelas costas. Era covarde e cruel, e sabia por experiência própria que os zombados se inteiravam com muito mais frequência do que os gozadores supunham.

Pobre senhorita Fairfield! Não tinha nem conversa nem bom gosto. A fariam em pedaços e ele teria que ver.

CAPÍTULO 2



O jantar se tornou mais doloroso do que Oliver tinha imaginado.

A senhorita Fairfield falava em voz muito alta, e o que dizia...

Whitting perguntou por seus estudos, e quando ele fez um comentário irônico sobre que preferia dedicar seus esforços ao estudo dos líquidos, ela o olhou fixamente.

-Que surpreendente! - exclamou, com olhos muito abertos - Eu não achava que tinha capacidade intelectual para estudar física.

Whitting a olhou intensamente.

-Há...? - deu a impressão de que se continha com visível esforço. Um cavalheiro jamais perguntaria a uma dama se ela o tinha chamado de estúpido. Whitting respirou fundo várias vezes antes de continuar falando - Não, não tenho o tipo de personalidade que gosta de estudar física. Quanto a minha capacidade - encolheu os ombros e lhe dedicou um sorriso forçado - acredito que a entendi mal.

No vocabulário do cavalheiro inglês, falar de eufemismos e falsa cortesia era um dos piores insultos. "Acredito que entendi mal" traduzia geralmente como "Cale a boca". Oliver juntou as pontas dos dedos e tentou olhar aonde tinha ido aqueles dois.

A senhorita Fairfield não pareceu nada incômoda.

-Entendeu-me mau? - perguntou com voz solícita - Sinto muito. Eu deveria ter percebido que a construção da frase era muito complexa para você - Ela se inclinou para ele e dessa vez elevou a voz e falou devagar, como se falasse com um velho - Quis dizer que você não me parecia inteligente. E isso tornaria difícil estudar física.

Whitting se ruborizou.

-Mas... isso...

-Possivelmente esteja errada - disse ela com voz alegre - Você gosta de estudar o mundo da física?

-Bem não, mas...

Ela deu uns tapinhas na mão dele.

-Não deve preocupar-se - consolou-o - Nem todo mundo tem essa capacidade. Você compensa sua falta de intelecto com sua bondade.

Whitting se recostou na cadeira movendo a boca em silêncio.

Em qualquer outra mulher, aquilo teria sido um insulto imperdoável. Se a senhorita Fairfield tivesse dado alguma amostra de que estava sendo mal educada de propósito, teria sido condenada a exclusão social. Mas como falava, dando tapinhas na mão de Whitting e consolando-o por sua estupidez, parecia sentir pena dele.

Perguntou a Hapford se pensava em ter aulas de dicção , quando ele respondeu que não, apressou-se a assegurar que ninguém que valesse a pena lhe reprovaria a lentidão de seu discurso.

-O suco de limão - disse a Oliver através da mesa - faria maravilhas pra suas sardas.

-Sabe que minha tia diz o mesmo? - murmurou ele - E eu ainda não o provei.

-Oh! É obvio - ela se mostrou triste – Não pensei nisso! Suponho que deve ser difícil encontrar limões suficientes, especialmente para alguém em sua posição.

Oliver não perguntou qual posição ela supunha.

Depois disso, a senhorita Fairfield elogiou o marquês de Bradenton, o corte de seu casaco e assegurou que quase não se notava o modo infeliz como o carregava nos ombros.

E quando ele balbuciou algo ininteligível e desviou o olhar, ela deixou seu guardanapo na mesa.

-Não se envergonhe – disse - É normal fazerem comentários. Nem todo mundo é tão inteligente como você para ter algo imediatamente pra dizer.

Bradenton apertou os lábios.

-E você é marquês - acrescentou ela - Embora tenha deficiências de compreensão, ninguém perceberá, sempre que não se esqueça de se apresentar antes como marquês.

Bradenton tremeu o nariz, mas ela já voltava a falar com Oliver.

-Senhor Cromwell – disse - me conte como tem passado. Você é... contador foi o que me disseram.

A verdade era muito mais complicada. Além disso, não importava o que os outros dissessem. Uma mulher que o confundiu com o morto Oliver Cromwell não era provável que se fixasse em detalhes.

-Estudei Direito em Cambridge – respondeu - mas não tenho necessidade de praticar, assim...

-Oh, então você é advogado? Possivelmente possa me explicar algo. Qual a diferença entre um advogado e um contador? Sempre pensei que fossem a mesma coisa.

Oliver não tinha a menor intenção de mostrar nenhuma reação.

-Um advogado...

-Porque isso é o que faz meu advogado - disse ela com inocência - Me enviar as contas. Você faz algo mais além de enviar contas, senhor Cromwell?

Oliver olhou o rosto interessado dela, seus brincos de diamantes que refletiam a luz dos lustres, e se deu por derrotado. Era impossível explicar até mesmo os conceitos mais básicos do mundo a uma pessoa que era imune à realidade e não queria insultá-la tentando.

-Não, senhorita Fairfield - disse com cortesia - Acredito que você tem a ideia geral – desviou o olhar.

Mas ela o surpreendeu fazendo uma careta, e se inclinou para frente.

-Oh, pobre senhor Cromwell! - disse com amabilidade - Está sofrendo?

Oliver teve que se esforçar para voltar a olhá-la. Teria sido de má educação ignorá-la. Voltou-se devagar, perguntando-se o que diria ela a seguir.

A jovem o olhava muito preocupada.

-Esse ruído que acaba de fazer... Lembra o nosso jardineiro. Tem lumbago. Eu lhe faço um cataplasma quando fica pior. Quer a receita?

-Eu não tenho lumbago – respondeu Oliver, secamente.

-O nosso jardineiro também diz isso, mas sempre se sente muito melhor depois do cataplasma. Permita-me enviar-lhe senhor Cromwell. Não será nenhum incômodo. Você parece jovem para ter lumbago, mas como você trabalha, esses males podem chegar cedo.

Oliver engoliu em seco. Pensou em lhe dizer que seu pai não sofria de lumbago apesar de ter trabalhando anos em uma fazenda. Pensou em lhe dar explicações. Até esteve a ponto de soltar uma gargalhada, mas isso a teria envergonhado.

Inclinou a cabeça.

-Será um prazer receber, senhorita Fairfield. Envie-me em Londres. Aos cuidados de Oliver Cromwell, Torre de Londres, Inglaterra.

Ela ficou em silêncio um momento. Sua mão com a colher ficou paralisada no ar. Olhou-o com olhos muito abertos e logo afastou os olhos.

-Bom – disse - seria indecoroso manter correspondência com um cavalheiro. Acho que você tem razão. Não é uma boa ideia afinal.

Oliver odiava admitir, mas jantar com a senhorita Fairfield era como ser golpeado com plumas até a morte. Acreditava pelo bem dela, que seu dote fosse

gigantesco e em algum lugar da Inglaterra houvesse um homem que necessitasse de sua fortuna. Alguém que estivesse ficando surdo e não tivesse que escutá-la.

Era extraordinário. A intenção dela era boa, entretanto...

Terminou o jantar e os cavalheiros se retiraram para tomar vinho do porto e fumar charutos, agradecendo aquela pausa temporária.

A pausa terminou assim que ficaram sozinhos na biblioteca.

-É tão ruim como eu disse, não é? - perguntou Whitting a Oliver.

-Vamos - Bradenton moveu a cabeça - senhores. É impróprio insultar uma dama.

-É verdade – apoiou Hapford.

Whitting se voltou disposto a protestar... até que viu o sorriso malvado do marquês.

-Muito engraçado – disse - Se não pudéssemos insultá-la, não teria nenhuma graça.

Hapford suspirou e apertou os olhos.

Oliver ficou em silêncio. Ela era horrível, mas ele não acreditava que pudesse evitar.

E houve um tempo que ele era o único que dizia coisas erradas. Sabia quando devia ficar em silêncio e dizia também a homens como Bradenton que só lhes mostravam respeito porque tinham um título. Aquilo era quase pior do que a senhorita Fairfield poderia dizer ao marquês. Se Bradenton cuidava das cercas de suas prerrogativas, a senhorita Fairfield tinha saltado por cima de seus esforços e tinha pisoteado seus campos.

-É tão irritante - exclamou Whitting - que sua presença me dá alergia.

Não importa o quanto importante era a senhorita Fairfield. Oliver tinha sido frequentemente o alvo de comentários maliciosos e não podia também fazê-los.

Em vez disso, serviu-se de uma taça de brandy e se colocou ao lado da janela.

Não escutou os risos. Não participou da conversa, apesar de Bradenton lançar algumas frases em sua direção.

Ele ficou feliz quando chegou o momento de reunir-se com as damas.

Mas a situação não melhorou. Whitting o olhava depois de cada comentário da senhorita Fairfield, esperando que se unisse a seu deboche. Os outros homens se alternavam perto dela, atijando em pequenas explosões. Isso turvava Oliver. Incomodava muito.

Na mesa de trás havia uma variedade de petiscos. Oliver colocou alguns em seu prato e foi olhar pela janela. Mas não teve como escapar. A senhorita Fairfield deixou os outros homens e foi para o seu lado.

-Senhor Cromwell - disse com calor.

Ele a saudou com uma inclinação de cabeça e ela começou a falar.

Limitava-se a escutar o som de sua voz e não prestava atenção às palavras individuais, não era tão mau. A jovem tinha uma entonação agradável, quente e musical; e uma risada encantadora.

Chamava-o de senhor Cromwell. Ficou com pena dele por saber como era difícil a contabilidade. Mencionou em três ocasiões que sentia muito respeito pelas pessoas como ele, que tinham que trabalhar pra ganhar a vida. Em conjunto, não era tão mau, agora que estava preparado para a terrível devastação que causava a conversa daquela mulher.

E então, quando estava de pé ao seu lado sorrindo e tentando ser amável, ela estendeu o braço e pegou um dos bolos de seu prato. Nem sequer percebeu o que estava fazendo. Sorriu com o bolo nos dedos e o agitou no ar ao gesticular durante a conversa.

Isso só fez com que todos pudessem ver o que ela tinha feito.

Os outros sorriam atrás dela. Whitting comentou em voz alta que os porcos comiam em qualquer cocho. Oliver cerrou os dentes e sorriu educadamente. Não reagiria. Se fizesse, ririam dele também.

-E estou segura de que você é muito eficiente com os números - disse ela - Esse é um excelente talento que lhe servirá bem no futuro. Estou certa de que qualquer chefe pensará isso de você.

Pegou outro bolo enquanto falava.

-É um milagre que encontrassem renda suficiente para envolvê-la - comentou Whitting atrás dela.

Se Oliver podia ouvi-lo, ela também. Mas não reagiu. Seus olhos não mostraram nem um lampejo de dor.

Oliver pensou que estivesse errado. Aquela mulher ia conseguir lhe fazer reagir. Não porque era horrível. Sua intenção era boa e isso compensava muitas coisas. Acabaria reagindo porque não podia ficar calado a seu lado e continuar ouvindo.

Ele lembrou uma tarde de vinte anos atrás, quando ele vivia ainda com seus pais. Dois meninos tinham chamado Laura de vitela gorda, sua irmã mais nova. A seguiram até em casa mugindo. E naquele tempo, Oliver podia resolver problemas com os punhos.

A senhorita Fairfield não era sua irmã. Ela parecia não notar nada. Mas podia ser a irmã de alguém. E Oliver não gostava do que estava acontecendo.

Ele tinha ido lá para convencer Bradenton da necessidade da reforma. Ele tinha ido para fazer com que ele mudasse de ideia. Não tinha ido ver como zombavam de alguém.

Ficou em silêncio e quando ela tentou pegar outro bolo, ele lhe entregou o prato inteiro.

A senhorita Fairfield arregalou os olhos por um momento. Permaneceu no local, olhando-o, e Oliver lembrou brevemente que, quando ela ficava em silêncio e ele conseguia esquecer a monstruosidade que estava vestida, podia ser encantadora. Tinha uma covinha no rosto que fazia com que ele tivesse vontade de tocá-la e explorar suas dimensões. Ela levantou os olhos e o olhou com olhos brilhantes e adoráveis.

-Desculpe-me - disse ele – Eu estava segurando ele, mais tenho que ir... falar com um homem.

Ela piscou. Oliver inclinou a cabeça e se afastou.

-Mas o que aconteceu? - ouviu Whitting perguntar.

Era simples. Ele não gostava de rir de ninguém. Encontrava muito de si mesmo no objeto de diversão. E embora muitas coisas houvessem mudado desde sua infância, aquela não mudaria nunca.

JANE fechou a porta do quarto de sua irmã e exalou o ar com força. Doía-lhe o rosto pelo esforço de sorrir. Deixou a capa em cima da cama e moveu os ombros para frente e para trás, para relaxar os músculos tensos. Era como se voltasse a se tornar uma pessoa de verdade, com sentimentos e desejos próprios em vez de um simulador que soltava todas as tolices que fossem necessárias.

Era agradável voltar a ter sentimentos. Especialmente quando o motivo daquela farsa desesperada estava sentada a beira da cama de camisola.

-Bem? - perguntou Emily - Como foi? O que aconteceu?

Por alguma razão, o sorriso que Jane devolveu a sua irmã não parecia usar os mesmos músculos que tinha usado a noite toda.

Não pareciam irmãs. Emily tinha um cabelo suave loiro, que caía em cachos naturais. O cabelo de Jane era castanho escuro. As características de Emily eram delicadas: sobrancelhas finas e arqueadas e cílios longos. Jane... bom, ela não tinha tido nunca nada de "delicado". Supunha que era bastante bonita, mas um pouco gordinha.

E quando estava ao lado de sua irmã, sentia-se como um cavalo Percheron. O tipo de cavalo que as pessoas olhavam na rua ao passar e sussurravam: "Esse animal mede pelo menos dezenove pés de altura. E pesa mais de duas mil libras, com certeza".

Jane achava que ambas se pareciam com seus pais. E esse era parte de seu problema.

-Bem? - voltou a perguntar Emily - O que esse homem novo achou de você?

Algumas pessoas confundiam a energia de Emily com entusiasmo infantil. Jane sabia que não era. Sua irmã estava sempre em movimento. Correndo quando permitiam, andando quando não. E quando se via obrigada a sentar-se, movia a perna com impaciência.

Esses dias movia a perna constantemente.

Jane pensou em sua resposta.

-Pelo menos é alto - disse por fim.

Era alto, possivelmente uma polegada mais que ela com sapatos de salto, o que era raro em um homem.

- E inteligente - o comentário dele sobre a Torre de Londres a tinha surpreendido – Felizmente, no final fiquei exausta.

Sorriu fracamente da porta. Ah, o sabor agri-doce da vitória! Ele tinha sido impressionante. Esforçou-se tanto para ser amável com ela e seu dinheiro!

-Como você fez?

-Tive que comer de seu prato - admitiu Jane.

-Que maravilha! Usou meu truque - Emily sorriu, agitando a perna contra a colcha rosa – Acho que a ouvi dizer que o guardava como reserva. Tentarei pensar em outro igualmente bom.

-Mantive em reserva - Jane piscou - Ele estava decidido a ser amável comigo e foi divertido. Se o tivesse deixado falar mais um pouco, teria me feito rir. Ele teve de se superar antes de acontecer isso.

Ao final, ele tinha uma expressão estranha, solene e sombria, como se quisesse desesperadamente gostar de seu próprio fracasso. Sua pele era tão clara que custava a acreditar que pudesse mostrar-se tão calado. Foram seus olhos que deram essa impressão: uns olhos claros e atormentados, mascarados levemente pelas lentes dos óculos.

-Necessitamos outro truque de reserva - Emily esfregou o queixo.

Certamente. Jane não se sentiria segura até que ouvisse Marshall rir como os outros. Quase lhe doía vencer desse modo. Ele tinha sido tão amável!

Mas ela não lhe tinha dado motivos para ser. Nenhuma razão exceto as cem mil que tinha qualquer homem, e isso implicava que ele não era nada amável. Moveu a cabeça para esquecer seus olhos bondosos e seu cabelo brilhante e voltou a olhar a sua irmã.

-Tenho algo para você - pegou a capa e procurou nos bolsos até que encontrou o presente.

-Oh! - Emily se sentou mais reta - Se passaram séculos desde o último.

-Encontrei-o esta tarde, mas Titus disse que não podia incomodar seu sono.

Estendeu a mão com o livro.

O rosto de Emily se iluminou e pegou o volume com um suspiro de felicidade.

-Obrigado, obrigado, obrigado. Vou te amar para sempre - passou uma mão pela capa com cuidado - Espero que a senhora Blickstall não tire ele de mim e jogue no lixo.

Jane agitou uma mão no ar para descartar a ideia. Tinha uma espécie de acordo com sua guardiã. Seu tio tinha escolhido a senhora Blickstall como acompanhante, mas era a fortuna de Jane que pagava seu salário. Enquanto Jane aumenta às escondidas o salário da senhora Blickstall, esta estava disposta a alterar o relatório que entregava a seu tio... permitindo um pouco de contrabando de vez em quando.

Contrabando como romances. No caso de Emily, romances ruins.

-A senhora Larriger e os habitantes de Vitória Land - disse Jane - Emily! Onde fica Victoria Land?

Uma expressão sonhadora apareceu nos olhos de sua irmã, que apertou o livro contra seu peito.

-É a terra de gelo e neve do Polo Norte. Ao final do último livro, esse que a senhora Larriger foi sequestrada por baleeiros portugueses para pedir um resgate por ela, os convenceu a deixá-la ir. O capitão do baleeiro, em uma crise de raiva, colocou-a nas margens da gelada Vitória Land.

- Eu entendo - comentou Jane, duvidosa.

- Tive que esperar dois meses para descobrir o que aconteceu com ela.

Jane moveu a cabeça.

-Não sabia que havia habitantes em Vitória Land. Pensava que um lugar sem terra seria difícil de sustentar vida humana.

-Há pinguins, focas e quem sabe o que mais. Estamos falando da senhora Larriger. Escapou de ser executada na Rússia depois de demonstrar que era inocente do assassinato do cão lobo da czarina. Conseguiu reprimir sozinha uma revolta armada na Índia. Zombou dos exércitos aliados da China e Japão e foi então quando a capturaram os baleeiros.

-Tantos governos de todo o mundo que querem executar a mesma mulher - murmurou Jane - Eles não podem estar todos errados.

Emily riu.

-Você não gosta porque ela se parece muito com você.

-Oh! Pareço-me com uma mulher de cinquenta e oito anos? - Jane levou uma mão à boca com fingido desgosto.

-Não - respondeu Emily maliciosamente - mas é mandona e indagadora.

-Não sou.

-Humm - Emily levantou o livro para cheirar as páginas. Ao fazê-lo, a manga da camisola escorregou até o cotovelo e mostrou duas cicatrizes redondas brilhantes.

-Mandona ou não, esse livro diz tolices - declarou Jane. Mas sentia um apertar na garganta e apertava o punho. Jamais perdoaria Titus por aquelas cicatrizes.

Se Emily notou que seu tom se alterou, não deu a entender.

-Não há nada que cheire tão bem como um livro recém-impresso e ainda não lido. E este é educativo. De que outro modo vou aprender sobre os países?

Não havia nada que dizer das cicatrizes de Emily, e o fato de que as tivesse não era motivo para deixar de brincar com ela. Jane lhe deu uma palmada no ombro e falou em um tom severo.

-Sabe que esses livros são de ficção? De que provavelmente cada livro foi escrito por um homem diferente que provavelmente nunca saiu de Londres? Não são educativos, são inventados e imagino que os habitantes reais da Rússia, China e Japão se perturbariam ao ouvir o que a senhora Larriger teria pra dizer sobre eles.

-Sim, mas...

A porta do quarto se abriu sem aviso. Emily escondeu o livro debaixo da camisola e Jane se colocou diante dela. Mas o estrago já estava feito.

Titus Fairfield olhou de Jane para Emily e voltou de novo para Jane, dessa vez mais lentamente. Moveu a cabeça com tristeza.

-Olá, moças! - disse.

Titus, o tio de Jane, estava ficando calvo e tinha bochechas grossas. Isso, combinado com sua voz profunda e sombria, fazia com que parecesse perpetuamente mal-humorado e reprovador, um aspecto que sem dúvida o alegrava. Jane suspeitava que ficava praticando aquela expressão de mal diante do espelho.

Provavelmente pensava que um ar severo o fazia parecer mais inteligente.

-Não me enganam - disse.

Jane olhou para Emily e esta lhe devolveu o olhar.

-Tio Titus! – exclamou - Que prazer em vê-lo!

O homem estendeu uma mão e tamborilou com o dedo na palma da outra. Emily suspirou pesadamente, levantou e tirou o livro. Seu tio se adiantou e o pegou.

-É um livro educativo - disse Emily - Uma história com muita moral sobre...

-A senhora Larriger - seu tio emitiu uma espécie de gemido - Vitória Land - pronunciou as últimas palavras como se falasse o nome de um bordel - Jane, querida, o que eu falei de levar a sua irmã pelo mau caminho com romances?

Jane estava encantada que Emily renunciou à senhora Larriger e sua série de aventuras ridículas e improváveis. Não seria muito difícil distrair sua atenção, bastaria lhe fazer companhia. Talvez, até mesmo lhe deixar sair de casa mais de dez minutos.

Tinha tentado muitas vezes dar sua opinião.

-Oh, mas tio - interveio Emily - é uma história educativa, repleta de... temas de interesses geográfico.

-Um romance.

Emily apertou os dentes com determinação.

-Uma história real, coberta com o fino véu de ficção para proteger a identidade dos inocentes.

Titus Fairfield abriu o livro, passou umas páginas e começou a ler em voz alta:

"depois de ter convencido às focas a puxarem minha balsa e pescarem para mim, só faltava encontrar um modo de treinar as vozes dos pinguins" - levantou os olhos - Uma história real coberta pelo fino véu da ficção?

Não. Nem sequer Titus era tão ingênuo.

Emily tampou os ouvidos com as mãos.

-Você está estragando! Não me diga o que acontece.

Titus a olhou.

-Direi se for o que precisa para parar com isso. Desobedeceu-me e a desobediência tem consequências – falando assim, passou as páginas até o final do livro - Não permitirei que tire prazer de sua teimosia. Se não quer ouvir como termina... - inclinou a cabeça e começou a ler - "Capítulo vinte e sete. Depois da chegada os tubarões..."

-La, la, la - cantou Emily, abafando as palavras de seu tio -. La, la, la, la.

Titus se deteve e fechou o livro com expressão ainda mais sombria.

-Emily, querida. Quem te ensinou a dizer mentiras, a desprezar a autoridade de seus responsáveis e a falar quando está falando seu tutor?

"Você", pensou Jane. "A necessidade".

Mas seu tio, aparentemente, tinha outra opinião. Seus olhos pousaram em Jane.

Não a olhava com raiva acusadora. Não havia nada de crueldade em sua expressão, era apenas pateticamente triste. Sentou-se com cuidado ao lado de Emily e lhe deu um tapinha no ombro.

-Vamos, Emily - disse com calma - Eu sei que é uma garota honesta. E sei que sente um grande afeto por sua irmã.

Jane pensou que ele não conhecia Emily em absoluto. Ele nunca se preocupou em conhecer.

-É bastante natural - prosseguiu ele, como se Jane não estivesse presente - Mas tem que se lembrar de que sua irmã carece de caráter moral.

Jane não mostrou nenhuma reação. Nunca servia de nada argumentar, gritar nem chorar. Qualquer resposta de sua parte só serviria para reforçar a pobre opinião que tinha dela.

Mas Emily negou com a cabeça.

-Eu não gosto do que diz. Não é verdade.

-Compreendo, compreendo - disse seu tio com sua voz lenta e triste - Não pedirei que odeie sua irmã. Isso seria antinatural para qualquer garota, e mais ainda em uma tão frágil.

Jane viu que Emily apertava os punhos na camisola. Talvez não parecessem fisicamente como irmãs, mas as aparências enganavam. E Emily não podia deixar que insultasse Jane.

"Não o enfrente, Emily. Concorde com a cabeça e deixe passar".

-Você está errado - disse Emily.

-Você é muito sentimental - Titus pegou o romance e o guardou em um de seus volumosos bolsos - E acho que posso identificar o culpado. Se precisa ler algo Emily, há material de sobra em meu escritório. Só tem que pedi-lo.

Emily o olhou.

-Material em seu escritório? Mas lá só tem livros de Direito.

-Muito educativos - respondeu Titus.

-E qual devo ler esta noite? Um tratado sobre a arte da transmissão da propriedade parece promissor, mas como lê-lo quando posso ler *As relações legais de bebês, pais e filhos*?

Jane fez um gesto com as mãos. "Pare, por favor, pare". Mas Emily não tinha terminado.

-Oh, agora me lembro, já li todos. Porque estou presa em minha casa, não me deixa sair nem acompanhada, não me permite ler sobre pessoas reais...

"Nem inventadas", pensou Jane.

Titus ficou de pé.

-Emily, está muito agitada. Frequenta a igreja, como deve fazer qualquer boa jovem. E a senhora Blickstall te acompanha em seus passeios

apropriados para seu bem-estar físico todas as manhãs – franziu a testa - Não é de você se mostrar tão emotiva. Houve algum... incidente hoje?

-Incidente? - repetiu Emily - Claro, sim. O primeiro incidente que houve é que eu acordei.

Titus franziu a testa.

-Querida menina. Sabe que não falo nesse sentido.

Emily o olhou com atenção.

-Então diga o que realmente quer dizer.

-Você já teve ... você teve a infelicidade de ser vítima de um...?

Emily apertou a mandíbula.

-Tive um ataque.

A preocupação no rosto dele era genuíno. Ele colocou a uma mão no ombro de Emily.

-Pobre menina querida! – sussurrou - Não me admira que esteja agitada. Deveria dormir.

-Mas Jane ainda não me contou sua noite.

Titus levantou os olhos para Jane. Esta desejava poder odiá-lo. Poder odiar seus bons desejos, seus encargos e sua determinação de curar Emily. Mas não era um mau homem, só um homem cansado e preguiçoso.

Titus suspirou profundamente.

-Emily, sua irmã...

Emily lhe deu um tapinha na mão.

-Como posso incentiva-la a fazer a coisa certa se eu nunca tenho permissão para falar com ela?

Titus suspirou.

-Muito bem. Pode falar com sua irmã um pouco mais. Mas Emily... Incentive-a a casar-se. Seria o melhor para todos nós.

Jane sabia que a queria fora de sua vida. E supunha que, em parte, era culpa dela. De suas escolhas. Não era surpreendente que a considerasse uma má influência para sua irmã. Mas ela não podia fazer nada para que mudasse de ideia. Seu tio sabia que não era filha verdadeira de seu pai e isso para ele era imperdoável. Podia partir o coração tentando mudar de ideia, mas tinha que ocupar-se de Emily.

-Farei tio - prometeu ela.

-É uma inspiração para todos nós querida -Titus sorriu com tristeza e saiu do quarto.

Emily esperou até que seus passos se afastassem pelo corredor para fechar os punhos.

-Eu o odeio - disse. Levantou-se e voltou para a cama - Odeio. Odeio. Odeio - golpeava o travesseiro com o punho cada vez que dizia - Odeio sua cara de pena e seus olhos de preocupação. Odeio-o.

Jane se aproximou de sua irmã e a abraçou.

-Eu sei.

-Ao menos você pode sair e ver gente - disse Emily - Eu tenho dezenove anos e não me deixa ir a nenhuma parte por medo de que sofra um "incidente" ao sair. Ele acredita que estou melhor definhando em meu quarto como uma princesa de conto de fadas sem nada pra ler exceto filosofia moral e tratados de leis?

Fazia muito tempo que Jane tinha renunciado a tentar descobrir o que Titus pensava na realidade. Ele se esforçava por cumprir com seu dever. Um doutor lhe havia dito uma vez que os ataques de sua irmã se dava pelo excesso de exercício e agitação e depois colocou Emily em um regime lento e debilitado. E como a garota estava confinada, ele presenciava seus ataques com menos frequência, por isso nada podia convencê-lo de que sua decisão não tinha funcionado.

A última coisa que Titus tinha desejado era ser tutor de duas garotas. Sobre tudo quando uma delas não era parente de sangue dele e a outra sofria ataques inexplicáveis.

Jane suspirou e abraçou mais forte sua irmã.

-Só mais quinze meses – disse - Então fará vinte e um anos e ficará livre dele. Nós vamos deixa-lo e iremos viver do meu dinheiro, e te prometo que terá todos os romances que quiser. Irá a todos os bailes. Ninguém vai te impedir; não se atreverão.

Emily suspirou.

-Quero saber como á senhora Larriger escapa de Vitória Land.

Jane pensou brincar um pouco mais com sua irmã; mas já teve muitos problemas essa noite. Aproximou-se de sua capa e tirou um segundo livro.

-Como eles iriam encontra-los, comprei dois.

Emily emitiu um som estrangulado com a garganta e pegou o livro.

-Eu te amo - abriu-o e passou os dedos pela primeira página - Não sei o que faria sem você.

Jane também não sabia. Emily não precisava ter um tutor. Ao contrário, precisava de alguém que impedisse que Titus interferisse em suas decisões. Precisava de alguém que espantasse a interminável sucessão de médicos. Alguém que a ajudasse a superar aquela frustração insuportável. Alguém que lhe desse algo pra fazer, embora Jane se limitasse a conseguir aqueles romances horríveis às escondidas.

-Titus não aprova – disse - Supõe-se que você tem que me incentivar a procurar um marido.

Emily fechou os olhos.

-Jamais – disse - Não me deixe nunca, Jane.

Aquele era o ponto decisivo da história. Jane era o produto do pecado de sua mãe. Era briguenta, rude, sem maneiras. Segundo Titus, era um veneno em sua casa, e só a tolerava em nome da consideração de seu irmão morto.

E Jane, em consequência, se tornou isso. Era uma praga que podia sufocar de vez seu tio. Não importava. Ele não a queria e não tinha obrigação legal de mantê-la ali. Assim que acreditasse que tinha tido uma oferta de casamento respeitável, saberia que podia livrar-se dela e sentir-se bem tendo completado seu dever. E já não toleraria mais sua presença ali.

Jane abraçou sua irmã. Pensou no olhar duro que lhe tinha dado Bradenton naquela noite; nos sorrisos doces e sem significado que lhe dedicavam às gêmeas Johnson. Pensou na cara do senhor Marshall quando ela tinha pegado os bolos de seu prato.

Uma insolência de tal nível requeria um grande esforço. Estava esgotada.

Mesmo assim, sorriu.

-Não se preocupe - o senhor Marshall parecia um homem decente e ela tinha conseguido enojá-lo - Posso te prometer com segurança que nunca me casarei.

CAPÍTULO 3



OS CAVALHEIROS FICARAM MUITO mais tempo depois que as damas se retiraram. Bradenton tinha convidado Oliver que tinha a esperança de ter uma chance de falar com ele e lhe apresentar seus argumentos sobre a reforma.

Em vez disso, o marquês se sentou com seu sobrinho em uma mesa próxima a uma garrafa de brandy.

-Observe Whitting – falou - Logo será sua vez.

O processo de converter a um jovem de apenas vinte e um anos em um político era fascinante. O marquês tinha feito perguntas a Hapford. Quem havia dito o que? Que expressões tinham quando falavam? O que pensava Hapford deles? Bradenton era um bom professor, amável e gentil.

-Bem - disse por fim a seu jovem sobrinho – Você fez muito bem. Prestou atenção quando devia e escutou o que precisa ouvir. Sua família se orgulhará de você.

Hapford baixou a cabeça e se ruborizou levemente.

-Obrigado.

Então Bradenton olhou para Oliver e seu sorriso paternalista e amplo cresceu nitidamente.

-O que acha do senhor Marshall? - perguntou com suavidade.

Hapford olhou para Oliver e engoliu em seco.

-Bom... é... é...

-Sei. Ele está presente aqui. Mas eu conheço Marshall. Somos velhos conhecidos. E quer um favor de mim, assim não se importará que falemos livremente. Não é, Marshall?

Oliver não sabia qual a intenção do outro, mas inclinou a cabeça.

-Verdade. Sim.

-Muito bem, pois - disse Hapford. Respirou fundo - Segundo minhas observações, o senhor Marshall é...

-Ah, ah - o marquês levantou um dedo – Não tome ao pé da letra, certo?

Hapford o olhou confuso.

-Não deveria ter feito?

-Não tome a ninguém ao pé da letra. Nem sequer a mim. Nem ao senhor Marshall - sorriu e deu uma palmada no ombro a seu sobrinho - Normalmente esperaria uma semana para introduzir isto, mas progride tão bem que resolvi me adiantar. Esse é material avançado, por assim dizer. Marshall, se não se importa, diga a meu sobrinho por que aceitou realmente.

-Quero saber o que te propõe - respondeu Oliver, um pouco confuso.

-E se não se importar, explica por que falei o que fiz diante de você.

Oliver fez uma pausa, perguntando-se se Bradenton queria de verdade que o explicasse tudo em voz alta. Mas o marquês fez um pequeno movimento com a mão.

-Queria demonstrar que poderia conseguir o que quisesse. Que a vantagem é sua - disse Oliver. E, no momento, era verdade.

-Precisamente - falou Bradenton – Vê o que acontece, Hapford. Homens como você e eu temos poder e informação. Podemos trocar esse poder por outras coisas. Um poder pequeno se troca por coisas menos importantes. Um poder maior, bom... - encolheu os ombros - O que você acredita que quer o senhor Marshall?

-Ele quer que vote sobre a ampliação do sufrágio - apressou-se a responder Hapford - E eu queria lhe perguntar...

-Mais tarde. Que mais quer?

-Quer - Hapford mordeu o lábio inferior - Quer também sua influência nessa questão. Você é um homem poderoso e seu apoio provavelmente implicaria em outros votos além do seu.

-Muito bem. Agora vamos ver se aprendeu a lição. Que mais quer o senhor Marshall? – Encostou-se em sua poltrona e esperou.

Houve um silêncio prolongando. Hapford olhava para Oliver como se pudesse ver em seu interior. Ao final negou com a cabeça.

-Se coloque no lugar de Marshall - aconselhou Bradenton – Criou-se em uma fazenda. Seus pais com muita dificuldade o mandou para Eton e depois a Cambridge. Por nascimento está firmemente plantado em um mundo, mas tem relações com outro. Com um mundo melhor. Diga-me, Hapford, o que você escolheria?

Oliver supunha que aquele era o tipo de treinamento que recebiam os homens que nasciam em boas famílias: o começo de um milhão de lições sobre a política de manipulação, lições noturnas para que os novos homens soubessem se desdobrar. Era assim que as instituições continuavam durante séculos e como a sabedoria era passada às pessoas certas.

Procurou se lembrar.

Mas no momento se sentia como um inseto preso em um cartão para espécimes.

Hapford levava um anel grosso em um dedo. Olhou para Oliver franzindo a testa como se tentasse reconhecer que espécime era Oliver.

-Dinheiro? - aventurou.

Seu tio assentiu.

-Reconhecimento?

Seu tio voltou a assentir.

-Humm - o jovem conde se inclinou para trás e negou com a cabeça.

- Diga o que você quer Marshall.

Oliver afrouxou a mandíbula.

-Quero tudo - respondeu. E era verdade.

Estava seguro de que mais tarde, quando tivesse ido embora, Bradenton contaria ainda mais coisas a Hapford. Explicaria como Oliver foi adquirindo influência. Um caminho mais longo que o que percorria Hapford, um caminho que tinha que trabalhar com mais afinco e menos treinamento. Mas no momento bastava isso. Oliver queria tudo e Bradenton podia acelerar o caminho.

-Oh! - exclamou Hapford, confuso.

-Por falar em tudo - disse Oliver - A lei que...

-Ainda não - interrompeu Bradenton - Me diga Hapford. O que você acha da senhorita Fairfield?

A mudança repentina na conversa fez Hapford piscar.

-É um pouco estranha, admito, mas Geraldine responde por ela... - interrompeu-se confuso - Não sei. Eu não gosto de falar mal das pessoas.

-Essa é uma delicadeza que terá que se desprender - disse Bradenton - Me diga, o que é que faz a senhorita Fairfield ser estranha?

Hapford se levantou e caminhou até a janela. Olhou um longo momento por ela. Por fim se voltou para eles.

-Que não... não podemos nunca saber o que se esperar dela. Como vai se comportar.

Bradenton estava acostumado a ser um homem bem humorado. Mas Oliver o surpreendeu com um olhar estranho. Viu-o franzir os lábios e recordou que, entre todas as tolices que a senhorita Fairfield tinha falado aquela noite, havia dito a Bradenton que ninguém pensaria grande coisa dele se não fosse um marquês.

-Sim - disse Bradenton com voz tensa - Não sabe se comportar e é muito estúpida para se acostumar com os métodos normais. O que vamos fazer a respeito, Hapford?

Esse franziu a testa.

-Não vejo por que teríamos que fazer algo. Não faz mal a ninguém e Whitting se diverte tanto com ela que seria lamentável priva-lo disso.

-Aí é onde você se engana - a voz de Bradenton soava tranquila - Quando a pessoa não sabe se comportar, não sabe qual é seu lugar, faz mal a todo mundo. Terá que fazer algo a respeito.

Hapford pensou nisso.

-Mesmo que isso seja certo... - negou com a cabeça - Não. Geraldine não permite que ninguém fale mal dela. E eu não quero aborrecê-la.

-Sim, bem - respondeu Bradenton com secura - Já veremos se dentro de alguns anos estará tão disposto a cumprir os desejos da senhorita Johnson. Mas tem razão a princípio. Um cavalheiro jamais faz mal a uma dama; as potenciais repercussões para sua reputação fazem com que não valha a pena correr o risco.

Hapford se mostrou aliviado.

Bradenton moveu a cabeça e se aproximou para despentear o cabelo de seu sobrinho.

-Observe e eu te mostrarei como se faz.

E então olhou para Oliver. Olhou como se levasse horas planejando aquele momento... e provavelmente assim foi. Oliver sentiu um vazio na boca do estômago. Fosse o que fosse o que pensava Bradenton, ele não queria ouvir.

-Muito bem, Marshall. Agora é a sua vez. Vamos falar do voto - sua voz voltava a ser suave- Sabe por que votei contra a lei da última vez?

Oliver tinha suas suspeitas.

-Acho que vai me dizer.

-É muito simples. As pessoas tem que saber qual é seu lugar ou haverá caos. Se não pudermos contê-los no Parlamento, seria melhor nos rendermos.

Oliver engoliu em seco.

-Na verdade, a última lei era bastante conservadora. Verá, o...

-Jamais conseguirá meu voto para nada que seja mais liberal. Eu peço muito pouco, só a cláusula que introduzi sobre o pagamento das taxas. Se não puderem pagá-las, que direito têm de dar opinião?

Oliver se calou com irritação. Aquilo só conseguiria aumentar dez anos a mais aquele debate. Mas um passo pequeno seria melhor que nada.

-Possivelmente poderíamos chegar a um acordo se a taxa fosse bastante baixa.

-Possivelmente - Bradenton tamborilou com os dedos no braço de sua poltrona - Mas há outra coisa que eu preciso. Hapford, por que acha que Marshall está tão empenhado nessa lei?

-Pensei que poderia ser por sua procedência - o menino ruborizou-se - Minhas desculpas por falar tão abertamente disso, Marshall.

-Sim. Que mais?

Hapford moveu a cabeça e olhou para Oliver em busca de pistas. Possivelmente as encontrou, porque deixou de franzir a testa.

-Porque todo mundo fala do assunto – disse - E se ele desempenhar um papel para conseguir que se aprove essa lei, levará o mérito.

-Precisamente - respondeu Bradenton - Meus amigos e eu fomos os que fizeram fracassar a última lei. Pense o que significaria se fosse ele que conseguisse negociar um acordo. Seria respeitado, estaria em alta; falaria dele para lhe oferecer um cargo de deputado. Seria um bom lucro para ele.

Oliver mexia o nariz.

-Uma conquista que eu estou disposto a oferecer - disse Bradenton - Isso é o que significa para nós, Hapford. Não nos limitamos a votar, damos poder.

Oliver se inclinou para frente, ansioso. Ansiava aquilo com tanta força que quase podia saborear a vitória em sua boca.

-E se fizermos - continuou Bradenton - temos que estar seguros dele.

-Ah, sim? - perguntou Hapford.

-Sim. Temos que saber se ele vai fazer parte da ordem correta. Que ele saberá qual é seu lugar e esperará que todos os outros estejam no seu.

O sabor da vitória se tornou metálico. Oliver não sabia qual era seu lugar. Ele tinha passado muitas noites fervendo de raiva pela forma como eram as coisas; muito tempo querendo adquirir poder, não só para ele mais também para arrancar das mãos dos que abusavam desse poder. Eles passaram anos tentando lhe ensinar seu lugar, e ele tinha aprendido por experiência própria que o único modo de avançar era ficar em silêncio até que crescesse tanto que já não pudessem empurrá-lo para baixo.

Mas em voz alta disse apenas:

-Acho que provei amplamente minha discrição ao longo dos anos.

Bradenton sorriu.

-Não me ouviu, Marshall? Não quero suas palavras. Tenho um trabalho que tenho que fazer e não posso fazê-lo pessoalmente.

Oliver sentiu náuseas na boca do estômago.

-Vê Hapford? - perguntou Bradenton - Ele quer o que eu tenho. O único modo de fazer um trato é se eu também quiser algo em troca - inclinou-se para frente - E o que quero, Marshall, é à senhorita Fairfield.

O veneno de sua voz era evidente.

-Não quero vê-la e nem seus vestidos irritantes. Não quero ouvir seus insultos impensados - Bradenton mexia o nariz - É o pior dos piores, uma mulher de origem humilde que acredita que suas cem mil libras a torna igual a mim.

Uma mulher como ela, solta por aí cuspidos tolices, prejudica a todos e eu quero que desapareça.

-Isso não vai acontecer - falou Oliver, secamente - Eu não desonro mulheres por mais irritantes que sejam.

Hapford os olhava com ar preocupado.

-Bem falado, Marshall.

Bradenton pareceu recuperar a compostura com uma respiração lenta e profunda. O ódio de seus olhos se apagou e foi substituído por um tipo de alegria.

-Oh, como os dois são engraçados! Desonrá-la? Santo céu, que sórdido! Eu não pediria nem a meu pior inimigo que a beijasse.

-Então o que é que quer?

O marquês se recostou em sua poltrona.

-Quero que saiba qual é seu lugar. Quero humilhá-la. Machucá-la. Dar-lhe uma lição. Você sabe como se faz; demorou muito tempo pra você aprender o seu.

Oliver teve, por um segundo, a impressão de que uma nevoa cobria a sala. Tinha aprendido a lição, sim. Tinha aprendido a guardar silêncio em público e a fúria para si. Tinha aprendido a guardar sua ambição. A deixar que os homens como Bradenton vissem apenas o que queriam ver.

-Não responda Marshall. Coteje-a ante seus princípios - Bradenton sorriu - Mas todos sabem o que ocorrerá no final. É uma garota irritante contra todo seu futuro. Contra o futuro do direito ao voto.

-Ah, vamos! - murmurou Hapford.

-Não é agradável - respondeu Bradenton - E sim, Hapford, haverá momentos em que você não vai querer saber dos detalhes porque são desagradáveis. Mas é assim que as coisas são feitas. Se há algo que você não pode fazer e aquilo que se tem que fazer...

-Mas...

-Um dia sua senhorita Johnson desejará ter selecionado melhor suas amizade. Nós vamos lhe fazer um favor, Hapford. Vai ser o seu marido; é seu dever fazer com que ela perceba o que precisa antes inclusive de que se dê conta de que o necessita.

Hapford ficou em silêncio.

-E quanto a você, Marshall - Bradenton olhou para Oliver-. Tome todo o tempo que precisar para salvar sua consciência, para dizer o que tem que dizer até que isto se torne aceitável. Você vai fazer um favor a ela, sabe?

"Não", pensou Oliver. "Um favor não. Eu não vou fazer isso".

Mas a náusea que sentia no estômago opinava de outro modo.

"Sim", sussurrava. "Sim, você vai fazer".

NORMALMENTE JANE DEMORAVA UM DIA, dois no máximo, para esmagar o interesse de um homem por ela. Qualquer sentimento positivo que pudesse incluir sua fortuna ela poderia neutralizar rapidamente sempre que a primeira impressão que causasse fora o bastante ruim.

Tinha assumido que com o senhor Oliver Marshall não seria diferente.

Mas tinha se equivocado. A segunda vez que se encontraram foi em uma esquina. Ela ia com sua acompanhante a casa da costureira para provar um vestido e ele passava por ali conversando com um amigo.

Ele se deteve na rua e a saudou tirando o chapéu. E então foi quando ocorreu algo horrível.

Ela o olhou nos olhos. Eram de um azul gelo. A brilhante luz da amanhã atingia os óculos dando um ar astuto e inteligente. Não olhou por cima da cabeça como se desejasse estar em qualquer outro lugar. Não franziu os lábios com desgosto nem deu uma cotovelada em seu acompanhante como lhe dizendo: "É ela, é a garota da qual te falei". Olhou-a francamente, observou-a como se perguntasse o que haveria debaixo do vestido verde e laranja que ela vestia. Ele lhe sorriu como se ela merecesse algo mais que umas poucas migalhas de cortesia superficial.

Jane não estava usando saltos, assim ela era vários centímetros mais baixa. Seu cabelo era acobreado brilhante, e quando tirou o chapéu, o vento moveu as pontas. Parecia um homem aberto e pouco complicado, muito diferente dos heróis sombrios e góticos que enchiam as páginas dos romances de Emily.

Apesar disso, ela sentiu algo que tinha lido nas páginas de um livro. Uma leve coceira na garganta e um calor na pele. Estava muito consciente da presença dele. E sentiu um calafrio só de olhá-lo nos olhos.

Que horrível!

Desviou o olhar.

-Senhor Cromwell - disse, quase desesperada para tirar aquela sensação em seu corpo - É um prazer voltar a encontrá-lo.

Ele não pareceu se irritar por trocar de propósito seu sobrenome. Não piscou nem a corrigiu.

-Senhorita Fairfield – murmurou. E lhe deu um sorriso tão amistoso que ela estava a ponto de recuar.

O acompanhante do senhor Marshall era um cavalheiro moreno que teria se encaixado bem no molde de herói silencioso. Piscou e olhou as duas com expressão de curiosidade.

-Cromwell? - perguntou em voz baixa.

-Sim - respondeu o senhor Marshall-. Esqueci-me de lhe falar? Estive fazendo política com um nome falso. Siga-me no jogo, Sebastian - voltou-se para Jane e disse - Senhorita Fairfield, posso lhe apresentar meu amigo? Este é o senhor Sebastian...

O outro homem deu um passo à frente e segurou a mão dela.

-Sebastian Brightbuttons - olhou para o senhor Marshall - Se você pode usar um homem falso, eu também.

Nos meses da farsa de Jane, ela aprendeu a lidar com quase todas as respostas possíveis que poderia dar as pessoas. Podia responder a muitas coisas, da fúria à incredulidade.

Mas as brincadeiras eram algo novo para ela. Engoliu a saliva e tentou fazer o que fazia sempre. Imaginou a conversa como uma carruagem em movimento. Imaginou-se correndo por uma rua a toda velocidade, com as rodas brilhando ao sol. E em seguida se imaginou caindo em linha reta diretamente contra uma cerca.

-Sebastian – murmurou - Como Sebastian Malheur, o famoso cientista?

A comparação certamente incomodaria aquele homem. Malheur era um nome que se ouvia muito em Cambridge; um homem conhecido por dar conferências que falam abertamente de relações sexuais com a desculpa de informar sobre a herança Genética. Seu nome é amaldiçoado junto com o de Charles Darwin, e em ocasiões com muito mais aversão.

Mas em vez de se ruborizar, o senhor Marshall e o senhor Brightbuttons se entreolharam divertidos.

-Igual a ele - disse o senhor Brightbuttons - Você aprecia o seu trabalho? Eu sim - adiantou-se um pouco mais para ela- Na verdade eu acredito ser brilhante.

Marshall a observava e viu como a pele de Jane ficava vermelha sob seu olhar.

Então se deu conta de que tinha cometido um engano. Os pensamentos e os antecedentes dele lhe tinham feito acreditar que era um homem inofensivo.

Não era assim. Era o lobo que olhava de seu posto o rebanho, um lobo solitário, mas que tinha adotado aquela posição simplesmente para ver tudo o que acontecia nos campos mais abaixo. Não era solitário, esperava que alguém cometesse um engano.

E parecia disposto á esperar muito tempo.

Mas não tinha sido necessário. Ela tinha utilizado o truque do nome trocado com Marshall á primeira vez que ele havia repetido. Se uma estratégia for usada muitas vezes, as pessoas começam a suspeitar.

A culpa era do maldito calafrio.

O senhor Brightbuttons, ou como quisesse ser chamado, também sorria.

-Me diga – perguntou - De verdade acredita que sou como Sebastian Malheur? Porque me disseram que é incrivelmente atraente.

Jane sorriu e percebeu que tinha cometido outro engano. Ele não era Sebastian e um sobrenome que tinha escolhido ao acaso. Era Sebastian Malheur em carne e osso.

O senhor Marshall era amigo do infame senhor Malheur. Jane engoliu a saliva.

-Nesse caso, você não deve parecer muito com Malheur - conseguiu dizer – Eu estive olhando mais de trinta segundos e não senti nenhuma faísca de interesse.

O senhor Marshall deixou escapar uma gargalhada.

-Muito bem, senhorita Fairfield – disse - Você ganhou. Apresento a Sebastian Malheur, meu amigo e meu primo. Ele não assumirá que é tão horrível como dizem os rumores, sempre que você lhe conceda o mesmo.

Jane abriu a boca para concordar. Esteve a ponto de fazê-lo, antes de se dar conta do que ele havia dito... e do que ela quase tinha estado a ponto de admitir. Ela teve que colocar sua mão para trás para não estendê-la em um gesto amistoso.

-Por que diz isso? - sua voz soava muito estridente - Eu não tenho uma reputação horrível. E Malheur... não é um evolucionista ou algo assim? Tenho entendido que suas palestras são selvagens.

-Pensei em titular o trabalho que estou preparando agora Orgias da traça apimentada - disse o senhor Malheur, corajoso -. É uma série sobre investigação de insetos alados completamente nus que não fazem nada exceto...

O senhor Marshall deu uma cotovelada em seu amigo.

- O que foi? Tem algo contra a reprodução das traças?

-Vamos, Sebastian!

Este encolheu os ombros e voltou a olhar para Jane.

-Só há um modo de descobrir – disse - Venha a minha próxima palestra dentro de uns meses. Começarei com as bocas de dragão e as ervilhas. Ninguém pode opor-se a qualquer coisa em uma conferência sobre reprodução das plantas. Se o fizer, pediremos às flores que usem anáguas em vez de ir por aí mostrando suas partes reprodutoras a todo mundo.

Jane reprimiu uma gargalhada. Mas o senhor Marshall a olhava com curiosidade.

Ela engoliu em seco e desviou o olhar.

-Senhorita Fairfield - disse o senhor Marshall - Está familiarizada com os camaleões?

-Devo dizer que acabo de ler sobre eles - comentou Jane, tentando recuperar seu equilíbrio - Não são uma espécie de flor?

O senhor Marshall não se alterou quando ouviu-a, o que fez Jane se sentir ainda mais insegura. Achou que ele fosse sorrir. Melhor ainda, que tinha que sorrir com desprezo.

-Ou talvez fosse um tipo de chapéu - acrescentou ela.

O senhor Marshall nem sequer franziu os lábios.

-O camaleão - disse - é uma espécie de lagarto. Troca de coloração para ocultar-se entre o que o rodeia. Quando corre pela areia, tem a cor da areia. Quando desliza pelo bosque, tem a cor das árvores.

Seus olhos eram da cor de um céu desumano de inverno e Jane estava cada vez mais nervosa.

-Que criatura tão curiosa! - exclamou.

-Você - disse ele, com um gesto pequeno de mão - é um anticamaleão.

-Sou um anti o que?

-Um anticamaleão. O oposto de um camaleão - explicou ele - Você troca de cor, sim. Mas quando está na areia, adota um azul brilhante para que a areia saiba que você não faz parte dela. E quando está na água, fica vermelha para que todo mundo saiba que você não é um líquido. Em vez de camuflar-se, troca de cor para se destacar mais.

Jane engoliu em seco com força.

-Não é, Sebastian? - Marshall se voltou para seu amigo - O que pensa você desse tipo de adaptação? Que classe de criatura tenta se destacar do que a rodeia?

O senhor Malheur franziu a testa e esfregou o rosto como se pensasse na pergunta.

-As criaturas venenosas - disse por fim - As mariposas o fazem todo o tempo. Têm cores brilhantes para que os pássaros não as possam confundir com outras criaturas. Suas cores gritam: "Não me coma, vou fazer você vomitar" - franziu a testa ao dizer isso - Mas não deveríamos aplicar os princípios da evolução ao comportamento humano. A escolha individual não é produto da evolução.

Entretanto, a comparação parecia muito apropriada. Isso era precisamente o que pretendia Jane, embora nunca tivesse pensado desse modo.

Ela queria que todo mundo se fixasse nela, e queria que a considerassem venenosa.

-Vê senhorita Fairfield. Você ouviu o senhor Malheur em pessoa - o senhor Marshall assinalou a seu amigo com um gesto - Não podemos chegar a nenhuma conclusão.

-Senhor Cromwell...

O senhor Marshall levantou uma mão para interrompê-la. Jane voltou a sentir o calafrio lhe fazendo cócegas na base da coluna.

-Sou o senhor Marshall - disse ele com calma - Mas acredito que você é bastante inteligente para saber disso.

O que Jane sabia era que estava em apuro. “Você é bastante inteligente para saber disso” não pode ser considerado um elogio ; mas fazia tantos meses que não recebia nenhum elogio que se sentia agradecida e tremendamente confusa.

-Não estou segura - respirou fundo e tentou reunir os fragmentos de sua farsa anterior- Então fiz confusão? Sinto muito, senhor Crom... quero dizer, senhor Marshall.

-Eu não vou mentir - disse ele - Se me permita sugerir...

Jane o olhou, olhou aqueles olhos que pareciam uma tempestade de inverno. Olhou o rosto que eletrizava e sentiu que todo seu corpo ficou paralisado. Seu coração deixou de bater. Os pulmões se encheram de ar em seu peito. Até seus cabelos pareciam pesados. Não existia nada além dele e de seus elogios, que nem sequer chegaram a ser elogios.

-Me permita sugerir - falou ele - você também não precisa mentir pra mim.

-Eu...

Ele levantou um dedo no ar.

-Pense – disse - Pense bem, senhorita Fairfield. E quando tiver terminado de pensar, possivelmente então possamos ter os dois uma conversa muito produtiva.

Ela engoliu em seco.

-De moda? Você não parece uma pessoa que se interesse por moda.

Ele sorriu brevemente.

-De muitas coisas. E sim, senhorita Fairfield. De moda também. Das cores que levam você a se esconder.

Ele tocou a aba do chapéu e fez um gesto a seu amigo.

-Bom dia - disse com amabilidade, como se não acabasse de pronunciar uma ameaça horrível, e se afastou.

-Valha-me Deus! – Jane ouviu o senhor Malheur dizer enquanto se afastavam – O que foi tudo isso?

Se o senhor Marshall respondeu, sua resposta se perdeu entre o toc toc dos cascos dos cavalos de um ônibus que passava.

CAPÍTULO 4



A TERCEIRA VEZ QUE JANE VIU o senhor Marshall foi ainda pior. Ela mal teve a oportunidade de falar com ele no jantar dos Johnson, mas sentiu seus olhos cravados nela durante todo o jantar. Ele se sentou quase em frente a ela na larga mesa, perto o bastante para conversar. Mas não importava o que ela dissesse nem como dissesse, em nenhum momento ele a olhou nem com frieza nem fazia nada que pudesse sugerir que estava ofendido.

Em vez disso, ele parecia... Alegre.

Ela se sentiu mal durante toda noite, como se sua roupa fosse muito justa, como se já não entrasse na armadura que era seu vestido.

Quando os cavalheiros se reuniram com as damas na biblioteca depois do jantar, sentiu-se insegura, consciente dele em todos os momentos. Suas respostas eram forçadas, não fluíam. Sentia-se como... o que foi que a tinha chamado? Um anticamaleão que ardia resplandecente no meio da sala.

"Não se case comigo; sou um veneno". Ela era veneno. Era uma praga. Seu vestido dessa noite era um desperdício de seda vermelha e negra, desprovido de bom gosto e com muitas contas bordadas. Gostava quase tanto quanto gostava do bracelete de prata polida que usava no braço. Tinha aperfeiçoado a arte de estender o pino e movê-lo pra frente e pra trás de modo que refletisse a luz nos olhos dos cavalheiros. Mas já tinha atacado três vezes os do senhor Marshall e ele não tinha feito nenhuma careta.

Santo Deus! O que ia fazer?

Quando o senhor Marshall sugeriu que a música podia ser um bom modo de passar a noite, suspirou aliviada. Todo mundo olharia aos intérpretes e não lhe pediriam que participasse. Não teria que fazer nada. Ser odiosa era um trabalho exaustivo. O grupo se retirou para a sala de música.

Jane permaneceu em seu assento. Prendeu a respiração e confiou que ninguém notasse que não se moveu.

Ninguém a notou. Saíram todos sem olhar em sua direção. O que era bastante lógico. Não queriam vê-la.

Quando a porta se fechou atrás do último homem, recostou-se em sua cadeira com alívio. Em fim só. Sem a necessidade de fingir. Podia respirar. Podia deixar de pensar, deixar de examinar cada sorriso, deixar de se preocupar com por que o senhor Marshall não deixava de olhar em sua direção.

Levou os dedos às têmporas para afastar toda a tensão e fechou os olhos com alívio.

Silêncio. Bendito silêncio.

-Graças a Deus - disse em voz alta.

-Pois eu acredito que deveria me agradecer.

Jane abriu os olhos imediatamente e ficou em pé de um salto. Pisou no vestido e as miçangas chocaram entre si. Poderia apenas evitar a queda. Cambaleou e então viu o senhor Marshall. Estava sentado ao outro lado da sala. A observava com expressão divertida e tamborilava com os dedos no braço de sua cadeira.

Santo Deus! Não tinha ido com os outros? E o que havia dito ela em voz alta?

-Senhor Cromwell! – murmurou - Pensei que tinha saído com as outras pessoas.

Os dedos dele se detiveram na cadeira. Seus olhos azuis se encontraram com os dela. A luz tênue convertia seus óculos em um escudo que refletia a imagem dela.

-Não há necessidade de fingir - ele falou como se fosse um hipnotizador que tentasse provocar um transe - E tampouco tem do que preocupar-se.

Contra sua primeira impressão, Jane teve que admitir que não havia nada de extraordinário nele. Atrás daqueles óculos escondia algo feroz e indomável. Ele não se moveu de sua cadeira, mas lhe faziam cócegas nas palmas das mãos. Ela prendeu a respiração.

Os olhos dele eram muito agudos, sua expressão muito uniforme. Deixou os óculos em uma mesa lateral que havia ao seu lado e se recostou olhando-a como se fosse um membro da realeza e ela uma ladra que tinha sido surpreendida atacando sua despensa.

-Me preocupar? - repetiu ela com toda a tranquilidade que foi capaz - Por que vou me preocupar? Você é um cavalheiro e eu sou uma dama - deu um passo em direção à porta - Acho que vou me encontrar com os outros depois de tudo.

Ele agitou uma mão no ar.

-Não se incomode senhorita Fairfield. Tenho irmãs e posso reconhecer uma interpretação de menina inocente à meia milha de distância. Você não me engana.

Jane piscou.

-E por que não pareço inocente? Não tenho nenhuma culpa em minha consciência.

O senhor Marshall riu e se levantou. Jane pensou que deveria haver uma lei que impedisse que os homens que usassem óculos fossem tão altos, mas ele era. Poderia ter sido um escrivão jovem de rosto redondo. E poderia ter estado em qualquer outra parte menos ali.

Ele moveu a cabeça e deu um passo para ela.

-Está perdendo seu tempo. Conheço seus segredos.

-Eu não tenho segredos, eu...

-Não siga senhorita Fairfield. Ou é muito, muito estúpida ou extraordinariamente inteligente. E eu, por minha vez, suspeito que você está no lado da inteligência.

Ela o olhou atentamente.

-Senhor Cromwell. Isto está se tornando inconveniente.

Ele encolheu os ombros e se aproximou mais dela.

-Engraçado é você notar que algo é inconveniente só quando convém a seus propósitos! - murmurou.

Ela respirou fundo. Marshall estendeu a mão.

-E quando não é assim... - os dedos dele estavam a pouca distância do rosto dela. Só tinha que estendê-los para tocá-la.

Mais não o fez. Estalou os dedos e ela deu um salto.

-Senhorita Fairfield - disse ele com calma-, Eu não sou seu inimigo. Pare de me tratar como tal.

Ela golpeou com força o peito.

-Eu não tenho inimigos.

-Isso, senhorita Fairfield é mentira e você sabe. Você só tem inimigos.

-Eu... eu...

-E eu - comentou ele - sei muito bem o que é isso. Olhe para mim, senhorita Fairfield. Pense no que eu sou. O filho bastardo de um duque criado em uma Fazenda. Eu nunca me encaixei em nenhum lugar. Passei os primeiros meses em Eton rodeado de imbecis e brigando três vezes por dia porque queriam que eu soubesse que meu lugar não era ali. Bradenton e eu não sentimos muita simpatia um pelo outro.

Ela engoliu em seco e o olhou nos olhos. Havia orgulho no rosto dele e um brilho em seu olhar. Jane sabia muito bem que uma expressão podia ser falsa, mas... Não acreditava que ele fosse capaz de simular tanta raiva em sua voz.

-Bradenton acredita que pode me dizer o que tenho que fazer - disse ele – Assim se o insultar será tudo que quero a ele e aos de sua turma e eu a aplaudirei sem rodeios. Mas pare de me colocar no mesmo saco. Eu lhe contarei minha verdade se você me contar a sua.

Jane negou com a cabeça. Não sabia o que responder. Ninguém tinha questionado nunca sua interpretação.

-Não sei do que está falando.

-Então não fale - disse ele – Sente-se e me escute.

Ela precisava sair dali imediatamente. Não podia escutar. Não...

-Sente-se - repetiu ele.

Talvez fosse porque não disse como uma ordem. Apontou a cadeira que ela acabava de esvaziar e conseguiu converter uma palavra que teria sido uma exigência na boca de qualquer outro homem em um gesto educado.

Jane se sentou. Sentia borboletas no estômago. Não sabia o que dizer nem como recuperar o que acabava de perder.

-Não me casarei com você - disse por fim.

Ele piscou duas vezes e moveu a cabeça.

-Tudo isso é por isso? Quer evitar o casamento? Pois está fazendo muito bem.

Ela não podia respirar.

-De fato... - ele inclinou a cabeça e a olhou - Mas prometi a você dizer a verdade, assim aí vai a minha. Você é a última mulher com quem me casaria.

Ela respirou com força.

-Não preciso de seu dinheiro. Meu irmão e eu nos damos bem e ele me entregou uma boa soma em dinheiro quando alcançou a maioridade. Se precisasse de mais por alguma razão, primeiro iria a ele - encolheu os ombros - Quero fazer carreira na política, senhorita Fairfield. Quero ser um membro do Parlamento, e não quero que isso ocorra em um futuro distante. Preciso de tempo para ganhar influência. Quero que as pessoas me escutem, que me respeitem. Um dia serei primeiro-ministro.

Nada de "penso ser" ou de "quero ser". Não, para o senhor Marshall era "serei".

Inclinou-se para ela com os olhos brilhando.

-Quero que todos os homens que me menosprezaram, todos os que me chamaram de bastardo pelas minhas costas, se inclinem e lambam as minhas botas por haverem se atrevido a pensar que eu era inferior a eles. Quero que todos os que me falaram que eu tinha que aprender qual era meu lugar engulam suas palavras.

O ar entre eles era pesado e espesso. Marshall apertou os punhos até os nódulos ficarem brancos.

-É por isso que a última coisa que eu preciso é me amarrar a você. Você não me abrirá nenhuma porta nem me conseguirá influências. Se os rumores forem certos, você só tem uma fortuna porque é tão bastarda quanto eu.

Jane respirou com força.

-Assim como eu - disse ele - você tem legalmente pais. Mas o homem que foi o pai...

Outra vez as malditas cem mil libras. Ela tocou o rosto com os dedos. Quando tinha treze anos, um completo desconhecido tinha morrido e lhe tinha deixado uma fortuna. Aos quinze anos tinha compreendido por fim por que o homem que considerava seu pai tinha abandonado sua esposa e suas filhas, aquelas duas filhas que tão pouco se pareciam, em uma propriedade no campo.

Ela era a bastarda, o fruto podre daquela união imperfeita. Era a garota que Titus Fairfield não queria. Nunca tinha se encaixado em nenhum lugar, nem ali nem na casa de seu tio. Nem em nenhuma outra parte. E aquelas cem mil libras a marcava.

-Eu sei - disse ele - Sei o que é ficar acordado de noite sentindo-se quase incapaz de respirar pelo peso do isolamento. Sei o que é querer gritar em voz alta até que tudo se desmorone em pedaços. Sei o que é que se sente quando dizem uma e outra vez que esse não é seu lugar.

Era muito ouvir no mundo real o eco das palavras que ela só se atreveu a sussurrar a si mesma.

-Por que diz essas coisas? - perguntou.

O senhor Marshall encolheu os ombros.

-Muito simples senhorita Fairfield. Porque acredito que todo mundo merece ter uma oportunidade de respirar.

Respirar? Ela não podia fazer isso ao seu lado. A luz da lâmpada de azeite se refletia em seus óculos e lhe escurecia os olhos, fazendo com que se tornasse quase impossível adivinhar sua intenção. Mas Jane sentia mais do que via o olhar dele cravado nela; um olhar afiado, penetrante, um olhar que penetrava além dos adornos estridentes do vestido de seda. Não. Ele não fazia com que respirar fosse mais fácil.

-Não tenho nenhuma dificuldade em respirar – respondeu em prestar atenção à verdade.

-Oh? - ele arqueou as sobrancelhas e inclinou a cabeça para um lado - Isso não é o que eu vejo. Vejo ombros que não se atrevem a relaxar, músculos que não ousam se mover, lábios que não se atrevem a fazer outra coisa que não seja sorrir. Você tem muitas opções, senhorita Fairfield, mas sabe tão bem como eu que a decisão errada pode acabar com a reputação de quem trabalhou tanto.

Ela engoliu em seco.

-Não minta pra mim - pediu ele - O que você diz a si mesmo de noite quando não há ninguém ao seu lado para ouvi-la? Fecha os olhos e espera com

impaciência o dia seguinte e o recebe com ansiedade, ou com medo de cada novo dia e vai levando à medida que passam?

Deu uns passos em direção à porta.

-A sombra – murmurou - Isso é o que significa não pertencer a nenhum lugar, mas também significa que pode marcá-los. Não seria suportável se não soubesse que terminará algum dia. Quantos dias faltam para que possa deixar essa farsa, senhorita Fairfield? Quantos dias para que possa deixar de fingir?

-Quatrocentos e setenta e cinco - respondeu ela.

Aquelas palavras escaparam de sua boca. Levou os dedos aos lábios, escandalizada, mas ele não parecia feliz por haver arrancado aquela confissão.

-Se você ficar quatrocentos e setenta e cinco dias assim, senhorita Fairfield, com certeza não vai conseguir respirar.

-Não tenho nenhuma dificuldade... - mas suas palavras soavam fracas pouco convincentes.

-Eu já sei – respondeu ele - Se eu não tivesse vindo, você teria continuado. Isso é o que significa ter que passar por isso, os números são tão avassaladores. Eu sei por que eu contei. contei meus dias em Eton e os anos que fui estudante em Cambridge. Agora estou contando minha visita aqui. Sei o que é contar, senhorita Fairfield – tirou os óculos e esfregou as lentes em sua camisa - Sei muito bem – levantou os olhos.

Jane tinha imaginado que, sem os óculos, não poderia vê-la, mas, fosse qual fosse o defeito de visão que tinha, seus olhos cravaram-se nos dela tão penetrantes como sempre e tão azuis como o céu.

-Você é uma mulher inteligente – disse - Logicamente, se está fingindo tudo isto é porque o que tenta evitar é algo horrível.

Ela queria falar, queria dizer algo. Mas só saiu um gemido procedente do fundo da garganta, um som gutural e doloroso que não sabia que estava carregando.

Por isso sentia aquele calafrio. Não era os olhos dele. Não era sua altura. Não era tampouco seus ombros, e ela não tinha a menor intenção de pensar em seus ombros. Era simplesmente porque ele sabia o que era estar separado do resto do mundo. Ela sabia e ele não tinha que dizer a ela. - Essa é a verdade? - conseguiu perguntar por fim - Essa é a verdade que me prometeu? - era mais do que havia dado a alguém.

Ele moveu a cabeça e voltou a colocar os óculos.

-É noventa e cinco por cento dela - respondeu.

Fez uma inclinação de cabeça e, antes que Jane dissesse algo, tocou o rosto em um gesto de saudação e a deixou sozinha.

O QUE IRRITAVA Oliver era os cinco por cento restante da verdade. O ar da galeria soprava um vento frio nas bochechas; a suas costas podia ouvir os sons do dueto de piano que tocavam as inimitáveis irmãs Johnson.

Ninguém disse nada quando ele saiu da sala de música para a galeria, apesar do frio.

Não importava a ninguém e ele devolveu o favor o melhor que pode.

Não queria aceitar a oferta de Bradenton. Havia dito a si mesmo que encontraria outro modo de convencê-lo. Talvez por isso tinha falado com a senhorita Fairfield como tinha feito: para mostrar que não o faria.

Mas ele não tinha negado umas noites atrás, quando Bradenton o tinha pedido.

E tinha cumprimentado Jane na rua, em parte pela sugestão de Bradenton. Uma parte dele, uma parte doente, se perguntou como podia fazer. Pensou nos olhos dela um momento atrás. Uns olhos muito grandes. Entreabria ligeiramente a boca, para sussurrar que estava de acordo, e retorcia as mãos. Oliver estava certo em relação a ela e sabia disso.

Bradenton tinha razão. Podia destruí-la. Sabia exatamente como fazer.

Essa lembrança, uma lembrança que lhe produzia um suor nervoso, foi o que o tinha feito sair no frio. Era possível quebrar a alguém que estivesse sozinho. Era fácil de fazer se você desse um ponto de apoio, permitisse que descansasse nele e depois o retirava.

Oliver não tinha respostas, e por isso estava fora em uma noite de janeiro. O frio não limpava a mente. Estava cercado por paredes de pedra fria em meio de uma cidade fria. A galeria era pouco mais que um espaço aberto de poucos metros quadrados. Tinha crescido em uma fazenda e aquilo era pouco espaço para ele.

Mas isso não tinha nada de surpreendente. Cambridge sempre conseguia com que se sentisse enjaulado.

A porta exterior se abriu a suas costas. Não se voltou.

A senhorita Fairfield foi se colocar a seu lado.

Suas miçangas chocavam-se ao se mover e o brocado do vestido brilhava na penumbra como a imitação de um cordão militar. Oliver nunca tinha visto um vestido tão feio e ela o usava como um escudo que em realidade era. Colocou as mãos no corrimão e o agarrou com força sem dizer uma palavra. Sua respiração era ofegante, como se tivesse subido três lances de escadas. Como se a ideia de confiar em outra pessoa fizesse com que seu coração acelerasse.

E tinha motivos. Deveria afastar-se dali. Mas Oliver não disse isso. Ele apenas olhou para ela e ela devolveu o olhar.

- Bem, garota impossível? - perguntou ele por fim - O que vai ser?

Ela respirou fundo.

-Eu conto - respondeu.

Oliver demorou um momento para recordar a conversa anterior.

A senhorita Fairfield entrelaçou as mãos.

-Conto cada dia que passa.

Ele não disse nada. Queria consolá-la, mas parecia cruel, considerando as possibilidades que tinha entre eles.

-Tenho medo até de falar com você - disse ela - Tenho medo de que, se abrir a boca, tudo sairá. De que fale e fale e não seja capaz de parar. Há muita coisa.

Ele inclinou a cabeça para um lado e a olhou.

-Dei-lhe a impressão de que eu seja um homem com um número moderado de queixa?

-Não. Não - ela negou com a cabeça e a seguir levantou os braços no ar com impotência - Não sei o que quer. Sei o que desejam todos os outros, mas você... Não sei nada de você.

Oliver pensou em Bradenton, acenando para ele seu voto sobre a Ata da Reforma, ele o colocava na frente como isca. Pensou no que aquilo significaria para chegar a deputado. Pensou que o marquês acreditava que podia comprá-lo quando quisesse.

Mas ninguém podia descartá-lo. Ninguém.

-Eu estudei com Bradenton - disse por fim - Então era um asno, até... - fez uma pausa - Simplesmente agora é melhor escondê-lo, isso é tudo.

Ela não respondeu.

-Quero que pague por todas as coisas desagradáveis que tem feito.

Voltou-se para ela. A jovem o olhava com olhos arregalados.

-É assim tão simples - disse ele - Você o irrita. Bom pra você. Não quero que se sinta sozinha.

A senhorita Fairfield suspirou.

Oliver sabia que suas palavras tinham sido cruéis. Uma oferta de amizade era algo muito importante para uma mulher que sentia que não tinha outra escolha para afastar às pessoas. Ele não sabia o que ia acontecer com ela, mas estava disposto a apostar pra ver, fosse o que fosse, tratava-se de um caminho solitário.

E também tinha o fato de que ele não sabia o que queria. Possivelmente falava sério quando dizia aquilo. Mas se tivesse aceitado a suja oferta de Bradenton, teria começado o trabalho do mesmo jeito, ganhando a confiança dela.

Por mais que rejeitasse a ideia de fazer a vontade de Bradenton, o atraía a possibilidade de utilizar o marquês. De enganá-lo e lhe fazer acreditar que ele, Oliver, era complacente e que faria tudo o que o marquês quisesse. Seria interessante subir com a ajuda de Bradenton. Superar seu poder e vingar-se anos depois.

Desejava tanto isso que quase podia saboreá-lo.

A senhorita Fairfield respirou com força.

-Repita isso - disse.

Aquilo não era mentir. Não, não era. Oliver não faria o que Bradenton queria e, portanto, não havia necessidade de lhe falar sobre isso.

"E se decidisse fazê-lo, seria melhor não mencioná-lo. A única coisa que teria que fazer era deixar as portas abertas".

Oliver silenciou aquela voz interior.

-Não está sozinha - disse.

Era os noventa e cinco por cento da verdade.

Oliver PARTIU UNS MINUTOS depois da meia-noite. Se surpreendeu bastante que Bradenton o seguisse e caminhasse com ele até a calçada diante da casa. Mas em vez de ignorá-lo, o marquês pediu sua carruagem e fez um gesto para Oliver. Este se aproximou dele a contra gosto.

-Você deveria conhecê-los - disse em voz baixa - Às pessoas que serão as mais afetadas pela ampliação da lei. Veria que...

Bradenton começou a rir.

-Não seja ridículo, Marshall. Os encontros todos os dias. Costuram os meus sapatos e tomam medidas para me fazer as calças. Não posso ir a nenhuma parte sem tropeçar com um trabalhador. Mostrar-me algo mais não ajudará muito no seu caso.

Oliver contemplou as formas dos edifícios que havia em frente. No escuro não podia ver muito mais que as silhuetas dos picos dos telhados, os cristais ofuscantes com luzes das lâmpadas brilhando através deles. O som da carruagem de Bradenton, ruído de cascos de cavalos e de ranger de couro, chegava até eles dos campos atrás do edifício.

-Eu disse conhecê-los - respondeu Oliver - Não utilizar seus serviços. Conhecê-los. Falar com eles. Ver que tipos de homens são. Minha cunhada e eu vamos organizar uma série de jantares quando voltar a Londres para...

-Quer dizer que deveria tratá-los como socialmente iguais? Já faço trabalho de caridade suficiente, Marshall - o marquês sorriu - Estou aqui falando com você.

"Se isso é uma amostra de sua caridade, estou seguro de que será muito querido em suas propriedades", pensou Oliver.

Mas não o disse. Guardou sua queixa no silêncio de seu coração, as anotando na coluna das contas ganhas, mas ainda não pagas.

-Sempre foi divertido – disse - mas não é preciso que ria do que tento dizer. Que é...

Bradenton se pôs a rir.

-Pare Marshall. Não quero falar com você sobre sua preciosa reforma.

A carruagem dobrou a esquina como um fantasma na névoa escura.

Bradenton se voltou para Oliver.

-Está pensando em minha proposta. Não imagina quanto gratificante é saber disso, saber que te julguei bem depois de tudo.

Oliver apertou o punho com força.

-O que pretendia esta noite com ela? Eu acho que, se quer fazer com que se apaixone por você e depois abandona-la, isso serviria. Mas me parece exageradamente desprezível.

-Não pode fazer mal a alguém a quem não conhece - respondeu Oliver. "Eu te conheço bem"- Às vezes o modo mais fácil de quebrar uma pessoa é lhe fazer acreditar que está do seu lado e depois retirar seu apoio.

Não deveria ter pronunciado aquelas palavras carregadas com duplo sentido. Mas Bradenton voltou a rir.

-É por isso que preciso que você faça. Não te farei falsos elogios, Marshall. Admito que tenho um interesse pessoal em ver a senhorita Fairfield tão miserável que não queira seguir frequentando a sociedade – sorriu - Mas você é muito inteligente e ambicioso. Enquanto não estiver seguro de si, não oferecerei a você um ponto de apoio.

-E se fizer o que diz, já estará seguro?

-Não - Bradenton encolheu os ombros - Uma vez é considerado um acidente. Duas vezes é duvidoso. Três vezes... - fez uma pausa, como se recordasse algo - Três vezes se convencerá de que tinha razão ao agir como agiu. Três vezes fazendo algo muda o caráter de um homem.

-Ou seja, haverá outras tarefas mais - Oliver não podia fazê-lo. Só de pensar naquela o fazia sentir náuseas. Trazia velhas lembranças, lembranças que tinha enviado fazia tempo ao lugar onde deviam estar.

Mas Bradenton negou com a cabeça. Sua carruagem se deteve diante da casa dele e um laçao saltou ao chão para abrir a porta. Bradenton se adiantou.

-Não há necessidade de mais nada - disse com rapidez- Pelas minhas contas, já tem dois.

CAPÍTULO 5



HAVIA TRÊS TALENTOS QUE a senhorita Emily Fairfield achava necessários em sua posição atual na vida: mentir, adquirir coisas às escondidas e, o mais importante de todas, escalar paredes. Era esse último o que praticava naquele momento.

Depois de um agradável passeio de dez minutos pelo jardim no meio do dia, tinham feito ela se deitar e dormir em seu quarto como se fosse uma menina de quatro anos.

Esperou até que a casa ficasse em silêncio, com os empregados afastando-se para esfregar o chão ou ir ao mercado. Então trocou de roupa rapidamente e desceu pela parede de pedra do lado de fora de sua janela. Queria ir a qualquer lugar contanto que estivesse fora dali.

Levava um romance não permitido em um bolso da capa, um lenço no outro e a determinação de passar às duas horas de sua ridícula sesta na rua.

A casa de Titus Fairfield se achava no subúrbio de Cambridge. Era um edifício triste de dois andares de pedra cinzenta cercado por pequenos arbustos. Emily levou as saias ao corpo para evitar os espinhos dos arbustos de groselhas. Deslizou por uma fenda estreita na parte de trás e procurou sua liberdade no caminho de cascalho que se afastava da cidade atravessando campos e subindo colinas.

Era um comportamento que seu tio teria considerado estúpido: sair sozinha, sem a companhia de uma acompanhante, caminhando com passos de verdade em vez de com os passos delicados apropriados a uma suposta inválida. E sair durante horas em vez de minutos.

E talvez ele tivesse razão. Mas a alternativa, estar na cama quando havia luz do lado de fora, olhar o teto e imaginar-se golpeando seu tio com um de seus livros de Direito, era ainda menos aconselhável. Isso a fazia tremer, culpada e quase febrilmente inquieta. E quando se sentia assim, observava a seu tio durante o café da manhã e pensava ociosamente em fazer cair as estantes de livros sobre sua cabeça.

Não se sentia orgulhosa de imaginar tais coisas. Pôs-se a andar pela estrada principal com a cabeça erguida e saudava com um gesto de cabeça aos camponeses que cruzava pelo caminho. Seu vestido era muito fino para que

parecesse qualquer coisa que uma dama que tinha fugido de sua acompanhante, mas as pessoas não pareciam notá-lo. Emily avançava pelo caminho roçando os postes das cercas e os muros de pedra com as pontas dos dedos, maravilhada com a sensação do vento nas bochechas e com o sabor da liberdade. Fazia frio; o vento penetrava através das luvas e sua capa não era bastante grossa para mantê-la protegida do frio, mas não importava.

"E se acontece alguma coisa?". A triste voz de seu tio parecia chegar até ela. Foi uma frase que ele repetiu tantas vezes que poderia ter esculpido em pedra acima da lareira. "E se acontece alguma coisa?" Passou anos preocupada que algo pudesse acontecer e como resultado não aconteceu nada.

Nesse dia estava decidida a cruzar Grantchester. Tinha visto Grantchester Road meia dúzia de vezes em suas escapadas, e embora uma aldeia dificilmente fosse o cenário das aventuras da senhora Larriger, era algo mais que um punhado de cabras. Emily caminharia, sorriria e ninguém saberia que tinha escapado das terríveis garras de... de...

Piratas não. Baleeiros tampouco. O czar da Rússia tampouco.

-Escapei das terríveis garras de uma sesta - anunciou ao caminho.

Ela passou uma fazenda e depois outra. Mais tarde um moinho de grão, o que provava que a aldeia estava perto. Em uma escola secundária se via os alunos estudarem através das janelas. Emily saudou com a cabeça um ferreiro que examinava os cascos de um cavalo em seu quintal.

Quando chegou à praça principal, pensou em comprar uma maçã em uma das lojas, só para provar que podia fazê-lo, mas pareceu fútil desperdiçar suas poucas moedas em frutas secas.

Queria tão pouco! Só a oportunidade de fazer as coisas que faziam todos os outros. Era pedir muito?

"E se acontecer alguma coisa?".

Uma ideia amarga aquela. Tinha que ter medo de tudo simplesmente porque poderia acontecer algo. Uma ideia muito amarga.

De repente Emily se deu conta de que não era só o pensamento que era amargo. O sabor de sua boca também.

Na realidade não era o sabor. Anos de experiência assim a demonstrava. Era uma amargura crescente que se estendia através dela até que o sabor não era só na língua, mas também nas bochechas e no estômago, em partes de seu corpo nas quais não deveria haver sentido. Um sabor que oscilava entre amêndoas rançosas e ovos podres.

Um sabor familiar. Irritante. E, naquele momento em particular, totalmente assustador. Em um minuto mais as coisas começariam a cheirar mal e pouco depois disso...

Algo ia acontecer. Aquilo que temia seu tio, a razão pela qual não lhe permitiam sair.

Não tinha tempo de afastar-se até os campos fora do povoado e se cair-se diante da escola secundária e tivesse convulsões, estaria segura. Pediriam ajuda e insistiriam em acompanhá-la a sua casa. Seu tio saberia e...

E ela não voltaria a sair. Não havia tempo de pensar nem de escolher.

Emily cruzou a praça e se meteu no botequim.

"Como se fosse seu lugar habitual".

Tragou o sabor que tinha na boca e sorriu quando a disfunção olfativa se apoderou de seus sentidos, trocando o aroma de pão assado e de sopa por um cheiro desagradável.

Sentou-se no banco mais próximo e escondeu suas saias detrás da mesa. Com sorte, ninguém a olharia. Com sorte, em poucos minutos seu ataque passaria sem que ninguém se inteirasse. Com sorte...

-Senhorita - disse uma voz agradável do outro lado da mesa - Por favor, não se sente aqui.

Emily levantou o olhar e se deu conta de que não estava sozinha na mesa. Em frente dela estava sentado um homem, quase colado à parede. Ele tinha um livro aberto a sua frente e havia um pedaço de pão ao lado de uma tigela de sopa vazia.

A perna de Emily tinha começado a tremer.

-Sinto muito - disse, apertando os dentes - Neste momento não posso me levantar.

O sotaque dele era quase perfeito, muito estudado. Suas roupas eram tão inglesas como o chá com bolachas. Usava uma gravata azul, amarrada em um estilo formal e preso com um alfinete dourado, e na mesa havia um chapéu elegante. A perfeição branca dos punhos da camisa que apareciam por debaixo do Palitó contrastava fortemente com o tom escuro de sua pele.

Emily o olhou nos olhos, que eram quase negros, rodeados de cílios longos e grossos. Ele apertava os lábios como algo que bem podia ser irritação.

-Senhorita... - assobiou. E apoiou as mãos abertas sobre a mesa.

Era indiano. Emily tinha visto estudantes indianos antes, havia dúzias em Cambridge. Só os tinha visto a distância, através das janelas da carruagem ou nos campos. Duvidava muito que seu tio desse permissão para ela se aproximar deles. Afinal, poderia lhe acontecer algo.

Ele a olhava, mais receoso por ela ser uma senhorita inglesa do que seria normal em um estudante de Cambridge. Possivelmente não a delataria depois de tudo.

-Sinto muito – ela voltou a se desculpar. - Não é minha intenção fazer caretas. Eu vou ter um ataque, mas passará em poucos minutos.

Ele franziu a testa, mas não havia tempo para explicações.

Emily não tinha ataques normais. Ou ao menos isso era o que havia dito o doutor Russell de Londres. Ele tinha lhe explicado que não era realmente epilepsia, porque nunca perdia a consciência. Ela estava sempre consciente; inclusive podia falar e mover os membros. O ataque chegou então, tão familiar como uma luva.

Emily tinha se visto às vezes no espelho. Basicamente o que ocorria era que sua perna direita convulsionava. Mas aquele não era o único efeito. Todo seu corpo estremecia e seu rosto se contorcia. Seu coração também disparava, com batimentos rápidos e acelerados, como um cavalo de três patas que tentava galopar.

Seu companheiro de mesa a olhou um momento consternado.

-Há algo que possa fazer por você?

Ela apertou os dentes.

-Não diga a ninguém o que está acontecendo.

Ele fez um ruído que podia ser de assentimento.

Muitas vezes Emily preferia não estar consciente durante seus ataques. Nunca se esqueceu de sua aparência e o que pensariam os outros dela. Queria desaparecer no nada e voltar sem lembranças desagradáveis. Um doutor lhe havia dito que, se perdesse a consciência, poderia saber com certeza que aquilo era epilepsia. Mas assim, ela era um caso especial que não encaixava em nenhuma parte. Não conheciam tratamentos nem se compreendiam as causas.

Ela se concentrou em um ponto da madeira da mesa em vez de pensar no que acontecia. Alguém tinha esculpido umas iniciais no canto. Agarrou-se a aquelas letras, A e M, e as repetiu varias vez até que os espasmos se converteram em tiques e estes em esgotamento de músculos muito usados.

Tinha durado vinte segundos. Um espaço de tempo muito curto mais que causava muitos problemas.

Respirou fundo.

-Senhorita - disse uma voz atrás dela - Está bem? Este homem a está incomodando?

Emily se voltou e viu uma mulher peituda que levava uma toalha amarrada ao cinturão do avental.

-Se a incomodou, direi a meu marido...

-Não - respondeu Emily - Absolutamente. Sentia-me enjoada e tive que me sentar. Foi amável comigo. Muito útil.

-Tentou algo?

-Justamente o contrário - respondeu Emily - Eu me senti tonta e me sentei em sua mesa sem nem sequer pedir permissão.

O homem, quem quer que fosse, não disse nenhuma palavra durante a conversa, como se estivesse acostumado a não ouvirem sua opinião, e que falassem dele como se não estivesse presente. Limitava-se a olhar para Emily com olhos escuros e receosos.

-Humm - disse a mulher - Bom, até o momento se mostrou tranquilo, mas nunca se sabe.

-Importa-se de me trazer um chá? - Emily sorriu para a mulher - Seria bom para me reanimar.

-É obvio querida. E de verdade não a está incomodando?

Emily negou com a cabeça e a mulher partiu.

O homem sentado em frente ficou em silêncio uns momentos.

-Obrigado por não fazer com que me joguem daqui - disse por fim - É o único lugar em um raio de quatro milhas de Cambridge onde servem sopa de verduras, e eu estou cansado de comer pão com queijo e espinafres cozidos.

-Então você estuda em Cambridge?

O livro que tinha em sua frente parecia indicar que sim.

Emily acreditava que as refeições em Cambridge teria algo mais para oferecer que espinafres cozidos. Além de tudo, ele não era nobre. Mas ele não deu mais explicações e ela não queria incomodá-lo ainda mais.

-Dentro de uns minutos poderei ficar em pé – disse - E partirei para onde eu estava indo.

-Não é necessário que se apresse por minha causa – respondeu ele com cortesia. Olhou seu livro e depois de novo para ela. Havia um pouco de receio em sua voz, e uma ameaça de algo mais.

-Falo a sério - comentou Emily com sinceridade – Me desculpe, eu impus minha presença. Você estava aqui primeiro, assim...

Os lábios dele se curvaram em um sorriso e seu receio terminou por desaparecer.

-Raramente tenho a oportunidade de me sentar com garotas bonitas – comentou - Não me parece que seja uma imposição.

O coração de Emily ainda pulsava com força. Sem dúvida devido ao ataque. Não podia ser porque aquele homem a tinha olhado. Mas tinha feito com que se sentisse bonita.

Era bonita. Sempre soube, embora isso não ajudasse muito. Os empregados diziam. Tio Titus dizia. E os doutores diziam. "Pena que tudo isto acontece a uma garota tão bonita. Que desperdício toda essa beleza!".

Sua beleza não parecia tão desperdiçada agora, sob o comentário, educado, mas inconfundível, daquele homem.

-Sou a senhorita Emily Fairfield - disse ela.

Ele a olhou um momento mais.

-É um prazer conhecê-la, senhorita Fairfield – respondeu - Eu sou o senhor Anjan Bhattacharya - quando pronunciava seu nome, os tons precisos de seu sotaque se alteravam em algo diferente, que já não era inglês.

Emily mordeu o lábio inferior.

-Espere.

Ele a olhou inexpressivo.

-Desculpe. Bhata Charya? - Emily notou que ruborizava.

Ele se recostou em seu assento e a olhou.

-Sim. A pronúncia é bastante boa.

-Bhata. Charya. Bhattacharya - ela sorriu - Não é bastante fácil, simplesmente não estou acostumada a ouvir palavras parecidas. Você é de...

-Da Índia, é obvio. Calcutá para ser mais exato. Meu pai é funcionário na Presidência de Bengala. Meu tio é... Bom, isso não importa. Sou o quarto filho e me enviaram aqui para que consiga uma boa educação inglesa - baixou os olhos para os livros.

-E você estuda Direito.

Ele arqueou as sobrancelhas.

-Meu tio é professor de Direito - explicou Emily - Quando não tenho mais remédio, leio seus livros. Eu li esse.

Ele sorriu.

-Nesse caso, se tiver alguma dúvida, a consultarei.

-Posso tentar - respondeu ela - Entendo um pouco. Mas não estudei formalmente. Mesmo assim, eu gostaria de ter oportunidade de falar... - Emily pensou que aquilo lhe fazia parecer patética. Não terminou a frase - Mas asseguro que tem outras pessoas com que pode falar. Está muito avançado em seus estudos?

-Este ano terminarei - ele fez uma careta. – Até a Semana Santa, não serei muito boa companhia - uma sombra cruzou por seu rosto-. Tenho intenção de tirar boas notas.

Emily sabia reconhecer quando devia guardar silêncio, assim deixou de falar. Chegou seu chá e o bebeu devagar, tentando não observar o estudante indiano enquanto ele lia e tomava notas em um caderno pequeno. Não conseguiu. A presença dele fazia com que se arrepiasse toda a pele.

-Bem, senhor Bhattacharya - disse por fim, quando já não pôde prolongar mais o chá - foi um prazer conhecê-lo. Suponho que agora devo partir. Deixo-o com sua leitura.

Ele levantou os olhos do livro. Piscou algumas vezes, como se o tivesse pego de surpresa. E depois, curiosamente, sorriu. Não o sorriso calmo e indiferente que lhe tinha dedicado antes. Aquilo era o que ela estava esperando. Era o motivo que tinha saído de sua casa. O sorriso dele foi como um amanhecer e iluminou seu rosto com uma facilidade sincera. Os pulsos de Emily pulsaram com antecipação. Antecipação do que, não sabia, mas se sentia a beira de algo.

-Senhorita Fairfield - disse ele.

-Me chame de Emily - respondeu ela - Tenho uma irmã mais velha. A senhorita Fairfield é ela.

-Acredito que o cavalheirismo neste momento seria me oferecer a acompanhá-la até sua casa e me assegurar de que não sofra nenhum dano.

-Oh? - gostava da ideia. Tentou não demonstrar o quanto gostava.

"Poderia ocorrer algo", sussurrou uma voz.

-Mas não acredito que pudesse percorrer nem cem passos com você - continuou ele - Em Cambridge talvez sim. Mas aqui? - balançou a cabeça - Hoje não quero levar uma surra, assim terei que ser muito pouco cavalheiro e lhe dizer adeus.

-Na quinta-feira darei um passeio – respondeu Emily - E eu não gosto de estar onde há muita gente.

O sorriso continuou no rosto dele. Ele continuou a atraindo.

-Oh?

-Há uma trilha ao longo do riacho Bin, onde se cruza com o Wimpole Road - murmurou ela.

-Conheço - disse ele com suavidade - Mas com certeza seus pais tem objeções.

-Meus pais estão mortos. Vivo com meu tio - ela fez uma pausa e olhou a expressão dele. Sabia que, se dissesse a verdade, não iria a seu encontro - Aqui estou - comentou corajosa - só e sem acompanhante. Meu tio não é um homem convencional, senhor Bhattacharya. Me deixa tomar minhas próprias decisões. Desde que não saíamos dos caminhos públicos, não terá nenhuma objeção.

-Mas...

-Tenho ataques - disse ela - Meu tio sabe que estou faminta de conversas racionais.

Aquilo era verdade.

Emily deu um sorriso brilhante e ficou satisfeita ao ver que ele apoiava as mãos na mesa, deslumbrado apesar de tudo.

Depois de suas palavras anteriores, Emily decidiu que uma mentira mais não poderia piorar muito as coisas.

-Ele não me negará um passeio – disse - E é perfeitamente aceitável que homens e mulheres passeiem juntos desde que seja em público.

-É?

Emily assentiu e prendeu o fôlego.

-Bem - ele falava lentamente, como se pensasse bem o que ia dizer – Está bem. Esta quinta-feira.

Emily lhe sorriu de novo e ficou em pé. Suas pernas doíam, tinha os músculos doloridos, mas as palmas das mãos formigavam por conta do nervosismo e de repente os dias a seguir já não lhe pareciam tão horríveis.

-Até então.

"Algo podia acontecer".

Pensou em seu quarto vazio, em tardes compostas de cochilos á tarde e noites passadas com a condescendência de seu tio. Pensou em como havia conseguido escapar de seu quarto, como se estivesse a ponto de gritar, e segura de que, se o fizesse, seu tio pensaria que estava louca. Aquilo podia ser estúpido; podia ser ruim.

Mas graças a Deus que finalmente, alguma coisa aconteceu.

TINHAM PASSADO TRÊS DIAS desde a última conversa de Jane com o senhor Marshall e nesse tempo se imaginou mais de cem vezes contando tudo a ele. A última noite quase não tinha dormido nada, pensando no que diria a próxima vez que o visse. Em como seria ter alguém que soubesse e a entendesse.

Fazia uma lista das coisas que diria; uma lista tranquila, precisa e racional. Não permitiria que as palavras saíssem de sua boca como um rio que removeu um dique e que volta velozmente para suas velhas margens. Não queria que ele ficasse chateado.

Essa ilusão durou até o momento em que voltou a vê-lo. Jane acabava de descer da carruagem e se virou para esperar à senhora Blickstall, que ia atrás dela. Ao virar-se, o viu do outro lado dos cavalos.

Caminhava pela calçada em direção a um mercado que havia em uma rua mais à frente. Seu passo era decidido e rápido, como se tivesse a cabeça em outra coisa. Não a viu; continuou caminhando. Cinco passos depois estava a vários metros de distância.

Jane levantou a mão para fazer um gesto de saudação, mas ele tinha uma expressão distante e ela deteve a mão.

Era filho de um duque. Um homem que, segundo confissão própria, queria ser primeiro-ministro algum dia. Sem dúvida tinha problemas mais importantes na cabeça que os assuntos corriqueiros que afligiam Jane: explicações sobre a tutela de sua irmã e seu tratamento médico. O tempo que ela levaria para contar os detalhes fúteis e sórdidos de sua vida, o senhor Marshall podia repassar todas as leis aprovadas na última sessão do Parlamento.

Jane baixou a mão e a deixou cair ao lado.

Ele tinha se mostrado amável. Tinha sido bastante inteligente para ver muitas coisas dela. Mas seria estúpido pensar que essas duas coisas significavam que se interessava por ela. Tinha coisas mais importantes pra fazer que lutar com uma senhorita e sua irmã.

Apertou a mandíbula e cruzou a rua até a livraria. Não queria ficar olhando como ele se afastava na rua abaixo. Não queria reviver suas estúpidas fantasias de amizade.

A loja estava vazia e cheirava a umidade. A senhora Blickstall, aborrecida, sentou-se na parte da frente e cruzou recatadamente as mãos no colo enquanto Jane olhava os livros na parte de trás da loja. A jovem ouviu a campainha da porta e o murmúrio da voz do cliente que falava com o livreiro. Pegou um livro de uma estante e percorreu outra lendo os títulos. Ouviu passos a suas costas.

Imediatamente sua mente voltou para o homem que tinha se ordenado esquecer. O senhor Marshall. Era ele.

Não, ridículo. Não era. Ele tinha se afastado para alguma reunião importante. Não tinha tempo para garotas tolas que compravam em livrarias pequenas.

-O que você tem aí?

Ela se sobressaltou.

Aquela voz! Jane não tinha conseguido imaginá-la quando pensou em falar com ele. Não saberia como descrevê-la para outra pessoa. Quente, é óbvio. Com muita amplitude. A última vez tinha falado com fúria controlada. Agora parecia estar á beira do riso.

Jane se voltou muito devagar. O calafrio estava de volta em forma de uma faísca elétrica que percorria sua coluna. Respirou fundo e cravou as unhas na mão, mas não adiantou muito. Antes que pudesse evitá-lo, já estava sorrindo. E seu sorriso era muito largo e revelava muito.

Ele tinha um tipo de feição que melhorava à medida que a conhecia mais. O grupo de sardas que cruzavam a ponta do nariz convidava a tocar. Como se sussurrassem: "Vêm e fique a vontade".

Jane engoliu em seco e apertou a mão em seu estômago para não fazer precisamente isso.

Ele olhava para ela, não como um ponto á distância. Com a atenção dele fixa nela, todo o ser de Jane parecia substancial. Como se pudesse flutuar a qualquer momento.

Ele levava um livro na mão. Um guia prático de...

Ela não podia ler o final do título, pois sumia na mão dele.

-Senhor Marshall - disse com um sorriso. "Não se deixe ir tão de repente Jane". Por mais que queira, não solte tudo de repente - É um prazer vê-lo. Como está?

Começou a felicitar-se por suas maneiras controladas quando descobriu com horror que sua boca continuava falando.

-O vi na rua, mas parecia ocupado e não quis interrompê-lo. Estou segura de que fazia algo importante. Provavelmente ainda esteja fazendo. Eu deveria deixar...

"Cale-se, Jane", ordenou a sua boca falante. E por sorte, esta obedeceu.

Ele não comentou nada sobre o excesso falador dela. Estendeu a mão e pegou o livro que levava.

-Me deixe ver seu livro – disse, olhou-o para poder ler o título. Arqueou as sobrancelhas- A senhora Larriger e os criminosos de Nova Gales do Sul?

Jane notou que se ruborizava. Provavelmente ele teria lido livros importantes, livros de títulos sóbrios como Um guia prático do bom comportamento. Certamente seria esse o que levava na mão. E sem dúvida a consideraria uma tonta.

-Não é meu – explicou - Quer dizer, é para minha irmã; minha irmã Emily.

Ele parecia se divertir.

Jane enrugou o nariz.

-Eu posso rir de seu gosto literário porque é minha irmã, mas você não se atreva a fazê-lo.

-Tenho três irmãs - respondeu ele -Agora quatro, contando a minha cunhada. Jamais me ocorreu falar mal da irmã de ninguém - devolveu o livro em sua mão -É bom?

A pergunta surpreendeu Jane.

-Eu não li - encolheu os ombros - Mas já li os oito primeiros da série. São horríveis, mas também curiosamente absorventes.

-Eu gosto do curiosamente absorvente. E eu gosto do horrível. Deveria comprá-lo?

Ela riu, imaginando à senhora Larriger na estante dele ao lado de Um guia prático para uma carreira política.

Mas ele folheava o livro como se quisesse comprá-lo.

-A senhora Larriger é velha, mandona, irritante e eu acho que não é saudável. Você não vai...

-Essa descrição me lembra muito minha tia Freddy - ele sorriu - Velha, mandona, irritante... Não sai nunca de casa e algumas pessoas a criticam por isso; mas não me diga que minha tia não é sã. É como sua irmã. Quero muito ouvir suas críticas.

Jane engoliu em seco.

-Se você vai ler, tem que começar pelo primeiro - aproximou-se da estante e leu os títulos. - Esse.

Ela entregou "A senhora Larriger deixa sua casa" e esperou para ver o que ele fazia.

O senhor Marshall pegou o livro sem vacilar e o abriu.

-A capa está boa – comentou - Acredita que a autora é realmente a senhora Larriger?

-Não - respondeu Jane - Não creio. O primeiro livro que publicou faz dois anos e meio e depois publicaram mais vinte e dois, quase um por mês. Acredito que os autores devem ter um comitê. Nenhuma pessoa sozinha poderia escrever tão rápido... a menos que não tivesse mais nada pra fazer.

-Humm, isso parece improvável - o senhor Marshall abriu a primeira página - "Os primeiros cinquenta e oito anos de sua vida a senhora Laura Larriger viveu em Portsmouth, com vistas para o porto. Nunca se perguntou para onde iam os navios e só se interessava por sua volta quando algum deles trazia seu marido de volta para casa de uma de suas viagens comerciais. Nunca teve motivos para interessar-se por isso. Tinha uma casa cômoda, seu marido ganhava um excelente salário e para grande satisfação dela, quase sempre estava ausente" – levantou os olhos –Eu acho que existem maneiras piores de se começar um livro.

-Continue.

- "Mas um dia, em uma dessas estranhas ocasiões que seu marido estava em casa, uma bigorna caiu e golpeou a cabeça dele. Morreu na hora" - o senhor Marshall piscou. Voltou a piscar e colocou um dedo no texto que acabava de ler - Um momento. Não entendi. Como caiu uma bigorna em seu marido quando estava em casa? De onde saiu? Tinha o costume de pendurar bigornas no teto?

-Se quer descobrir, terá que continuar lendo - respondeu Jane – Não é meu costume contar às pessoas o que acontece no livro. Apenas um bruto contaria o que vai se passar.

O senhor Marshall moveu a cabeça.

-Muito bem, então. "Nesse dia, a senhora Larriger estava sentada em sua sala de estar. Mas as paredes pareciam mais grossas e o ar mais denso. Por quase sessenta anos ela nunca tinha sentido a mínima curiosidade pelo mundo que havia além de sua porta. E agora o ar do outro lado das paredes parecia chamá-la. 'Vem', sussurrava-lhe. 'Vem'. Saia antes de começar as investigações"- o senhor Marshall começou a rir - Ah, eu acho que começo a entender o que a bigorna... e à senhora Larriger.

Voltou para a leitura.

-"Respirou fundo, preparou uma bolsa de viagem e, com um grande esforço, com o esforço de uma mulher que arrancava da raiz tudo o que tinha sido sua vida até então, a senhora Larriger pôs um pé fora de sua porta e saiu para o sol quente de maio. E como não ardeu em chamas, caminhou até o porto e comprou uma passagem em um navio que partia em cinco minutos" - o senhor Marshall fechou o livro - Vou levar esse.

-Ele vai ser bom com *Um guia prático aos mais importantes textos de Platão*.

Ele franziu a testa.

-Por que diz isso?

Jane assinalou com a mão.

-Não posso ver o título completo de seu livro.

-Ah! - ele sorriu e voltou o livro para que ela pudesse vê-lo.

Titulava-se *Um guia prático de brincadeiras pesadas*.

-É pura nostalgia, temo. Sinto falta dos dias em que podia responder ao ridículo com algumas brincadeiras, isso é tudo – suspirou - Uma noite, quando éramos estudantes em Trinity, havia um homem que tinha uma pequena carruagem nova que gostava de exhibir. Meu irmão, Sebastian e eu a desmontamos e a reconstruímos de novo dentro de um quarto. Não pudemos colocar as rodas, claro, mas todo o resto... Quando ele voltou, estava tão bêbado que não notou, mas tinha que ouvir os gritos pela manhã.

Aquele homem que afirmava um dia ser primeiro-ministro não era absolutamente como ela tinha imaginado. Tinha um brilho nos olhos e um ar de travessura. Fingia quando falava de política ou fingia quando falava das brincadeiras?

-E eu que tinha a impressão de que você era respeitável! - exclamou ela. Ele suspirou, e a luz de seus olhos se apagou um pouco.

-E eu sou - falava a contra gosto. - As travessuras desculpem os jovens, mas eu já passei da idade que se pode perdoar uma boa brincadeira. O que não indica que não possa usar a imaginação.

Ele estando ali, falando de livros e de brincadeiras, parecia um sonho para Jane.

-Sebastian – disse - Refere-se ao senhor Malheur, não é?

-É o único de nós que pulou a fase respeitável. Nunca deixou de fazer travessuras - ele olhou a distância - Em alguns aspectos o invejo. Em outros, nem tanto.

-De nós?

-Esqueci que você não nos conhece. Meu irmão Ro... o duque de Clermont, Sebastian Malheur e eu. Chamavam-nos os Irmãos Sinistros porque sempre íamos juntos e nós três somos canhotos.

-E você é sinistro? - perguntou ela.

Uma nuvem cruzou os olhos dele. Uma ameaça de desconforto.

-Isso quem deverá decidir é você. Não posso julgá-lo por mim mesmo.

O nervosismo dela tinha diminuído até converter-se em um som agradável. Sorria muito.

-Me diga, senhorita Fairfield - murmurou ele em voz baixa – Qual a sua opinião? Porque tenho a impressão de que sabe julgar o comportamento sinistro.

Jane se sentia empurrada para ele. Tinha sonhado com aquilo... tinha um amigo, alguém com quem poder rir. Alguém que a olhasse duas vezes, que a olhasse pelo prazer de olhar e não para criticar sua postura ou sua roupa. Se ousasse, sonharia com mais.

Mas soaram os sinos atrás dele e Jane olhou para ver quem entrava na loja.

Conteve o fôlego. Era Susan, a empregada de seu tio, vestida de branco e marrom. Viu a senhora Blickstall, que estava sentada aborrecida na parte de trás e que, ao ver a jovem, se levantou da cadeira e apontou para Jane nos fundos da livraria.

Jane se adiantou um passo quando Susan se aproximava dela.

-Senhorita Fairfield, por favor - a jovem estava ofegante, como se tivesse corrido até ali desde sua casa.

E provavelmente o fez.

Susan olhou para o senhor Marshall.

-Possivelmente deveríamos falar lá fora.

-Pode falar - disse Jane - O senhor Marshall é um amigo.

Ele não a contradisse e o coração de Jane saltou no peito.

-Veio outro médico - disse Susan - saí assim que pude, mas ele estava entrando com a senhorita Emily quando saí e isso faz mais de vinte minutos.

-OH, diabos! E que tipo de curandeirismo pratica este?

-Galvânico senhorita. Isso foi o que disse.

-Que demônios é isso de galvânico?

-Correntes elétricas - interveio o senhor Marshall - Normalmente armazenadas em uma espécie de bateria elétrica que usam para produzir choques em... - deixou de falar.

Jane notou que empalidecia. Não podia olhá-lo. Não podia pensar naquele mundo de sonho de que havia saído, aquele lugar onde as pessoas podiam falar de livros, rir de brincadeiras e considerar o que significava ser respeitável. Esse não era o mundo que ela pertencia.

Tirou uma moeda pesada do bolso e a colocou nas mãos de Susan.

-Obrigado - disse.

Os empregados da casa provavelmente agradeciam que seu tio e ela se dessem mal, pois isso lhes proporcionava um modo de suplementar seus lucros.

-Senhorita Fairfield - disse o senhor Marshall - Posso acompanhá-la até em casa?

Jane se imaginou contando-lhe tudo. Imaginou dizendo para não se preocupar, que tudo estava bem. Mas ela não podia lhe dizer isso. Depois de tudo, havia dito para ele que não mentiria.

As coisas não estavam bem. O melhor que podia esperar era uma trégua, uma trégua comprada com todo o dinheiro que fosse necessário.

Sua mente estava tão entorpecida. Em sua vida não havia lugar para uma simples amizade.

-Não - disse com voz suave - Não me acompanhe. Você é respeitável e deve continuar sendo. Eu tenho que ir subornar um doutor.

CAPÍTULO 6



QUANDO JANE CHEGOU A SUA CASA, não conseguia respirar. Seu peito ofegava contra o espartilho e manchas dançavam diante de seus olhos.

A governanta a recebeu na entrada e olhou para a rua. Mas não fez perguntas impertinentes do tipo: "Onde está a carruagem?" ou "por que está ofegante?".

Jane responderia de todos os modos a aquelas perguntas não formuladas.

-Vim primeiro que a carruagem – disse - Pensei que seria bom dá um passeio - na verdade, como era dia de mercado, teria demorado quarenta e cinco minutos para chegar com a carruagem, enquanto que caminhando depressa cheguei em quinze.

-É obvio – assentiu a governanta, como se fosse lógico que Jane estivesse ofegando na entrada como um peixe que acabasse de saltar da água.

Os cabelos de Jane começava a soltar do coque que foi feito pela manhã. Os cachos caíam sobre as orelhas, longos cachos castanhos presos na nuca. As presilhas lhe cravavam na pele. Levantou uma das mãos e tentou impor uma aparência de ordem em tudo aquilo, mas se rendeu assim que seus dedos se encontraram com o caos.

A governanta não moveu de seu lugar.

-O exercício pôs cor em sua pele.

Ha! Jane tinha a testa repleta de suor. Sentia-o descendo pela bochecha e lhe fazendo cócegas na pele. Não precisava de um espelho para saber que seu rosto estava brilhante como um tijolo.

-Vou ver minha irmã - comentou como se não quisesse outra coisa.

A senhora Blickstall entrava nesse momento no corredor atrás dela, respirando pesadamente.

-Sim - continuou Jane - vou ver Emily. Como faço sempre quando volto para casa - "quando volto desesperada, como sempre". Apertou os lábios. "cale-se, Jane".

A governanta lançou um olhar compassivo. Um olhar que dizia: "Vamos, senhorita Fairfield, não se incomode em mentir. Todos nós sabemos como é isto".

Jane suspirou e deu à mulher uma moeda que desapareceu imediatamente.

-Está na sala de estar, com Alice e o doutor Fallon. Vou me certificar de que tudo esteja bem.

Jane assentiu e pôs-se a andar pelo corredor.

Encontrou a sua irmã sentada em uma mesa. Tinha uma manga arregaçada e o braço preso à mesa, mostrando a pele pálida de suas cicatrizes.

Ao redor dos pulsos e do antebraço havia tiras de algodão branco que prendiam umas placas de metal. Estavam unidas a cabos, que por sua vez estavam ligados a um dispositivo. Jane não tinha nem ideia do que era. Uma espécie de coleção de frascos de ar diabólico que cheirava muito mal. Galvanismo. Baterias elétricas.

Emily parecia aborrecida, mas não dava a impressão de estar sofrendo. Quando viu sua irmã, animou-se.

-Jane!

-O que é isso tudo?

-Estamos esperando que chegue um ataque - Emily olhou para o céu.

-Senhorita Emily - disse o homem que estava de pé ao lado das cortinas - Acredito que já expliquei antes. Não deve mover-se. Quando agita assim a perna, danifica os contatos. Estes podem soltar-se e, se estiverem frouxos quando não devem estar, não posso completar o circuito.

Emily olhou sua irmã com a testa franzida e os lábios apertados.

-Sim - respondeu - Quero te apresentar o doutor Fallon. Está trabalhando muito esta manhã.

O doutor Fallon era um homem magro de uns quarenta anos. Seu cabelo era castanho liso. Tinha um bigode que se curvava em longas costeletas marrons.

Jane se adiantou.

-Sou a senhorita Jane Fairfield, irmã de Emily. Se importaria de me explicar seu método?

O doutor franziu a testa, confuso.

-Mas já contei tudo ao senhor Fairfield.

-Interessa-me todos os avanços médicos - Jane se sentou em uma cadeira ao lado de sua irmã. - Eu gostaria de conhecer o seu - fez uma careta que poderia se passar por um sorriso.

O homem pareceu surpreso por um momento e logo sorriu:

-Pratico o galvanismo - explicou com fervor - O qual quer dizer que pratico uma medicina de tipo galvânico. Para ser exato, descobriram que passar uma corrente elétrica pelo corpo humano pode produzir certo número de efeitos, como atordoamento, dor, convulsões...

Olhou para Emily, que tinha apertado os lábios em uma linha muito fina.

-Ah! - disse ele - Eu também encontrei alguns efeitos positivos. Por exemplo, o tratamento galvânico pode curar aos que fingem estar doentes.

Jane não tinha nenhuma dúvida disso. Aplicar uma corrente elétrica a um paciente que fingia estar doente sem dúvida seria algo muito eficaz. Provavelmente também "curaria" enfermidades menores.

-Está bem – disse - Felicito-o por ter descoberto esse efeito.

O doutor dirigiu um sorriso vacilante.

-Estou certa - prosseguiu Jane - de que colocando em seus pacientes correntes elétricas não há nada que viole seu juramento de Hipócrates.

Ele se ruborizou.

-Ah, bom, você vê. Em meu caso "doutor" é um título de cortesia – sorriu - Uma faixa que me deram dúzias de pacientes agradecidos.

Ou seja, não era um médico, era um charlatão. Jane cruzou as mãos e desejou, não pela primeira vez, que seu tio não fosse tão crédulo.

-Interessante – disse - Alguma vez curou alguém que tivesse convulsões?

-Ah, não. Mas causei convulsões e, ah... - olhou para Emily, como se não estivesse convencido de que devesse falar em sua presença.

Jane pensou que, se podia administrar uma corrente elétrica, também podia contar o que fazia. Fez um gesto de que continuasse.

-É uma teoria minha, entende? O fluxo da corrente galvânica. Tem uma direção. Se a corrente pode causar convulsões fluindo em uma direção, é muito provável que, se alguém tiver uma convulsão, possa parar aplicando uma corrente igual e contrária na direção oposta. É uma simples aplicação das leis de Newton. Com experimentação suficiente, estou seguro de que poderei calibrar a quantidade exata que devo aplicar.

-Está seguro? - perguntou Jane, duvidosa - "Seguro" é a palavra apropriada para descrever sua teoria?

-Estou... esperançoso - emendou ele - Tenho muitas esperanças de que dê certo.

Possivelmente há uns anos atrás Jane o teria deixado tentar. Mas tinha ouvido uma dúzia de homens fazer afirmações iguais, grandiosas e ridículas sobre diferentes formas de torturas que certamente curariam os ataques de sua irmã. Nenhum dos tratamentos tinha funcionado e todos tinham sido dolorosos. E ali estavam as queimaduras de Emily para prová-lo. Jane fez uma careta.

-Deixa ver se entendi – disse - Você se propõe aplicar na minha irmã todas as descargas elétricas que queira, durante um período de tempo

indeterminável, seguindo uma teoria para a qual não tem mais que uma mera hipótese.

-Isso não me parece justo - protestou ele - Nem sequer tive a oportunidade de...

-Oh, não! - exclamou Emily, tomando por fim a palavra - demonstrou que podia me causar uma convulsão com sua corrente. Eu disse que não era o mesmo tipo de ataque que eu tenho. A sensação era muito diferente. Mas, depois de tudo, só é meu corpo. O que vai acontecer?

Jane não podia falar por causa da raiva negra que a envolveu. Queria proteger Emily. Por que seu tio tinha que levar aqueles imbecis ali?

-Exatamente - disse o impostor - O perito em galvanismo sou eu. O que ela sabe?

Jane se lembrou de um homem que tinha insistido em que as convulsões eram uma invenção da mente de Emily. E partindo dessa base, tinha insistido que só tinha que lhe oferecer um incentivo para que parasse. E sua versão do incentivo tinham sido as queimaduras no braço de Emily, que eram iguais as que tinha na coxa. O que fez Emily, afinal?

-Bem – a voz de Jane tremia - Só me ocorre um modo de descobrir o que você sabe Emily.

-Como diz? –o falso doutor moveu a cabeça.

Jane se esforçou para não olhá-lo com desprezo.

-Proponho que façamos a loucura de perguntar a ela. Emily, qual a sua opinião sobre o tratamento?

O tremor das mãos de Emily respondia por si só à pergunta. Jane reprimiu sua fúria e esperou a resposta de sua irmã.

-Prefiro ter os ataques, obrigado.

Nesse caso, com todo o respeito, queria que o falso doutor Fallon fosse para o inferno. O único problema era como enviá-lo pra lá. Voltou-se para ele.

-Muito obrigado – disse - mas já não precisamos de seus serviços.

Ele pareceu escandalizado. Olhou um de seus frascos de aroma forte, em seguida olhou para Emily e depois para Jane.

-Não pode me despedir - disse por fim - Esta é minha oportunidade. Posso escrever isto, fazer meu nome...

Havia uma boa razão para que Jane levasse sempre algumas notas em seu bolso interior. Naquele momento as tirou, desdobrou e as entregou.

-Não o estou despedindo, doutor Fallon. Se partir agora mesmo, pode levar estas vinte libras. Só tem que dizer a meu tio que decidiu que seu tratamento não é o adequado para o estado de minha irmã. Ele pagará você, e eu lhe pagarei e todos sairemos ganhando.

O homem coçou a cabeça.

-Mas como posso saber se meu tratamento é ou não adequado se não experimentar mais?

Jane teria gostado de lhe dar um bom discurso diplomático. Ela teria gostado de ser uma perita em olhares de paquera e sorrisos inocentes. Mas não era. Era bastante torpe naquelas formas de persuasão. O que ela era boa era em distribuir dinheiro e opiniões.

-Não saberá – respondeu -Terá que viver na ignorância. Isso é o que significa aceitar um suborno. Eu lhe dou dinheiro e você diz às mentiras que tem que dizer.

O falso doutor arregalou os olhos.

-Mas isso seria desonesto! - protestou.

Deus! Seu tio tinha encontrado um charlatão honesto para variar. Outros se mostraram encantados por aceitar o dinheiro.

-Vinte e cinco libras – falou Jane -Vinte para você e cinco para que doe na paróquia para limpar sua consciência.

Ele vacilou.

-Vamos - disse Jane - quer que os pobres da paróquia sofram simplesmente porque você não teve a coragem de sair desta casa?

Ele estendeu a mão com os dedos estendidos para o dinheiro. Mas antes de chegar a pegá-los, afastou a mão e moveu a cabeça, indignado.

-Este é um lar de ímpios - disse com voz trêmula.

Jane o teria esbofeteado de boa vontade. Ele nem sequer era um doutor de verdade. Queria torturar sua irmã, e a ímpia era ela? Possivelmente devesse lhe oferecer trinta libras.

Mas Emily sorriu e o olhou com ar inocente.

-Oh! – disse ela, com voz ingênua - sim. É verdade. Todos nós falamos mentiras sempre. Você não vai querer ficar aqui. Poderia ser contagioso.

Jane pensou que, paradoxalmente, sua irmã dizia a verdade.

-O melhor que você pode fazer é aceitar nosso dinheiro sujo e se afastar de nossas desprezíveis mentiras - continuou Emily.

Ele a olhou um momento e em seguida olhou para Jane.

-Pegue - Jane acrescentou uma terceira nota aos que já tinha na mão estendida - Trinta libras. Vá agora. Ainda pode chegar para pegar o trem das seis.

O homem vacilou. Mais não disse nada.

-Alice recolherá suas coisas, não é, Alice?

A jovem estava sentada ao lado da janela, presumivelmente para ser a acompanhante de Emily quando a jovem estivesse a sós com o doutor. Mas,

como todos os empregados do lar dos Fairfield, reconhecia uma oportunidade de ganhar um dinheiro extra quando se apresentava. Ficou em pé de um salto e se aproximou. O doutor Fallon não fez nenhum gesto para impedi-la de envolver seus frascos em algodão.

-Bem eu não tenho certeza – disse - Isto não me parece certo.

-Pois se prefere ficar - interveio Emily - você é bem-vindo.

Jane olhou para sua irmã, surpreendida.

Alice retirou os cabos conectados de Emily e esta ficou em pé. Deu um passo vacilante para a porta. Jane teria admirado sua interpretação, mas as tiras de algodão que estavam penduradas no braço arruinavam grande parte do efeito.

-Como você já disse, somos um lar ímpio. Rezamos a BA'ao - disse Emily com calor - Todas as noites. E a Apolo, o deus do sol, ao amanhecer. Nós gostaríamos muitíssimo que se unisse a nós.

Jane teve que apertar os lábios para não rir.

-Há tão poucos pagãos na Inglaterra! E você pode ser uma boa adição...

O doutor Fallon se ruborizou profundamente e tomou o dinheiro da mão de Jane.

-Tem razão - disse com frieza - Não posso... não devo continuar nessa casa.

Alice lhe estendeu sem nenhuma palavra a mala de vime que tinha empacotado, onde já estavam os instrumentos do médico charlatão.

-Estou indo - declarou este - Por mais que me supliquem, não voltarei aqui até que se arrependam e aceitem...

-O que está acontecendo aqui?

Jane e Emily se voltaram para a porta. Santo Deus! Só faltava aquilo para que a farsa fosse completa. Seu tio Titus tinha entrado no quarto e olhava confuso a seu redor. Olhou o doutor Fallon, que movia uma mala de vime que cheirava a ácido, olhou o dinheiro que agitava entre os dedos e depois para Emily, que sorria para o doutor de forma cativante.

-Moças - insistiu Titus - O que está acontecendo aqui?

-Esta casa! - exclamou o doutor Fallon - Esta casa é um lugar de infâmia pagã. Mentiram, seduziram-me... – olhou o dinheiro que tinha em suas mãos e os apertou contra seu peito - Subornaram-me - disse com voz rouca – Lavo minhas mãos de todos vocês; que o diabo os leve a todos.

Assim dizendo, foi para a sala e saiu pela porta. Jane pensou que isso era o melhor que poderia ter ocorrido, pois se tivesse ficado, possivelmente haveria explicado a Titus que sua frase de suborno era certa em um sentido literal.

Seu tio o viu partir surpreso. Esperou até que ouviu fechar a porta principal e se voltou para Jane e Emily.

Jane pensou que aquilo ia ser complicado. Muito complicado.

-Eu estava em meu quarto - disse com cautela - E ouvi ruídos. Esse homem vociferava coisas sem sentido.

-É verdade - assentiu Emily - Eu estava aqui sentada esperando que chegasse um ataque para que pudesse provar seus métodos e de repente se pôs a me apontar com o dedo e fazer todo tipo de acusações horríveis.

Emily mentia melhor, assim Jane a deixou continuar.

-Não sei o que provocou esse surto - seguiu Emily - Mas não deixava de me olhar e de murmurar para si que eu tentava seduzi-lo. Mas eu não fazia nada. Estava aí sentada sem fazer nada.

Jane pensou que era uma boa história. Emily era extraordinariamente bonita, e até Titus entendia o que isso significava. Assentiu com a cabeça, enrugando a testa em um gesto de apoio.

-Oh! - exclamou. Mas não disse que entendia. Franziu a testa e enrugou o nariz - por que tinha dinheiro na mão?

-Quem sabe de onde os tirou? - perguntou Emily - Já tinha começado a falar de BA'ao. Sem dúvida pensava recorrer também a Mammón.

Era muito. Enquanto Emily falava, Jane a olhou e seus olhos se encontraram. Foi um olhar cúmplice que jamais teria como descrever. Um olhar que só uma irmã podia compreender, um olhar ardiloso, feliz e com raiva, tudo de uma vez. Um olhar que fazia Jane saber que não estava sozinha no mundo.

Foi muito. As duas puseram-se a rir involuntariamente.

-JANE - SEU TIO MOVEU a cabeça - Jane, Jane, Jane. O que vou fazer com você?

Em vez de dá sua opinião, Jane, que pensava que já se criou muitos problemas por um dia, olhou para o escritório de Titus.

Não sabia por que ele o chamava de escritório. Afinal, não trabalhava ali. Tinha alunos, mas raramente se encontravam ali. As únicas vezes que trabalhava era quando se apaixonava por uma ideia que tinha ouvido em uma conferência. Quando Jane tinha chegado naquela casa, seu tio tinha passado meses falando da análise que fazia um homem de La Odisseia. Em outra ocasião havia se sentido fascinado pela dissertação de outro orador sobre os operários e o capital. Tinha lido sobre o registro e colocado suas ideias em um caderno, mas no final sempre acabava por desistir do que fazia e passava para outra coisa que lhe chamasse mais a atenção. Não importava qual fosse o tema ele sempre

embarcava, seu tio nunca mudou. Sempre levava o que fazia muito a sério e imaginava que sua participação, por pequena que fosse, seria vital para a saúde intelectual do país.

As discussões entre eles seguiam em grande medida o mesmo padrão. Jane tinha perdido a conta dos números de vezes que tinham tido aquela conversa em particular.

-Jane - disse Titus - Estou muito decepcionado com você.

Ela sempre tinha sido uma decepção para ele desde que aceitou ser tutor de duas garotas dois anos atrás.

-Esse foi um esforço honrado por parte de um homem bom que estava disposto a aceitar uma paciente que oferecia tão poucas recompensas como Emily - continuou seu tio.

-Te ocorreu lhe pedir suas credencias? - perguntou Jane - Ou falar com algum paciente feliz que ele tenha curado?

É obvio que não. Ele a olhou surpreso.

-Era um bom homem - repetiu.

- Eu não tinha me dado conta de que houvesse uma escassez de doutores dispostos a fazer experimentos com minha irmã - disse Jane.

Imediatamente mordeu o lábio inferior. Já era suficiente. Não havia motivos para antagonizar ainda mais. Era melhor ficar em silêncio. Ele moveria a cabeça e se declararia decepcionado. E depois esqueceria o tema e se concentraria na questão de que mapa do mundo deveria comprar para enfeitar a parede sul de seu escritório. Durante meses não falava de outra coisa que não fosse de projeções e cartógrafos e depois acabaria por decidir o que achava melhor.

-Até este momento te perdoei muitas, muitas vezes - ele moveu a cabeça com ar sombrio - É tão teimosa como era de se esperar da indelicadeza de seu nascimento. Sempre confiei que prevalecessem meu tipo e cuidados com a paciente e terminou por trocar seu comportamento - juntou os dedos das duas mãos e levantou os olhos - Começo a me desesperar por esse objetivo.

Ela adotou uma expressão contrita.

-Sinto muito, tio - disse, com toda a humildade de que foi capaz - Eu tento.

Quanto antes pedisse perdão, poderia dá por finalizada aquela conversa. A única coisa boa de ter um tio crédulo era que Jane normalmente podia sair de qualquer problema pedindo perdão.

Mas ele não passou o seu sermão habitual, um sermão que ela quase sabia de cor. Não falou novamente sobre as tendências imorais que ela tinha

herdado claramente de sua mãe, tendências contra as quais tinha que estar em guarda. Em vez de fazer isso, franziu a testa.

-O que me preocupa desta vez – disse - é que parece ter colocado sua irmã em uma de suas estratégias.

Jane respirou fundo.

-Pensei que poderia ser uma boa influência para você, mas acho que está acontecendo o contrário. Seu comportamento está se estendendo a sua encantadora irmã. Suponho que, em sua inocência, imagina que sente afeto por ela.

-Mais é assim - declarou Jane - Não duvide disso, embora duvide de todo o resto.

Ele se limitou a mover a cabeça.

-Se a amasse – disse - não a arrastaria no seu caminho escuro.

-Que caminho escuro?

-O caminho das mentiras - disse Titus gravemente - ensinando sua irmã a mentir.

Emily não precisava que ninguém lhe ensinasse isso.

-Se isso continuar assim - disse Titus - terei que enviar você para minha irmã. Lily não é tão amável como eu. Não permitirá que você vá de festa em festa sem estar comprometida. Não para de me dizer o quanto estou errado com você. Ela casaria você em um abrir e fechar de olhos.

O casamento, qualquer casamento, seria já por si só bastante ruim. Como mulher casada, não poderia viver na casa de seu tio. Seu marido poderia afastá-la de Emily durante meses. Mas o casamento com um homem que escolhesse sua tia...

Jane agarrou as saias debaixo da mesa.

-Não – disse - Por favor, tio. Não me tire daqui. Você está errado. Estou tentando.

Em vez de aceitar suas desculpas, ele moveu a cabeça como se Jane tivesse acabado por esgotar toda sua credulidade.

-Jane, subornou um bom doutor para que mentisse - disse com paciência levantando um dedo - convenceu sua irmã para que dissesse mentiras sobre nossos hábitos de oração, quando eu tenho feito todo o possível para educá-las como boas cristãs - levantou outro dedo – Interrompeu o tratamento antes que ele tivesse a oportunidade de comprovar o efeito de seu tratamento em Emily. O tratamento que descreveu poderia dá certo.

-Era pura falsidade - respondeu Jane - Ia submetê-la a uma corrente elétrica tio; e pensava fazê-lo repetidamente só para ver que efeitos produzia isso.

Sabia que não deveria ter falado, que não devia discutir. Mas dessa vez ele não brigou por sua obstinação. Em vez disso, moveu a cabeça com tristeza.

-E isso não é tudo. Até eu, que me sinto insultado pela loucura da alta vida social, ouvi histórias sobre seu comportamento.

Só Titus poderia qualificar os poucos jantares que se davam em Cambridge como "a alta vida social". A maioria das reuniões que aconteciam ali não eram apropriadas para as jovens porque nelas participavam homens jovens que agiam como adultos pela primeira vez em sua vida.

Titus tinha uma renda de algumas milhares de libras esterlinas ao ano. Graças a isso, não precisava trabalhar, em consequência, não tinha se incomodado em tê-la. Tinha desfrutado tanto de seus anos em Cambridge que queria se manter conectado com a universidade. Considerava-se um professor. "Um tutor para os meninos apropriados", como dizia frequentemente.

Esse ano só tinha tido um menino assim, e Jane suspeitava que seu tio gostava disso. Assistia a conferências e procurava sem muitos esforços estudantes que quisessem sua ajuda com o estudo das leis. Em geral imaginava a si mesmo mais importante do que era.

- Por que não gosta de ninguém? - perguntou.

Aquelas palavras incomodavam Jane. Embora fosse uma reputação que vinha cultivando assiduamente, encolheu-se quando ouviu.

-Minha informação não diz que seu comportamento seja indecente - disse seu tio - E lhe agradeço por isso. Mas há comportamentos indecentes e comportamentos inaceitáveis; e parece que o teu entra na última categoria.

Aquela injustiça doeu em Jane.

-Uma dama sensata - continuou seu tio - não insulta jamais a um cavalheiro. Não fala quando falam seus superiores. Come muito pouco e sempre com a boca fechada. Sempre sabe que garfo deve usar. Não usa nunca as mãos, exceto quando é apropriado.

-Apropriado! - exclamou Jane - E como acha que devo saber o que é apropriado? Todas as demais garotas tiveram uma governanta desde que nasceram. Algumas frequentaram as escolas de senhoritas e outras aprenderam com suas tias, mães e irmãs... com pessoas dispostas a passar com elas os anos necessários para assegurar que conheçam todas as regras. Como fazer reverências e a quem. Como comer, como falar com os outros.

Jane respirou fundo, mas isso não acalmou sua dor. Aquilo não era justo. Não era.

-Meu pai - disse - afastou a sua esposa e a suas filhas durante dezenove anos. Minha mãe morreu quando eu tinha dez anos. Durante nove anos depois disso, vivi em uma casa isolada, suplicando a meu pai que fizesse algo comigo.

Não tive governanta e não aprendi regras – sua voz tremia - E logo você me herdou e decidiu que tinha que me casar. O que imaginava que aconteceria quando me lançasse à boa sociedade sem ter sido treinada?

-Uma verdadeira dama saberia... - disse Titus.

-Não, não saberia. Se fosse assim, não haveria escolas para senhoritas. Os bebês não nascem sabendo fazer reverências. Não nascem sabendo que tipo de conversas não são permitidas.

Ele se mostrava obstinado.

-Eu não sabia - prosseguiu ela - Não sabia nada. Você me lançou à sociedade sem preparação nem instrução, e agora tem a ousadia de me criticar porque não sei atuar?

-Jane - disse seu tio - Não quero voltar a ouvir esses disparates desrespeitosos nunca mais.

A jovem abriu a boca para continuar discutindo; mas recordou que não serviria de nada. Ele já tinha tomado uma decisão. E, além disso, sabia que, apesar de suas palavras ofensivas e apesar de como tinham começado as coisas, ela tinha uma grande parte de responsabilidade em sua reputação. Ela tinha escolhido aquilo. Em sua maior parte.

-Acredito - disse Titus - que te darei outra oportunidade. Todos meus impulsos racionais me aconselham contra isso. Não permitirei que sua irmã siga seus passos. Mas... - suspirou.

-Se a deixasse sair. Está...

Titus a olhou.

-Chega disso. Ela é muito frágil para permitir que saia. Vou dar outra oportunidade, Jane. Não a gaste antes de sair desse quarto.

“Cale-se, Jane. Aprenda quando tem que se calar”. Ela fechou a boca e engoliu seus protestos.

-Viva como é devido, Jane - disse ele - Deixe de discutir. Deixe de influenciar sua irmã para que se comporte mal. Faça todo o possível pra se prometer a um homem. Pode ser que seja grossa, mas tem dinheiro e suponho que isso ajudará. E se eu descobrir que subornou a outro doutor... - deixou a frase sem terminar.

-Não será assim - prometeu Jane - Não ficará sabendo de nada, prometo. Não saberá. Da próxima vez, ela subornará com mais cuidado.

Quatrocentos e setenta e um dia mais assim. Como ia manter aquela fachada um ano e meio? Estava furiosa, nervosa e incrivelmente cansada.

-Sim, tio – disse - Farei tudo o que disser.

CAPÍTULO 7



ESSA NOITE HAVIA UMA REUNIÃO, uma festa de homens e mulheres jovens. Oliver tinha ido e ainda não sabia por que. Suspeitava que para ver a senhorita Fairfield, mas quanto a suas razões para isso...

Não tinha intenção de aceitar a oferta de Bradenton. Encontraria outro modo de convencê-lo. Além de tudo, Bradenton podia ser razoável.

"O que te pediu não é razoável".

Oliver afastou aquela voz. Tinha visto como a senhorita Fairfield ficou pálida quando sua empregada lhe disse do doutor do galvanismo. Oliver sabia que tinha acontecido algo horrível. Bradenton teria que ser razoável e ponto.

Mas e se não fosse?

Oliver moveu a cabeça. Seria.

O salão da festa era menor que a maioria dos salões de baile de Londres. Mas também havia muito menos gente, não mais que uma dúzia de casais e umas quantas estavam a caminho. Todos já tinham se misturado e feito às apresentações. Algumas senhoritas olhavam timidamente em direção a Oliver. Desde que ficaram sabendo que era filho de um duque, o interesse por ele tinha aumentado. Falou com elas sem muita vontade. Possivelmente teria gostado de sua conversa se não tivesse esperando à senhorita Fairfield.

E não era porque queria vê-la.

Era bastante agradável vê-la, ao menos as partes dela que não cobria com aquela roupa odiosa. Na livraria tinha adorado sua conversa. Gostou tanto que não olhou o espantoso desenho de seu vestido do dia.

E naquele momento a esperava com impaciência parecia um pouco exagero para tratar de simples curiosidade.

Quando já começava a se desesperar pela chegada dela, viu-a entrar no salão.

Ao vê-la ficou tão atônito que não pôde sair do lugar. Ninguém mais notou sua chegada. As damas falavam, os cavalheiros ofereciam seus braços... Muitos levantavam os copos e bebiam deles.

Então um homem levantou os olhos e depois outro. As damas viraram a cabeça. Não houve comentário. O vestido que Jane estava ia além dos comentários. O próprio Oliver teve que fazer um esforço enorme para fechar a

boca. O silêncio percorreu o salão. Era um silêncio ativo e elétrico, o silêncio que se produzia entre o golpear do raio e o estrondo do trovão.

O corte do vestido não lhe significava nada. Era bem mais modesto em termos de renda. Não tinha mais desenho que uns ramos de videira na bainha. Mas além das hastes verdes, o vestido era rosa brilhante como... como... como...

Oliver não encontrava nenhuma comparação apropriada. Não havia nenhuma outra coisa que tivesse esse rosa brilhante. Era um tom de rosa furioso, um tom que a natureza não tinha criado. Era um rosa que violentava a noção dos recatados tons pastel. Não era só um grito de atenção; era um rosa que se aproximava e golpeava a cabeça do seu espectador.

Esse rosa produzia dor de cabeça em Oliver e, entretanto, não conseguia desviar o olhar.

O salão era bastante pequeno para que ouvisse as palavras de saudação das pessoas.

-Senhorita Fairfield - disse uma mulher - Seu vestido é... muito rosa. E o rosa é... uma cor encantadora, não é? - disse a última frase com tom melancólico, como se chorasse na lembrança do verdadeiro rosa.

-Verdade que é adorável? - disse a senhorita Fairfield com a voz bastante alta para ser ouvida por todos - Perguntei à senhorita Genevieve e me disse que o rosa sempre é apropriado para uma debutante.

-Bom - respondeu a primeira mulher- certamente, há muito rosa nesse vestido.

-Sim - respondeu à senhorita Fairfield com voz alegre - Eu também acho isso.

Todo mundo a olhava. Todos os presente. Não havia nenhuma só pessoa que pudesse tirar os olhos daquele vestido.

Se não houvesse tanto tecido, teria sido suportável, mas a costureira não economizou material. Não eram só rosa o corpete e a saia, também era a faixa excessiva que levava na cintura; tudo rosa, sem exceção, um lado que dava a volta e tinha sido decorada para destacar do resto do vestido. Tinha laços rosa com beirada de rendas rosa.

Havia tanto tecido rosa horrível! E tudo nele era brilhante.

A jovem sorria, como se estivesse orgulhosa daquele vestido e não tivesse nenhuma noção de que ela era a causa de todas as risadas nervosas que se ouviam.

Oliver tinha visto uma vez um homem comendo um limão. Ele tinha secado a boca em uma resposta solidária e tinha afastado os olhos. Olhando aquele vestido sentiu o mesmo. Ela não se mostrava nada tímida. Vestia um

vestido que gritava por atenção, falava com voz muito alta e não mostrava nenhuma reação quando todos os presentes a olhavam com a boca aberta.

Continuava sem se importar com o que os outros pensavam, acabaria se irritando. Começou a circular pelo salão cumprimentando as pessoas. Um cavalheiro fez um gesto grosseiro a suas costas: um gesto com a mão no ar que resultava muito vulgar para um salão de baile, e as gargalhadas que seguiram tinham um sabor desagradável.

A senhorita Fairfield sorriu como se tivesse feito algo fabuloso.

Não, aquela mulher não ia se queimar.

Já tinha se queimado. Estava ardendo. Sorria e ria e não se importava com o que pensassem dela. Era tão doloroso olhá-la como tinha sido olhar ao homem que chupava tranquilamente um limão e comia as rodela uma por uma como se aquilo não tivesse nada de estranho. Oliver queria lhe dizer que não lhe faria mal, que não era esse tipo de homem. Mas naquele momento só desejava empurrá-la mais longe possível dele para não ter que ver nunca mais aquilo nem ter que ouvir aquelas risadas.

Lembrava-se de como riram dele. Lembrava muito bem o que tinha acontecido com ele. Os grupos de meninos que zombavam dele quando podiam pegá-lo sozinho.

Não. Não podia ver aquilo. Ele se virou.

Mas não adiantou de nada. Ainda podia ouvi-la.

Ela saudou a anfitriã com voz alegre.

-Senhora Gedwin - disse em voz muito alta - estou encantada de ter sido convidada. E que lustre de cristal tão encantador você tem! Arrumado pareceria quase nova, se tivessem tirado o pó recentemente.

Oliver apertou os punhos. "Deixa de jogar com fogo, garota estúpida, ou acabará sofrendo".

-Santo Deus! - disse uma mulher perto dele - Até as luvas combinam.

Sebastian havia dito que a natureza escolhia suas cores mais brilhantes como uma advertência. "Não coma, sou veneno". Se isso era certo, a senhorita Fairfield acabava de anunciar que era a mariposa mais venenosa que tinha adornado os salões de Cambridge. Caminhava pelo salão deixando em seus passos olhadas surpreendidas e comentários cruéis.

Quando chegou até ele, a cabeça de Oliver doía. Que diabos! Não havia necessidade de Bradenton lhe oferecer seu voto, sentia-se capaz de afastar tudo aquilo simplesmente para não se ver obrigado a ouvir como riam dela.

-Senhor Marshall - disse a jovem.

Ele pegou sua mão e inalou. E talvez fosse aquilo o que lhe fez recuperar o sentido comum. Entre tudo o que era desconhecido nela, havia algo

que reconhecia: o aroma de seu sabonete, que mesclava aroma de lavanda e hortelã. Transmitia um conforto imediato e lhe dizia claramente como devia atuar.

Tinha prometido não mentir. E isso era o que tinha que fazer naquele momento: não mentir.

-Senhorita Fairfield - disse com um tom de voz normal-. Me alegro que esteja bem.

Ela sorriu.

Ele baixou os olhos um momento e voltou a olhá-la no rosto.

-Seu vestido, por outra parte... - respirou fundo -. Me dá vontade de matar, e não sou um homem violento. O que você está vestindo?

-É um vestido de noite - ela colocou as mãos enluvadas nos quadris.

-É o tom de rosa mais odioso que já vi em minha vida. Realmente brilha?

-Não seja ridículo - mas o sorriso dela parecia mais verdadeiro.

-Tenho medo que possa ser contagioso - continuou ele - Me deixa nervoso, pois tenho medo que a cor possa me pegar. Sinto um impulso incontrolável de sair correndo em direção contrária o mais rapidamente possível se por acaso meu colete é o próximo em se contaminar.

Ela começou a rir e levou uma mão em seus ombros.

-Isto ficaria maravilhoso em um colete, não é? Mas não precisa temer, a cor não é virulenta. Ainda.

-Como se chama essa cor?

Ela sorriu.

-Fucsina ácida.

-Até o nome soa repelente - respondeu Oliver - Me diga, que tipo de diabrura é a fucsina ácida?

Ela olhou a seu redor, para assegurar-se de que não havia ninguém perto para ouvir.

-É uma tintura - respondeu, como se isso não fosse evidente - Uma tintura nova, sintética, que se faz com algum tipo de carvão, acredito. Algum químico inteligente a criou com talento para o experimento e nenhum senso de elegância.

-É... - Oliver seguia sem encontrar palavras para a cor-. É malévolo. Muito.

Ela se inclinou para a frente.

-Está difamando a cor - sussurrou - Não o faça. Eu gostei muito. E aposto que todos os outros também gostariam se tivesse sido outra pessoa a primeira a usá-lo.

Oliver engoliu em seco.

-Talvez. Essa outra pessoa possivelmente o teria usado com mais moderação.

-Encomendei especialmente para mim. As luvas, as rendas... Pensei em pedir que costurassem pequenos brilhantes no corpete formando desenhos resplandecentes, mas... –encolheu os ombros.

-Decidiu que não queria carregar a responsabilidade de deixar a todos os presentes cegos. Obrigado.

-Não. Decidi que reservaria isso para o vestido verde berrante - levantou as sobrancelhas- Tenho que ir pouco a pouco, depois de tudo. Que sentido tem ser uma herdeira se não poço me dar ao luxo de fazer as outras pessoas sentirem vergonha?

Oliver moveu a cabeça.

-Sim, mas...

-É ainda mais surpreendente. Colocar um vestido assim e você ser o único que me diz na cara o quanto horrível ele é. Todos outros me felicitaram por ele. Aí vem outra pessoa; seguro que vem me felicitar por esta cor tão extraordinária.

Oliver moveu a cabeça.

-Senhorita Fairfield, deve ser difícil calcular a linha exata que não deve cruzar se quer impedir que a joguem à força para fora da festa.

Ela sorriu.

-Não tenho nada que calcular. Suportam-me por uma razão, só por isso. Eu o chamo a vantagem da herdeira.

A vantagem da herdeira. Possivelmente era aquilo o que ficou entre os sussurros maliciosos e os arrepios que Oliver sentia na nuca. Conseguiu sorrir.

-Senhorita Fairfield, você me dar medo. Seu guarda-roupa e você, os dois.

Ela deu um golpe no pulso dele com seu leque.

-É isso aí – disse - Assim posso repelir dúzias de homens de uma só vez sem ter que abrir a boca. E ninguém pode dizer que não seja recatada. Até tenho pérolas.

Oliver baixou os olhos. Se alguém perguntasse, diria que olhava as pérolas. Definitivamente, olhava as pérolas, que seu decote mostrava de um modo admirável. Um decote encantador de pele branca e aparência suave. Seus peitos conseguiam que até o odioso tecido rosa que os emoldurava parecesse digno de ser tocado.

-Senhorita Fairfield - disse depois de um momento de silêncio que se prolongou muito - Convidaria você pra dançar, mas temo que isso interromperia nossa conversa.

O sorriso abandonou lentamente o rosto dela.

-Há uma galeria – disse - Poderíamos sair. Faz algum frio, mas... Há mais pessoas tomando ar. Não muitas, mas estaremos à vista de mais pessoas. Se alguém perguntar, diga que está fazendo um favor à festa. Liberando os convidados do horror de me olhar por um quarto de hora.

Sorriu enquanto falava. Parecia falar a sério.

E Oliver... Oliver sentiu uma pontada no mais fundo de seu ser. Ele não era assim. Ele não a humilharia. Não o faria.

"Fará", sussurrou-lhe uma voz interior.

-Você não é horrível – disse - Seu vestido sim.

-ACREDITO QUE SEI POR QUE FAZ isto - disse o senhor Marshall pouco depois, quando saíram da galeria para afastar-se da pressão de outros convidados. Fez um gesto com a mão em direção ao vestido fucsina.

Jane esperava aquilo. Parecia um homem inteligente; não teria passado por cima da importante conversa que tiveram na livraria. Mas ele apertou os olhos e olhou a pedra Portland cinza da galeria, a balaustrada de pedra ladeada de árvores cobertas de sombras.

-Trata-se de sua irmã?

-Emily.

-E está doente.

-Doente não é a palavra apropriada. Tem convulsões. Sofre ataques e... - voltava a falar muito e optou por ignorar a longa explicação que tinha na cabeça.

-Não é epilepsia?

-Alguns doutores o chamam epilepsia - respondeu ela com cautela - mas viu a muitos. A única coisa que estão de acordo é que não sabem como curar seus ataques.

Ele assentiu pensativo.

-Então o que ouvi no outro dia estava relacionado com um experimento com ela? Os doutores querem lhe dar correntes elétricas?

-Entre muitas outras coisas – eram muitos tratamentos para enumerá-los. Muitos para que Jane pensasse neles sem sentir náuseas – eles tentaram sangrias, sanguessugas e poções que lhe fazem vomitar. Esses são os experimentos que são fáceis falar. Outros... - se fechasse os olhos, podia cheirar

ainda o atiçador queimando o braço de sua irmã. Ainda podia ouvi-la gritar - Não acredito que queira ouvir outros.

-Acho que seu tutor é favorável a experimentar e você não.

-Emily não quer - respondeu Jane com voz tensa - eu tampouco.

Esperava que ele discutisse aquele ponto. Que lhe dissesse o que sempre dizia Titus, que as garotas tinham tutores para que alguém pudesse as obrigar a fazer as coisas que não queriam fazer.

-Quase posso imaginá-lo - disse o senhor Marshall por fim - Minha cunhada, Minnie, a duquesa de Clermont... Mas seu título não importa.

Jane piscou, mas ele seguiu falando, como se chamar duquesas por seus nomes fosse uma coisa simples do dia a dia. E talvez fosse.

-O que quero dizer - prosseguiu ele, caminhando com ela ao lado de umas roseiras - é que a melhor amiga de Minnie está casada com um médico. O doutor Grantham e eu tivemos algumas discussões francas sobre a situação da medicina. Não acredito que seja possível falar com cinco doutores sem ouvir algumas práticas terríveis.

-Vinte e sete - murmurou Jane - já veio vinte e sete doutores e isso sem contar os que não tinham o título. É muito simples. Se me casar, a deixarei sozinha em casa. Eu tenho dinheiro, mas ela não. Como ainda não é maior de idade, se lhe der dinheiro, quem vai administrar será seu tutor. E tenho certeza que o usaria para procurar mais doutores. Por isso devo permanecer na casa, solteira, para poder suborná-los para que a deixem em paz.

Não era só isso. Lhe preocupava que sua irmã passasse muito tempo sozinha. Emily possuía muita vitalidade e a impossibilidade de sair a deixava inquieta. Além disso, necessitava de companhia, amigas de sua idade.

Oliver assentiu.

-Isso já tinha imaginado. Mas por que faz tudo isto exatamente? - assinalou as portas do salão - por que não diz simplesmente que não tem intenção de se casar?

Ela suspirou.

-É por meu tio. Ele é um homem muito certo com seus deveres. Só tolera minha presença porque acredita que está me fazendo um favor, me ajudando a encontrar um marido que freara minhas tendências. Mas eu já não estou sob sua tutela. Se quiser me jogar para fora de sua casa, pode fazê-lo.

-Suas tendências?

-Sou obstinada, teimosa e... e tendo em conta meu nascimento, teme que seja também potencialmente licenciada - disse ela depressa. Não levantou os olhos para ver como ele via aquilo. Provavelmente não deveria ter dito. Pensaria que...

Houve uma pausa.

-Encantador. Meu tipo predileto de mulher.

- Você é muito engraçado.

-Acredita que falo de brincadeira? - ele levantou as mãos - Não é uma brincadeira.

-Nenhum homem quer uma mulher que discuta com ele - disse ela - E certamente, não quer uma... uma mulher licenciosa.

O senhor Marshall pôs-se a rir.

-Você tem ideias muito estranhas do que querem os homens em uma mulher. A maioria dos que conheço preferem a uma mulher que goste de uma boa noite de... - interrompeu-se.

-Do que? - perguntou ela.

-De discussão - respondeu ele.

-Isso é ridículo - Jane sorriu - Tenho provas seguras de que está errado nesse ponto. Eu discuto com homens todo o tempo e me desprezam.

-Ah, vejo que agora começa a entender. Volte a me contradizer, senhorita Fairfield, e verá como eu gosto.

-Não é certo.

-Isso, querida, você não pode discutir. Podemos debater sobre as preferências gerais dos homens até o amanhecer, mas não podemos discutir sobre o que eu gosto porque eu sempre ganho.

-E por que isso vai me fazer parar? - perguntou Jane - Eu estou acostumada a perder.

Ele deixou de sorrir. Respirou fundo e a olhou.

-Sim, quanto a isso, estabelecemos por que não quer se casar, mas há muitos modos mais fáceis de uma mulher permanecer solteira. O que lhe fez escolher este?

Jane não esperava aquela pergunta. Nem sequer sua irmã tinha perguntado em nenhum momento por que tinha seguido aquele caminho concreto. E aquilo lhe trazia lembranças, lembranças que ardiam ainda se ela o permitisse.

-É um método que está comigo – respondeu por fim.

-Eu acredito que não.

-Não podemos discutir sobre o que eu gosto - replicou ela - Sempre ganharei.

-Senhorita Fairfield - não parecia que ele falasse seu nome como prelúdio a algo, a não ser simplesmente por dizê-lo, pelo prazer de pronunciá-lo. Ao fazê-lo moveu lentamente a cabeça e depois pôs sua mão sobre a dela.

Jane olhou a seu redor. Ninguém os olhava, e se alguém o fazia, veria duas pessoas ao lado de uma parede de pedra. Ele tinha jogado de um modo tão casual, que parecia que nem ele mesmo se deu conta. Mas ela sim. OH, ela sim. Respirou fundo.

-Senhorita Fairfield - repetiu ele - Me diga que você é feliz com sua escolha. Que não se importa que riam de você pelas costas. Diga-me que não está faminta de conversa racional. Me convença de que este papel que interpreta vai bem e será para mim um prazer concordar.

Jane achava que podia falar algo. Podia dizer que estava melhor sem a amizade de todos aqueles que eram tão malignos para zombar dela.

Podia utilizar aquele argumento, mas nem sequer poderia convencer a si mesmo.

Permaneceu imóvel, absorvendo o calor da mão dele, confiando que não notasse o que tinha feito e a retirasse.

-Não posso afirmar que me faz feliz, mas isto vai bem aos meus propósitos. Dizer tolices, não conhecer as regras, fazer coisas que não deveria, dizer o que se supõe que não devo dizer...

O senhor Marshall ficou em silêncio. E ela, é obvio, continuou falando. Era o que fazia sempre quando estava nervosa.

-Tudo isto começou antes que soubesse que precisava continuar solteira. Tinha dezenove anos quando cheguei á casa de meu tio. Ele ainda não tinha contratado um montão de doutores para que vissem minha irmã – engoliu em seco - Meu tio, por uma série de razões, tinha uma má opinião de mim no começo. Queria que me casasse e eu estava encantada em obedecer. Queria uma família, uma casa própria. Tinha vivido toda minha vida em uma propriedade isolada. Não tinha ninguém com quem conversar além de minha irmã. Queria amigas.

Pensava que ele não sabia que a estava tocando, mas a mão dele lhe apertou os dedos. Ela baixou os olhos para ele, em vez de afastar a mão, entrelaçou os dedos com os dela.

-Nunca tinha tido governanta, não tinha aulas de etiqueta. Meu tio me comprou um livro - riu com suavidade - Esse livro tinha dezesseis anos.

-Acho que sei aonde vai parar isto.

-Não tinha ninguém que me falasse sobre vestidos. Eu só sabia o que eu gostava e o que eu gostava era horroroso - Jane fechou os olhos - Por exemplo, eu gosto deste vestido. Sim, é extravagante, mas... Tinha muito mau gosto e o dinheiro para satisfazê-lo; e minhas maneiras eram ainda piores. Eu era um desastre completo. Não pode nem imaginar até que ponto.

-Sim posso - respondeu ele - Deveria ter visto meus primeiros meses em Eton. Sempre tinha golpes. Até os dezessete anos vivia trocando socos, com as ameaças de meu irmão foi que aprendi a me comportar, não me vi atacado diariamente.

-Nunca tive boa memória para nomes, mas quando chamei acidentalmente senhor Smith de senhor Sanford, qualquer um diria que tinha parado uma carruagem em alta velocidade. Comia as comidas erradas, fazia pergunta sobre o comercio em companhia de homens. Sempre falei muito, e quando estou nervosa, tenho dificuldade pra parar. É surpreendente como fiz tudo errado? Começaram com a "herdeira das plumas" no primeiro mês. Ouvia constantemente, na minha frente e pelas minhas costas: "É como ser golpeado até a morte com plumas". Jogavam um jogo que os meninos deveriam falar comigo em grupo. E perguntavam: "O que preferiria estar fazendo neste momento?". Respondiam: "Oh, preferiria estar sendo atacado por leões", "preferiria me banhar em uma banheira de ácido, e você?" Como se eu fosse tão estúpida que não me desse conta de que falavam de como me odiavam.

-Jane - o polegar dele roçou na lateral da mão dela.

-Não fique com pena de mim - ela levantou o queixo e expulsou aquele sentimento frio e de seu coração - Eu não o faço. Quando pensava o quanto minha irmã precisava de mim, dava graças a Deus por ter um método tão fácil para evitar o casamento. Pensavam que era horrível? Pois seria horrível. Queriam se espantar com minha ignorância? Pois eu lhes daria algo para se espantar. Usavam meus defeitos para rir então eu causava exageros. Quanto mais zombavam de mim, mais fácil seria continuar exagerando.

Sua voz tremia. E o polegar dele continuava com suas carícias gentis. Para cima e para baixo. Para cima, e para baixo.

-São umas víboras - disse Jane com ferocidade -. Eu os odeio. Os odeio. Eu não escolhi este papel, senhor Marshall, mas ele me escolheu e eu o utilizei.

Ele não disse nada por muito tempo.

-Sei o que está pensando - comentou ela, falando depressa - Que eu o tratei igual no dia que o conheci. Você não me fez nada e eu...

Ele negou com a cabeça.

-Não estava pensando nisso.

-Sei que estava errada - disse ela- Mas neste momento tudo em minha vida está tão mal que fazer algo apropriado seria muito difícil. Não sei quando deixei de interpretar um papel e o papel começou a me interpretar. Mas agora não vejo como posso parar. Todo mundo espera que eu seja outra pessoa. Estão seguros disso. Esse é o problema, sou horrível - molhou os lábios- E não vejo nenhum modo de ser outra coisa.

Senhor! Não tinha sido sua intenção falar tanto. Nem sequer quando se imaginou contando tudo a ele. Fechou os olhos com força.

-Sinto muito. Não pretendia me queixar para você. Não faço mais que falar e falar. Você apenas me conhece. Tem coisas muito mais importantes pra fazer. É sozinho e... é tão encantador!

Jane estremeceu quando se ouviu dizer aquilo. Se perguntou o que ele pensaria dela. Sem dúvida que era muito licenciada. Muito direta...

-Quero dizer que você é sincero e digno de confiança, enquanto que todos os outros foram... -falando outra coisa não estava melhorando.

-Senhorita Fairfield - disse ele.

Sua voz era tão profunda como a noite que os rodeava e ela o olhou.

Não parecia aborrecido por sua confissão. Nem sequer parecia divertido por suas palavras. Parecia... Jane não estava segura de qual era a expressão de seu rosto. Seus olhos eram claros, tão claros que à luz da lua resultavam quase incolores.

Afastou a mão dela.

-Nunca confie em um homem que afirma que tem noventa e cinco por cento da verdade.

Suas palavras foram como um jarro de água fria. Havia algo sombrio em seu rosto, algo que ela não chegava a compreender. Olhou-o atentamente.

-O que quer dizer? - perguntou.

-O que faria se eu contasse a todo mundo esta conversa? Se acredita que sua situação é impossível agora, enquanto a consideram meramente ignorante, o que acha que fariam se soubessem que tem feito tudo isto de propósito?

Jane abriu a boca para responder, mas voltou a fechá-la devagar.

-Você não o diria.

O senhor Marshall negou com a cabeça.

-Senhorita Fairfield, por que acredita que fui amável com você? - perguntou.

-Porque você é... Quer dizer... - ela engoliu a saliva- Quer dizer que não é só porque você está preocupado?

-Não. Se eu pudesse escolher, a teria evitado depois daquela terrível primeira noite. Falei com você porque Bradenton me pediu que o fizesse.

Ela retrocedeu um passo involuntariamente.

-Bradenton! O que tem a ver ele com isso?

-Acredita que você precisa aprender qual é seu lugar. Me propôs um acordo: seu voto no Parlamento em troca de que desse uma boa lição em você. Falei com você para descobrir se podia fazê-lo.

A cabeça de Jane dava voltas. Deveria ter percebido. Aquilo não era real. A mão na dela, o olhar nos olhos dele... Nada daquilo era real. Ele tinha sido muito amável e ela era...

Sacudiu a cabeça para afastar aqueles pensamentos.

-Mas se pensasse aceitar essa oferta, não me contaria nada.

Ele apertou os lábios. E a pegou pelo braço.

-Caminhe comigo - disse.

Não havia muito lugar para passear, só um circuito pequeno ao redor da varanda. Mas quando chegaram ao final, ele se deteve e fez um gesto para que se sentasse em um banco. Tinha-a levado onde ninguém mais pudesse vê-los. Olhou a seu redor e se sentou a seu lado.

-Há algo que deve saber - nesse momento não a olhava, fixou os olhos no céu noturno - Eu digo a mim mesmo a mesma coisa que você acabou de dizer, que eu não faria isso. Mas houve uma vez... Eu tinha quinze anos e estava em Eton.

Inclinou-se para frente e apoiou os cotovelos nos joelhos.

-Não me encaixava ali. Meu irmão e meu primo faziam o que podiam, mas quando eles não estavam, tinha que me cuidar sozinho. E o fazia. Havia muitos meninos que não tinham nascido em boa posição social e nos unimos para nos defender. Passeávamos juntos, trabalhávamos juntos, respirávamos uns aos outros para ter nossos dias suportáveis.

-Nenhum dos adultos intervinha para parar os outros meninos?

Oliver se voltou e a olhou nos olhos.

-Os meninos são meninos, senhorita Fairfield. E em geral, as coisas que nos fizeram não eram muito horríveis. Nos davam rasteiras, insultavam-nos e às vezes nos golpeavam. O tipo de coisa que acontece com todos os meninos na escola. Só que com a gente isso era em doses maiores. O suficiente para que soubéssemos qual era nosso lugar.

Por alguma razão, apertou os lábios depois de dizer isso e demorou um momento para voltar a falar.

-Para mim era mais fácil que a maioria. Meu pai tinha sido pugilista e outros meninos aprenderam a ir com cuidado comigo. Não atacavam a menos que houvesse dois ou três juntos.

Jane reprimiu um suspiro horrorizado.

-Mas por muito bom que seja com os punhos, chega um momento em que você cansa dos golpes - continuou ele.

Jane estendeu o braço e pegou sua mão. Tinha medo que ele a afastasse, mas não o fez.

-Havia outro menino... Joseph Clemons. Era pequeno para sua idade e tímido. Escondia-se atrás de mim sempre que tinha oportunidade - o senhor Marshall suspirou - E sabe de uma coisa? Eu o odiava. Tentava não odiá-lo. Ele não tinha culpa que mexiam tanto com ele. Nem tampouco de que eu o defendesse. Não tinha a culpa de que seu pai era sapateiro nem de que ele, o menino, era o melhor em latim que tinha passado pela escola em dúzias de anos. Mas eu o odiava por me causar tantas dificuldades. Só o protegia por...

Encolheu os ombros. Apertou a mão dela. Jane supunha que ia dizer que o protegia por um sentido de justiça.

-Por rancor - disse ele - Uma briga não é nada. Duas brigas não são nada. Três anos de brigas te esgotam. Um dia encontrei Clemons com dois meninos maiores. Eu ia pará-los porque isso era o que fazia sempre. Mas Bradenton estava por perto. Disse-me: "Marshall, tudo o que você quer é a certeza de desafiá-los. Se afaste e deixe-os em paz" - levantou os olhos - Acredito que eu tinha chegado a um ponto que poderiam me dar qualquer motivo para me afastar dali e eu teria ido.

-Presumo que Bradenton estava errado.

-Oh, não - disse Oliver com suavidade - Tinha razão. Esses dois meninos em particular não voltaram a me provocar. Mas a Clemons... Não sei o que fizeram, mas quando saiu da enfermaria, já não voltou.

Ela soltou um suspiro.

-Então sim, senhorita Fairfield - ele a olhou -Você pode acreditar que sabe quem eu sou e o que estou disposto a fazer. Eu me digo continuamente que eu não sou esse homem, que não sou tão horrível para fazer mal a outra pessoa. Mas sei que sim eu sou.

Ela baixou o olhar.

-Não pode se culpar pelo que fizeram esses outros meninos.

-Essa não foi à única vez - disse ele com dureza - Qualquer um em minha posição, uma pessoa nascida sem poder aspirar mais... acredite em mim, eu não cheguei até aqui sem nunca ter traído os meus princípios. Aprendi a manter a boca fechada quando é pra fechá-la e a fazer o que pede um homem com poder porque ele o pede. Considero-me afortunado de ter sobrevivido ileso. Não se engane, senhorita Fairfield. Eu poderia lhe causar muitos danos.

Jane não disse nada durante um momento. Mas pela luz nos olhos dele, um brilho frio e sério, soube que falava a sério. A mão dele tinha um suor frio, mas ela a apertou.

-E por que me conta tudo isso?

-Porque acredito que o que lhe está acontecendo não é justo - a voz dele soava tensa - Porque por mais que me diga que eu nunca o faria, não posso

confiar plenamente em mim. A isca que colocaram em minha frente é muito tentadora. Estou-lhe dando a oportunidade de que saia correndo antes que minha ambição derrote meu bom julgamento.

Ela abriu a boca para falar, mas voltou a fechá-la sem dizer nada. O que ele dizia não tinha sentido. Não tinha nenhum sentido. A menos que...

Olhou nos olhos dele.

-Você é sempre tão sincero? - quis saber. Mas já sabia a resposta. Tinha-o visto no grupo com os outros. Sorrindo, falando, sabendo sempre o que tinha que dizer para que ninguém o olhasse com receio. Sabia como se encaixar com eles. Não podia ser sempre sincero.

-Você é especial - disse ele em voz baixa-. Eu odiava Clemons. O que sei de você eu gosto.

Ela levantou os olhos e ele estendeu a mão livre e lhe passou um dedo pelo rosto com gentileza.

-Há tão poucas pessoas no mundo que eu possa dizer toda a verdade que odiaria ter que deixar de fazê-lo com uma.

O que Jane sentia não era um calafrio. Um calafrio ficava só na pele, como quando arrepiava a ponta dos cabelos da nuca. Aquilo era uma experiência por todo o corpo. Como se os últimos anos tivessem esticado seus órgãos internos em um nó de sentimentos e ele acabasse de convencer que eles relaxassem. Encontrou-se inclinando levemente para ele. E desejando que aquele momento, aquele ponto de contato, durasse eternamente.

O senhor Marshall se separou e soltou sua mão. Jane sentiu de repente um frio nos dedos.

-Olhe - disse ele - Agora mesmo o estou fazendo - sua voz era baixa, quase como uma carícia - Se eu conto tudo, ao mesmo tempo, também pioro tudo. Não deveria deixar que a tocasse, senhorita.

Jane não queria que parasse. Engoliu em seco.

-Oh – disse - Muito bem - voltou-se. Não sabia o que pensar.

-Bem. Agora se zangou.

Ela negou com a cabeça.

-Suponho que deveria estar zangada, mas não estou. Não me surpreende que queria me trair, todos os outros já o fazem - riu, mas a risada soou muito aguda a seus ouvidos. Muito parecida com uma risada nervosa. Além disso, sentia uma ligeira náusea no estômago - Assim já sabe. Pode me trair, mas seria você meu traidor favorito até o momento.

Ele fez um ruído com a garganta.

-Deveria estar zangada, senhorita. Deveria me afastar com um empurrão.

-Senhor Marshall, ainda não se deu conta? Estou muito desesperada para me zangar.

Aquela frase soou atrevida e terrível na noite escura. Mas não soou patética. Quase parecia que dizer a verdade a fazia menos vulnerável.

- Se tivesse um montão de verdadeiros amigos, poderia me permitir um ataque de fúria - continuou ela - Mas o certo é que você só confessou que alguém lhe pediu para me fazer algo cruel e você considerou fazer isso. A maioria das pessoas não precisam pedir que sejam cruéis comigo, eles o fazem imediatamente.

-Maldição, senhorita Fairfield, escute o que lhe digo! Eu não quero isso. Não quero essa condenada tentação pendurada sobre minha cabeça. Não quero ser um homem que faça mal a uma mulher para obter um benefício pessoal. Me esbofeteie agora mesmo e acabemos de uma vez com tudo isso.

Jane encolheu os ombros.

-Você tem sua tentação, senhor Marshall, e aproveite. Não espero nada de você, mas ao menos no momento posso fingir que tenho um amigo. Que há uma pessoa no mundo além de minha irmã que se importa se eu acordo pela manhã. Se nunca estive privado disso, não tem nem ideia do que é não ter - olhou-o com olhos muito abertos - É maravilhoso ter alguém. E muito mais se for um homem como você.

Quando se deu conta do que significava suas palavras, ruborizou-se.

-Oh! - disse - Não é que eu espere... Não é que acredite... Quer dizer, você já me disse que sou a última mulher com a qual se casaria. E de todo modo não tenho intenção de me casar - tinha perdido o controle de sua boca. Colocou as mãos na boca e baixou os olhos- OH, Senhor! - exclamou.

Ele não disse nada durante um momento e Jane se perguntou se teria conseguido espantá-lo depois de tudo.

-Oh, Senhor! - repetiu, fechando os olhos com força - Por que sempre faço isso?

-O que você faz sempre?

-Falar. Falar muito. Falo como se minha vida dependesse de não fechar a boca. Falo, falo e falo e não posso parar nem sequer quando digo a mim mesma que devo me calar - soltou uma risada chorosa - Faço-o continuamente. Digo-me pra calar, mas geralmente estou falando muito para escutar meu próprio conselho.

Olhou-o. Ele a observava com uma expressão inescrutável.

-Fale - pediu ela - "Cale-se, Jane". Vê-o? Não é tão difícil.

-Continue falando, Jane - murmurou ele.

-Basta. Deixe-me seguir em frente.

-Você acha que se não parar, não vou devolver o favor? Você é inteligente e incisiva. E como eu não gosto de falar todo o tempo, não me importo de escutá-la.

-O que?

-Acredito que mandam calar-se tantas vezes que começou a falar sozinha.

-OH? - ela engoliu - Você acha...

-Você diz coisas que incomoda as outras pessoas. É obvio que querem que se cale.

-Eu não incomodo você?

Ele sorriu. Estendeu o braço e pousou o polegar nos lábios dela. Foi um contato íntimo casual, como se os lábios dela estivessem ali para que ele os acariciasse. Jane conteve o fôlego. Teve o súbito impulso de introduzir o polegar dele na boca.

Respirou profundamente.

-Você me incomoda - murmurou ele - mas não no sentido em que você diz.

-Isso é porque você é um homem maravilhoso - confessou ela. E então ouviu o que havia dito em voz alta e se ruborizou profundamente - OH, Deus! Não é que eu o ache encantador...

Aquilo era pior. Muito pior.

-Quero dizer que é obvio que acredito que...

O pior de tudo.

Fechou os olhos com força.

-Cale-se, Jane - sussurrou.

-Não - ele passou o polegar pelo lábio inferior dela- Continue falando, Jane.

-Essa é uma ideia terrível - para Jane sua própria voz soava rouca - É o que falei. Não importa se eu o considero atraente. Para você não importa o que eu pense. Nem sequer me importa.

O dedo indicador se uniu ao polegar nos lábios dela.

-Acredito que você é muito valente - sussurrou - É um fogo que deveria consumir-se só em cinco segundos de combustão. Sei o que é empregar tanta energia e você o faz noite após noite. E ninguém, nem marqueses nem tutores nem doutores nem o peso das expectativas da sociedade, podem fazê-la parar.

Jane emitiu um suspiro tremulo que fez seus lábios se esfregar com o polegar dele. Pensou que era uma carícia muito parecida com um beijo.

-Se as pessoas querem que deixe de falar ou de se vestir assim ou querem trocar quem é, é porque lhe faz mal aos olhos. E todos foram orientados para não olhar diretamente o sol.

Outro dedo se uniu aos dois primeiros nos lábios dela.

-Eu não posso olhar e tampouco posso afastar os olhos. Mas não tenha medo, senhorita Fairfield. O que me importa é o que você pense.

Levantou o queixo dela. Fez com gentileza, como se lhe fizesse uma pergunta. Mas se seus dedos no rosto dela formulavam uma pergunta, seus olhos a respondiam. Eram muito claros e azuis e mais fortes do que ela tinha imaginado.

-E bem? Qual das duas coisas? - perguntou ele com suavidade- Acha-me bonito o...?

- O primeiro - respondeu ela.

O senhor Marshall se inclinou para ela. Aproximou-se tanto que Jane podia sentir o calor de seu fôlego nos lábios. Tanto que ela pensou que, se respirasse, encheria os pulmões com sua essência. Sentiu uma sensação de espera elétrica, como se estivesse montando um quebra-cabeças. Como se estivesse a ponto de juntar duas peças e soubesse com todo seu ser que encaixariam.

Mas ele se endireitou com uma careta e deixou cair sua mão.

-É por algo que falei? - perguntou Jane. "Se foi, que frase?" Depois de tudo, tinha falado muitas.

-Garota impossível - murmurou ele.

Doeu que a chamasse assim depois de tudo que se haviam dito.

-Só é por escolha - replicou. Mas sabia que havia algo mais que isso. No fundo sabia que, embora tentasse fazer tudo certo, a boa sociedade nunca a apreciaria – Posso ser impossível, mas ao menos não sou... não sou...

-Não me referia a isso - ele estendeu a mão como se fosse tocá-la de novo e Jane ficou imóvel e desejou que desaparecessem as poucas polegadas que havia entre sua bochecha e os dedos dele. Sentiu cócegas no rosto e prendeu o fôlego.

-Garota impossível - repetiu ele, mas dessa vez sua voz era suave e baixa, ao qual dava sensualidade a suas palavras - Falei para se lembrar disso, não como um insulto. Garota valente. Garota encantadora - pousou um dedo na bochecha dela e Jane sentiu o contato como algo bom. Um ponto de conexão.

-Uma garota que não deveria tocar - disse ele - Nem beijar. Nem ter.

Seu sorriso era um pouco triste e Jane recordou que havia dito que ela era a última mulher com quem se casaria.

-Mas inteligente. Muito inteligente. É lamentável que seja tão impossível, senhorita Fairfield, porque, se não fosse, acredito que provaria com você.

Ela preferia que a chamasse de Jane. Gostava de como pronunciava seu nome, não de um modo curto e tenso, como se tivesse pressa em terminá-lo, mas de um modo longo e lento, como se valesse a pena saborear.

Jane levantou a mão e a colocou sobre a dele. Um calor se uniu a outro calor. Ele emitiu um ruído que não chegava a ser um protesto, mas não se separou.

-Lembre-se – disse - o que eu posso fazer. Não acredito que deva se aproximar de mim. Absolutamente.

-Já é muito tarde para isso - declarou ela.

Ele afastou a mão como se aquilo fosse a troca de algo. Não era assim. Ele já tinha aberto caminho entre as capas de renda que ela tinha usado para envolver seu coração. Não era tão louca para apaixonar-se por ele. Não era tão valente. Mas...

-Você é o traidor mais incrivelmente sincero que conheci - disse.

O senhor Marshall sorriu.

-Vamos senhorita Fairfield – respondeu – Está começando a fazer frio e deveríamos entrar.

CAPÍTULO 8



-MAIS DE DUAS SEMANAS EM Cambridge - disse o homem que Oliver tinha chamado de pai toda sua vida desde seu lugar na margem do rio - e até agora não teve tempo de vir nos ver? - ao falar não olhava para Oliver, examinava a isca na ponta de sua vara de pescar.

Era de tarde, a pior hora para pescar, e ainda por cima em janeiro. Mas seu pai não tinha vacilado quando Oliver tinha sugerido uma visita ao rio.

Hugo Marshall era bem mais baixo que Oliver. Seu cabelo era castanho e estava bagunçado, seus traços eram quadrados e seu nariz tinha sido quebrado em alguma ocasião. Não se parecia nada com Oliver, e havia um bom motivo para isso: o seu não era um parentesco de sangue, mas sim de tempo e carinho.

Oliver não olhou para seu pai. Sentaram os dois ao lado um do outro nas margens do rio para pescar, em um remanso e plano de água onde o rio ficava quase imóvel. Uma rocha grande e cinza que havia na beira proporcionava um assento excelente.

-Se passou muito tempo.

A fazenda de seus pais, nos arredores da fazenda de New Shaling, estava só a quarenta minutos a cavalo de Cambridge. Quando Oliver estava na universidade ali, ia ver sua família todos os fins de semana que podia.

-Free acredita que está fugindo dela - disse seu pai.

Oliver não se surpreendeu com aquilo. Sua irmã menor sempre teve mau gênio e uma tendência a pensar que o mundo girava a seu redor. O fato de que frequentemente parecesse ser assim não tinha feito nada para fazê-la mudar de ideia.

-É obvio que não - respondeu Oliver- Estava evitando você.

Seu pai soltou uma risada.

Oliver não riu. Concentrou-se em sua vara de pescar.

-Entendo - comentou seu pai depois de um momento – O que fiz de tão horrível agora?

Oliver lançou sua vara na água com violência e olhou as ondas que criava na superfície.

-Você não. Eu.

Seu pai não disse nada.

-Estou brigando com uma questão de ética.

-Ah! - Hugo Marshall fixou os olhos no horizonte - É uma questão de ética difícil? Ou é o tipo de questão ética onde é fácil saber o que terá que fazer, mas, a escolha da antiética é mais tentadora?

Oliver pensou que era muito próprio de seu pai ver o coração do problema sem ter ouvido nenhuma palavra dele. Brincou com sua vara e não levantou os olhos. Normalmente teria contado tudo a seu pai, mas dessa vez... Dessa vez não estava seguro de querer contar a história. Havia muito nela que tinha a ver com Hugo Marshall.

Seus pais tinham economizado e se sacrificaram para que ele, Oliver, pudesse ter as oportunidades que tinha. Tinha consciência de que ainda não sabia bem tudo o que tinham renunciado por ele.

Quando seu irmão o duque tinha alcançado a maior idade, Oliver tinha ido visitar pela primeira vez a mansão Clermont. Então sabia vagamente que seu pai tinha trabalhado para o duque de Clermont, mas não sabia os detalhes.

Soube aos vinte e um anos. Quando chegou a Londres com seu irmão e apresentaram os empregados. Tinha ficado ainda meia dúzia de empregados que já estavam ali quando Hugo Marshall trabalhou para o duque. Ele tinha feito muitas perguntas sobre isso.

-Eu o conheci –havia dito a governanta – Ele era o primeiro solteiro e todas brigavam para tomar chá com ele. Nenhuma queria fazê-lo, era um homem temível.

"Temível". Oliver tinha visto seu pai zangado varias vezes em sua vida e supunha que era temível. Mas entendia que a governanta se referia a outra pessoa. Seu pai era muito inteligente e não suportava as tolices.

A mulher tinha suspirado.

-Era o tipo de homem que eu acreditava que acabaria dirigindo toda Londres aos vinte anos. Às vezes se conhece alguém e sabe instintivamente coisas dele. Sabe que algum dia será algo mais - a mulher tinha sussurrado incômoda e arrumou melhor sua touca - Isso era o que dizíamos todos então. Era uma sensação que tinha ao vê-lo. E logo tudo acabou em nada.

"Logo tudo acabou em nada".

Oliver olhou para seu pai. Hugo prendeu a vara as margens do lago e estava sentado sem falar, sem esperar. Esperando ver se Oliver queria falar, assumindo que, se algo precisava ser dito, seria.

Não tinha acabado em nada precisamente. Toda aquela energia tinha sido dedicada a isso... As excursões de pesca com um menino que não era seu filho, a ganhar dinheiro e investir imediatamente em seus filhos.

Todo o dinheiro extra que tinha produzido com seu negócio tinha ido para sua família... Ajudar a Laura e seu marido a montar uma mercearia na

cidade, poupança para a universidade de Oliver, aulas de taquigrafia para Patrícia e depois quando ela se casou com Reuven, lhe deu dinheiro para montar seu próprio negócio em Manchester.

"Tudo acabou em nada".

Não. Não seria nada. Oliver foi o responsável pelo sacrifício que seu pai fez tivesse algum significado. Ele faria com que significasse muito.

-Acho que é algo que desejo muito? - perguntou.

-O que é o que você quer? - disse seu pai.

"Quero que esteja orgulhoso de mim. Quero fazer tudo o que você sonhou e por a seus pés".

Oliver se agachou para pegar um ramo do chão e o girou entre seus dedos. Havia desejos mais feios, que lhe faziam se sentir menos confortável.

"Quero que pague".

Encolheu os ombros.

-Por que o fez? Renunciar a tudo para criar os filhos de outro homem.

Seu pai levantou os olhos ao ouvi-lo.

-Eu não criei os filhos de outro homem - disse secamente - criei os meus.

-Você sabe do que me refiro - replicou Oliver - E é exatamente do que estou falando. Por que me adotou? Por que me trata como tem feito? Deve ter sido muito difícil decidir o que fazer comigo. Sei que amava a minha mãe, mas...

-Você foi minha salvação da mesma forma como sua mãe – interrompeu seu pai abruptamente – Você nunca foi uma carga que tivesse que me acostumar a levar. Era muito simples. Se eu pudesse fazer você ser meu, desafiando ao sangue e a biologia, isso significaria que eu não era dele.

-De quem? -perguntou Oliver, confuso.

-De meu pai. Se você era meu, você não era dele.

Oliver olhou as ondas na água do lago. Sabia vagamente que o pai de seu pai não tinha sido um homem bom. Seu pai tinha feito alguns comentários sobre o assunto ao longo dos anos, mas falava pouco disso.

- Reclamar você era como reclamar a mim mesmo - disse seu pai - Era assim tão simples.

Oliver fechou os olhos.

-E o que é isso que deseja com tanto empenho?

-Quero ser alguém - respondeu Oliver - Alguém importante. Que faça coisas acontecer. Alguém poderoso - alguém que ninguém pudesse expulsar com empurrões. Bradenton tinha razão. Ele tinha poder e Oliver tinha desejos. E aquele era um equilíbrio que gritava por modificação.

Seu pai não disse nada por um momento.

-De todos os meus filhos, Free e você são os que mais se parecem comigo - comentou por fim - É um dom; e como todos os dons, tem uma parte ruim.

-Que estranho que eu me pareça mais com você que as garotas mais velhas! - murmurou Oliver.

Seu pai fez um ruído de protesto com a garganta, mas não falou.

- Sei - continuou Oliver - Sei. Não quis insinuar que não tenha sido um bom pai para mim em todos os momentos. É só que... O filho de Hugo Marshall não deveria nem sequer considerar a oferta com a qual eu me debato. Pode ser que seja o filho do duque de Clermont que o faz. Que seja algo que levo no sangue.

-Humm - disse seu pai - Tem uma visão muito estranha de mim. Fiz muitas coisas das quais não estou orgulhoso.

-Eu também. Às vezes fiquei em silêncio e às vezes falei quando não devia, só para evitar o esforço de lutar.

-Isso não faz de você um homem como o duque - respondeu seu pai - Apenas faz de você um homem.

A linha da vara de Oliver se afastou flutuando. Ele se deu conta e começou a enrolar o carretel antes que a isca se enrolasse nas ervas daninhas marrom do outro lado do rio.

-Hipoteticamente falando - disse - suponhamos que há um homem, um marquês, que me prometeu seu voto em um tema muito importante. E que eu tenho que trocá-lo por... - respirou fundo e afastou os olhos - Eu só teria que humilhar uma mulher. Nada físico é obvio. Ela não ficaria desonrada, só...

Olhou para seu pai nos olhos e não precisou de nada mais. Não havia nenhum "só". Conhecia a situação de Jane. Sabia o que ela sentia e como a afetaria se lhe fizesse mal.

"Não ficaria desonrada, mas eu quebraria seu espírito".

-Estamos falando hipoteticamente? - seu pai bufou.

-Se o assunto em questão for bastante importante para você, você...?

-Faz dez anos que é um homem adulto - falou seu pai- Se ainda tenho que te dizer o que deve pensar de uma proposta, fiz um mau trabalho te educando, e nesse caso, minha opinião não deveria contar para nada.

-Mas e se fosse um tema muito importante? E se significasse uma grande diferença para todo mundo e só uma mulher tivesse que sofrer? - Nem sequer se atreveria explicar as consequências pessoais para ele.

-Não, Oliver. Guarde seus dilemas morais para seus amigos da faculdade e para você. Você não pode me passar esse fardo, me recuso.

-Você é muito irritante. Você sempre age como se tudo fosse muito fácil. "Bem, Oliver, parece que tem que escolher entre sair ou continuar" - Oliver imitou o conselho de seu pai quando ele havia dito que estava disposto a deixar a universidade.

Hugo se limitou a sorrir.

-Sou seu pai. É meu dever te irritar.

Não era época de pesca, portanto, não era de surpreender que não pescassem nada.

-Quando deixa de ser uma mulher? E quando se torna uma coisa muito horrível para que alguém lhe peça isso? -perguntou Oliver por fim.

-Isto é o que eu sei - respondeu seu pai - Nenhum peixe vai saltar para sua isca se estiver a três metros da água. Lança a vara.

Oliver corou e fez o que ele dizia. O anzol e a isca voltaram a salpicar ao entrar na água.

-E que tipo de pessoa sou eu se ainda estou considerando? - perguntou.

Seu pai encolheu os ombros.

-É um inútil – acusou Oliver - Pensava que fosse me dizer o que tinha que fazer.

-Não estou aqui para ser utilizado. Estou aqui para pescar.

Oliver olhou sua vara por um momento.

-Sabe? - perguntou com ar pensativo - Acredito que é uma fraude. Você age como se fosse muito inteligente e o que você faz principalmente é lançar comentários sobre a pesca e esperar que eu resolva sozinho.

Seu pai soltou uma gargalhada.

-E isso te surpreende? Faz anos que ensinei você esse truque. Quando fica em silêncio, as pessoas te atribuem pensamentos muito inteligentes.

Depois de quarenta minutos de silêncio, conseguiram pescar uma truta de quatro polegadas que voltaram a lançar na água sem fazer comentários, Oliver falou por fim.

-Quando não estou aqui, pesca sozinho?

-Free geralmente vem comigo.

-Não era minha intenção feri-la. Está zangada comigo? Ontem à noite quase não me dirigiu a palavra antes de esconder-se atrás de um livro.

Seu pai olhava a mosca artificial atada na ponta de sua linha para retornar a forma depois do ataque da truta.

-Não a feriu – respondeu - Perguntei-lhe se queria pescar e disse que não.

-Ou seja, está zangada comigo. Pergunto-me o que fiz.

- Pergunte a ela - respondeu seu pai com suavidade - Creio que lhe dirá isso.

Oliver também estava seguro disso. Free não era uma pessoa que guardava seus pensamentos para si.

-Estou preocupado com ela - comentou seu pai - Antes não me dava conta de como era fácil com a Laura e Patrícia. Queriam coisas normais. Segurança, casamento e uma família. Queriam mais que isso, é obvio. Mas Free... Não me dei conta de que sua mãe e eu íamos passar todas as nossas ambições juntas a uma só filha.

-O que Free quer? - perguntou Oliver, um pouco confuso.

Seu pai sorriu.

-O que não quer? Pergunte a ela. Eu pensei que era ambicioso, Oliver, mas você não é nada comparado com sua irmã mais nova.

Oliver ENCONTROU SUA IRMÃ ESPERANDO-OS no caminho de casa. Estava no topo de uma colina próxima ao riacho. Tinha os braços cruzados e não prendeu o cabelo, que se agitava atrás dela como uma bandeira brilhante de cor laranja, do mesmo tom que o cabelo dele.

Oliver parou a uma certa distância dela.

-Free.

A garota não respondeu, mas apertou a mandíbula. Sim, definitivamente, estava zangada com ele.

Não tinha muito temperamento, ao menos não o tipo de temperamento que imaginava geralmente as pessoas quando pensava em uma mulher ruiva. Era amável e paciente. Mas também podia ser obstinada e teimosa.

-Free - repetiu ele - Como está? Queria falar comigo?

Ela não o olhou.

-Por que ia querer? - não piscou - Você não cumpriu sua promessa, assim por que vou falar com você?

-Promessa? - ele a olhou confuso – Eu prometi algo a você?

Ela o olhou por fim.

- Claro que sim – disse - Prometeu passar um tempo falando grego comigo. Mãe não sabe grego e não pode fazê-lo, mas você foi a Eton.

-Eu prometi isso a você?

-Faz mais de um ano, no Natal - disse ela, assentindo com firmeza com a cabeça.

Oliver recordou então vagamente uma noite em que tinha se sentado já tarde com sua irmã diante do fogo folheando um jornal.

-Posso aprender parte nos livros - comentou ela - Mas preciso praticar; preciso de você.

-Se bem me lembro - disse ele - prometi que ajudaria você assim que tivesse tempo e não tive. Este ano estive...

-Passou meses com o duque - ela cruzou os braços com tom acusador.

-Isso é diferente. Estive falando com homens em Londres sobre a reforma. Por isso não tive tempo pra nada. Quando terminar tudo isso, poderemos...

Ela levantou o queixo.

-Quando terminar tudo isso? E quanto tempo levará isso, Oliver?

-Não sei ao certo.

Free apertou os lábios.

-Depois da última Ata da Reforma, o Parlamento demorou mais de três décadas reconsiderando seriamente essa questão. A lei do ano passado sofreu uma forte derrota. É claro que podem faltar anos para que se cumpra seu objetivo.

-É por isso que trabalho tanto - respondeu ele - trabalho mais agora, antes que aconteça. Aprender sempre pode esperar. O grego continuará lá quando terminar com isso.

Ela lançou faíscas pelos olhos.

-Oliver, se eu começar a aprender grego em dois anos, será tarde demais.

-Muito tarde para que? Muito tarde porque estará casada?

Free negou com a cabeça.

-Muito tarde para ir a Cambridge.

Oliver se deteve no lugar e a olhou. Sentiu um calafrio na coluna; não sabia de onde tinha saído. Queria abraçá-la, protegê-la e mantê-la segura. Do que, não sabia. De si mesmo, talvez.

-Às mulheres não tem permissão para estudar em Cambridge - disse finalmente.

-É porque não prestam atenção a nada? —ela quis saber - Agora não, não é permitido. E não há planos para lhes abrir a universidade, é obvio. Mas há um comitê que está falando de um colégio de mulheres na aldeia de Girton. Ainda não tenho idade, Oliver, mas quando tiver...

Santo Deus! Sua irmã queria ir para Cambridge. Oliver respirou fundo e a olhou fixamente, mas isso não ajudou. A cabeça estava girando. Nela ressonava um barulho que se repetia uma e outra vez.

"Bem", sussurrou uma parte pragmática dele, "poderia ser pior. Poderia querer ir para Eton".

Se negou a imaginar Free em Eton.

Adiantou uns passos e pegou sua mão. Free era a mais jovem e as primeiras lembranças que Oliver tinha dela eram de vulnerabilidade. De cuidar dela. De tomá-la em seus braços e girar com ela em círculo. Ela gritava de alegria e ele a agarrava com força para que não caísse.

-Acha que a única coisa que terá que fazer para ir para Cambridge é aprender grego?

Ela o olhou com olhos claros e desafiantes.

-Tem ideia de onde você se meteria? Quando fui a Cambridge, atacaram-me com um dilúvio incessante de insultos, tão sutis como diretos. Não passava nem um só dia sem que alguém me dissesse que meu lugar não era ali. Você terá todas minhas desvantagens, eu tive meu irmão e Sebastian e você estará sozinha. E é uma mulher. Todo mundo ficará contra você. Vão querer que fracasse o dobro do que queriam que eu fracassasse, primeiro porque não é ninguém e segundo porque é mulher.

Ela moveu a cabeça.

-Então terei que triunfar três vezes mais do que eles quererão que fracasse. E você precisamente deveria entender isso.

-Te amo - disse ele - Isso é o que há. Eu te amo e não quero que sofra. E para mim Cambridge foi o começo. Um punhado de classes, exames, professores e trabalhos e depois disso, a vantagem de ter assistido à universidade com um grupo de amigos e de inimigos.

Olhou-a e ela levantou o queixo com ar de desafio.

-Para você não será assim. Ir para Cambridge não será algo a fazer, seguido de outra coisa e depois de outra. Ir a Cambridge marcará quem é para sempre. Toda sua vida será "a garota que foi a Cambridge".

-Alguém terá que ser "A garota que foi" - disse ela - Por que não eu? E não se preocupe; não tenho intenção de conseguir uma licenciatura universitária seja a última coisa horrível que faça. Prefiro ser "A garota que fez" antes que "A garota que não fez" - respirou fundo e afastou os olhos - Jamais pensei que você tentaria me dissuadir, Oliver. De todas as pessoas que imaginava que fosse desejar que eu fracassasse...

-Eu não desejo que fracasse - respondeu ele com voz tensa - Se for a Cambridge, desejo-lhe que tenha êxito. Desejo que triunfe contra todos os prognósticos. Só gostaria que não os tivesse contra.

-Então não seja uma de minhas barreiras - comentou ela com calma - Você disse que me ajudaria a aprender grego. Com todo o resto me arrumo mais ou menos sozinha. Mas o grego...

-Não me dou muito bem com grego. Conheço o básico, nada mais. Se quer ter sucesso contra todas as probabilidades, necessitará a ajuda do melhor que possa conseguir - Oliver fez uma pausa - Nossos pais têm suas regras sobre o de aceitar dinheiro do duque, mas na realidade é meu. Quer que te pague um professor?

Free engoliu em seco.

-É o que você acha que necessito? Me sentiria melhor com você.

-Eu não estou dizendo isso para me livrar do trabalho - disse ele - Acredito que não entende quão horrível é meu grego. Se for fazer o que diz, terá que aprender a se sentir desconfortável.

Ela se agachou lentamente e se sentou no chão.

-O que dirá a nosso pai?

-Isso você terá de descobrir - Oliver se sentou a seu lado e colocou o braço em seus ombros. Permaneceram assim por um longo tempo, sem dizer nada. Ele não sabia o que dizer. Conhecia muito bem sua irmã para tentar fazê-la mudar de ideia, mas por outro lado...

Também sabia o que estava por vir. Isso que ela desejava de todo seu coração... Oliver suspeitava que perderia seu brilho e que Free só conseguiria superar aquilo apertando os dentes e lutando até o fim. Ele não desejava a ninguém os anos que tinha passado em Cambridge. E menos a um ser querido.

-Preocupo-me com você - disse finalmente - Tenho medo de que quebre o coração enfrentando o mundo.

- Não - o vento agitou o cabelo dela atrás da cabeça - vou ganhar o mundo.

Falava com um ar tão distraído que quase dava a impressão de que não se ouvia o que dizia. Como se fosse uma conclusão a que tinha chegado há anos, uma conclusão em que já não tivesse que pensar mais.

Oliver a viu respirar fundo. O sol batia em sua pele. Certamente sairiam muitas sardas em seu rosto, mas ela não se importava. Tinha os olhos fechados e o rosto voltado para a brisa como se o vento pudesse transportá-la para outro lugar.

-Isso foi o que aconteceu com você? - perguntou por fim, sem abrir os olhos- Cambridge quebrou seu coração?

Ele quase pulou. Abriu os olhos e a olhou. Mas Free não se moveu e não disse mais nada. Permaneceu ali sentada, com a cabeça jogada para trás e a brisa movendo uma mecha de seu cabelo. Oliver não sabia por que, mas o coração pulsava com força e tinha os punhos cerrados ao lado do corpo.

-Não diga tolices – respondeu – Só é uma escola. Isso é o que é, só uma escola.

CAPÍTULO 9



A UNIVERSIDADE DE Cambridge TINHA um conjunto extraordinário de jardins botânicos plantados cuidadosamente com espécies exóticas levadas de todo o mundo e colocadas em ordem segundo a classificação linneana. Mas por mais estranhas que fossem as espécies, não podiam competir com o quanto estranha se sentia Jane.

Podia sentir ainda o beijo que o senhor Marshall não tinha dado nos seus lábios três dias depois de que ele tinha se recusado a dar-lhe. Aquele beijo não dado era como um comichão doce e secreto e ela tinha a sensação de colorir todas as palavras que saíam de sua boca com a plenitude de sua promessa não concedida.

-Parecia muito feliz com o senhor Marshall - disse Genevieve Johnson, que caminhava a seu lado.

Nesse momento passavam ao lado de umas árvores de folhas perenes da China cujos ramos estavam carregados de agulhas, que caíam pesadamente ao chão.

-É divertido - respondeu Jane.

As gêmeas trocaram um olhar.

-Quer dizer - falou Jane de novo - estou certa de que é um homem de confiança.

-Com certeza que sim - assentiu Geraldine; pegou o braço de Jane com uma expressão que em qualquer outra garota teria sido um sorriso de superioridade.

Jane sabia que devia dizer algo sobre ele que desviasse o interesse das gêmeas, mas não conseguiu.

-É irmão de um duque - disse finalmente - Suponho que isso o coloca na categoria de marquês, pelo menos.

As irmãs entreolharam-se.

-Não - disse Geraldine - Você pode pensar nele como irmão de um duque, mas não acredito que deva considerá-lo um marquês.

Havia algo estranho nas maneiras das gêmeas, algo muito pouco comum nelas. Genevieve apertava os lábios e Geraldine se mostrava sombria. Jane demorou um minuto pra compreender. Era obvio. Elas conheciam um marquês.

Geraldine estava comprometida com o conde de Hapford, mas o tio deste permanecia solteiro. Genevieve conquistaria Bradenton?

Jane lhe desejava muita sorte. As garotas eram de excelente família, primas de um conde, e tinham bons dotes. Mas já fazia um tempo que Jane suspeitava que Bradenton precisava muito mais do que um dote que fosse simplesmente "bom" para o padrão provinciano.

-Um marquês sob nenhum conceito - disse Geraldine.

Sua irmã lhe segurou o cotovelo e lhe deu um tapinha. Moveu a cabeça em uma certa direção e Geraldine não parou de falar e olhou para o lugar .

Ali, nos jardins, debaixo de um toldo coberto com por uma videira que tinha perdido a maior parte de suas folhas pelo inverno, estava o marquês em pessoa.

Jane nunca havia sentido uma simpatia especial por Bradenton, mas tampouco sabia que ele sentia um desgosto especial por ela. Afinal, ele era muito apaixonado por si mesmo para prestar atenção nela. Mas Marshall lhe havia dito na noite anterior que o marquês queria humilhá-la e feri-la.

"Humilhá-la".

Jane sentiu um ressentimento feroz. O marquês a observava com olhos frios e brilhantes. Ela desejava esbofeteá-lo, fazê-lo saber que não podia conquistá-la.

-O cumprimos? - perguntou Geraldine com suavidade.

-Não é necessário - sussurrou Jane - Parece ocupado. Não queremos incomodá-lo nem ser muito diretas.

-Claro que não - Geraldine em seguida se mostrou de acordo - Claro que não.

-Depois de tudo - interveio Genevieve com voz muito aguda - eu não gostaria que me visse quando não estou vestida para a noite.

-E a pleno sol. Veria todos os defeitos de minha pele.

As irmãs falavam uma em cima da outra e assentiam todo o momento com a cabeça.

-Bem - declarou Geraldine - Está decidido. Oh, maldição! Ele nos viu. E está vindo para cá.

-Jane - perguntou Genevieve com urgência - Meus pés estão bem? Diga-me, por favor.

Jane olhou o rosto da garota que, como sempre, estava impecável. Nem sequer se notava que usava pés.

-Oh, não tem do que se preocupar - disse-lhe com voz alegre - Só está um pouco manchado aqui - assinalou a bochecha direita.

Genevieve tirou um lenço, mas era muito tarde.

-Senhorita Johnson. Senhorita Genevieve - disse Bradenton - Que encantador encontrá-las E à senhorita Fairfield também.

Se Jane tivesse sido surpreendida com um lenço na mão, faria algo horrível com ele, como atirá-lo ao chão ou guardar em um bolso e deixar um volume no vestido.

Genevieve simplesmente sorriu e dobrou o lenço como se fosse um buquê de flores, perfeitamente natural para levar na mão. Ela o usou para adicionar um pouco de floreio a reverência de execução perfeita que fez.

-Senhor - disse ao unísono com sua irmã.

Jane fez uma reverência desajeitada.

-Bradenton.

O marquês lhe dirigiu um olhar de irritação por sua familiaridade.

-Que coincidência senhoritas – disse - há uma planta nova em uma das estufas. Tinha pensado em mostrar para a senhorita Fairfield.

As irmãs se olharam.

-É claro - assentiu Geraldine - nós adoraremos vê-la, certamente.

-Ah, tem um problema - Bradenton moveu a cabeça com tristeza - É delicada. Muito delicada. Não poderíamos rodeá-la sem nos arriscar a matá-la.

Para Jane aquilo parecia um disparate. O que o marquês pretendia?

-Proponho que caminhemos todos até as estufas - disse Bradenton - e eu levarei à senhorita Fairfield para dentro. Vocês poderão vê-la através das janelas, não haverá nada indecoroso, e só demoraremos uns poucos minutos.

Houve uma pausa. Uma pausa longa e relutante. Genevieve tinha seus olhos presos em Bradenton, provavelmente estaria com ciúmes naquele momento. Mas respirava tão alto, que não deixou que notasse. As gêmeas assentiram depois de um momento.

-Mas é obvio senhor - disse Genevieve.

-O que você disser, senhor - respondeu Geraldine.

A palavra "estufa" trazia para a mente uma estrutura individual de vidros, mas na realidade as estufas eram um complexo de edifícios de vidros que se estendiam com estacas de um vestíbulo central. Eram feitas de pesados tijolos de cimento cinza do chão até a altura da cintura. As paredes por cima desse ponto eram os tetos de vidro. Em alguns, as janelas superiores se abriam umas polegadas. Quando entraram, Jane sentiu o vapor de ar quente no rosto. Bradenton caminhou por um caminho lateral e abriu uma porta.

-Só será um momento, senhoritas - disse para as gêmeas, antes de cruzar a porta com Jane.

A jovem tinha estado outras vezes em estufas. Um corredor principal se estendia diante dela, com salas individuais que saíam dele, cada uma com graus

de temperatura e umidade diferente. O corredor em si também era úmido e quente.

As plantas tinham nomes em latim e em inglês, e às vezes nas etiquetas havia também letras e números que para Jane não diziam nada. Supôs que haveria botânicos da universidade estudando. Os tubos de aço produziam um som de fervura pela água quente que passavam por eles e irradiavam calor. Jane estava vestida para o frio do lado de fora e não demorou a começar a suar.

Geraldine certamente não faria algo tão rude como transpirar.

Bradenton a conduziu sorrindo a uma sala onde havia vasos de cerâmica e areia. Jane não sorria. Aquele era o homem que queria lhe causar danos. Humilhá-la. Que estava disposto a trocar um voto no Parlamento por lhe fazer isso.

-Então, senhor - perguntou Jane - Onde está essa planta tão rara?

Ele a observou.

-Não consigo entendê-la.

-Por que não? - Jane se voltou e olhou as plantas da sala- Você e eu somos muito parecidos - o ar estava quente e seco; uma jardineira grande e quadrada situada à esquerda continha pedras e areia e certo número de coisas verdes e estranhas. Se tivessem ousado crescer nos bosques de Cambridge, teriam sido engolidas por ervas daninhas.

-Parecidos?

-Mas claro que sim - Jane continuou sem olhar para ele - Somos pessoas simples. O tipo de pessoas que ninguém notaria se as circunstâncias fossem diferentes. Eu consegui minha fortuna e você seu título.

Ele fez um som de incredulidade.

-Por isso você me desprezou? Porque acha que é igual a mim? - perguntou com uma voz que continha um tom desagradável.

O coração de Jane pulsou com força. Insultava-o porquê isso era o que fazia com todos. Mas provavelmente tinha feito um esforço especial com ele. Outros tinham falado dela e riram dela, mas ele os tinha encorajado a fazer isso depois das primeiras semanas e tinha tentado fingir que não tinha nada a ver.

-Desprezá-lo? - perguntou Jane com uma risada-. Como poderia desprezá-lo? Você não me ofereceu nada pra desprezar.

Ele fez um barulho com a garganta.

-Não importa.

-E não posso imaginar por que iria fazer isso - disse Jane - Você é um marquês. Não precisa... -interrompeu-se. Acabava de lhe ocorrer algo- Oh.

Ele a olhou nos olhos, mas Jane não tinha intenção de deixar-se deter por seu olhar. Queria que sofresse uma fração da dor que desejava a ela.

-Você precisa do meu dinheiro, certo? - perguntou.

-Cale-se.

-É obvio - Jane adotou uma expressão solícita – Sinto muito por você. Deve ser muito embaraçoso. Você escreve as leis, não pode perder suas terras nem sequer administrá-las mal, e apesar de todos esses privilégios, não consegue obter benefícios em suas propriedades. Santo Deus! Isso requer uma habilidade especial.

Ele deu mais um passo em direção dela.

-Cale-se! - disse com uma voz que era um grunhido baixo.

-Oh, não se preocupe, não direi a ninguém. Você sabe que sou a discrição em pessoa.

O marquês emitiu um ruído estrangulado com a garganta e deu um passo mais para ela.

Jane se deu conta de que tinha ido longe demais. Uma coisa era fazer-se ignorante e outra ameaça-lo. Ficou paralisada e olhou a expressão ameaçadora que cobria o rosto dele. Por mais que as irmãs Johnson estivessem olhando, não havia nada que pudessem e possivelmente tampouco quisessem, fazer se ele a atacasse. Estava sozinha com aquele homem, que não lhe queria bem. E queria fazê-la calar.

Isso era algo que a ela nunca tinha feito bem.

Sorriu como pôde e se cocolou sua máscara de ignorância.

-Sinto por você, Bradenton. Ouviu falar de mim e imaginou uma menina pobre e impressionável, que se sente oprimida por sua inteligência e seu charme? Suponho que tenha uma grande decepção. Imaginava que meu dote seria seu e eu ri de você a primeira vez que me fez um grande elogio.

A expressão dele ficou ainda mais furiosa.

-Cadela asquerosa – sussurrou – Você faz isso de propósito.

-Fazer o que? - Jane se agarrou a seu sorriso como se fosse a única coisa a protegê-la das chamas de um dragão - Eu não tenho feito nada exceto expor alguns fatos. Não gosta dos fatos, senhor?

Não. Parecia que não gostava. Deu um último passo para ela e essa levantou seu braço, e apertava como um bastão sua mão.

Jane sentiu as mãos frias. Tinha ido muito longe, sim.

Ele continuou sorrindo.

-Você ia me mostrar uma planta, senhor.

Ele ficou paralisado. Moveu a cabeça como se recordasse que estavam em uma estufa e as paredes eram de vidros. Não importava o que se houvessem dito, ela era uma dama e, se soubessem que a tinha golpeado, sua reputação sofreria um duro golpe.

Respirou fundo várias vezes até que seu semblante mostrou uma mentira tão boa como a de Jane.

-Ali - girou tão rápido de modo que a mão mostrasse um vaso de barro cheio de areia - É aquela.

Era uma planta feia de um tom verde cinzento. Uma planta de espessura grossas, tão grossas como o polegar de Jane, emaranhada em uma espécie de nó. Estavam cobertas de agulhas afiadas.

-Ela me lembra você, senhorita Fairfield - a voz dele transmitia ainda veneno.

Aquilo era de se esperar.

-Eu gosto - murmurou Jane - Parece uma criaturinha valente entre tanta areia. Venha, vamos procurar uma planta para você, senhor. Sei qual pode ser. Vi uma espécie de erva má ao entrar.

No corredor de entrada tinha visto uma planta trepadeira que cheirava mau. Começou a voltar.

Viu ele pelo canto dos olhos. Ele golpeou com força com o punho de seu braço e pequenos pedaços daquele cacto coberto de espinhos voaram pelo ar.

O estômago de Jane se converteu em gelo. Não havia modo de ignorar aquele ato de violência nem de descartá-lo com um sorriso. Só tinha uma opção: fingir que não tinha visto. Continuou virando para a porta e pôs-se a andar, apesar de suas mãos tremerem.

-Está aqui – disse -No corredor. Vamos procurar por ela, certo?

O marquês respirava pesadamente.

-Não. Vamos voltar com as outras.

Jane disse a si mesma que ele não tinha feito aquilo para ameaçá-la. Ela o tinha irritado e, uma vez que tinha passado do ponto de frustração, ele tinha perdido o controle. O pequeno cacto tinha sido uma vítima desafortunada de sua fúria.

Caminharam em silêncio. Bradenton não parecia disposto a falar e Jane não podia dizer mais nada. Voltaram pelo corredor central úmido e abriram a porta que dava para o caminho. Genevieve e Geraldine os esperavam, viraram uma para a outra e falaram em voz baixa e apressada.

-Você viu - dizia Geraldine - Viu e...

Quando ouviram a porta, deixaram de falar. Voltaram-se ao mesmo tempo e sorriram.

-Senhor - disse Genevieve.

-Minha querida senhorita Fairfield - Geraldine se adiantou para ela com as mãos estendidas - É um prazer vê-la de novo. Obrigado por nos devolvê-la senhor.

-Aqui está ela - respondeu Bradenton - Senhoritas, devolvo a seu amiga.

A cabeça de Jane ainda dava voltas. As mãos tremiam. Quase não podia prestar atenção enquanto as gêmeas murmuravam convites amáveis ao marquês.

- Você quer nos acompanhar em nosso passeio?

Jane não soube qual das duas tinha feito a pergunta.

"Não", pensou. "Não. Vá embora. Vá embora".

-Lamento, senhoritas - ele sorriu com frieza e o sorriso não chegou até seus olhos - Já estive muito tempo fora. Foi um prazer, certamente. Senhorita Johnson, senhorita Genevieve - olhou para Jane - Senhorita Fairfield.

O coração dela ainda pulsava com muita força.

Genevieve fez beicinho.

-Se é necessário... - disse.

Sua irmã e ela ficaram entre Jane e Bradenton e o observaram partir pelo caminho, afastando-se da estufa. Uns passos mais à frente, parou e se voltou, possivelmente para olhar para Jane. Mas as irmãs se mantiveram ombro a ombro e, se havia alguma mensagem que Bradenton queria enviar, um cenho franzido ou uma careta de desprezo, sua visão foi bloqueada pelas gêmeas. Geraldine se despediu movendo a mão no ar.

Jane nunca tinha agradecido tanto a paquera constante das gêmeas. Quando estas se voltaram por fim para ela, já começava a recuperar a respiração.

As irmãs não sorriam. De fato, olhavam para ela como algo que Jane teria que tomar por preocupação, se visse na cara de outras pessoas.

Geraldine deu um passo para ela.

-Jane - disse com sua voz delicada e musical, como se supunha que devia ser a de uma dama - olhamos através das janelas. Não pudemos evitar de ver...

-O que foi que ele disse? -perguntou Genevieve.

Jane sentiu um aperto na garganta. Não podia falar daquilo, nem com as duas irmãs nem com ninguém. Ela não se importava com seus ciúmes estúpidos.

Ele tinha matado a planta. Tinha estado a ponto de atacá-la.

-Nada – respondeu - Não foi nada - rezou para que não vissem como suas mãos tremiam.

-Escute, Jane - Geraldine estendeu a mão e tocou a mão dela - Quando decidimos ser suas amigas, concordamos entre nós que cuidaríamos de você.

-Cuidaríamos em certo modo - acrescentou Genevieve.

Jane moveu a cabeça.

-Não foi nada. Mostrou-me uma planta. Disse que parecia comigo. Verdade é que...? -"Bonito". Ia dizer que era bonito, mas não foi capaz de pronunciar aquela palavra.

Geraldine apertou os lábios. Virou-se para sua irmã.

-Tem razão – comentou – Você tem que dizer a ele.

-Que novo horror era aquele? - Jane não se sentia capaz de continuar com aquele jogo.

-Minha cabeça está doendo – murmurou. Mas Geraldine apertou sua mão com mais força.

Genevieve se colocou também a seu lado.

-Jane - disse com gentileza - não há nenhum modo bom de lhe dizer isso. Às vezes... -olhou para sua irmã - Às vezes acredito que é...

Geraldine assentiu com a cabeça.

-Às vezes acredito que nem sempre você entende as intenções das outras pessoas.

Jane as olhou fixamente. Sua cabeça dava voltas.

-E possivelmente - disse Genevieve - possivelmente não entendeu o que Bradenton disse. Acredito que não viu o que ele fez quando você se virou.

Jane tinha entendido sim. Tinha entendido muito bem. Queria que elas o tivessem entendido também... Não podia deixar que falassem aquilo, não podia continuar com aquela conversa. Ouvir o que elas diziam a fez voltar a real ameaça de Bradenton de um modo que Jane não podia explicar. Ele queria feri-la. Queria vê-la humilhada.

- Mas nós sim - acrescentou Genevieve - Sua intenção era inconfundível, inclusive através da janela - respirou fundo - Nem sempre fomos boas com você.

O que elas diziam? O que faziam? Jane demorou um momento para olhar Genevieve nos olhos e entender que não ia lançar um discurso de ciumenta. As duas irmãs se entreolharam e assentiram com a cabeça.

-Na verdade - disse Genevieve – desde as primeiras semanas depois de conhecer você, provavelmente não fomos amáveis com você nenhuma só vez. Nos aproveitamos de você. Sei que pode ser duro ouvir isso, que possivelmente não compreenda o que estamos dizendo.

Jane não podia falar, não se sentia capaz de dizer nada.

-Mas, por favor, acredite em mim quando digo isso - continuou Genevieve - Acho que não deve voltar a ficar a sós com lorde Bradenton nunca mais. Nem sequer para dar um passeio pelo jardim com outras pessoas perto. Não fomos muito amáveis com você, mas quando começamos nós prometemos que lhe protegeríamos do pior. Não estou segura das intenções de Bradenton, mas me recuso a permanecer quieta enquanto as descobrimos.

-Foi repugnante - Geraldine cruzou os braços - Terrivelmente nojento. Eu não me importo das tolices que você diz. Ele ultrapassou todos os limites do

jogar limpo. E levando em conta o que me contou Hapford de sua conduta... -
emitiu um ruído de desgosto- Não, Jane. Teria que ter falado antes. Você não
deve ficar a sós com ele.

Jane não sabia o que dizer. Levava tanto tempo esperando o pior, que
não sabia o que fazer quando isso não acontecia. Tinha a garganta apertada. Não
esperava por aquilo.

Genevieve lhe tocou o cotovelo.

-Possivelmente não vai compreender isso - sua mão era gentil - mas
aconteça o que acontecer, apesar do modo como tratamos você no passado, não
vamos permitir que aconteça nada com você. Prometo.

Jane respirou fundo algumas vezes. Olhou de um lado para outro. As
irmãs eram meio pé mais baixa que ela, mas pareciam pairar sobre ela. Jane não
soube qual das duas viu primeiro a insinuação de lágrimas em seus olhos, qual
delas se aproximou e a rodeou com seus braços.

-Vamos,vamos - disse Geraldine – Vamos, vamos. Fique tranquila.
Tudo ficará bem.

Jane não tinha sentido tanto medo nem quando ficou sozinha, até que
elas falaram. E depois que elas falaram, depois que atravessaram a barreira, foi
impossível parar o dilúvio de emoções. Jane soltou um suspiro e depois outro.
Tinha acreditado estar completamente sozinha, se considerou uma planta
mirrada e cheia de espinhos abandonada em muita areia. Mas quando
cambaleou, Genevieve a segurou.

-Vamos, vamos - dizia Geraldine - Vamos, vamos.

-Cada mês que passava, eu estava me sentindo pior - disse Genevieve -
Suja. Tão ruim quanto Bradenton. Temos sido horríveis, muito horríveis.

-Foi tudo tão providencial! - continuou Geraldine por sua irmã - Você
foi á desculpa perfeita para espantar os pretendentes de Genevieve.

Jane não poderia ajudá-la. Em um curto espaço de tempo havia se
sentido furiosa, assustada e muito surpreendida. Depois de ouvir aquilo pôs-se a
rir.

-Me parece que não entendeu - ouviu Geraldine dizer.

Jane se endireitou. Respirou fundo e olhou a seu redor, para um mundo
que já não compreendia mais. Solto o ar lentamente.

-Geraldine, Genevieve - ouviu-se dizer - Tenho algo a confessar. Eu
também não fui amável com vocês. Não fui desde o começo.

As gêmeas olharam para ela abrindo muito seus olhos azuis.

Jane respirou fundo.

-Eu sou horrível de propósito. Devo uma desculpa ás duas.

-Oh, não! - Geraldine se aproximou para ela com um sorriso.

-Claro que não - Genevieve começou a rir – Esqueça as desculpas. Prefiro que nos dê uma explicação. Acho que será melhor.

AS TRÊS JOVENS PASSARAM horas conversando e sem olhar a paisagem a seu redor.

-Você vê – disse Genevieve solenemente quando elas estavam prestes a se despedir - Eu não quero me casar. Sempre que imagino um homem me tocando, entro em pânico.

Geraldine lhe deu uns tapinhas no braço de sua irmã.

-Mamãe diz que isso passará. Mas Geraldine e eu sempre fazemos tudo juntas. Ficamos menstruada pela primeira vez no mesmo dia. É estúpido imaginar que isso vai mudar se sempre fomos unidas nesse ponto. Assim eu vou apoiar por solidariedade fraterna até que seja maior de idade.

-É uma pena - suspirou Genevieve - Eu seria uma esposa maravilhosa se pudesse me casar com alguém igual á Hapford. Eu adoraria gastar o dinheiro de meu marido em obras de caridade. Em vez disso, serei obrigada a economizar. Ela terá os meninos e eu os mimarei e serei a tia divertida e travessa. Darei doces a eles até que não possam estar quietos e então os devolverei à babá e irei embora.

-Você chegou do nada - explicou Geraldine - Até então, fazíamos sempre tudo o que se esperava de nós. Genevieve tinha muito medo que a obrigassem a aceitar qualquer cavalheiro e ser desgraçada toda sua vida. E então conhecemos você e só tínhamos que dizer: "Oh, não, não poderíamos assistir sem nossa querida amiga a senhorita Fairfield", e de repente nossos convites começaram a diminuir. Foi algo providencial.

Tinha sido bom para todas. Falar tinha plantado as raízes de algo quente e real entre os restos de sua antes fria e retorcida amizade.

-Esta noite, então? - perguntou Geraldine quando chegaram à entrada do jardim.

A senhora Blickstall esperava por Jane sentada em um banco perto da entrada. Levantou os olhos, mas achou estranho que as jovens caminhassem de braço dados e sorrissem com prazer genuíno, mas não disse nada.

Genevieve beijou Jane na bochecha e em seguida Geraldine se aproximou e fez o mesmo.

-As coisas irão melhor agora para todas nós. Vai ver - sussurrou Geraldine.

Despediram-se agitando a mão.

A senhora Blickstall se levantou para partir.

Mas, por alguma razão, Jane não queria partir. Não sabia por que até que se lembrou o que tinha deixado na estufa. Tinha fingido o tempo todo que não tinha visto o que tinha se passado, mas uma parte dela ainda via o que aconteceu a planta pelo canto dos olhos.

-Preciso de mais um momento - disse.

Uma das vantagens de subornar à acompanhante era que Jane sempre fazia o que queria. A senhora Blickstall encolheu os ombros e voltou a se sentar. Jane retornou aos jardins e tomou o caminho que seguia em direção as estufas.

Ela era uma praga. Um veneno. Uma pestilência. Era a inimizada das negociações. Os homens adultos preferiam ser atacados por leões a conversar com ela.

Tinha odiado a todo mundo pelas brincadeiras que tinham feito pelas suas custas.

Quando tinha começado a acreditar neles? A pensar que era de verdade uma praga e não poderia gostar de ninguém. Que todas as palavras que saíam de sua boca eram um fardo para os outros.

Chegou às estufas e foi para a sala deserta de antes. Abriu a porta com a esperança de que sua memória tinha exagerado nos danos. Mas não. A pobre planta continuava em pedaços. Bradenton a tinha golpeado com tanta força que a tinha rachado até a raiz.

Mas não era uma praga nem peste. Era só uma planta e não merecia morrer.

Jane não sabia como continuar, como refazer a pessoa em que se converteu. Ela não seria nunca como Genevieve ou Geraldine, com maneiras suaves e uma pele perfeita. Sempre falaria muito, diria o que não devia, colocaria roupa equivocada. Mas possivelmente...

Possivelmente as coisas pudessem mudar de verdade. Um pouco.

E ela sabia qual era a primeira coisa que tinha que fazer.

JANE TEVE QUE CHAMAR Três vezes antes que alguém abrisse a porta por fim.

Quando o fizeram, Jane viu uma sala de vidro e vasos de barro minúsculos com pequenas mudas. Na porta havia uma mulher que usava um vestido escuro coberto por um avental cinza. Olhou para Jane com as sobranceiras levantadas. Observou o vestido de sua visitante, de cores nata e laranja berrantes, com desenhos de querubins na saia, e levantou ainda mais as sobranceiras.

-Sim? – perguntou – O que deseja?

-Sinto muito incomodá-la - respondeu Jane - mas estive andando pelas estufas e vi um cacto e acredito que aconteceu algo com ele.

A mulher não pareceu impressionada.

-É um cacto – disse – Eles estão sempre morrendo. Isso é normal - começou a fechar a porta.

-Não, espere - pediu Jane- Têm pedaços quebrados. Dá a impressão de que foi golpeado por alguém.

A mulher levantou os olhos e suspirou.

-OH, muito bem. Acho que deveria dar uma olhada - voltou-se e procurou entre os objetos que havia em uma prateleira de metal até que encontrou um vaso de barro pequeno, umas tesouras de poda e um par de luvas - vamos ver esse cacto.

Jane se pôs a andar pelo corredor. Achava que encontraria um jardineiro velho e grisalho ou um jovem com as mãos calejadas. Mas aquela mulher, com seu tom de voz culto e o tecido rígido e engomado do vestido que levava sob o avental de jardineiro, parecia uma dama bem educada.

-Estou surpreendida – disse - Não sabia que o Jardim Botânico contratava mulheres.

-Contratar? - a mulher falou - Não diga tolices. Trabalho como voluntária.

Não tinha falado muito até aquele momento e não parecia particularmente faladeira.

-Claro - respondeu Jane - Sinto muito - não sabia por que se desculpava – Está aqui.

-Sei - respondeu a mulher - Só há uma estufa onde ficam essas plantas do deserto - entrou na estufa. Vestida com o avental, ela fazia Jane lembrar a uma enfermeira com luvas preparada para curar qualquer mal. Olhou a planta que Bradenton tinha destruído. O centro estava em pedaços e ao lado tinha pequenos galhos verdes que tinham sido arrancados.

A mulher parou.

-Oh, pobrezinho. Pobrezinho! - exclamou, com uma voz muito diferente da voz que tinha usado para conversar com Jane.

Pegou o vaso de barro e argila quase com ternura e escavando com gentileza entre as partes do cacto quebrado.

-Pode salvá-lo? - perguntou Jane.

-É um cacto - respondeu a mulher com ar ausente - Crescem no deserto. Evoluíram para suportar o sol e aguentar tormentas de areia - falava com orgulho – Se pode cuidar de um cacto, mas requer um esforço sustentado, muita água ou

coisas assim. Esta amostra de vandalismo – encolheu os ombros - não é mais que um ato de propagação.

Jogou um pouco de areia no vaso de barro menor que levava consigo e recolheu o cacto prejudicado, retirando os galhos quebrados e amontoando-os no chão.

-Está pronto - disse por fim - Agora chegamos à parte divertida - pegou os galhos verdes e voltou a colocá-los na areia - Antes havia um cacto e agora há sete, oito... - tomou a última parte e o colocou no vaso de barro que tinha cheio de areia-. Nove.

-O que? Já está pronto? Não precisa de água nem poções especiais?

-Demorarão uns meses para sair às raízes - respondeu a mulher - Só terá que regá-los quando a areia estiver seca. Mas sim, como já havia dito, o cacto não é uma planta difícil de cuidar - passou o vaso de barro para Jane-. Tome. Para você.

-Oh, Meu Deus! - exclamou Jane surpreendida - Pode fazer isso? Me dar um cacto se quiser? - franziu a testa e olhou para a mulher - Espere. Você é só uma voluntária. Não pode.

-Se sair com ele pela porta, será de sua propriedade - respondeu a mulher – Eu nunca imaginarei que a intrépida senhorita Jane Fairfield se apossaria de algo tão pequeno como a propriedade de um cacto.

-Como sabe meu nome?

-Sou Violet Waterfield. A condessa de Cambury - a mulher olhou para Jane com expectativa.

Jane piscou.

-Encantada em conhecê-la, senhora.

A condessa a olhou atônita.

-Não sabe quem eu sou? Oliver sempre se esquece dos membros honorários - levantou a mão esquerda - Os irmãos sinistros? Oliver, Sebastian e Robert?

-Oliver? Refere-se A...?

-Claro que me refiro a Oliver Marshall.

-Como você sabe...?

A condessa sorriu com ar misterioso.

-Eu sei tudo. É minha responsabilidade dentro de nosso pequeno grupo.

-Entendo - respondeu Jane, confusa - Que profissão tão agradável!

-Profissão? - a condessa voltou a suspirar - É obvio que não - em seu rosto havia um sorriso de auto satisfação - É um trabalho voluntário.

CAPÍTULO 10



QUANDO JANE ENTROU no quarto de sua irmã naquela noite, sua cabeça ainda dava voltas.

Durante anos, Emily tinha sido sua única confidente, a única que tinha contado todos seus problemas. E agora, no transcurso de uns poucos dias, tinha reunido um montão de segredos que não podia contar a sua irmã.

"Há um homem que está pensando em me humilhar, mas isso não importa. Deixe-me te falar das gêmeas Johnson".

"Sabia que Bradenton colocou a minha cabeça a prêmio? Parece que valho nada menos que um voto no Parlamento. Ou a destruição de um cacto. Não sei bem qual das duas coisas me honra mais".

"Acredito que gosto do senhor Marshall? Eu não sei o que pensar dele".

Mas aquilo também era mentira. Jane sabia muito bem o que pensava dele.

No final, foi sua irmã a primeira a falar.

-Sabe que há pessoas que não bebem álcool? - perguntou.

Jane inclinou a cabeça para um lado.

-Ouvi dizer - em Cambridge, onde moram muitos homens jovens, quase sempre ouviu falar disso - São *Quakers* que não bebem álcool ou os *metodistas*? Sempre os confundo - olhou para sua irmã, que a observava com atenção-. Por quê?

-Tenho lido sobre isso - as bochechas de Emily estavam um pouco coradas, o que sugeria que possivelmente estava interessada mais no tema do que um simples comentário - Há também... há também outros, não?

-Humm. Eu não saio por aí perguntando isso.

-Claro que não - Emily baixou os olhos, brincando com o tecido de sua camisola.

Jane estava tentando pensar no que poderia dizer a sua irmã. Se começasse a contar a história, não poderia guardar uma parte. E agora tinha segredos de outras pessoas. Não podia dizer a Emily o que havia dito a Genevieve. O segredo não era dela. Jane tinha brigado muitas vezes com sua irmã, mas nunca tinha tido segredos com ela.

-Está pensativa - comentou Emily - Pode-se saber o que está acontecendo?

-Nada - mentiu Jane.

Emily a olhou. Olhou depois a nova planta de cacto que havia sobre a cômoda de Jane e levantou uma sobrancelha.

-Oh! –exclamou - Compreendo. E eu que pensava que era a única que não pensava em nada!

Jane fez um gesto de dor.

-Sinto muito, querida.

-Não se mostre condescendente comigo - replicou Emily.

Como não havia nada para dizer sobre isso, ao menos nada que não fosse piorar o anterior, Jane ficou em silêncio.

-Sabe que há pessoas que não comem carne? - perguntou Emily um momento depois.

Ao que parecia, era a noite das perguntas estranhas.

-Conheci um homem que não gostava do sabor do presunto - respondeu Jane.

-Não só presunto. Nenhuma carne - Emily a olhava nos olhos e Jane teve uma suspeita repentina.

-Emily – murmurou - Essas pessoas que não comem carne nem bebem álcool têm um nome por acaso?

Sua irmã encolheu os ombros com indiferença.

-É obvio que não. Ou ao menos, não têm um homem que eu conheça. Como ia conhecer ele?

Se Jane não soubesse o quanto sua irmã mentia bem, não teria achado nada estranho em tudo aquilo. Mas conhecia muito bem Emily, assim que a observou com atenção se deu conta de que havia algo diferente.

Emily não fazia movimentos nervosos. Não saltitava na beirada da cama nem movia as pernas. Só desenhava com o dedo na colcha com ar ausente.

Antes que fossem viver com Titus, Jane podia adivinhar as atividades de sua irmã durante o dia por seus movimentos nervosos á noite. Se tivesse ficado fora durante duas horas, na hora de deitar-se estava sentada tranquilamente. Se Chovesse e não pudesse sair, não era capaz de ficar quieta, saltitava e se movia continuamente.

Naquele momento Emily não se movia.

Jane a olhou com receio. Sua irmã tinha mais cor nas bochechas e...

-Emily, há...?

Sua irmã levantou os olhos imediatamente.

- Nada - murmurou com doçura – Eu não fiz nada. Você entende o que se sente?

Jane negou com a cabeça.

-Esquece. Não quero saber. Se Titus descobrir eu posso dizer que não sabia, e não poderei fazer isso se me contar.

Emily sorriu melancolicamente e afastou os olhos. Jane conhecia bem aquele sorriso.

-Só me diga o que faz... ou não faz...

Seja lá o que fez sua irmã tinha que ter feito quando saiu da casa. Sozinha, pois a senhora Blickstall esteve o dia inteiro com Jane. Isso implicava um risco além das preocupações tolas de Titus.

-Me diga que não está se pondo em perigo - pediu.

-Nem sequer Titus poderia saber de nada - Emily sorriu com malícia - Só li seus livros de direito, só isso - riscou uma florzinha na colcha com o dedo.

-E lendo seus livros - murmurou Jane - notou que as pessoas às vezes fazem mal umas as outras. Eu não gostaria de nada que tivesse que descobrir esse fator criminal por experiência própria.

-Oh, não! - Emily desenhou um círculo com a ponta do dedo - Não há nenhuma possibilidade disso.

-Sempre há uma possibilidade...

-Hipoteticamente falando - disse Emily - se alguém não estiver disposto a comer um animal porque não quer feri-lo, daí se deduz que pensaria o mesmo de um humano.

-Não - respondeu Jane - Não se deduz isso. Por favor, não crê que se deduz.

Emily deteve o dedo na metade de um círculo. Ficou imóvel, algo que ocorria tão raramente, que Jane se inclinou para ela para verificar que ainda respirava.

-Se uma pedra nunca se mover - disse Emily - isso não significa que a água não vá desgastá-la. Estão me fazendo mal Jane, e se fico quieta, Titus me desgastará totalmente. Às vezes me pergunto se ainda fica algo de mim.

-Emily - Jane pegou sua mão - Não permitirei que aconteça isso.

-Não depende de você permitir. Isso é o que eu diria a Titus - sua irmã levantou os olhos - Não me aconselhe a ficar em casa porque podem me fazer mal lá fora.

-Não o farei. Prometo isso.

Emily apertou sua mão.

-Então você guarde seu "nada" e eu guardarei o meu.

ERA A TERCEIRA VEZ QUE EMILY escapava de seu quarto para encontrar-se com o senhor Bhattacharya.

Se seu tio soubesse, teria um ataque com certeza. Faria um sermão atrás do outro sobre sua inocência e lhe diria que era muito boa e muito jovem. E que não se podia confiar nos homens.

Mas o senhor Bhattacharya tinha demonstrado ser muito digno de confiança para o gosto de Emily. Sorria e a segurava pelo braço quando encontravam um caminho estreito, mas a soltava assim que voltava a caminhar com segurança. A olhava, sim, olhava muito. Mas não tinha feito nada que não fosse digno de confiança. Nada absolutamente.

Naquele dia estava mais calado que de costume. Mostrou-se perfeitamente educado ao cumprimentá-la e tinham passeado ao longo do córrego, seguindo o caminho até chegar a uma estrada principal. Ele não havia dito uma palavra. Não falou até que passaram meia hora juntos.

-Sinto muito - comentou então - Não sou muito boa companhia. Estou preparando os exames e tentando entender alguns dos pontos mais complicados do direito consuetudinário, mas me dar dor de cabeça.

-Você quer falar sobre isso?

Ela tinha começado a ler de novo os livros de Titus para entender do que falava o senhor Bhattacharya. Seu tio se mostrou surpreso, mas tinha lhe dito que podia desfrutar das histórias dos casos sempre que saltasse as conclusões do direito.

O senhor Bhattacharya não falava como se pensasse que ela não podia seguir seu raciocínio, como se o que ele aprendia estivesse além dela. Simplesmente falava com ela.

A última vez tinha tirado um livro de sua carteira e tinham lido uma parte juntos, com as cabeças inclinadas e tão perto que ele poderia esticar o braço e tocar a mão dela com a sua.

Mais não o fez.

Esse dia, entretanto, não tirou nenhum livro. Em vez disso, levantou os olhos para o céu.

-Há um caso – disse - em que o tribunal concluiu que uma herança fica invalidada porque uma mulher de oitenta anos poderia ter um filho depois de ter redigido o testamento - fez um som de irritação com a boca.

Emily cruzou as mãos, esperando, mas ele não disse mais nada. Ele a observava atentamente como se ela fosse culpada dos enganos de séculos nos tribunais.

-Talvez se me explicar o que é exatamente difícil de entender, pode ser de mais ajuda - comentou ela.

Ele piscou.

-Será que não é óbvio o que não consigo entender? Começamos pelo fato de que uma mulher de oitenta anos não pode ter filhos.

-Sara teve filhos na Bíblia - respondeu Emily - E tinha mais ou menos oitenta anos, assim...

-A Bíblia - ele moveu a cabeça - Se nos permite argumentar usando a Bíblia, eu não sei. A lei em questão diz que deve estar claro quem é o destinatário de uma herança depois de transcorrer vinte e um anos da morte de uma pessoa que vivia na época em que se fez o legado. Se aceitarmos a Bíblia como uma autoridade, só temos que usar Jesus Cristo como uma pessoa que viveu no momento do legado. E uma vez que ressuscitou de entre os mortos e vive eternamente, então...

-Não, não - respondeu Emily, tentando reprimir uma gargalhada - Eu sei muito pouco de leis, mas estou segura de que não pode usar Jesus.

-Por que não? Jesus viveu depois de ter ressuscitado ou não viveu?

-Porque é considerado um sacrilégio, por isso.

Ele encolheu os ombros, como se a ideia do sacrilégio não importasse muita coisa.

-Muito bem. Vamos ver se consigo entender como funciona isso. Podemos usar Sara das Sagradas Escrituras, mas não Jesus. E assumo que se mencionasse o Bhagavad Gita, a resposta seria hostil.

-O que é isso? - perguntou Emily com curiosidade.

-Poderíamos dizer que é como nossa sagrada escritura hindu.

Emily pensou naquilo.

-Não me considero uma perita no direito inglês, mas podemos assumir que a escritura hindu citada em um tribunal inglês não seria a melhor opção.

-O direito inglês é incompreensível. Suas escrituras são o único argumento válido que se pode fazer, e devemos usá-lo só quando é conveniente para apoiar um argumento, e não ao contrário. Que sentido tem isso? Não há um princípio guia.

-Acho que entendo muito bem você, senhor Bhattacharya - respondeu Emily - Seu problema não é de compreensão, é de aceitação.

-Entendeu o contrário - replicou ele com calma - Eu o aceito. Mas como vou aplicar algo ilógico? E você afirma que as leis inglesas são o auge da civilização.

-Eu? - Emily deu um passo à frente - Eu jamais afirmei nada sobre o direito inglês. As leis inglesas dizem que não posso tomar minhas próprias decisões, que embora esteja na idade de me casar e ter filhos, não posso escolher com quem vivo nem quem pode tocar meu corpo. As leis inglesas dizem que

devo obedecer os desejos de meu tio, quando ele quer me ter trancada em meu quarto.

O senhor Bhattacharya a olhou surpreso.

-Seu tio - disse lentamente - Mas eu pensava que seu tio... - olhou para o caminho - O que quer dizer com trancada em seu quarto?

Emily engoliu em seco.

- Isso pode não ser tão indulgente como eu levei a acreditar.

Ele afastou-se um passo.

-Não estou seguro de que deva desafiar seu tio. É sua família. Isso não é só pelas leis, é de sentido comum. Eu pensava...

-Suavizei um pouco a verdade –respondeu ela com impertinência - Meu tio não é...

-Eu não desafiaria assim a minha família.

- Claro que faria - respondeu Emily - Se sua família lhe pedisse para fazer algo desagradável. Suponha, por exemplo, que seu pai fosse um tirano como Napoleão e que lhe ordenasse...

Mas ele movia de novo a cabeça.

-Agora sim que não a compreendo. O que tinha de terrível em Napoleão?

Era um jovem tão calmo e sorria tão frequentemente que a princípio Emily pensou que brincava. Até que viu sua carranca e o ar sombrio com que a olhava.

Ela levantou as mãos para céu.

-Isso é ridículo. Napoleão estava empenhado em conquistar todo o continente europeu sem se importar o preço em... em...

Engoliu secamente; acabava de se dar conta de que estava gritando.

-Oh! - exclamou horrorizada.

Ele nem sequer arqueou uma sobrancelha.

-Oh! - repetiu ela, levando uma mão ao ventre.

O senhor Bhattacharya demorou um momento para falar. Fez ela se sentir mais estúpida.

-A Companhia das Índias Orientais reclamou Calcutá a mais de dois séculos – disse - Você não pode imaginar as coisas que vi. Há dez anos houve uma rebelião no norte. Provavelmente você não tenha ouvido falar nisso.

Ele disse sem piscar. E tinha razão. Emily não tinha ouvido falar nada daquilo.

-Continue - murmurou.

-Amotinaram-se vários batalhões indianos. Indiano matando os indiano
- apertou os punhos olhava para frente, mas com olhar perdido - Meu irmão estava no exército. Chamaram-no para ajudar.

Não acrescentou mais nada, mas ela viu que apertava os dentes.

Ele moveu a cabeça e desviou o olhar.

-Eu conhecia pessoas - disse por fim. Sacudiu a cabeça e seus olhos escuros a olharam.

-Em que lado seu irmão lutou? - perguntou ela lentamente.

Ele emitiu um som irritado.

-Eu estou aqui. É necessário que o pergunte?

Emily negou com a cabeça.

-Tudo começou porque a Companhia das Índias Orientais deu os cartuchos de fuzis que tinham sido engordurados com gordura animal. Gordura de porco, de boi, o que tinham à mão. E como parte do treinamento exigia que os soldados colocassem o cartucho na boca... - apertou os punhos.

Tinham falado o bastante daquilo para que Emily entendesse o que significava. Engoliu em seco.

-Os ingleses não entendiam que pediam uma profanação. Não compreenderam por que todo mundo estava irritado quando a notícia se espalhou -ele olhou para ela - Não entendiam por que a luta estava se espalhando de província em província. E quando contaram os mortos, não incluíram os nossos. Assim não, senhorita Fairfield. Napoleão não é tão mau.

Ela conteve o fôlego.

-Presumo - disse por fim - que você está a favor de um governo indiano ou da independência.

Ele parecia muito tranquilo. Não havia nem um músculo de seu corpo que se movesse. E, entretanto, em seus olhos havia uma tristeza que ela desejava apagar.

-Não. Não ouviu o que disse antes? Não me atrevo a desejar algo assim.

Emily tragou saliva.

-Minha família tem uma boa posição - disse ele - É complicado de explicar se não se conhece o sistema. Meu irmão mais velho foi oficial nas forças indianas. Meu segundo irmão é um juiz. Meu pai é funcionário público, em um posto de reportar diretamente ao comissário das estradas de ferro. Eu estou aqui precisamente porque minha família aceita o mandato britânico. Como poderia falar de rebelião? O que seria deles?

Emily moveu a cabeça sem dizer nada.

-Mas embora eu não pense em rebelião, meu irmão me falou do motim dos cipayos. De como começou e como terminou. Indianos lutando contra

indianos pelos britânicos. O que temos a ganhar? - havia amargura em sua voz- Eu não sonho com um governo indiano. Sonho com as coisas que posso obter, não com as que estão fora de meu alcance.

-Mas...

-Se sonhasse com um governo indiano, não poderia obter nada - a respiração dele se tornou mais rápida - Meu pensamento seria muito radical para que pudessem tolerá-lo e no final tudo acabaria do mesmo modo. Outra vez em violência. E para que?

Ela tentou imaginar o que seria não poder nem sequer sonhar com a liberdade.

Ele se voltou.

-Assim não me fale de Napoleão. Você não pode entender o que é isso.

Embora Emily só se aventurou umas poucas milhas fora da casa de seu tio, sentiu que seu horizonte se desmoronava, como se tivesse dado a volta ao mundo. Que cega tinha estado!

-Este não é um tema apropriado para uma conversa - comentou ele - Por favor, aceite minhas desculpas.

A ferocidade anterior tinha abandonado seus olhos. Sorria com calma, como se não tivesse acontecido nada. Na opinião de Emily, aquilo estava mal, muito mal. Ele tinha adotado uma máscara de amabilidade.

-Não - respondeu ela com paixão- Não. Jamais se desculpe por isso. Jamais. Não sei o que se atreve a fazer em qualquer outro lugar do mundo, mas comigo... - nem sequer sabia bem por que estava tão zangada – Essa é a minha fuga - disse por fim- A única coisa que faz com que o dia valha a pena. E deveria ser também o seu.

Ele demorou um longo momento pra responder. Simplesmente a olhava com seus sentimentos ocultos atrás da máscara.

-Eu teria que lhe dizer que não deveria desafiar a seu tio - comentou por fim.

-Se não houvesse serviço publico haveria violência, me diga, senhor Bhattacharya, que bandeira você içaria?

Ele respirou fundo.

-Acho que não é uma boa ideia pensar nisso. E acredito que você está tentando mudar de assunto.

-Eu acredito outra coisa - respondeu ela- De verdade você acreditou quando disse que minha família era tão anticonvencional que nos permitia passear durante dias sem ter sido apresentados?

-Eu... - ele franziu os lábios - Bom...

-Você sabia. Talvez você não quisesse saber, mas sabia. Se acredita que não deveria sair às escondidas, por que está aqui comigo?

O senhor Bhattacharya demorou um momento para responder. Estendeu o braço e pegou sua mão. Não para colocá-la em seu cotovelo nem para ajudá-la em um trecho difícil do caminho. Pegou sua mão e a acariciou com o polegar até que os dedos dela se abriram e então, olhando-a ainda nos olhos, baixou a cabeça e lhe beijou a palma.

E Emily compreendeu nesse momento que, sem propor-lhe tinha nadado até as águas profundas.

CAPÍTULO 11



Oliver SE DISSE QUE O MELHOR modo de vencer a tentação era evitá-la. Se a gente não quer comer muitos doces, o melhor era não comprá-los. Se a gente não quer beber álcool, o melhor era não entrar em um pub. E se a gente não quer humilhar a uma dama...

Nesse caso, supunha que o melhor era manter a distância. Tinha conseguido fazê-lo durante três dias e esperava que o jantar dessa noite não fosse diferente.

Os vestidos dela não melhoravam. Tinha visto um azul e ouro, perfeitamente aceitável na cor, mas com um desenho que oscilava e vibrava e parecia crescer e encolher diante de seus olhos até que Oliver teve que desviar o olhar. E tinha visto um vestido vermelho, "fogo do inferno" nas palavras de Whitting, uma abominação de efeito que recordava a uma chama.

E então havia o vestido que usava essa noite.

A senhorita Fairfield tinha um dom para pegar um conceito formoso e danificá-lo até que resultasse irreconhecível. Oliver tinha visto o vestido encantador feito de gaze sobre cetim. A gaze branca sobre cetim azul formava uma combinação perfeita. A gaze vermelha sobre cetim branco brilhava com um tom rosado à luz dos abajures. Até o cetim negro, e o do vestido dela era muito negro, ficava bem com gaze dourada em cima. Se ela ficasse na gaze dourada. Mas, é obvio, não tinha sido assim. Azul, vermelha, branca, verde e púrpura, até seis capas de gaze que juntas formavam uma combinação impossível de cores.

"Impossível" era a palavra mais apropriada. Porque ela tinha atraído os mesmos olhares surpreendidos que atraía antes. Oliver, como todos os outros, não podia afastar os olhos. Mas diferente dos outros, suspeitava que ele tinha uma razão completamente diferente.

A senhorita Fairfield gostava. Gostava muito. Se fosse permitido, sua imaginação iria às pontas do cabelo dela, flores pintadas em todas as cores do arco íris pendurados em correntes de ouro nas tiras do chapéu, teria que remover o pensamento de deslizar as mãos entre as mechas sedosas de seu cabelo e lhe roubar esse beijo que quase lhe tinha dado.

Recordou-se que o melhor modo de vencer a tentação era evitá-la.

Ela levantou a cabeça e o surpreendeu olhando para ela. E antes que ele pudesse voltar-se, sorriu e piscou. Oliver sentiu um calafrio na coluna e suas pernas se contraíram em resposta.

Ele teria que saber que aquele não seria o final.

Ela o encontrou umas horas mais tarde.

-Senhor Cromwell - disse com uma faísca de humor nos olhos.

-Senhorita Fairchild - ouviu-se responder.

Mas inclusive esse pequeno jogo, essa mudança de nome, era muito. Ela sorriu. Oliver havia dito de brincadeira uma ocasião que temia que o vestido dela pudesse ser contagioso, mas contagioso era seu sorriso.

Naquele momento ele compreendeu. Ele era viciado por ela, sem nenhum desejo de fazer qualquer coisa que não fosse sorrir.

-Senhorita Fairfield - disse em voz baixa- Pensava que tínhamos um acordo. Não podemos fazer isso. É impossível.

-Acordo? - sussurrou ela - Você disse e eu fiquei em silêncio. Isso não é um acordo.

Ele não tinha deixado de sorrir.

-Nesse caso, vou corrigir isso imediatamente. Jane não devemos fazer isso. Não devemos ser... amigos.

Amigos. Não tinha sido amizade que o tinha empurrado a tocar a bochecha dela a última vez que tinham estado a sós. Pior que isso. Ele era suscetível a ela, sim, mas sabia de que modo ela o olhava. Como sorria quando o via. Ela era vulnerável e Oliver a recordava dizendo: "Estou muito desesperada para me zangar".

-Mudou algo - ela levantou o queixo e o olhou nos olhos - Mudou tudo - moveu a cabeça ao falar e a luz dos abajures arrancou reflexos das flores multicoloridos de seu cabelo.

-Oh?- perguntou ele.

Ela sorriu com alegria. Era um sorriso que parecia acender algo dentro dele.

-Se acha que vou deixar Bradenton ganhar, está muito enganado - comentou ela.

-Eu não tenho intenção de deixa-lo ganhar - respondeu ele - mas...

-Você acredita que está enfrentando ele por mim? - o sorriso dela se voltou mais brilhante - Oh, não, senhor Marshall! Engana-se. Eu estou enfrentando ele através de você.

Oliver engoliu em seco.

-Você acredita que sou como isca - disse ela - Vulnerável a menor faísca. Tem medo de me queimar porque acredita que quando queimar, não ficará nada exceto desolação.

Olhou-o como desafiando-o a contradizê-la. Oliver não pôde fazer. Fazia só um momento que tinha pensado algo muito parecido. Mas a expressão dela era mais animada que nunca e ele sentiu uma dor no estômago por antecipação.

-Tenho algo que lhe dizer - sussurrou ela, e ele se aproximou para ouvir seu segredo - Não sou uma praga. Não sou uma peste. E me nego a ser sacrificada para a maior glória de seu jogo.

Ele não a tocou. Por que, então, ele sentia que sim? Quase podia sentir a pressão fantasma de sua mão no peito, o calor de seu fôlego nos lábios. Quase podia saborear seu aroma, aquele leve toque de lavanda. Tinha a sensação de que acabava de lhe dar um empurrão e não conseguia recuperar o equilíbrio.

-Você não é nenhuma dessas coisas –disse – O que é então?

-Sou uma labareda - respondeu ela. Sorriu e lhe fez uma reverência. Girou sobre seus pés e o deixou olhando-a afastar-se.

As palavras dela não deveriam fazer nenhum sentido, mas quando se voltou, as muitas gazes coloridas de sua saia bateram as asas atrás dela à luz do abajur. Para Oliver lembrava um prisma que capturava a luz e a separava em todas as cores do arco íris. Ela era... uma labareda.

Observou-a afastar-se e todas as suas preocupações sobre a tentação desapareceram no ato. Não só estava cedendo à tentação, a estava convidando a tomar o chá.

"Sim", pensou uma parte profunda dele. "E está".

O que era que estava, não sabia. Não conseguia encontrar sentido naquilo, assim a observou o resto da noite tentando entender o que tinha acontecido. Ou possivelmente a observava porque gostava de fazê-lo.

A viu rir com as irmãs Johnson em um canto. A viu falar com outros homens, que não pareciam ter notado sua transformação em fênix. Inclusive a viu falar com Bradenton e sorrir enquanto ele apertava os dentes.

O marquês levantou os olhos e viu Oliver através da sala. O olhar em seus olhos falava com uma expressão fria que lhe sussurravam.

Oliver não respondeu.

Bradenton se reuniu a ele momentos depois.

-Dentro de uns dias terei convidados – disse - Canterly, Ellisford, Carleton... acredito que reconhece os homens. Meus amigos do Parlamento estarão aqui. Quero lhes apresentar a Hapford.

Olhou para o outro lado do salão, onde estava Jane. Oliver a ouvia rir dali.

- Antes queria que me provasse algo - disse Bradenton. Seu olhar se endureceu - E talvez o queira ainda. Mas sobre tudo quero vê-la cair - Balançou a cabeça e olhou para Oliver – Faça-o, Marshall. Se o fizer antes de meus convidados partirem, eu os convencerei.

O futuro de Oliver. Aquele voto. Podia conseguir facilmente tudo o que sempre tinha sonhado, mas a que preço!

No outro lado da balança estava a imagem de Jane. De seu sorriso brilhante. Oliver sentia náuseas.

"Sou uma labareda".

O fogo afogou a náusea. Oliver não sorriu. Não olhou para Bradenton nos olhos. Encolheu os ombros.

-Nove dias. Sem nada mais, nada mais.

A MANHÃ SEGUINTE CHEGOU acompanhada de nuvens cinza. Oliver despertou com a lembrança da noite anterior na cabeça, como um sonho arejado e insubstancial, o tipo de coisa que não podia ter acontecido de verdade.

Sentou-se na cama. Estava em um quarto de hóspedes na casa de seu primo. Ele esperou até que sua cabeça esclarecesse. Mas em vez de se dissipar do nada, como acontecia com os sonhos, sua memória se solidificou em uma lembrança atrás da outra. O sorriso de Jane, seu vestido, a expressão de seu rosto quando sorria e dizia: "Sou uma labareda".

Oliver suspirou. O que ia fazer?

Bateram na porta.

-Está preparado?

Era seu primo. No dia anterior Oliver tinha cometido a tolice de aceitar acompanhar Sebastian em seu passeio matinal. Esfregou os olhos e olhou pela janela. Era cedo ainda. O amanhecer penteava ainda pontos cinza de névoa entre os campos. Pela janela detrás se via a bruma que se estendia sobre o rio Cam e os campos mais à frente.

-Ande depressa, Oliver - disse Sebastian.

-Não é justo. Por que meu primo tem que ser o único libertino que conheço que gosta de madrugar?

Sebastian riu atrás da porta.

Oliver demorou meia hora se vestindo para sair de casa. A névoa começava a desaparecer com a luz do sol e um pássaro andava por perto. Mas durante os primeiros minutos de passeio, fazia muito frio para fazer outra coisa

que não fosse caminhar depressa, esfregando as mãos dentro das luvas até que o exercício começou a produzir seu próprio calor. Cruzaram o Cam, subiram pela parte de trás dos colégios e saíram no campo.

-Vai me dizer de uma vez o que se propõe? - perguntou Sebastian.

-Aqui? Eu já lhe disse. Bradenton...

-Ao inferno com Bradenton! Nunca gostei dele. Não me refiro a isso.

Oliver franziu os lábios perplexo.

-Não sei do que está falando.

-Tampouco me refiro a sua senhorita Fairfield - Sebastian suspirou - Estou falando de algo muito mais importante. O mais importante de tudo, acredito. O centro do universo, e ao inferno com Copérnico - sorriu largamente - Estou falando de mim.

Oliver o olhou. Seus pais lhe tinham falado do homem que foi seu pai quando era jovem. Tinham-lhe falado de seu meio irmão, que vivia em uma casa luxuosa com um pai bastante inútil. Oliver tinha ouvido falar da existência de Robert e de sua vida.

Mas não sabia nada de seu primo Sebastian até os doze anos.

A irmã mais velha do duque de Clermont se casou com um industrial em um esforço desesperado, e até onde Oliver sabia fútil, por encher os cofres da família Clermont. Sebastian Malheur era produto desse casamento. Era moreno e atrativo, e sorria para todo mundo. Sempre tinha feito muitas travessuras quando estudavam juntos. E de algum modo, isso nunca tinha mudado.

Era um mestre na arte de se gloriar. Oliver nunca estava seguro de que na realidade pensava seu primo porque quase nunca falava a sério.

Sebastian sorria.

-Não pare de me fazer perguntas do tipo: "Como está?", ou "Você gostou de ouvir...?"... Um montão de perguntas sobre meus sentimentos. Assim pensei em dar a oportunidade de ser direto. Você age como se eu fosse morrer. Por que você faz isso?

Havia coisas que nunca mudavam, mas...

Oliver suspirou.

-É por suas cartas. Quando disse a Robert que vinha para cá, ele me pediu para saber como você estava.

-Minhas cartas - Sebastian olhou a seu redor como se esperasse que aparecesse um coro grego e colocasse música a sua explicação - O que eu fiz de mal em minhas cartas?

-Não sei - Oliver encolheu os ombros- Mas Robert diz que há algo estranho nelas. E diz que não parece feliz.

Sebastian sorriu alegremente. Oliver pensou que suas palavras soaram ridículas com o sol da manhã iluminando o rosto de seu primo.

-Que não sou feliz? - perguntou Sebastian – Por que não vou ser feliz? Tenho obtido o tipo de sucesso com o qual muitos homens só podem sonhar. Escandalizei a toda a Inglaterra e, de fato, o mundo inteiro. Fiz travessuras ao mais alto nível e o melhor de tudo é que provavelmente se pode demonstrar que tenho razão. Me diga, Oliver, nessas circunstâncias, por que não vou ser feliz?

Oliver olhou para seu primo e encolheu os ombros.

-Não sei – disse - mas nesse longo discurso que acaba de fazer, não disse nenhuma só vez que fosse feliz.

Sebastian o olhou e moveu a cabeça.

-Minnie - disse, como se isso fosse uma explicação - Robert se casou com ela e agora os dois analisam a linguagem em busca de significados ocultos. Menos mal que ela não está aqui porque, se estivesse, veria o que não está acontecendo. Você é um mero amador.

-O que é que não está acontecendo? -perguntou Oliver.

Sebastian ignorou.

-Suponhamos por um momento que você tenha razão. Estou profundamente magoado e sou muito infeliz, mas não quero explicar por que - sorriu enquanto falava, como se quisesse demonstrar o ridículo que era aquela ideia - Não estaríamos todos melhor se assumíssemos que tenho minhas razões para fazer isso e as respeitasse?

-Talvez - respondeu Oliver - mas tenho a sensação de que ultimamente não é o mesmo. Há algo diferente em você.

-Uma vez mais, suponhamos que tenha razão. Não fará que me sinta melhor me dizendo que pareço infeliz.

-Muito bem - replicou Oliver - Como queira. Isto é igual aos velhos tempos.

Seguiam um caminho que passou perto de um pátio onde a filha de um fazendeiro dava de comer aos gansos. Um pouco mais à frente, um homem conduzia água em baldes pendurados em um jugo que levava ao pescoço.

-O que você quis dizer antes quando disse que algo não aconteceu? - perguntou Oliver.

-Há muitas coisas que não acontecem - respondeu Sebastian - Eu não voo. Você não se torna ouro quando toco em você. Eu ainda tenho que fazer um pacto com o diabo.

-Se quer me dizer algo, deveria me dizer isso claramente.

-De que se trata -Sebastian ficou sério - Se tivesse assinado com sangue um contrato com Fausto, por assim dizer, provavelmente teria uma cláusula que me proibiria de falar. Só direi uma coisa. Não sou tão divertido como era antes.

Para Oliver não custava nada acreditar naquilo. A fama tinha chegado rapidamente para Sebastian. Pouco tempo atrás era só um jovem rico, nascido de boa família, sem razões para trabalhar. Fazia o que faziam frequentemente os jovens ricos de boa família: paquerar com as damas da cidade e manter uma reputação de hedonista.

Sim, era inteligente. E sempre foi muito divertido. Mas se alguém tivesse perguntado á Oliver uma década atrás o que Sebastian faria com sua vida, nunca, nem em um milhão de anos, teria adivinhado que seu primo e amigo adquiriria fama por seus estudos nas ciências naturais.

E de repente, Sebastian tinha publicado um ensaio sobre as bocas de dragão e isso tinha sido bem recebido. Tinha publicado outro ensaio seis meses depois sobre ervilhas e mais tarde um sobre as alfaces.

Só três meses depois do ensaio das alfaces, tinha anunciado que o que tinha descoberto não eram só umas poucas raridades sobre o crescimento das plantas, mas um sistema que demonstrava que as características passavam de pais para filhos de um modo sistemático que se podia prever matematicamente.

Isso, segundo ele, servia como ponto de referência. Um parâmetro de referência que pode ser usado para determinar que traço aleatório passaria para a descendência, portanto, permitia ver como se desviava a natureza do aleatório. Segundo o argumento de Sebastian, havia uma diferença significativa em resposta a mudanças de condições, isso demonstrava que o senhor Darwin tinha razão.

Não poderia ter publicado nada mais provocante. Esse ensaio continha quatro exemplos que demonstravam como se desviou a natureza da casualidade. E naquele momento, Sebastian Malheur tinha deixado de ser visto como um cientista um pouco excêntrico com tendências hedonistas e se tornou um herege e pagão.

-Me preocupa - comentou Oliver- Me preocupa muito, Sebastian.

-Bem arranje preocupações mais produtivas - comentou seu primo - Eu não preciso de sua pena. De fato...

-Ah, bem! -chamou uma voz atrás deles- Senhor Malheur? É você, senhor Malheur? Olá!

Sebastian se voltou e viu um homem que avançava para eles a passo rápido. Saudou Sebastian agitando uma mão no ar.

-Quem é esse? - Sebastian perguntou em voz baixa - Quem quer que seja, não desejo falar com ele. Me esconda, Oliver.

Este olhou a seu redor. Não havia nada perto exceto o caminho que seguiam, que decorria entre o rio e grama alta. A paisagem estava pontilhada pelo matagal, mas vazio de algo que pudesse servir de esconderijo.

-Já viu você. Não pode se esconder.

-E se fingir que sou uma árvore? - Sebastian encolheu os ombros - Posso fingir muito bem, prometo.

O homem já estava quase em cima deles. Percorreu o último lance do atalho ofegando com força.

-Senhor Malheur! – exclamou – Eu o tenho procurado desde a última vez que nos falamos. Enviei-lhe mensagens, não as recebeu?

-Recibo muitas mensagens - Sebastian franziu a testa - Posso saber quem é você?

-Fairfield - respondeu o homem - O senhor Titus Fairfield.

Oliver piscou e o olhou com atenção. Fairfield era um sobrenome bastante comum. Podia ser coincidência. Mas, por outra parte...

O senhor Fairfield secou o suor do rosto com um lenço.

-É obvio, não espero que se lembre de mim. Claro que não. Sou um cavalheiro que reside aqui em Cambridge - sorriu fracamente, como se faltasse prática - Um cavalheiro, sim. Não preciso trabalhar, embora de vez em quando aceito um estudante promissor como tutelado - assentiu com a cabeça.

Um tutor privado que só tomava um estudante e não um grupo? Certamente não era muito bom.

Sebastian deve ter pensado o mesmo, porque suspirou.

-Me preocupo em ter tempo livre para viver a vida da mente. Como você. – o senhor Fairfield se endireitou com um pouco de incerteza - um pouco como você.

Sebastian olhou para Oliver e franziu o lábio.

-Seu trabalho - disse o senhor Fairfield depois de um silêncio incômodo - Seu trabalho me confundiu muito e me tem feito pensar. Pensei muito nele da última vez que ouvi falar. As implicações, senhor Malheur, as implicações! Para a política, o governo, a economia...

Sebastian o olhou.

-Não sabia que meu trabalho sobre as bocas de dragão tivesse implicações para a política e a economia.

-Eu não entendo todas - respondeu o senhor Fairfield - Você me supera em conhecimentos. Mas se houver bases hereditárias na evolução, não podemos inferir que poderemos ter sucesso como espécie? Você não deveria pensar nisso?

O sorriso com que Sebastian respondeu era afiado como uma faca.

-Como? Com um programa controlado de reprodução humana?

Fairfield piscou.

-Isso seria o que teria que fazer - continuou Sebastian - Criar humanos é muito mais difícil que propagar bocas de dragão. Como norma geral, os humanos preferem se reproduzir sozinhos sem direção externa. Eu também tenho essa preferência. Odiaria impor outro costume as pessoas.

Fairfield franziu a testa.

-Poderia pagar...

-Você é tutor em Direito. Agora é legal pagar às pessoas para ter relações sexuais?

-Ah. Boa pergunta. Entendo. Isso dificulta as coisas - Fairfield voltou a franzir a testa - Isto tem que ser pensado melhor. Acha que poderíamos nos ver para debater o assunto?

-Não - respondeu Sebastian com um sorriso brilhante - A ideia me causa ódio e repugnância.

-Mas...

-Sem mais. E agora, se me desculpar, meu primo e eu devemos deixar o caminho aqui.

Não havia nenhum outro caminho que levasse a nenhuma parte. Sebastian apontou vagamente para os campos.

-Que tenha um bom dia – disse - Eu adoraria ficar para conversar, mas devo partir.

-Espera - pediu Oliver.

Mas seu primo o agarrou pelo pulso e o levou pela grama. O campo estava molhado pelo orvalho. Oliver não demorou muito para empapar suas meias. Sebastian sorria o tempo todo. Mas apertou o passo e não soltou o pulso de Oliver até que se afastaram ao menos meia milha de distância.

-Aí está – disse - Um de meus seguidores. E agora me diga, Oliver, como poderia não ser feliz?

CAPÍTULO 12



ERA UM DIA ENSOLARADO e quente, alguns dias depois de Jane ter informado corajosamente ao senhor Marshall que estava combatendo com Bradenton por ele. Nos dias seguintes, perguntou-se no que estava pensando ao dizer isso, como tinha se atrevido a dizer algo tão ousado.

Mas quando voltou a ver o senhor Marshall, deixou de perguntar-se. Era meio-dia. Ela estava passeando pelo Jesus Green com as irmãs Johnson, fingindo olhar uma partida de críquete e desfrutando da amizade verdadeira das garotas. Ela foi a primeira a vê-lo. Caminhava pelo outro lado do campo e fazia gestos com as mãos ao falar. Conversava com um moço vestido de negro.

Jane nunca o tinha visto andar. Ou, melhor dizendo, tinha-o visto andar pelo salão, mas na grama tinha um grande passo e uma graça natural. O vento removia o cabelo debaixo do chapéu e lhe levantava a franja.

E Jane entendeu por que havia dito a ele o que falou da última vez. Porque não pensava ceder a ninguém aquele homem, o homem que lhe havia dito que seguisse falando e que era uma valente.

Foi um pensamento incrivelmente feroz e possessivo. Mas real.

"Meu".

Ele a havia tocado e ela tinha gostado.

"Meu".

-Jane?

Voltou-se com um sobressalto e viu que Genevieve e Geraldine a olhavam sorridentes.

-Me diga no que estava pensando agora mesmo - pediu-lhe a segunda.

Jane negou com a cabeça.

-Em nada.

-Nem sequer em Geraldine se nota tanto - respondeu Genevieve - E seu noivo está justo ali. Esse "nada" é ruivo e usa óculos?

Jane corou. Não tinha se dado conta de que era Hapford que estava com o senhor Marshall.

Geraldine se aproximou mais dela.

-Esse "nada" vai caminhando ao lado de Hapford?

-Não - interveio Genevieve - Acredito que "nada" vem para cá. Vamos, Jane. Cumprimente com a mão.

Jane levantou uma mão enluvada. Embora estivessem separados por cinquenta jardas de grama e havia uma partida de críquete entre eles, sentiu que ruborizava.

Ele também levantou a mão. E pôs-se a andar para ela.

"Sou uma labareda", pensou Jane. E estava certa. Sentia mais e mais calor a cada passo que ele dava em sua direção.

-Senhor Marshall - disse quando estava bastante perto para ouvi-la.

-Senhorita Fairfield. Senhorita Johnson. Senhorita Genevieve - as palavras dele eram educadas, mas seus olhos somente olhavam para Jane.

Hapford, a seu lado, saudou-as também. Geraldine se aproximou e pegou-o no braço e Genevieve a acompanhou. Jane ficou com o senhor Marshall. Não estavam sozinhos, mas tinham um pouco de privacidade.

-Gosta de meu vestido de passeio?

Ele fixou os olhos em seus peitos e o baixou depois até os pés como uma carícia.

-Diga a verdade - ela assinalou aos outros com a mão - Não podem ouvi-lo - as irmãs Johnson tinham tido a precaução de caminhar com Hapford cinco ou seis passos.

-É um avanço em relação ao "horror espantoso" do último - respondeu ele - Quase entra na categoria de "fascinação doentia" - fingiu um calafrio - Mas me diga. Essas bananas de cor cobre em pó estão desenhadas no tecido?

-Sim. Eu adoro, olhe -Jane mostrou seu pendente, um macaco de esmalte verde com olhos ferozes de cor topázio- Vê? Não é maravilhoso?

Ele se adiantou obedientemente para olhá-lo.

Embora possivelmente não foi muito obediente. Jane estava bastante perto para ver que seus olhos, detrás dos óculos, não olhavam o pendente a não ser...

Tecnicamente, seu vestido se prolongava até a metade do pescoço. Tecnicamente também, o tecido da parte superior do corpo era de renda escura. E a renda tinha buracos.

Não se via nada que não se viu com um vestido de noite, mas se via. Só teria que chegar perto fingindo olhar um pendente.

Ele levantou os olhos para sua cara e sorriu.

-Tem razão. Isso ajuda muito ao vestido - dobrou um dedo - Me deixe vê-lo outra vez.

Jane se ruborizou e Geraldine tossiu diante dela.

-Oh, Geraldine! - exclamou Genevieve em voz alta - Espero que não esteja pegando algo.

-Tolices - repôs Hapford - Isso não foi...

- Eu tenho medo que seja - interrompeu-o Geraldine - Será melhor irmos. Hapford acompanha-nos?

-Mas...

A garota se afastou do braço de seu prometido.

-Vamos - disse.

-Mas... Oh!

-A menos que você queira que fiquemos Jane - disse Geraldine.

-Humm - Jane se ruborizou mais ainda - Não. Isso não será necessário.

Genevieve se despediu dela agitando a mão e os três se afastaram. Jane os olhou ir embora, sentindo a todo o tempo os olhos do senhor Marshall em seu... pendente. Voltou á cabeça para ele e ele a olhou nos olhos.

-Tem uma mancha nos óculos - disse ela.

-Sim?

-Sim - ela levantou a mão e tocou a lente- Um rastro de dedos aqui.

Ele olhou para ela com fingida irritação e tirou os óculos para limpá-los com um lenço.

-É o que acontece por olhar o meu macaco com luxúria. E agora imagine o que farei se aceitar a oferta de Bradenton.

O sorriso dele vacilou. Respirou com força.

-Jane.

-Que voto é esse tão importante? -perguntou ela.

Ele não respondeu imediatamente. Ofereceu-lhe o cotovelo.

-Caminhe comigo - começaram a rodear o campo de críquete - Você sabe que sou filho ilegítimo de um duque.

-Sim.

-Legalmente, não sou um bastardo. Minha mãe estava casada quando nasci e seu marido me reconheceu e me deu seu sobrenome. Até alguns anos atrás, ninguém sequer me conhecia publicamente como filho do duque. Algumas pessoas sabiam, é obvio, mas era algo que se sussurrava, não que se falasse em voz alta.

Legalmente, Jane tampouco era bastarda. Mas mesmo assim a tratavam como tal.

-Às vezes - disse ele - esqueço que as pessoas acreditam que sou filho de Clermont. Não que Hugo Marshall seja meu pai. É estranho, porque para mim ele sempre foi. Meu pai. Nunca agiu como se minhas irmãs, que sim são de seu sangue, fossem para ele mais importantes do que eu. Durante a maior parte de minha infância não me dava conta de quão extraordinário era isso. Simplesmente era assim.

Jane sentiu inveja por ouvir isso, uma inveja que enchia seu coração. Ela não tinha tido uma família de verdade.

-Como foi? - perguntou em voz baixa.

-Ensinou-me a pescar, a colocar armadilhas para os coelhos, a lutar limpamente com os punhos e a fazer uma caixa com um pedaço de papel. Ensinou-me a assobiar com uma fibra de erva. Meu pai me ensinou isso tudo. E por isso o chamo pai, porque foi. Em todos os sentidos da palavra menos em um.

-E você era parte da família?

-Oh, sim. Eu cresci com eles. Têm uma pequena fazenda. E lá é onde queria chegar com isso. Meus pais nunca foram ricos. Sempre tiveram o suficiente. Tanto minha mãe como meu pai são inteligentes. Duas vezes ao ano alugam fábricas durante uma semana, o tempo suficiente para destilar óleo e fazer sabão. Sem grandes barras de sabão produzidas em massa, a não ser sabões aromáticos feitos com moldes. Meu pai os empacota para as damas e cobra vinte vezes seu valor - sorriu e olhou para Jane - Acredito que você usa um. *Segredos de Lady Serena*.

Era verdade. Jane gostava dos tons pastel das caixas. Os sabões chegavam envoltos em papel fino, acompanhados de um pedaço de papel que explicava o aroma. Havia diferentes aromas para cada mês do ano, e trocavam com as estações. Pagava cinco vezes mais por aqueles sabões do que custavam outros, mas lhe causava um grande prazer desembrulhá-los, assim considerava um dinheiro bem gasto.

-Para meus pais vai bem - continuou o senhor Marshall - Mas tenho três irmãs. Duas delas se casaram recentemente e meus pais as ajudaram a estabelecer-se em suas novas vidas. Também pagaram minhas aulas em Cambridge. E embora o atual duque de Clermont, meu irmão, passou-me um dinheiro quando cheguei à maioridade, eles se negaram a aceitar qualquer coisa dele a princípio.

-Está me dizendo que sua família é pobre? - perguntou ela.

-Não, absolutamente - Oliver engoliu em seco e desviou o olhar - Embora... sim, suponho que você poderia considerá-los assim. Estou-lhe dizendo que meu pai é um inquilino do campo. Pagam uma renda anual de quarenta libras ao ano.

Jane moveu a cabeça. Não via o porquê daquilo.

-Eu adorava meu pai. Estava acostumado a pensar que ele podia fazer coisas - disse Oliver - É o que ocorre quando um homem lhe ensina tudo. E logo, quando tinha dezesseis anos, descobri que não era assim.

Jane lhe apertou o braço.

-Todo mundo é falho. Até o melhor dos homens.

-Não. Não quis dizer que descobri que tinha defeitos. Quis dizer o que eu disse. Há uma coisa que não lhe permite fazer a meu pai.

Ela esperou a resposta.

-Não pode votar.

Jane o olhou surpreendida, com olhos muito abertos.

-Isso... isso...

-Imagine que houvesse alguém que não lhe devesse nada e lhe desse tudo. Uma família. Um lugar no mundo. Amor. Imagine que todo mundo a seu redor dissesse que ele não valia nada. O que faria você por ele?

-Por ela - sussurrou Jane involuntariamente. Retirou a mão do braço dele e se abraçou o corpo - Quando quase não tem a ninguém... Eu faria qualquer coisa por ela - ficou em silêncio um momento - Isso foi o que lhe prometeu Bradenton? Votar pela Ata da Reforma?

Oliver assentiu.

-Mais que isso. Não só o voto mais ter o crédito de fazer mudar de ideia. É o líder de um grupo de nove. Está preparando Hapford para que se una a eles. Se eu puder convencer a todo o grupo, isso vai demonstrar o meu valor. Será o primeiro passo adiante - afastou os olhos - Senhorita Fairfield, não pedirei desculpas a você pela escolha que devo fazer. Todo o grupo de Bradenton estará aqui dentro de uns dias. Eu não sei - fez um gesto de frustração - Quer dizer, acredito que deveria ir antes - estendeu as mãos com um gesto de impotência - O Parlamento se reunirá em umas semanas de todo o modo. É hora de seguir em frente.

"Meu".

Talvez fosse muito ousado da parte dela. Talvez fosse tolice. Mas Bradenton tinha quebrado seu cacto e queria vingar-se.

-Me diga, senhor Marshall. Qual seria seu primeiro passo se conseguisse oito votos em vez de nove?

-Isso é o que tentei. Já me viu falando com Hapford - ele a olhou - Mas todos os outros... Os vínculos de amizade contam muito e se Bradenton falar mal de mim... - encolheu os ombros.

-É isso o que quis dizer - respondeu ela - Eu não os conheço, mas Bradenton nem sequer pode contar plenamente com Hapford. Não poderá controlar a outros homens. E se você fizesse algo um pouco tenso com esses vínculos de amizade...

Oliver a olhou.

-Eles virão aqui - continuou Jane - É a oportunidade perfeita. Só necessita de algo que os faça escutar a você em vez dele. Terá todos os votos que

quer menos um. Lhe atribuirão o mérito - baixou a voz - E Bradenton... Bom, eu acredito que isso o irritaria muito.

Oliver piscou.

-Meu Deus! - um sorriso se estendeu lentamente por seu rosto - Mas como faria isso?

-Oh, senhor Marshall! - respondeu Jane-. Ultimamente não pensei em outra coisa.

EMILY HAVIA SE sentido um pouco alterada depois de sua última conversa com o senhor Bhattacharya. Tinha observado mais atentamente Titus e se esforçou por ser... bom, não obediente, mas sim mais respeitosa.

Isso não tinha feito qualquer diferença em seu comportamento, mas tinha descoberto que, quanto menos raiva contra seu tio, mais podia suportá-lo.

Naquele momento, em que esperava de novo o senhor Bhattacharya ao lado do riacho, voltava a estar nervosa. E se ele tinha decidido que não queria vê-la mais? E se tinha decidido que a aprovação de seu tio era fundamental? O coração pulsava com força diante de cada pequeno ruído que pudessem ser os passos dele. As palmas das mãos lhe faziam cócegas como se sua pele recordasse a dele.

E então o viu e sorriu quando ele se aproximava. Ele sempre se vestia muito bem. Muitos estudantes de Cambridge eram desalinhados; Emily supunha que podia ser uma consequência do fato de usar um avental sobre a roupa, que deixavam de se preocupar por acreditar que podiam ver poucas pessoas. O senhor Bhattacharya sempre estava limpo e arrumado, com a roupa bem engomada e o chapéu colocado firmemente na cabeça.

-Senhor Bhattacharya – ela o saudou.

Ele estava a poucos pés de distância e lhe lançou um olhar interrogativo.

-É assim como pensa em me receber?

Emily ruborizou.

-Estava pensando em outra coisa?

Certamente se referia a um beijo. Não nos lábios, claro. A ideia disso fazia com que Emily tremesse o corpo com antecipação nervosa. Antecipação doce e encantadora, um desejo que a enchia com uma força repentina.

-Não se lembra do meu nome, certo? - perguntou ele com certa tristeza.

Oh. Referia-se a esse tipo de saudação. Emily piscou para dissipar a força de seu desejo.

-É obvio que sim. É Anjan.

Ele sorriu por sua vez.

Emily decidiu que o encontro com um cavalheiro depois de ter pego sua mão era mais incômodo que antes de acontecer. Esperava que ele pegasse sua mão imediatamente, como um preço já ganho, ou tinha que chegar a esse ponto pouco a pouco?

Ele deu outro passo para ela.

-Formosa Emily – disse - Inteligente Emily. Doce Emily - estendeu a mão, mas não pegou a dela. Roçou um de seus cachos com suavidade.

-Acredito que você é o melhor sonho que tive em minha vida - disse ela tremendo.

Ele arqueou uma sobrancelha interrogativamente.

-Meu tutor acredita que estou na sesta -explicou ela - Já sei, não teria que ter mentido. Estou... tentando ser melhor.

Ele não soltou seu cabelo, mas ela viu que apertava o rosto e sua mandíbula apertava um pouco.

-Eu vejo - disse.

-Certamente que não. Linda Emily. Inteligente Emily. Mentirosa Emily. Quase toda minha vida é uma mentira.

Ele a olhou nos olhos.

-A minha também. Sou indiano. Sou essa pessoa amável que não ouve a metade do que se diz diante dele. Sou esse que não se queixa aconteça o que acontecer. Acho que, depois de tudo, não deveria me surpreender que minta a seu tutor. Há muitos poucos pais na Inglaterra que me dariam permissão para cortejar a sua filha por muito bom futuro que possa ter.

Emily engoliu em seco.

-Cortejar? - perguntou.

"Cortejar" era uma palavra que ela não compreendia muito bem. "Flertar" sim poderia entender. "Deslumbrar" também. Havia falado que ele desfrutava com sua companhia, sim, mas... partiria do país naquele ano. E o tutor dela nem sequer sabia o que acontecia.

-Não vai voltar para a Índia quando terminar sua licenciatura? - perguntou.

Ele a observou.

-Não.

-Mas...suponho que se casará com uma mulher indiana. Eu acreditava...

-Não é provável - explicou ele - Tenho um amigo aqui que se chama Lirington. Seu pai me ofereceu um emprego quando terminar meus estudos. Ficarei aqui como procurador.

-Aqui - repetiu ela - Aqui com as sopas de espinafres e o pão. Aqui conosco os Napoleones. Vai ficar aqui? Sei quanto sente falta da sua família. Por que vai ficar?

O senhor Bhattacharya demorou um momento para responder. Por fim respirou fundo e afastou o olhar.

-Meu irmão mais velho – disse - Embora eu fosse dez anos mais jovem, éramos muito unidos. Eu o adorava, seguia-o a toda parte. Ele me contava todos seus planos. Dizia-me que sempre tinha pensado vir para a Inglaterra. Que na Índia sempre o veriam somente como mais um soldado, um homem a mais de pele escura. "Aqui há tantos de nós, que nunca nos verão como pessoas", dizia. Me falava que, se queria que mudassem as coisas, teria que procurar os ingleses em seu próprio país. Tinha planejado transferir-se para cá quando fizesse vinte e cinco anos e montar um negócio. Viver aqui o resto de sua vida, conhecer os ingleses e que eles o conhecessem.

Tinha começado a falar em voz baixa, mas quando terminou, sua voz tinha recuperado o volume normal.

Engoliu a saliva e afastou o olhar.

-Sem isso - disse com suavidade - temia que mais vidas fossem perdidas por estupidez. A revolta dos cipayos... que começou por uma negligência criminal. Não acredito que foi mal intencionado, só estúpida. Se os ingleses tivessem escutado, teriam compreendido o que significava. Para eles era apenas gordura. O toucinho de porco e a gordura de boi não são mais que partes de animais. Não entendiam que estavam pedindo aos soldados indianos que traissem suas crenças sagradas. Isso foi o que me disse Sonjit, que ele podia salvar vidas e parar essa estupidez. Mas para isso tinha que fazer com que os ingleses o entendessem - Anjan engoliu em seco - E eu disse que o amava.

Emily o olhava atentamente. Não disse nada.

-Durante a revolta dos cipayos, cravaram-lhe uma faca na barriga. Nem sequer estava lutando, simplesmente alguém correu até ele na rua gritando. Quando o levaram para casa, era muito tarde para fazer outra coisa que não vê-lo morrer. Quando o vi, disse-me: "Parece que não irei á Inglaterra" - a voz de Anjan soava emocionada - E eu lhe prometi que viria por ele.

Emily estendeu o braço e tocou sua mão.

-Sinto muito por sua perda.

O senhor Bhattacharya moveu a cabeça para afastar velhas lembranças.

-Contei a meus pais o que ele me havia dito. Disse-lhes que queria vir em sua memória. Falamos. Eu tinha um casamento arranjado, mas a garota morreu jovem e ainda não tinham arranjado outro. Disse para eles não fazerem, que me aceitariam melhor aqui se...

Ficou em silêncio.

-Se o que? - perguntou ela.

-Se estivesse solteiro - respondeu ele sem piscar - Ou se encontrava uma esposa na Inglaterra em vez de trazer uma comigo. Não foi uma conversa feliz. Meus pais discutiram muito esse tema, mas no final terminaram por aceitar. Mesmo assim, suspeito que minha mãe ainda tem a esperança de me surpreender com uma boa garota bengali.

Emily o olhou fixamente.

-Arrumaram pra você um casamento antes de completar dez anos?

-Não é o que você pensa. Meus pais me querem. Eles não gostariam que eu fosse infeliz. Escolheriam alguém a quem eu pudesse chegar a amar. Alguém com um temperamento como o meu. Eles tem feito muito bem com meus irmãos.

Voltou a afastar o olhar e lentamente tirou o chapéu. E virou-o nas mãos.

-O correio entre a Índia e Inglaterra está lento - disse por fim - mas eu escrevi para eles pedindo sua aprovação.

Emily engoliu em seco. Não podia nem imaginar a enormidade do que ele dizia. Desfrutava de sua companhia. Gostava e muito. Mas aquilo...

-Nossos filhos teriam que passar um tempo em Calcutá - disse ele, olhando seu chapéu - Minha mãe insistiria em ter a oportunidade de mimá-los.

-Anjan - disse Emily- Está me pedindo que me case com você? Por que...

-Não, é obvio que não - respondeu ele- É muito cedo para isso. Não faz muito tempo que nos conhecemos e me disseram que isso é importante para os ingleses. E ainda não chegou a resposta de meus pais, a qual é importante para mim. Só estou contando uma história pra você, nada mais.

Uma história. Emily engoliu em seco, tentando visualizar a história que seguiria. Não seria uma vida fácil, isso sabia. Ele não estava acostumado a falar de como o tratavam, mas ela tinha a impressão de que havia muita gente que não se mostrava amável. Muitas. E ela se meteria em algo assim? Assim seria como seus filhos viveriam? Sentia-se muito jovem para ter filhos, por não falar de tomar uma decisão daquela magnitude. Abraçou a cintura.

-Eu tenho outra história - disse devagar - Não sou maior de idade. Meu tio nem sequer me permite sair de casa por causa de meus ataques. Jamais me permitiria me casar -"E menos com você", pensou, mas não queria pronunciar aquelas palavras feias - Aconteça o que acontecer, teria que esperar até que cumprisse os vinte e um. E falta um ano e meio para isso.

-E você faria? - perguntou ele - Consideraria esperar se fosse o caso?

Por mais que ela quisesse fingir assim, aquele não era o caso.

-Todos os dias que nos vemos me digo que não deveria vir – disse - Tenho medo de que meu tio descubra e comece a pensar de mim tudo que pensa de Jane - fechou os olhos - Como vou considerar o resto de minha vida quando só posso pensar no amanhã?

Ele se afastou.

-Sinto muito.

-Não sinta. Era uma história. Uma história e uma pergunta retórica - ela o olhou e sentiu um manto de tristeza - O estranho é que acredito que, se nossos pais tivessem arranjado nosso casamento, essa perspectiva me faria feliz. Não é assim tão estúpido? Só tenho medo porque posso escolher.

Ele se aproximou um passo mais perto dela.

-Você teria escolha – murmurou - Sua mãe, essa mãe que teria arranjado o casamento, queria. Quando fossemos visitá-la, falaria com você a sós e lhe perguntaria: "Que tal tenho sido?", "você gosta dele?". Como uma mãe que oferecesse a sua filha um presente precioso e espera que lhe agrade.

Emily pensou em seu pai, que nem sequer a tinha visitado todos os anos. Pensou na mãe a qual não recordava, que tinha afastado também o incômodo de suas filhas e só as via para que escutassem suas queixas sobre a vida no campo que lhe tinha imposto seu pai. Pensou na careta triste de Titus quando Jane e ela tinham zombado do horrível doutor Fallon e seus frascos fedorentos.

-Não - respondeu, tentando que a voz não falhasse - Isso não aconteceria. Meu tio diria: "As garotas de dezenove anos têm tutores porque não podem escolher por si mesmo".

O senhor Bhattacharya demorou um momento para responder. Levantou lentamente a mão e lhe tocou a bochecha.

-Esta parte não é uma história – disse - Esta parte é a pura verdade. Se ele não a considera bonita, eu sim.

Era só a mão dele. A mão dele na bochecha dela. Mais os olhos de Emily arderam. Não se afastou, não tentou reprimir as lágrimas que nublava seus olhos. Não podia responder nada, então, se limitou a ficar ao lado dele enquanto uma nuvem deslizava preguiçosamente pelo céu, deixava-os na sombra e logo passava e o sol estava de volta.

-Considerarei sua história - disse por fim com voz rouca - Apesar de todas as dificuldades que vejo nela, teria suas recompensas.

CAPÍTULO 13



O DIA DA NOITE NA CASA de Bradenton chegou muito rápido. Depois de uns dias de planejamento frenético, Oliver se viu mais uma vez na casa do marquês. Mas nessa ocasião a casa estava cheia com os aliados do marquês no Parlamento e as salas estavam muito quentes. Essa noite havia mais de vinte pessoas entre nobres, membros do Parlamento e suas respectivas esposas.

- Marshall - Bradenton se aproximou de Oliver entre o grupo de gente, olhou a seu redor e se inclinou para falar - Devo dizer que estou decepcionado. Decepcionado e surpreso - falava em voz baixa, apenas audível entre o rumor da conversa - Todo mundo está aqui e o reinado absurdo da senhorita Fairfield permanece o mesmo. Esperava um pouco mais de você.

Infelizmente para ele, as expectativas de Oliver se cruzaram em seu caminho. Este sorriu fracamente.

-Oh, homem de pouca fé! – exclamou - Disse esta noite e esta noite pretendo cumprir.

O marquês balançou a cabeça, e o olhou.

-De verdade?

Tinham revisado o plano polegada por polegada. Hapford olhou para Oliver através da sala. Apertou o punho e afastou o olhar.

-Digamos que está tudo preparado - disse Oliver - Ao final da noite, a senhorita Fairfield saberá perfeitamente qual é seu lugar.

-Maravilhoso - Bradenton sorriu - Sabia que o faria. E sim, aí vem ela – encolheu os ombros - Sabendo o que sei, até posso me permitir ser amável - foi para ela com um sorriso - Senhorita Fairfield. É um prazer em recebê-la.

A resposta dela se perdeu no ruído, mas Bradenton a cumprimentou com uma inclinação de cabeça e se afastou.

Oliver se aproximou dela uns minutos depois.

-Senhorita Fairfield, como está esta noite?

Já conhecia a resposta. Ela cruzava os dedos com espera nervosa. Os olhos brilhavam. Oliver sentia o mesmo. Esperava ansiosamente o que podia acontecer ali essa noite.

Mas sentia também algo mais ao olhar os lábios que não tinha beijado, as veias do pulso dela que não tinha explorado com as pontas dos dedos e a curva dos seios, que já não estava coberta nem sequer por renda negra.

"Não toque", disse-se.

Não tocou. Saudou-a com uma inclinação de cabeça, como se fosse uma simples conhecida, e deixou que fosse falar com os outros. Depois de tudo, não era dele. Eram só...

Amigos.

"Sim", pensou. "Isso". Como tinham chegado a ser só isso?

Pela primeira vez, o pesado vestido dela estava quase inofensivo. Verdade que os punhos resplandeciam com pedras brilhantes e o brocado da prega era muito gritante, mas seus excessos habituais foram muito aliviados, e em vez de impossível, resultava meramente exuberante.

Bradenton retornou para o lado dela com uma limonada. Jane tomou e a seguir pegou também o braço que lhe oferecia. Oliver observou o marquês lhe apresentar a seu grupo: Canterly, Ellisford, Rocway, um após o outro. Falava os nomes tão rápido que ninguém poderia recordar. Jane, é obvio, treinou e cumprimentou a todos amavelmente por seu nome. Sorriu. e... bem, ela não era mais perfeita. Cometeu um engano com o título de lorde James Ward. Este era lorde James, posto que seu pai era duque, e não lorde Ward. Mas uma das irmãs Johnson, que estava ao seu lado, sussurrou ao seu ouvido e ela se ruborizou e pediu desculpas.

Oliver quase podia vê-la como um deles. Quase. Ignorava as olhadas longas que lhe dirigiam as outras mulheres e se negava a admitir que sua voz se ouvisse por cima de todas as outras.

Sentaram-se para jantar.

A senhorita Fairfield não interrompeu nenhuma conversa nem insultou a roupa de ninguém. As gêmeas falaram quase tanto quanto ela.

No final, foi lorde James que tirou o tema da política.

-Recebi a visita da condessa de Branford –disse – Me informou que as mulheres estavam falando sobre as doenças Contagiosas.

-Ah, ah! - Bradenton levantou um dedo no ar - Olhe a seu redor - inclinou a cabeça à esquerda assinalando às gêmeas Johnson.

Nem sempre estava permitido falar de política diante das damas, mas em um grupo como aquele, de homens que quase não pensavam em outra coisa durante grande parte do ano, seria inevitável. Mais da metade das mulheres presente eram esposas ou irmãs de políticos e estavam habituadas a ouvir esses temas na mesa.

Lorde James piscou surpreso.

-Desculpe senhor – disse - Pensava que a senhorita Johnson... Mas não importa.

-Oh - interveio a senhorita Fairfield, que estava a dois pés de distância dele na mesa - Por favor, não deixem de fazê-lo por nós. Eu gostaria de conhecer a opinião de todo mundo. Começando pela sua, lorde Bradenton.

O marquês levantou os olhos. Oliver quase podia vê-lo meditando o assunto. Tocou o queixo uma vez e logo dois.

-Faça o que diz a senhorita Fairfield - pediu Oliver, arqueando as sobrancelhas.

Bradenton sorriu amplamente depois de um segundo de vacilação.

-É claro – disse – Nós todos sabemos o que eu penso, que essa lei deve seguir adiante por mais duras que sejam as consequências; e assumo que em geral estamos de acordo. Mas por que não nos diz você sua opinião sobre a Lei de doenças Contagiosas, senhorita Fairfield? Estou seguro de que tem muito a dizer.

-Pois sim - respondeu ela - Assim seja. Acredito que deveríamos ampliar radicalmente o alcance da Lei de doenças Contagiosas.

Bradenton piscou e a olhou fixamente. O resto da mesa ficou em silêncio, surpreso.

-Como radicalmente você quer essa ampliação? - perguntou lorde James.

Canterly assentiu.

-Estenderia a lei a mais cidades ou reteria mais tempo às suspeitas de ter enfermidades O...? - As gêmeas olharam para James, que estavam sentadas perto, e ficaram em silêncio.

Bradenton sorriu mais amplamente. Possivelmente pensava que conhecia o plano de Oliver. Força-la a falar de temas sexuais. Começar um rumor, possivelmente. As fofocas disparariam a partir dali. As jovens virgens simplesmente não falavam abertamente da política do Governo para acabar com a prostituição. Aquilo, junto aos murmúrios que já circulavam sobre a senhorita Fairfield, faria com que as pessoas se sentissem ultrajadas.

-É simples - insistiu Jane - Eu sei como fazê-lo. Em vez de trancar as mulheres suspeitas de estar doentes, deveríamos trancar todas as mulheres. Assim as que estão bem não se contagiariam.

Whitting, que estava aos pés da mesa, coçou a cabeça.

-Mas... como os homens usariam seus serviços?

-O que têm a ver os homens com isso? -perguntou Jane.

-Humm - lorde James afastou o olhar- Entendo seu ponto de vista, Bradenton. Possivelmente esta não seja a melhor conversa que possamos ter neste momento.

-Além de tudo - continuou Jane - se os homens pudessem infectar as mulheres, nosso Governo, em sua infinita sabedoria, jamais escolheria trancar só as mulheres. Isso seria inútil, já que, sem internar os homens, jamais pararia o contágio. Também seria injusto confinar a mulheres pelo pecado de ser infectadas por homens - sorriu com ar triunfante - E acho que nosso bom marquês de Bradenton apoia essa lei, esse não pode ser o caso. Ele jamais assinaria uma injustiça tão manifestada.

Houve uma longa pausa na mesa.

Bradenton tinha escutado aquele discurso em um silêncio atônito, apertando cada vez mais os lábios. Lançou um olhar de advertência a Oliver.

-Sim, bem - disse com voz tensa.

-Acho que te pegaram - Canterly sorriu fracamente.

-Ah, sim? - perguntou Jane com ar inocente - Porque se for assim, então eu ganho esta rodada de nosso jogo, Bradenton.

Um silêncio ainda mais incômodo seguiu após aquela declaração. Bradenton se inclinou para a frente olhando para Jane, como se tentasse vê-la de uma grande distancia.

-Nosso jogo? - repetiu.

-Sim - disse ela - Nosso jogo. Você sabe, aquele que eu jogo fingir ignorância e você joga para me insultar.

Bradenton respirou com força.

-Jogo? - repetiu.

-É um jogo, é obvio - declarou Jane - A alternativa seria que você guardasse rancor por três meses simplesmente porque sua fortuna está em declive e eu lhe sugeri que tinha que buscar outra herdeira.

Bradenton se levantou da cadeira.

-Asquerosa...!

Um homem que havia a seu lado pôs a mão em seu braço.

-Vamos, vamos, Bradenton.

O marquês afastou o olhar e se sentou muito devagar.

-Santo Deus! - exclamou Jane - Você não está zangado pelo jogo, certo? E eu que pensava que era tudo por diversão!

-Não compreendo - disse Canterly.

-Eu só lamento um detalhe - comentou Jane - Senhor Whitting, há poucas semanas insinuei que você era de compreensão deficiente. Isso não foi direito de minha parte. Em minha defesa posso alegar que você disse coisas

piores sobre mim, mas... –encolheu os ombros - De todo o modo, não devia fazê-lo.

-Um jogo - disse Bradenton com raiva - Um jogo. Você acredita que isso é um jogo.

-Você parece muito surpreso. Eu pensava que todos vocês eram jogadores - Jane olhou ao redor da mesa - Afinal, Bradenton prometeu que vocês dariam seu voto a recém proposta Ata da Reforma se o senhor Marshall me humilhasse. Está me dizendo que o resto da mesa não sabia de nada disso?

Houve outro silêncio. Um longo silêncio, profundo e incômodo, que Oliver apreciou muito.

O senhor Ellisford, que estava sentado em frente à Jane, deixou sua colher na mesa.

-Bradenton - disse muito sério - Sabe que sou seu amigo. Faz muito tempo que te conheço. Você jamais abusaria de nossa amizade por razões tão mesquinhas. Eu sei que não o faria - mas apesar da certeza de suas palavras, havia uma interrogação em sua voz.

-É claro que não o faria - respondeu Bradenton com fervor - Só tem sua palavra e ela não é de confiança. Pergunta a qualquer um daqui - olhou para Oliver - Exceto Marshall. É um bastardo e é capaz de dizer qualquer mentira para tal progresso.

-Não! - respondeu Oliver.

-Não, não é um bastardo? Não pode negar sua origem.

-Não - disse Oliver - Não sou o único que falará em sua defesa.

-Eu o vi ameaçá-la - interveio Genevieve Johnson - Geraldine e eu o vimos. Tememos por sua segurança.

Um murmúrio se levantou em torno da mesa.

Bradenton cerrou os olhos.

-Vocês entenderam mal.

Hapford, sentado em frente de Genevieve na mesa, fechou os olhos.

-Sinto muito, tio - disse com suavidade.

-O que? - perguntou Bradenton.

-Sinto muito - repetiu Hapford em voz mais alta. Fazia uma bola com o guardanapo- Mas não acredito que meu pai quisesse... Não acredito que quisesse... - interrompeu-se - A senhorita Fairfield diz a verdade. Eu estava presente quando o marquês fez essa oferta ao senhor Marshall. Você ofereceu o que ela disse, seu voto, sua ajuda para conseguir o voto destes homens, se ele colocasse à senhorita Fairfield em seu lugar –engoliu em seco - Eu não gostei e não gosto mais agora.

De novo se fez o silêncio, ameaçador como um trovão.

Hapford respirou fundo.

-Quando meu pai me recomendou uma relação com vocês em seu leito de morte, não acredito que fosse sua intenção que me unir-se a um grupo de intrigantes empenhados em fazer mal a uma mulher. Recomendou-me isso como um grupo que estava sinceramente interessado por defender o que era de melhor para a Inglaterra.

-Sim - disse Ellisford por fim; voltou às costas para Bradenton- Nisso tinha razão. Eu também acreditava que éramos isso.

-Nesse caso, possivelmente possamos escutar o senhor Marshall sem lhe fazer pagar um preço tão alto.

-ME CONVENCEU - disse Ellisford á Oliver várias horas depois - Alegro-me que tenhamos tido esta conversa. Jamais tinha imaginado...

Olhou a sua esquerda. Os homens estavam sentados na biblioteca com charutos e vidros na porta. Bradenton era o único que estava em silêncio. Tinha fervido de raiva toda a noite, durante o jantar e durante as conversas posteriores, quando os homens se separaram das damas. Mas era melhor assim, pois ninguém mais parecia inclinado a falar com ele, embora fosse o anfitrião.

-Eu sinto o mesmo - respondeu Oliver - E falaremos de novo em Londres.

-É obvio.

Bradenton seguia mantendo um silêncio áspero, mas ninguém fazia o menor caso.

Oliver tinha ganhado. Não o voto de Bradenton, pois esse jamais o daria, mas sim todos os demais o queria. Os votos do grupo de Bradenton. Sua integridade. Podia se permitir ser magnânimo e, naquele caso, ser magnânimo implicava deixar que Bradenton fervesse de raiva em paz.

-Bem – disse – Vamos nos reunir com as damas?

Todos os outros assentiram. Mas quando Oliver se levantou, Bradenton falou por fim.

-Você não, Marshall – grunhiu - Você e eu temos assuntos pendentes.

-É obvio - respondeu Oliver com toda a amabilidade de que foi capaz.

Todos os outros saíram da biblioteca sem olhar para trás. Era estranho, mas o fogo pareceu diminuir quando saíram e as sombras dos móveis pareceram crescer assim que a conversa deixou de encher os espaços vazios.

-Você acha que é muito inteligente - grunhiu Bradenton com desprezo assim que ficaram a sós.

-Eu? Eu não disse nada.

-Sabe do que me refiro. Mas não pode ganhar - Bradenton se levantou e caminhou até a lareira - Não pode ganhar - repetiu.

Oliver reprimiu o impulso de apontar que ele tinha feito justamente isso.

-Não pode ganhar - disse Bradenton pela terceira vez. Voltou-se para Oliver com as bochechas vermelhas de raiva - Pode conseguir alguma vitória insignificante aqui e lá, mas isso é o que significa ser você. Que nunca pode deixar de tentar. Que cada polegada que conquistar, tem que lutar para conservá-la. E eu - abriu os braços - Eu sou um marquês. Independentemente do que tenha feito hoje, você passou semanas pensando em fazer o que pedi a você.

-Isso é verdade.

-Os homens como eu são estranhos. Eu nasci vencedor. O que tenho não se pode dar nem tirar. E o que você é? É um entre mil. Um entre dez mil. Um homem sem rosto e sem voz. São os homens como eu que dirigem o país.

Assentiu como se acabasse de convencer a si mesmo e Oliver deixou sua raiva em paz.

-Terei um grande prazer em votar contra a Ata da Reforma – disse - Um prazer enorme.

-Eu jamais te tiraria esse prazer - respondeu Oliver - Sobre tudo quando terá que saboreá-lo sozinho.

Os dois se olharam até que Bradenton fez uma careta de desprezo.

-Acredito que tudo acabou entre nós, Marshall. Não esquecerei isso.

Oliver encolheu os ombros.

-Eu disse que a senhorita Fairfield aprenderia esta noite qual é seu lugar. E cumpri.

CAPÍTULO 14



QUANDO OLIVER SE REUNIU com os outros, só queria ver uma pessoa. Jane estava resplandecente. Não só pelos braceletes de diamantes que adornavam seu pulso. Também por sua risada, muito alta e, entretanto, perfeita. Por seu sorriso, muito amplo e, entretanto, com a amabilidade exata que devia ter. E pela expressão de seus olhos quando se voltou e viu Oliver.

Estava magnífica.

Oliver a saudou amavelmente e se inclinou para ela para sussurrar:

-Podemos nos ver mais tarde? Quero...

Havia muitos modos de terminar aquela frase. Queria beijá-la. Felicitá-la. Queria lhe baixar o vestido pelos ombros e que as pernas dela o abraçassem pela cintura. Ela olhou a sua acompanhante, que estava sentada ao lado da parede.

-Esquina noroeste do parque - respondeu em voz baixa - Quando sair daqui.

O pulso de Oliver acelerou. Despertou sua imaginação. Mas assentiu com educação, como se não acabasse de marcar um encontro ilegal com ela.

Jane chegou meia hora depois dele.

-Não imagina a quem tive que subornar - disse sem fôlego - Tenho meia hora até que Alice retorne com seu apaixonado.

Estava linda, brilhando com a vitória que tinha obtido.

-Eu não conseguiria isso tudo sem você.

No parque havia só uma ameaça de luz de uma luz bem longe, as folhas rangiam sob os pés de Oliver quando se aproximou dela.

-Não imagina o que sinto. Já não tenho que continuar fingindo. Precisarei de um modo novo para não me casar -ela riu - Pensarei em algo. Possivelmente agora me limitarei a dizer que não.

-Creio que essa palavra faz maravilhas - Oliver não podia deixar de sorrir, mas seu sorriso parecia falso, embora não pudesse reprimi-lo.

-Possivelmente conhecerá alguém e talvez... - disse com suavidade.

Ela levantou a cabeça e deu um passo para ele.

-Oliver.

Ele não queria que conhecesse ninguém. Não queria que fosse de ninguém exceto dele. Mas... por mais deslumbrado que estivesse nesse momento, não tinha pedido para ela ir ali para flertar.

-Vou viajar – disse - O Parlamento se reúne em menos de duas semanas e há muito por fazer. Devo voltar para Londres.

Ela arregalou os olhos.

-Compreendo.

Não havia ninguém por perto e ele fez o que há uma eternidade queria fazer. Estendeu lentamente os braços, colocou as mãos na cintura dela e a puxou para si.

-Compreendo - repetiu ela com voz trêmula – Eu gostaria que não fosse assim!

Com as mãos em sua cintura e seus corpos tocando-se levemente, Oliver podia sentir a respiração dela. Seu peito se elevava e roçava o dele, um momento depois, ela afundou os ombros e esse ponto de contato diminuiu. Uma respiração quente no pescoço dele marcou a respiração dela.

-Não estou contando - murmurou Jane.

Sussurrava em voz baixa, parecia uma confissão íntima. Oliver não disse nada. Baixou a cabeça até que seus lábios roçaram o rosto dela. Não foi um beijo, mas foi algo próximo.

-Não sei quando deixei de contar os dias - continuou ela - Quando deixei de olhar o teto ao me deitar e dizer: "Um dia a menos; amanhã ficarão quatrocentos e o que seja". Agora terei que voltar a contar.

Outra inalação, outro roçar de seus corpos. E dessa vez não se produziu a brecha quando ela soltou o ar. Oliver demorou um momento em dar-se conta de que era porque a tinha estreitado contra si.

-Foi pouco depois de sua chegada quando deixei de temer cada dia - comentou ela.

-Jane - ele riscava círculos com o polegar na cintura dela.

Ela cheirava a lavanda. A conforto. A lar. E ele não se atrevia a procurar seu lar nela.

-Preciso ficar com minha irmã pouco mais de um ano - Jane colocou a mão no braço e baixou lentamente pela manga - depois disso, possivelmente poderíamos voltar a nos ver.

Não era uma pergunta. Oliver sentia cada uma das respirações dela subindo e descendo contra seu peito. Sabia que tinha deixado de respirar. Que a brisa cálida de sua respiração tinha parado, que seu corpo se esticou contra o peito dele.

Voltar a vê-la? Isso era um eufemismo. Seu desejo se impunha, ardente e exigente. Ele não queria só voltar a vê-la, a queria em sua cama. Ela não se mostraria envergonhada. Era inteligente e apaixonada e Oliver suspeitava que se alguma vez a tivesse sob ele... Mas não podia pensar nisso com ela ali, tão perto.

Entretanto, também queria mais que isso. Queria falar com ela de política, comentar com ela cada lei e cada emenda proposta. Queria sentar-se com ela de noite, quando os dois estivessem cansados de falar. Queria ela, queria tudo dela.

Tudo exceto... ela.

Porque por muito que significasse para ele quando estavam a sós, tinha visto essa noite às outras mulheres. Esposas caladas que se mostravam contidas e olhavam para Jane em silêncio como se fosse um tipo estranho de escaravelho que se arrastava pela mesa. Ela era Jane a dos vestidos gritantes. Jane a da reputação duvidosa. Jane, muito direta, muito faladora. Muito bastarda, igual a ele.

Era justamente o contrário do que necessitava ele como esposa. Por que, então, não podia deixá-la partir?

-Garota impossível - murmurou.

-Não me chame assim. Esta noite tudo é possível.

-Foi isso que eu quis dizer. É uma fabricante de coisas impossíveis. Eu necessito uma esposa que conheça o possível.

Os olhos dela brilhavam ainda.

-Dentro de um ano...

-Jane - disse ele - Dentro de um ano, eu poderia já estar casado.

Esperava que ela respirasse, mas quando o fez, isso quase o matou. Ela emitiu um som estrangulado na garganta, soltou mais que uma inalação.

-Se aprovarem a Ata da Reforma - disse ele - escolherão outro Parlamento. Essa será minha oportunidade para me apresentar e conseguir um banco. E se o faço, esperarão que esteja casado.

-Entendo.

Ela não disse nada mais em um momento e Oliver voltou a conter sua respiração, muito rápidas, muito dura e cada vez mais irregular.

-Esta noite viu como são as mulheres que se casam com políticos - disse ele - Uma parte de mim quer lhe pedir que se converta em uma delas, mas como poderia lhe pedir que silenciasse o melhor de você, que se convertesse em um aborrecido pardal sendo uma ave fênix? - baixou a voz - Se lhe pedisse que apagasse seu fogo, nunca me perdoaria por isso.

Procurou nos bolsos e tirou um lenço.

-Não me diga pra ser razoável - disse ela, tomando o lenço. Havia uma ponta de raiva em sua voz - Não me diga pra não chorar.

-Eu jamais faria isso.

-Sei que fui uma tola e que mal o conheço. Quanto tempo faz que nos conhecemos? Três semanas? Não é possível apaixonar-se em tão pouco tempo. E nem sequer quero me casar com você - Esfregou-se as bochechas e enrugou o lenço - Não quero. Só quero ter algo para esperar com ilusão ao final desta dura prova.

Ele não podia lhe dar isso.

-Mas tem razão - continuou ela - Sei que tem razão. Eu não posso me imaginar como uma delas. Acabo de me encontrar. Começar a fingir de novo tão cedo... Não, eu não quero isso – levantou os olhos e o olhou nos olhos - Ou seja, esse é o fim.

"Não".

Oliver não a tinha soltado.

-Nos próximos meses não serão fáceis para você.

-Não, provavelmente não. Mas sobrevivi até aqui e imagino que continuarei fazendo.

-Se alguma vez precisar de mim de verdade, me avise. Virei.

Jane piscou. Olhou-o confusa.

-Por quê?

-Deveria dizer que porque estou em dívida com você. Um dia se dará conta do favor tão grande que me fez hoje - negou com a cabeça - Eu diria que tenho uma grande dívida com você, mas não me ofereci a vir por isso. A verdade, Jane, é que, se precisar de mim, me dará alegria estar ao seu lado.

-Estará casado.

Oliver não queria pensar nisso.

-Não serei infiel a ela – disse - mas o casamento não pode apagar uma amizade. E independentemente de todo o resto que poderíamos ter sido, somos amigos.

O silêncio que seguiu era como veludo e, entretanto, também obscuramente perigoso.

-O que poderíamos ter sido?

Os dois sabiam a resposta disso. Mas se Oliver dizia em voz alta, lhe daria vida. Faria real. Trocaria de um desejo inútil a uma forte possibilidade.

Tocou a base do pescoço dela com um dedo. Jane conteve o fôlego. Oliver subiu o dedo por sua garganta. Sentiu-a engolir em seco.

Quando o dedo chegou até os lábios dela, lhe doía todo o corpo. Esse possível futuro que se negava a admitir o enchia por dentro. Empurrava contra sua pele, gritando pra sair.

-Isto - sussurrou. Baixou a cabeça - Isto, garota impossível.

Jane soltou um gemido quando seus lábios se tocaram.

Oliver não podia mudar o passado dela e se negava a soltar seu futuro. Isso deixava só o presente: o calor do beijo, o doce sabor de algo que podia ter sido, e a amargura de um amor que não seria.

Ela devolveu o beijo, lábios com lábios e depois língua com língua. Beijou-o até que ele já não sabia quem beijava e quem correspondia. O beijo tomou vida própria e rugiu através de seu sangue. Era como se beijando-a muito pudesse evitar o passado e o futuro. Pudesse permanecer no presente para sempre.

Oliver se afastou antes que aquele futuro impossível passasse a ser muito provável.

Jane o olhou com olhos muito abertos.

-Odeio a sua futura esposa - comentou.

-Neste momento eu tampouco sinto uma grande simpatia por ela.

Jane colocou as mãos nos ombros e voltou a beijá-lo. Dessa vez, entretanto, o beijo não foi triste. Oliver recordou que essa era a última vez que sentiria os lábios dela, a última vez que provaria seu fôlego. Era a última vez que sentiria seu corpo e mordiscaria seus lábios. Esse era o fim e os dois sabiam.

Por fim ele se afastou.

-Se alguma vez precisar de mim, Jane... -sua voz soava um pouco rouca.

Ela respirou com força.

-Obrigado. Mas não será preciso. Sou forte.

-Sei, mas... - ele engoliu em seco e afastou o olhar - Ninguém deveria sentir-se sozinho. Embora não precise e não me chame, deve saber que eu virei. Que não importa quanto difíceis sejam as coisas ou o que tenha que suportar, não está sozinha. Não posso mudar nada, mas - estendeu a mão e passou um dedo pela bochecha dela - Mas isso sim posso lhe dar, a segurança de que, se precisar de mim, só tem que me enviar um recado.

-Um recado à Torre de Londres, senhor Cromwell.

Jane tentava brincar, mas sua voz tremia.

-Endereçado ao meu irmão em Londres. O duque de Clermont - Oliver apoiou a cabeça contra a dela - Não posso lhe dar nada mais, mas posso lhe dar isso. Não está sozinha.

CAPÍTULO 15



A ENTRADA DA CASA BRILHAVA um abajur e um reflexo de luz chegava do corredor, mostrando que seu tio esteve estudando. Mas além dessas ameaças débeis de iluminação, a casa parecia fria e vazia. Mais fria e mais vazia então que um mês atrás. Oliver tinha transformado tudo e agora se foi.

Jane tinha feito ás contas na carruagem a caminho de casa. Restavam quatrocentos e cinquenta e três dias.

Mas agora era mais forte. Muito mais. Tinha a lembrança de um beijo para sustentá-la nos momentos mais difíceis.

Entregou sua capa a um empregado que bocejava, chamou à jovem para que a ajudasse a se despir e começou a subir as escadas. Estava na metade quando ouviu passos no corredor de baixo.

-Jane? - chamou uma voz.

Ela mordeu o lábio inferior e olhou para cima, para o patamar. A última coisa que queria fazer essa noite era falar com Titus.

Mas não tinha escolha. Esperou, tentando dissimular sua impaciência, com a esperança de que ele não pudesse ver que tinha chorado.

Seu tio entrou no pequeno círculo de luz que o abajur criava.

-Tenho que falar com você - passou uma mão pela cabeça – Venha em meu escritório.

Jane preferia subir para seu quarto. Queria estar em sua cama, rodeada por uma fortaleza de mantas, escondida a salvo sob os lençóis. Queria se isolar do mundo até que esquecesse Oliver Marshall. Seguir seu tio ao escritório para sustentar uma conversa que parecia algo terrível.

-Claro - disse, obediente.

Os olhos brilharam e a olhou com a testa franzida.

-Deixe suas rabugices.

Talvez ela não tenha se mostrado tão obediente quanto tinha sido sua intenção. Mordeu-se a língua e o seguiu.

Ele esperou que se sentasse e se instalou com ar solene na poltrona de couro atrás da mesa. Não a olhou. Tamborilou com os dedos na mesa como se tentasse imitar o som das gotas de chuva.

Por fim suspirou pesadamente.

-Isto é muito importante – disse - Desde quando sabe que sua irmã sai de casa durante o dia?

Ele a pegou despreparada. Se não fosse por isso, teria mentido melhor. Mas estava cansada. Sentia-se vitoriosa. Estava triste. Sentia-se gloriosa. Essa noite tinha ganhado e depois tinha perdido. Tinha dedicado toda sua energia a manter a calma diante de seu tio. Portanto, em vez da confusão que poderia mostrar em outro momento, a verdade brilhou culpando seu rosto por um instante.

Sabia e não tinha falado nada.

Titus provavelmente a teria culpado fosse qual fosse a verdade. Mas apertou os olhos ao ver a expressão de culpa no rosto dela. Moveu a cabeça com tristeza.

-O que eu pensava.

Jane pensou em negar. Ou em dizer algo do tipo: "Mas lhe disse que tomasse cuidado". Mas não disse isso em voz alto. Não tinha nem ideia do que Titus sabia e não tinha intenção de incriminar sua irmã.

-Aconteceu algo? – perguntou – Ela está bem? Aconteceu alguma coisa?

Titus moveu uma mão no ar.

-Seu corpo está tão bem como pode estar, pobre menina. Mas quando a descobri, não mostrou nenhum arrependimento. Tentou argumentar comigo – suspirou - Me convencer.

-Tem razão. Não haveria problema se você...

-Se eu? -Titus golpeou a mesa com as duas mãos e jogou o corpo para frente - Também vai me culpar por isso? Você a encorajou a me desafiar. Provavelmente ensinou a ela como sair e lhe disse...

-Ela não é nenhuma tola - replicou Jane - nem pode amarrá-la com uma corda. É uma mulher de dezenove anos. Tem idade suficiente para casar e para tomar suas próprias decisões. Não precisa que ninguém lhe ensine como fazer as coisas. Faz sozinha.

Se Titus ouviu essas palavras, não demonstrou.

-Já não posso continuar ignorando os efeitos perniciosos de sua influência - disse.

Jane respirou fundo.

-É uma garota normal. É muito corajosa, isso é tudo.

Titus negou com a cabeça.

-O que causa estes problemas é que você diz a ela essas coisas. Uma garota normal? Ela não normal. Está doente, Jane, e você deixa que sua irmã caminhe pelo campo sem companhia. E se tivesse conhecido um homem?

-E se entrasse um ladrão por sua janela? - contra-atacou Jane - Ela não é Rapunzel para ficar trancada o resto da vida.

Titus a olhou nos olhos. Jane não estava segura do que via neles. Raiva, sim, mas também algo mais. Algo entre a fúria e o triunfo.

-Isso - disse ele por fim - era uma prova. Sei que conheceu um homem. Ela mesma me disse. Dei a você uma última oportunidade para que fosse sincera. Sua negativa a me contar toda a verdade... - moveu a cabeça, triste de novo - Me decepçiona, Jane. Me decepçiona profundamente.

Não era justo. Jane não iria pedir desculpas por não querer trair a sua irmã. Porque de todos os modos levaria a culpa independentemente de como Titus descobrisse. Ele tinha falhado com Emily e com ela, as duas, as colocando em uma posição impossível onde a escolha era mentir ou aceitar um futuro em que Emily viveria isolada das pessoas e torturada por médicos.

-Você partirá amanhã - disse Titus - Sua tia, minha irmã Lily, acolherá você em sua casa - apertou os lábios com desgosto - Ela encontrará pra você um marido em pouco tempo. Emily não escreverá e não poderá visitá-la. Será como se não tivesse irmã. Ainda tenho esperanças de desfazer o dano que você causou.

-Não - replicou Jane - Não. Você não pode separar ela de mim.

-Sim eu posso - ele cruzou os braços com satisfação - E vou fazer. Já estou fazendo. Suas coisas estão empacotadas. Amanhã levarão você a estação do trem. A senhora Blickstall a acompanhará até Nottingham.

Jane olhou para frente. Estava atordoada demais para chorar. Seus pulmões ardiam. Não podia pensar. O que seria de Emily se ela não estivesse ali? Não teria livros pra ler nem nenhuma companhia próxima a sua idade. E isso sem pensar no que aconteceria se Titus decidisse levar outro charlatão para curá-la.

Respirou fundo.

-Eu vou, mas se for, não haverá médicos. Não haverá tentativas de experimentos com ela.

-Jane - disse Titus com voz cansada - você não pode ditar as regras. Você não é a tutora de sua irmã, sou eu. Eu sou responsável por ela e eu decidirei o que é melhor para ela.

" Se você precisar de mim ", havia dito Oliver.

Essa ideia encheu Jane de uma grande esperança. Aquilo tinha que contar como necessidade. Aquilo tinha que ser uma situação em que sua promessa exigiria retornar, e se fazia...

No entanto fazia uma hora que tinha saído de sua vida e já estava considerando pedir sua ajuda como um cordeiro perdido. Como se tivesse sido

uma estúpida ao lhe dizer que era uma mulher forte. Franziu os lábios e olhou para seu tio.

À luz do abajur se via velho e cansado. As linhas do rosto pareciam escavadas em sua pele, sulcos escuros e profundos que marcavam uma vida de preocupações.

Jane levantou o queixo. Tinha derrotado Bradenton e Por Deus que era mais forte que Titus.

Sentia ainda o beijo de Oliver nos lábios. Imaginou uma caixa feita de aço carbonizado, um aço tão forte como as vigas de um vapor, um aço tão grosso como a caldeira de um motor, capaz de suportar o calor e a pressão de mil infernos. Poderia acabar para sempre com a raiva inútil de Titus no interior de uma caixa assim.

Guardou a sensação do beijo de Oliver dentro da caixa e a fechou com força para que não lhe acontecesse nada. Enquanto pudesse lembrar-se dessa sensação, não estaria sozinha. Ele havia dito isso e ela acreditava.

Levantou a cabeça e olhou para seu tio nos olhos. Seu maior medo se cumpriu, mas... aquilo era a liberdade, não o desastre. Já não tinha necessidade de continuar fingindo com ninguém. Guardou perto de si o beijo de Oliver até que desapareceu o tremor de suas mãos. Até que estava bastante tranquila para falar sem que sua voz se quebrassem.

-Não - disse com suavidade - Isso não é o que vai acontecer.

Ele piscou. Olhou-a confuso.

-Você pode negar tudo o que quiser, mas você não tem nenhum poder legal.

-Não - repetiu Jane – Está enganado. Você é o tutor legal de Emily, mas não é o meu. Não tem nenhum direito de controlar o que faço.

Ele lhe dirigiu um olhar altivo.

-Fale com sensatez pelo menos uma vez, porque não entendo o que diz.

Jane pensou que ele podia ganhar. Como não se deu conta antes? Estava tão ocupada se escondendo nas sombras que tinha cedido todas suas melhores armas.

-Eu não tenho que ir para casa de nossa tia –disse - Tenho dinheiro. Posso fazer tudo o que quero. Você não notou antes porque eu só me importava com a felicidade e o bem-estar de minha irmã. Está tão empenhado com a minha desobediência que não se deu conta de que tentava obedecer seus decretos. Pensa no que poderia fazer se optasse por me mostrar difícil.

Ele moveu a cabeça.

-Não compreendo.

-Se quisesse, poderia comprar uma casa ao lado dessa. Poderia viver nela com uma longa sucessão de amantes. Poderia pagar um anúncio no jornal que dissesse que tem uma enfermidade no cérebro.

Seu tio empalideceu.

-Você não faria isso.

Ela adiantou o corpo para ele.

-Poderia falar com todos os meus conhecidos de suas sórdidas práticas médicas. Eles veriam o mau tutor que é. Poderia te fazer a vida impossível. Isso é o que sou e você não se deu conta. Sou uma garota impossível e não pode se liberar de mim nem com ameaças nem com palavras. Estas são minhas condições.

Seu tio a olhou atônito. Olhou-a como se tivesse que ser cuidadoso se ela se convertesse de repente em um urso e ele não pudesse gritar, correr ou procurar um rifle.

-Não quero você em minha casa - disse.

-Então irei ao jornal - Jane encolheu os ombros - e...

-Mas pode vir de visita - grunhiu ele - Uma vez por mês.

Ela o olhou e ele conseguiu um sorriso débil.

-Não posso te tirar de Cambridge - disse, olhando sua mesa - mas posso selecionar quem vê Emily.

Se Jane comprar uma casa em Cambridge, isso seria o fim de toda liberdade para Emily. Seu tio a vigiaria de perto tentando mantê-las afastadas. E Jane se dava conta de que não podia cumprir suas ameaças. Se o fizesse, não teria nada com o que ameaçá-lo. E até Titus podia ser perigoso se não tivesse nada a perder.

Ao menos assim estavam negociando.

-Irà à casa de minha irmã - disse ele - Fará o que ela disser pra você fazer. Não fará cenas nem se rebelará. Vê Jane, eu me importo com seu bem-estar embora você não se importe. Quero que proteja sua reputação, não jogá-la ao mar em uma tentativa desesperada de levar sua irmã por seu caminho.

-Meu caminho – as bochechas de Jane ardiam - Apesar de falar muito dele, você não sabe nada de meu caminho. Nunca tentou ajudar de verdade. Só me deu ordens.

Ele levantou uma mão.

-Economize o melodrama.

Jane se controlou. Procurou preservar a dignidade que ainda restava e o olhou atentamente.

-A verdade, Jane, é que não sei o que estaria fazendo agora se eu não tivesse cuidado de você. Vá com minha irmã e encontre um marido -suspirou pesadamente – Senhor, como Vocês duas me cansam!

Jane sabia que não poderia convencê-lo.

-Verei Emily cada duas semanas – disse - E ela me escreverá sempre que quiser.

-Revisarei a correspondência.

Jane não esperava menos. Encolheu os ombros.

-Deixará de torturá-la com esses médicos horríveis - disse.

-Não. Se encontrar alguém que possa ajudá-la...

-Terá que falar comigo. Vou querer provas. Testemunhos de antigos pacientes que tiveram uma enfermidade parecida a de Emily e esse médico as tenha ajudado. Esses homens estão muito dispostos a experimentar sem prestar atenção à dor que causam. E perguntará a Emily se ela quer provar.

Titus soltou um suspiro.

-Sua irmã não sabe o que é melhor porque você a mima muito. Por isso têm tutores para garotas de dezenove anos, Jane, para que as obriguem a fazer as coisas que não querem fazer sozinhas. E francamente, você acaba de demonstrar que não é melhor.

Ela o olhou de cima a baixo.

-Isto não é negociável, Titus. Ou aceita ou te envergonharei terrivelmente.

Ele o nariz e se levou as mãos às têmporas.

-Muito bem. Antes de iniciar um tratamento novo, a... consultarei - fez uma careta apartando os lábios nos dentes como se fosse um cão que grunhia - Senhor! Quando terminará isto?

Então Jane ficou preocupada, ele podia alegar que Emily estivesse cansada toda vez que quisesse que a deixasse em paz.

Assentiu com a cabeça.

-Então estamos de acordo - disse.

-Irá amanhã.

QUANDO JANE SE METEU NA CAMA, tinha perdido a capacidade de encontrar sentido no mundo.

Tinha mostrado a todos que não era tão estúpida como pretendia. Oliver tinha ido embora. No dia seguinte deixaria Emily e iria viver com sua tia em Nottingham. Tinha negociado com Titus e tinha arrancado dele concessões em troca de ameaças.

Já não tinha certeza quem ela era. Parecia mais velha e mais fria que a pessoa que tinha sido a algumas noites atrás. Em sua vida ficava só uma certeza.

Embora estivesse cansada, esperou, lutou contra as ondas de cansaço que ameaçavam arrastá-la para o sono. A porta demorou quase quinze minutos para abrir.

-Jane? - perguntou Emily na escuridão.

Jane se voltou em direção ao som.

-Posso...?

Jane não esperou que sua irmã terminasse a frase. Levantou as mantas e Emily se meteu embaixo delas e se deitou a seu lado. Seu corpo criava uma massa de calor entre os lençóis.

Fazia muito tempo que Emily não se metia na cama com ela. Não o tinha feito desde que tinha onze anos e teve medo da tempestade. Naquela época, Jane construiu um casulo com as mantas para tentar proteger sua irmã.

Já não poderia protegê-la mais. Fazia o que podia, mas conhecia Titus.

-Sinto muito - disse Emily - Sinto muitíssimo. Eu não queria que ele obrigasse você ir. Só queria... precisava ... sair daqui. E comecei a sair duas vezes por semana e depois três. Que estúpida eu sou!

-Não se desculpe.

-Como não vou fazer? Eu tenho culpa por acontecer isso. Sabia o que Titus faria se me descobrisse e mesmo assim...

Jane colocou um dedo na boca de sua irmã. Mas falhou na escuridão e o cravou na bochecha.

-Ai!

-Oh, vá - trocou o gesto por um tapinha no ombro - Não é culpa sua, Emily. É do Titus.

-Mas...

-É um adulto. Todas suas faculdades mentais estão operativas, por fracas que sejam. Ninguém o obriga a ser ilógico, é por opção. Você não o obriga a agir de modo irracional. É ridículo que diga que é culpa sua quando é ele que impõe exigências.

Emily respirou fundo.

-Tentarei ser boa – disse - Para ver se posso chegar a ele sendo razoável – riu - Mas não sei se vai ser possível.

-Virei ver você - disse Jane – Eu negocieei com ele. Continuaremos nos vendo. Poderei te dar dinheiro às escondidas para que, se necessitar, se tiver que subornar um médico, você tenha como fazer. Só falta pouco mais de um ano para que deixe de ser seu tutor. Assim que faça vinte e um anos, não poderá fazer nada para manter você aqui.

-Sei - respondeu Emily – Eu te amo, Jane, mas... –engoliu em seco - Não se preocupe comigo. Me arrumarei sozinha.

Jane lhe acariciou o cabelo.

-Quem sabe! Talvez Titus melhore.

Emily se pôs a rir.

-Talvez. E talvez... Mas não, não zombarei dele.

-Há uma planta em meu escritório - disse Jane - Um cacto. Quero que o conserve enquanto eu estiver fora. Assim terá algo meu.

-OH, Meu Deus, Jane! Eu sempre esqueço de regar as plantas. Acho que a matarei.

-Se esqueça de regar esta -Jane sorriu - É o que tem que fazer.

Sua irmã assentiu e se achegou mais a seu lado.

-Valeu a pena? - perguntou Jane - O homem que fez você fugir de casa. Vale a pena?

Emily demorou um momento pra responder.

-Vai ser procurador. Pediu-me que me case com ele. Ainda não dei uma resposta. Estava esperando algum tipo de sinal. E agora ocorreu isto com Titus.

-Titus nunca foi um sinal de nada que não fosse Titus - disse Jane - Seu procurador te ama?

Emily demorou um longo momento para responder.

-Não sei - disse por fim –Mal posso vê-lo. Diz que sou bonita.

-Isso o diria a qualquer, tola. E você não é. Mas vê você em segredo. Isso eu não gosto. É um libertino?

-É o oposto de um libertino. Já lhe disse isso. É gentil. Exceto quando... Quando está zangado, diz bastante claramente o que pensa.

-Esse cavalheiro que não é libertino tem um nome? - perguntou Jane.

Sentiu que sua irmã ficava tensa a seu lado.

-Tem.

Jane se perguntou se seria alguém que ela conhecia. Alguém a quem tinha mencionado? Rezou para que não fosse o marquês de Bradenton. Mas não perguntou nem pressionou. Simplesmente esperou. E depois de meio minuto, Emily falou.

-Chama-se Anjan – disse - Anjan Bhattacharya.

Jane arregalou os olhos, surpresa. Havia mil coisas que podia dizer. Pensou nelas e no final escolheu uma.

-Me diga – pediu - Me fale dele. Fala seu nome como diz você o seu?

Sua irmã pensou na resposta.

-Uma vez me disse que meu tutor deveria me considerar bonita. Mas mamãe não o fazia. Papai tampouco. Titus, curiosamente, é o que mais se

aproximou e ele é... bom... – suspirou - Isso me deixa só você. Você é a única que me considera um tesouro.

Jane a abraçou, estreitando-a contra si.

-Claro Emily. É assim que eu penso.

-E quem você tem?

Jane sentiu uma opressão na garganta. Emily nunca tinha perguntado isso antes. Sempre tinha sido a irmã pequena, nunca tinha pensado que Jane pudesse precisar também de alguém. Esta negou com a cabeça, aturdida.

-E agora se vai - a voz de Emily soava rouca - Me prometa que cuidará tão bem de você como cuida de mim. Prometa-me e eu vou conseguir cuidar de mim mesma.

-Emily - disse Jane.

Mas sua irmã beijou os dedos e os colocou no rosto de Jane.

-Me prometa. Promete que vai fazer.

Jane apertou a mão dela.

-Prometo - sussurrou.

CAPÍTULO 16



ANJAN BHATTACHARYA NÃO SABIA O QUANTO queria Emily até que deixou de vê-la. O primeiro dia que ela não apareceu no lugar onde se encontravam, caminhou pela margem do riacho por onde passeavam normalmente e cruzou para o outro lado, onde não havia caminho, só campo sem arar, com mato que chegavam até o joelho.

Ele pensou que possivelmente ela não tinha conseguido escapar.

Caminhou e esperou. Quando passou uma hora e meia partiu.

O segundo dia a esperou na hora de costume. Esperou e esperou até que doesse seus pés por ficar de pé. Esperou até que o sol desceu pelo céu e beijou o horizonte, esperou até que seu grande poço de esperança começou a secar.

O terceiro dia havia uma empregada esperando por ele. Franziu a testa ao vê-la.

-É você o senhor ah... o senhor ah...?

-Sim - respondeu Anjan, porque respondia "senhor Ah" quase tão frequentemente como seu próprio nome.

-Isto é para você - a mulher lhe estendeu um papel quadrado.

Anjan rompeu o selo e desdobrou a carta. Emily tinha escrito.

“Querido Anjan,

Meu tio descobriu tudo. Tentei duas vezes e não posso escapar para vê-lo. Talvez eu consiga algum dia, mas não posso lhe pedir que espere por semanas se por acaso ocorrer isso”...

Anjan decidiu que o mundo era muito injusto.

...“Pensei em tudo o que disse na última vez que nos falamos. Eu gostei da história que me contou, mas ainda não sei o que fazer com ela.

Emily.”

Anjan dobrou o papel com cuidado. Ela estava pensando nele. Ele podia adivinhar o que isso significava. Terminaria seus exames em uns meses e depois iria embora. Precisava de proximidade, não pensamentos.

Se fosse outro homem, se apresentaria na casa do tio dela e exigiria vê-la.

Mas suspeitava que, se ele tentasse, seria fuzilado. Ou o meteriam na cadeia e o acusariam de algum crime horrendo. Ninguém acreditaria quando dissesse que só queria falar com ela.

Emily tinha sido um ponto brilhante em sua vida. E agora...

Se pôs a andar de volta à cidade.

Começava a ficar zangado. Não com ela, com um destino que o tentava com um ser tão encantador e depois, quando parecia que começava a estar ao seu alcance, a separava dele. O destino era cruel.

Cruzou as portas de sua universidade com muito mau humor.

Seus companheiros de classe estavam já acostumados a ele. Se faziam comentários, quase nunca faziam a seu lado. Anjan cruzou o jardim com os olhos fixos no chão.

-Ei, Batty! -chamou um menino.

Anjan não se deteve. Deu três passos mais.

-Batty, aonde vai?

Anjan recordou então que Batty era ele. Parou. Antes de se voltar, encontrou seu sorriso. Até naquele momento podia colocar um no rosto com muito pouco esforço. Não teria sentido franzir a testa a uma pessoa que se mostrava amistosa. E George Lirington era um dos bons, um dos que falavam com ele, o primeiro que o tinha convidado a jogar críquete. Até tinha falado com seu pai para lhe arranjar um emprego.

-Batty - disse Lirington - Onde andou hoje? Precisamos de um lançador. Estávamos desesperados sem você.

-Lirington - Anjan fez um esforço pra se mostrar agradável – Você parece que veio do campo de críquete. Fizeram você lançar hoje?

-Sim, e por isso perdemos - respondeu Lirington.

Sorriu e começou a descrever a partida em detalhe, interpretando os pontos mais importantes. Anjan era Batty porque Bhattacharya tinha muitas sílabas. Quando tinha dado seu nome de batismo a um homem, este tinha piscado e imediatamente o tinha batizado como John. Assim era como o chamavam: John Batty. Aqueles meninos ingleses bem-intencionados tinham tirado seu nome com a mesma facilidade e o mesmo ar amigável e jovial com que seus pais assumiram o seu país.

E Emily o tinha chamado Bhattacharya. Anjan tinha se apaixonado um pouco por dela no momento em que tinha pronunciado seu nome como se tivesse valor.

Apertou o punho, mas seguiu sorrindo.

OLIVER NÃO PENSAVA MUITO EM JANE. A última semana de janeiro conseguiu minimizar esses pensamentos, se limitando a imaginá-la de noite e perguntando o que teria ocorrido entre eles se tudo fosse diferente, se ela não tivesse a necessidade de espantar seus pretendentes, se tivesse sido a filha legítima de uma família respeitada e ele pudesse cortejá-la.

Cortejá-la. Já. Ele não pensava nem um pouco em lhe fazer a corte. Seus pensamentos eram mais escuros e profundos. Começavam por um beijo e terminavam contra a parede de pedra e árvores grossas. Seus pensamentos corriam muito mais a frente de suas sensibilidades até que tinha que tomar o assunto em suas mãos e resolvê-lo. Mas depois, quando recuperasse a sanidade...

Ainda não podia imaginar Jane de branco e com pérolas recatadas, assim se esforçou por esquecer essa fantasia.

Em fevereiro dificilmente pensou em Jane. Não teve tempo de pensar nela. Havia sessões no Parlamento. A própria rainha se dirigiu aos legisladores da nação e pediu que expandissem a franquia. Os trabalhos começaram a sério. Oliver debateu seus planos com Minnie, a esposa de seu irmão, que era uma boa estrategista. Juntos planejaram uma série de jantares. Levavam de trem os homens trabalhadores de todo o país. Oliver dava cursos curtos de dois dias sobre etiqueta e o funcionamento da política. Os homens comiam com duques, duquesas, barões e baronesas. Membros do Parlamento se sentavam uma hora com padeiros.

A mensagem era clara. Tratava-se de homens razoáveis e racionais. Porque não podiam votar?

Nesses momentos Oliver não pensava muito assiduamente em Jane. Não queria compará-la com as esposas pálidas e sorridentes que via, mulheres que nunca davam um passo em falso, que se ruborizariam se ouvissem a palavra "fucsina" e nunca ocorreu a elas tingir uma luva dessa cor muito menos um vestido.

Em vez disso, sorria. E quando essas mulheres mencionavam a suas irmãs, sobrinhas ou primas solteiras, voltava a sorrir, dessa vez com um sorriso mais distante, e tentava não pensar em cores gritantes.

Quando chegou março, Oliver tinha deixado de dizer que não pensava em Jane. Ele não se importava se pensava nela ou não, ela não estava ali, continuava sendo impossível e era pouco provável que voltasse a vê-la. Se estava um pouco apaixonado ainda por sua lembrança, não era algo que valesse a pena chorar. Não quando havia tanto o que fazer. Os jantares provocavam debates. Redigiam leis e as rejeitavam. Escreveu uma série de artigos para um jornal de Londres sobre o tema da representação do povo, que foram bem recebidos. Uma vez se perguntou se Jane teria lido e o que teria pensado dele.

No fim de abril, os homens com quem Oliver trabalhava falaram com ele e lhe perguntaram quando pensava se apresentar ao Parlamento. Eles disseram que podia contar com seu apoio. Ele concordou com calma e falou muito pouco. Deixou que dissessem o que sempre tinha sabido: que era sensato, inteligente e eloquente, que tinha laços com a nobreza e com a classe trabalhadora. Deixou que lhe dissessem que era o tipo de homem que devia unir-se a eles. Deixou que lhe dissessem que triunfaria, enquanto o coração dançava no peito.

O futuro que levava tanto tempo imaginando se abria diante ele.

Então eles disseram que a única coisa que precisava para completar o quadro era a felicidade doméstica. Oliver não respondeu a isso.

Naquela noite foi para casa e compartilhou uma garrafa de vinho com seu irmão. Contaram piadas até que se sentiu um pouco tonto. Beberam até que Minnie desceu, sua cunhada. Ela sorriu para eles, balançou a cabeça e levou seu marido para a cama.

Oliver ficou sozinho contemplando a realização de todos os seus sonhos.

Quando seu irmão o deixou sozinho, a euforia desapareceu.

Só lhe faltava felicidade doméstica. Uma garota agradável, uma que lhe facilitasse o caminho. Havia centenas de mulheres que podiam fazer isso. Certamente uma delas poderia ofuscar Jane. Só tinha que encontrá-la.

Afinal, não estava apaixonado por Jane. Só admirava seu espírito. Isso era tudo. Se serviu de outro meio copo de vinho e bebeu sozinho na escuridão.

Bom, possivelmente era algo mais que seu espírito. Admirava sua inteligência. O modo como entrava em um salão e imediatamente decidia quem estava no comando e como antagonizá-lo. Oliver queria uma esposa assim, exceto que teria que fazer o oposto. Alguém como Jane. Isso era o que queria. Igual a Jane, mas seu oposto. Terminou o vinho.

Admirava algo mais que seu espírito e sua inteligência. Admirava também seu corpo. Definitivamente, seu corpo.

Tinha bebido demais para sentir ardor físico naquele momento, por mais ardente que fossem seus pensamentos. Aquilo era algo bom, porque uma vez que começou a pensar no corpo dela, nas curvas generosas de seus peitos e as curvas suaves de seus quadris, ficava difícil deixar de pensar no que gostaria de fazer com ela.

Ele a havia tocado muito pouco. Muito pouco. Seus pensamentos então se voltaram selvagens e embora o vinho o tivesse deixado incapaz de fazer nada a respeito, pensou em tudo, na introdução de seu membro duro na carne suave

feminina, no ruído que faria ela quando isso ocorresse. Jogou com a imaginação até que estava meio louco de luxúria.

"Sim", sussurrou para si quando subia as escadas para seu quarto. Jane era o tipo de mulher que queria. Uma mulher exatamente igual a ela, mas justamente o contrário. Menos mal que não estava apaixonado por ela ou seria muito difícil encontrar essa outra mulher.

No dia seguinte tinha uma terrível dor de cabeça e não pôde decidir se culpava ao álcool ou à irracionalidade discordante que se permitiu.

Em todo caso, não tinha tempo de considerar a pergunta. O Parlamento ainda não tinha chegado a um acordo e a Liga pela Reforma tinha prometido fazer uma manifestação no Hyde Park. E não só com umas poucas centenas de homens, não, falavam de conseguir que todos disponíveis assistissem. O Governo, temendo a inevitável agitação e a violência associadas com uma concentração desse tipo, tinha prometido deter todos os que assistissem. Nenhum dos dois grupos cederia. Em Londres havia planos para contratar mais policiais só para lidar com a multidão.

Chegou maio e as pessoas começaram a se reunir para a manifestação. Não um nem dois nem cinco mil, eram dezenas de milhares.

Os membros do Parlamento que se recusavam a qualquer tipo de reforma começavam a ficar nervosos com a ameaça da multidão que pairava sobre suas cabeças. Os jornais continham relatório da polícia detalhando o número de agentes que era necessário para parar uma concentração assim. Alguém relatou que não havia tantos policiais em toda a Inglaterra e que era necessário a força letal para controlar a multidão.

Oliver negava a se distrair por pensamentos de uma mulher que estava longe quando tanto estava em jogo.

A noite anterior à concentração estava com Minnie e Robert lendo relatório atrás relatório de reuniões, de pousadas cheias até transbordar, de tribunais convocados com o único propósito de criar polícia especiais.

As coisas ficariam feias no dia seguinte.

Dormiu profundamente e ao amanhecer despertou com alguém batendo em sua porta. Mas quando atendeu sonolento, viu que não se tratava de seu irmão para lhe dizer que a violência já tinha começado.

Era um empregado com um telegrama urgente.

Oliver estava ainda meio sonolento e sua mente correu a sua frente. Invadiu-o a certeza de que o telegrama era de Jane. Ela precisava dele e ele iria. Ele teria que se casar com ela para livrá-la de um destino horrível e desconhecido.

Londres não importava e a impossibilidade tampouco. E tampouco se importava com as alterações em sua vida que isso traria.

Esfregou os olhos, colocou os óculos e leu a mensagem.

Não era de Jane. É obvio que não era de Jane. Oliver se negou a sentir-se decepcionado porque sua vida não ia ficar destroçada. O telegrama era de sua mãe.

FREE SE FOI.

QUER ASSISTIR A CONCENTRAÇÃO, PROTESTAR PELA NÃO INCLUSÃO DE MULHERES NA REFORMA DO VOTO. PROCURE-A.

Os pensamentos sonolentos e sexuais de Oliver se evaporaram. Leu de novo o telegrama, dessa vez com horror crescente. Sabia que o trem teria chegado à estação de Euston umas horas atrás.

Free já estava ali, sozinha em Londres. Planejava assistir a uma manifestação ilegal com centenas de homens furiosos, homens que se enfrentariam com policiais mal treinados, que estariam loucos de medo com a multidão. E conhecendo Free, ela diria a todos esses homens que queria o direito de votar e que seria melhor eles darem.

-Santa mãe de Deus! - exclamou Oliver.

Sua irmã ia conseguir que a matassem.

CAPÍTULO 17



AQUELE DIA OLIVER ESPERAVA ver policiais patrulhando, controlando todas as esquinas. Mas quando saiu à rua, não havia nem rastro dos agentes especiais dos quais tanto se falou nos últimos dias. De fato, não havia nenhuma presença policial à vista.

O que havia eram centenas de pessoas nas ruas. A multidão se voltava mais e mais densa à medida que se aproximava do Hyde Park. Foi ali onde viu os primeiros policiais desse dia: um casal apático parado na grade do parque. Não faziam nada para deter a multidão que entrava no parque; um deles inclusive felicitava as pessoas a entrarem. Pareciam fazer alguns esforços para evitar que os vendedores ambulantes se beneficiassem do sucesso, mas enquanto Oliver olhava, um vendedor de empanadas passou entre eles depois de lhes dar uma empanada como pagamento silencioso.

Oliver não sabia se tinham filtrado de algum modo aos elementos empenhados em manifestar-se. Um grupo de mulheres tinham chegado a cavalo para ver o que acontecia e estavam sentadas perto de cavalheiros, com empregados lhes servindo vinho e passando aperitivos. Oliver tinha ouvido alguém falar algumas noites atrás que, se ia haver um choque entre a Liga pela Reforma e a polícia, sua intenção era ter um assento na primeira fila. Tinha levado na brincadeira, mas o que parecia é que havia mais pessoas que tinham pensado o mesmo.

Hyde Park parecia mais uma cena de uma feira de negocio que a de uma batalha iminente. Já havia milhares de pessoas presente. Como ia encontrar Free entre tanta gente?

Caminhou pelo parque, confuso, confiando que ninguém se incomodaria se olhasse, até que se deu conta de que havia milhares de olhares e ninguém se fixava nele.

Temia que aquilo ficasse feio. Sabia muito bem que uma multidão tão numerosa podia ser violenta rapidamente. Mas até o momento, a ausência completa de policiais com uniformes azuis transformaram aquilo em um acontecimento festivo. O confronto entre os organizadores da manifestação e o Governo parecia improvável que se materializasse, e o alívio resultava evidente.

Quando começaram a chegar os membros da Liga pela Reforma, comemoraram como se fossem heróis que retornavam da guerra. Chegaram em

grupos, saudaram a multidão e iniciaram cânticos com as pessoas. Assim que Oliver teve oportunidade, começou a fazer perguntas.

-Perdoe-me, viu uma mulher falando do sufrágio universal?

Um homem o olhou de forma estranha.

- Claro que sim – respondeu - Vejo uma muito frequentemente. Estou casado com ela.

O homem seguinte que ele perguntou fez uma careta diante a ideia do sufrágio universal e negou com a cabeça, negando-se a responder.

Quando chegou ao terceiro, Oliver tinha aperfeiçoado sua técnica.

-Sabe por acaso se houve por aqui um grupo de mulheres pedindo o sufrágio universal?

-Tem que se aproximar de onde Higgins está falando - respondeu o terceiro homem; assinalou um quadrante distante do parque.

Oliver se aproximou do lugar indicado. Estava do outro lado da galeria Serpentine, escondido por umas árvores, e demorou três quartos de hora para abrir caminho entre a multidão. Por sorte, não o tinham enganado. Ali havia gritos que pediam o voto para todos e não só para os homens trabalhadores.

Quando chegou, viu um grupo amplo de mulheres. Estavam juntas, com os braços unidos. E ali, justo no meio de todas...

Pela primeira vez desde que se levantou essa manhã, Oliver sentiu uma profunda sensação de alívio. Ele avançou em direção a ela.

-Free!

Antes que pudesse chegar até ela, havia um muro de mulheres com os braços unidos. Olharam para ele com atenção. Uma mulher morena de uns quarenta anos o olhou atentamente nos olhos e agitou um dedo em sua direção.

-Não - disse com voz cortante – Os homens não podem estar nesse ponto.

-Eu só queria... -ele fez um gesto-. Só queria falar com ela. Com a Frederica Marshall.

-Pois não pode.

-Free! - chamou Oliver.

-Agora basta - as duas mulheres mais próximas a ele deram um passo à frente com um brilho ameaçador nos olhos.

-Free! - repetiu ele, movendo os braços com desespero.

-Fora - disse uma das mulheres - Ou teremos que pedir a alguém que o jogue daqui.

-Não, espere, eu só...

Free se voltou naquele momento.

-Esperem! - Gritou. Soltou os braços das mulheres que tinha ao lado e se aproximou-. Não o joguem. É meu irmão.

-E daí? - a mulher morena não parecia impressionada – Não iria acreditar no que meu irmão estaria disposto a fazer.

-Ele não me fará nada - disse Free - Só está se mostrando ridículo e protetor. Me deixe falar um momento com ele e o convencerei a ir embora.

Oliver suspirou, mas quando a mulher que tinha em sua frente o olhou entrecerrando os olhos, levantou as mãos.

-Tem razão – disse - Só quero que esteja segura.

As mulheres se entreolharam, mas acabaram encolhendo os ombros e soltando os braços. Free se colocou entre elas e uniu seus braços com os delas.

-Oliver - disse com tom de desgosto - O que faz aqui? Não é seguro.

Ele a olhou com incredulidade. Sempre fazia ele se sentir assim... sempre bagunçava todo seu mundo.

-O que faço aqui? - olhou a seu redor - Aqui não é seguro? Eu não sou uma garota de dezesseis anos, Free. Não fugi de casa em plena noite só para vir a Londres.

-Sim - disse Free - Quero saber o que faz aqui. Provavelmente saiu de sua casa em plena manhã e não vejo que você esteja levando um rifle.

-Não se trata de mim - ele a olhou nos olhos – Se trata de você vir ao lugar mais perigoso de toda a Inglaterra, um lugar onde pode se estabelecer a violência.

Ela inclinou a cabeça para um lado e olhou a seu redor.

-OH! –murmurou - Violência. Entendo - Arqueou as sobrancelhas e olhou a um ambulante que mostrava sua mercadoria - O que acha que ele vai me fazer, me atirar empanadas?

-Além disso - comentou Oliver, ignorando aquele aspecto da realidade - tem dezesseis anos. Não posso acreditar que tenha tomado o trem sozinha.

-Não para de repetir a palavra "sozinha" - respondeu ela - Mas você me disse uma vez que devia procurar respostas antes de chegar a conclusões. Mary Hartwell me levou a estação na carruagem de seu pai. Tomamos o trem juntas. E como tínhamos comunicado nossa intenção de participar do capítulo das mulheres da Liga pela Reforma, foram nos buscar na estação. Não estive sozinha em nenhum momento – tirou os seus braços - Por que parece que estou sozinha?

-Não, mas mesmo assim... - ele olhou à mulher morena, que fingia não escutar a conversa, e a seguir à mulher loira que havia do outro lado de Free e que sorria abertamente.

-Das quatro da manhã até as seis, estive com este grupo - explicou Free - discutimos os pontos práticos da concentração. É claro que as mulheres não são tão fortes como os homens, mas podemos ser formidáveis se nos juntarmos.

-Tenho que admitir que suas amigas formam uma barreira muito eficaz. Mas há riscos...

-Temos procedimentos - respondeu Free – Nos falamos esta manhã. Cada uma de nós tem duas mulheres que olham por ela e ela, por sua vez, olham por outras duas. Assim sabemos que todas estamos seguras a todo momento. Não nos afastamos sozinhas. Não deixamos que ninguém entre em nosso perímetro - olhou para Oliver com dureza - Se detiverem uma, todas nos comprometemos que nos levem com ela.

-Free - Oliver esfregou os olhos.

-Anna Enjoe Higgins, é a mulher que está ali com gorro de marinheiro, já foi detida treze vezes.

Oliver olhou a sua direita.

A senhorita Higgins não parecia uma sufragista endurecida. Ela usava um vestido azul céu bonito e na moda. Tinha como adereço um gorro de marinheiro que tinha enfeitado com fitas azuis que se moviam ao vento.

Um homem que passava por ali levantou um braço no ar.

-Votos para todos! - disse.

A senhorita Higgins lhe lançou um beijo.

Oliver moveu a cabeça e se voltou.

-Eu não tenho certeza que você deva admirar a uma mulher cuja recomendação principal é que conseguiu ser presa uma dúzia de vezes.

-E quem você sugere que eu deva admirar? - perguntou Free - Você? Você está aqui me ensinando porque meu comportamento me põe em perigo, mas eu me incomodei mais em procurar minha segurança que você. É um filho de um duque metido em meio de uma multidão potencialmente hostil. Pelo amor de Deus! Ali estão tocando a Marsellesa. Quem sabe o que poderia acontecer com você!

-Isso é ridículo - declarou Oliver com fervor - Eu só vim buscar você. Não vire as costas para isso. Eu não me importo que você ache que está protegida, continua sendo perigoso. Isto é arriscado. Embora possa não acontecer nada, isso pode ser muito violento.

Free se negava a se deixar confundir.

-Você acredita que é aceitável correr esse risco para vir aqui me resgatar - levantou os olhos ao céu - Pois me parece aceitável correr esse risco para poder dizer que as mulheres merecem votar. Por que seu risco é valente e o meu é estúpido?

-Maldita seja, Free! Este não é o momento para jogar com a lógica. Terei que tirar você daqui.

Free sorriu.

-OH, isso está muito bem. Se começa a amaldiçoar, é porque a discussão chegou a um impasse. Seja sincero, Oliver. Sabe que tenho razão embora se negue a admitir. E deixe de falar coisas ridículas. Eu não irei. Se a multidão ficar violenta, estou mais segura rodeada de cem mulheres que estudaram o melhor modo de estar seguras do que estaria sozinha com você. O que você faria se uma multidão nos atacasse?

-Eu lhe... - ele se deteve.

-Lhe destroçariam membros por membros - Ela lhe deu um sorriso simpático, que chocava bastante com suas palavras - Não se preocupe irmão. Eu protegerei você.

-Maldição Free! - repetiu ele.

Ela começou a rir e olhou suas amigas.

-Este é meu irmão – disse - Chama-se Oliver Marshall. Provavelmente não irá embora até que termine isso. Onde ele pode ficar jogando faíscas pelos olhos?

-Não pode cruzar o perímetro - disse uma das mulheres a Oliver - Só pode haver mulheres dentro do círculo e espero que possa entender a razão para isso. Mas meu irmão está apoiado naquela árvore, vigiando se por acaso ocorrer algo. Se quiser se reunir a ele, pode fazê-lo.

Oliver moveu a cabeça e Free sorriu.

-Desfrute Oliver. A Liga pela Reforma prometeu à senhorita Higgins que poderá falar e estou segura de que você gostará do que tem a dizer.

DEPOIS DA MANIFESTAÇÃO, não houve muito que contar. A polícia só interveio para sugerir que as pessoas abandonasse o parque antes do por do sol e, para então, ninguém teve nenhuma objeção a isso.

O ambiente era de júbilo. O Governo tinha prometido esmagar a concentração com todas suas forças e as pessoas tinham prometido esmagar a decisão do Governo.

Todos concordavam que o povo tinha ganhado. Tinha sido uma vitória decisiva.

As amigas de Free a entregaram meio a contra gosto para Oliver. Os carros de aluguel estavam lotados, as ruas estavam cheias de gente. Não havia nenhuma possibilidade de encontrar uma carruagem.

Caminharam. Os primeiros quinze minutos, Free se mostrou corajosa, falava da multidão, do ambiente, do quanto tinha sido divertido e de que desejava repeti-lo. Toda aquela energia fazia com que Oliver se sentisse velho e cansado.

-Onde está me levando? - perguntou Free depois que percorreram um monte de ruas compridas - Parece que vamos á casa de Freddy.

Oliver piscou. Olhou para sua irmã.

-Pensei que você gostava de tia Freddy. Escreve-lhe todas as semanas. Fala igual a ela.

Free levantou os olhos para o céu.

-Nos últimos quatro anos só tenho escrito cartas furiosas e as dela foram tão críticas quanto as minhas. Você nunca presta atenção a nada. Estamos brigadas.

Já fazia quatro anos que Oliver não passava um tempo seguido na casa de seus pais? Engoliu em seco.

-Você briga com todo mundo – disse - Não prestei muita atenção a isso.

-Vai me encorajar. Sabe o que dirá quando você disser o que fiz? - Free entreceitou os olhos - Por isso me leva para ela? Porque quer que diga...?

-Sinceramente, Free - Oliver olhou para o céu – Estou levando você à casa de Freddy porque acreditava que você gostaria de vê-la. Posso levar você à mansão de Clermont, se preferir, mas a última vez que estive lá, se queixou de que não conhecia ninguém e não havia nada a fazer. Não pensei nos sermões de Freddy. Se tivesse pensado, não teria trazido você aqui. Não sei o que tem a tia Freddy, mas quando me diz para não fazer algo, sinto um desejo terrível de fazer.

Free sorriu a contra gosto.

-E em qualquer caso, nunca encorajamos você. Ao menos não como ao resto de nós.

Free suspirou.

-Isso mudou. Como eu disse discutimos muito. Passamos os últimos Natais falando uma da outra em voz alta para incomodar as outras pessoas. Como é possível que não tenha se dado conta?

Sua tia Freddy era tão exigente que era difícil saber quando estava zangada ou quando só armava confusão para tentar provar algum ponto ridículo. Oliver sempre a tinha conhecido predizendo catástrofes. Nenhuma delas se cumpriu.

-Por que brigaram? – perguntou - Ou não devo saber?

-Disse que saísse de casa.

Oliver respirou fundo.

-OH.

Se sua tia soubesse o que estavam fazendo nesse momento, caminhar por ruas normais da cidade, teria palpitações. Se tivesse sabido o que tinham feito antes no parque, teria desmaiado.

Quando Oliver era mais jovem, ele sabia que sua tia Freddy se negava a sair do pequeno apartamento que morava. A mãe de Oliver dizia que em outra época ela estava acostumada a sair para o mercado, mas até isso acabou quando tinha encontrado alguém que levasse as compras para casa. Sua tia era assim, não sair era uma característica imutável inerente a ela.

-Não gostou que eu dissesse que tinha que sair - disse Free - E me disse que pedisse perdão. Então lhe disse que sentia muito minhas palavras apressadas e que o que queria dizer era que deveria sair de casa todos os dias.

-Oh - repetiu Oliver; balançando a cabeça - Nossa tia é a única pessoa que é muito teimosa para deixar se manipular por você.

Free encolheu os ombros.

-Me disse que eu era uma impertinente e eu disse que, se ela podia nos orientar sobre como devíamos viver nossas vidas, eu a orientaria sobre o que fazer com a dela. Que se ela podia dizer: "É pro seu bem", eu também podia.

Oliver suspirou.

-Free – murmurou - Não compreendo bem o que acontece com tia Freddy, mas não acredito que possa sair nas ruas. Se pudesse, já teria feito há muitos anos. As pessoas não escolhem ficar três décadas trancadas em uma casa pequena por rancor.

Sua irmã se mostrou mais rebelde ainda.

-Talvez possa ou talvez não possa, mas deveria sair. Suponhamos que você tenha razão, por que ela não pode me dizer isso assim? Se nega a falar disso e se dedica a apontar meus defeitos. Não é justo que ela possa dizer que tenho que usar suco de limão para acabar com minhas sardas e eu não possa lhe dizer que saia para tomar um ar.

Oliver balançou a cabeça. Estavam chegando ao edifício que vivia sua tia.

-Tem razão – comentou - Não é justo. Suspeito que é menos justo ainda que a tia Freddy não possa sair à rua. Tenha um pouco de compaixão por sua tia. Já que estamos aqui, este pode ser um bom momento para se desculpar com ela.

-Por que tenho que me desculpar? Tenho razão.

Oliver voltou a suspirar.

-Então pode subir e não dizer nada de nada. Vai ser muito divertido para as duas.

Entregou umas moedas a uma garota florista que havia na esquina em troca de um buquê e subiram as escadas do edifício. No canto de um dos andares havia um pouco de lixo, lixo que, a julgar por seu aspecto, estava há semanas ali. Oliver tomou nota para falar com o dono. Se sua tia tinha que passar ali sua vida, o lugar deveria ser o mais agradável possível.

Ele bateu na porta e esperou.

-Quem está aí? - a voz de Freddy soava mais tremula do que Oliver recordava.

-Sou eu, Oliver.

A porta se abriu em uma fresta e sua tia apareceu para olhá-lo.

-Veio sozinho? – perguntou - A cidade está em chamas? Há distúrbios?

-Não. A concentração foi muito pacífica.

Ela abriu mais a porta.

-Então entre. Estou feliz em ver você, querido – fez um gesto para que entrasse, mas então viu Free, que estava atrás de seu irmão.

A cara de Freddy se transformou por um momento. Levantou as sobrancelhas e seus olhos brilharam. Engoliu em seco e estendeu a mão para Freddy. Mas então pareceu conter-se e mudou de ideia... sua alegria se transformou em negativa obstinada.

Oliver pensou que aquelas duas eram as mulheres mais teimosas que conhecia. Possivelmente por isso se queriam tanto. E por que levar quatro anos discutindo quando era evidente que se gostavam? Moveu a cabeça.

-Podemos entrar tia?

-Todas as pessoas respeitadas podem entrar - disse a mulher, olhando sua sobrinha.

-Nesse caso, está decidido - respondeu Free -. Suponho que eu esperarei aqui no corredor até que termine com ela.

-Não pode... - Freddy apertou os lábios e Oliver se deu conta nesse momento de que sua tia tinha um aspecto horrível.

Tinha a pele pendente e amarelada. Suas mãos tremiam. E havia algo mais nela, algo que lhe dava um ar magro e frágil. Só era uns anos mais velha que a mãe de Oliver e, entretanto, quem as visse juntas pensaria que tinha décadas.

Sua tia respirou fundo.

-Oliver, diga a sua irmã que não pode esperar no corredor. Vivem operários em cima de mim e sabe Deus o que lhe fariam se a encontrassem aqui. Provavelmente estarão todos agitados pelo que quer que seja o que tenham feito hoje - pronunciou a palavra "operários" em voz baixa, como se fosse algo sujo, e

a seguir franziu a testa - Você não estava nessa... coisa, certo? -perguntou, olhando para Free – Você nem sequer seria tão estúpida.

A garota jogou a cabeça para trás.

-Se me ouve gritar, Oliver, espero que possa vir em minha ajuda. Sei que Freddy não o fará, pois estarei no corredor e isso são dois pés mais longe de onde ela pode chegar.

Os olhos de sua tia soltavam faíscas.

-Talvez saia para a rua - continuou Free - Há um parque a duas ruas daqui. Posso ir sentar-me em um banco. Ainda não escureceu.

-Free - interveio Oliver - Acha que pode mostrar que tem um pouco de educação?

Sua irmã enrugou o nariz.

-Podem entrar os dois - murmurou Freddy - Não posso ter sua morte em minha consciência. Seria o fantasma mais mal educado do mundo e me nego a ter você enfeitiçando meu corredor.

Free sorriu então, como se lhe agradasse a ideia de ser um fantasma mal educado. Cruzou a porta. Freddy a fechou atrás dela e trancou com cuidado. A seguir correu um ferrolho. Oliver e Free se sentaram diante de uma mesa pequena.

-Oliver - disse sua tia - Me alegro de ver você. Quer tomar um chá?

-Não, obrigado.

-Não penso em aceitar um não por resposta. Está... - a mulher fez uma pausa-. Você não está crescendo, certo? Mas há alguma pessoa aqui que pode estar crescendo ainda e não há nada como um chá com leite para conservar a saúde -olhou para Free - Embora uma pessoa que há aqui não se importe com sua saúde. E está claro que não está com seu chapéu embora lhe tenha dito muitas vezes o perigo de não fazê-lo.

-Oh, sim. No futuro, um homem controlará todas minhas posses se me casar com ele. Não me permitirá votar e não me dará a oportunidade de ganhar a vida por nenhum meio exceto deitada de costas, mas, é obvio, o perigo mais horrível a enfrentar são as sardas. Possivelmente deveria passar a vida trancada em uma casa. Assim não me sairiam sardas. Seria encantador para minha saúde.

Freddy apertou os lábios.

- Diga a sua irmã que eu faço exercício –disse - Faço vinte circuitos em minha casa todos os dias. Estou mais ágil que ela.

Free olhou a sua tia de cima abaixo. Provavelmente não a tinha visto desde o Natal e Oliver supunha que sua mudança resultava ainda mais dramática depois de tantos meses. Free sem dúvida observava os ombros fundos de Freddy, sua respiração superficial e os ossos finos de seu pulso.

Seus olhos brilharam e sussurrou.

- Diga a minha tia que me alegro que tenha uma saúde tão formidável - tremeu a voz- Que vejo que suas escolhas são excelentes.

- Diga a sua irmã que ela não vai se importar se eu morrer logo.

Free se levantou de um salto. Seus olhos brilhavam.

-Que não me importo se morrer logo? Me custa aceitar que gostamos de você e que está se matando assim?

Freddy cruzou os braços e afastou o olhar.

-Lembre a sua irmã que não penso em falar com ela até que me fale com educação. Até que se desculpe por todas as rabugices que me disse.

-Quais? As de te dizer que eu não gosto de ver você assim? Quer que me desculpe por dizer que tem que se cuidar mais? Quer que me desculpe por me preocupar com você? Jamais. Não me desculparei nunca. Você está equivocada e te odeio por isso.

- Diga a sua irmã - disse Freddy, ainda mais cortante - que se não pode me falar com educação, quando me pedir para abrir a porta, já não é bem-vinda aqui.

-Muito bem. Não me detenha - Free foi até a porta. Sua saída teatral da sala se viu parcialmente fracassada pelo tempo que demorou para abrir a fechadura e o ferrolho, mas quando conseguiu, saiu batendo a porta.

Oliver ficou em pé.

-Tem que ir atrás dela - disse Freddy. Olhou a porta e sua respiração se acelerou- Não sabe o que pode haver aí fora – engoliu em seco - Está escuro. Não deveria estar sozinha.

-Nada vai acontecer por uns momentos -Oliver se aproximou da porta e fechou a chave- Não sairá para rua. Tem mais sentido comum que tudo isso.

A raiva abandonou Freddy, mas o nervosismo não. Deixou-se cair em uma cadeira. Oliver a olhou preocupado. Sentou-se a seu lado e colocou uma mão através da mesa.

-Freddy. Se isso te faz tão mal, por que continua brigando com ela? Eu sei que você a ama. Só teria que dizer que sente sua falta e quer acabar com tudo isso.

Freddy olhava para a frente.

-Sei - sussurrou.

-E por que continua?

-Porque ela tem razão.

Oliver a olhou surpreso. Nunca em sua vida ouviu Freddy pronunciar aquelas palavras se referindo a ninguém, mas a si mesma ou nas raras ocasiões em que as pessoas concordavam com ela.

-Tem razão - sussurrou Freddy - Tem razão. Estou presa aqui – seus olhos brilhavam – não tenho coragem de sair, portanto, estou presa aqui. Sem ninguém e sem nada pra fazer. Alguns dias nem sequer sei quem sou.

-Oh, Freddy!

-Ontem abri a porta, coloquei um pé para fora e me deu palpitações no coração que tive que parar.

Oliver se levantou e a abraçou.

-Sinto muito. Mas por que não diz isso pra ela? Ela entenderia se lhes dissesse que está com medo.

-E admitir que tem razão? - replicou Freddy - Isso não. Eu sei bem como terminarei com isso. Um dia abrirei a porta, descerei as escadas como sempre faço, abrirei a porta da rua - fez uma pausa; as mãos tremendo - E irei dar um passeio pelo parque – assentiu - E então escreverei e direi que ela está equivocada, que posso sair à rua. E que não aceitarei mais rabugices.

-Freddy.

A mulher suspirou.

-Muito bem. Diga a ela que estou tentando - disse antes que Oliver pudesse responder, seu rosto adquiriu uma expressão obstinada - Não, não diga. Quero que seja uma surpresa. Quero que tudo seja uma surpresa. Eu vou provar isso. Vou provar a todos.

Oliver lhe deu um tapinha na mão.

-Estou seguro de que sim. Ajudaria eu vir ajudar você?

-É um rapaz encantador, Oliver. Não tem muito de sua mãe.

Ele ficou imóvel.

-Acredita de verdade?

- Claro que acredito - respondeu Freddy. Seu olhar se voltou abstraída - Algumas pessoas, quando sofrem, tomam como uma provocação. Tocam o fogo uma vez e, quando se queimam, fazem planos, tentam descobrir como agarrar o carvão aceso. Sua mãe é uma delas. Mas outros lembram a dor.

Tomou a mão de Oliver e lhe deu um tapinha.

-Você é assim. Lembra a dor e se encolhe. Quando era mais jovem, pensava que fosse igual a sua mãe, aqueles que agarram o carvão aceso com as mãos. Mas não sou. Agora vejo mais claramente - sorriu com tristeza – Você é como eu.

Oliver respirou fundo e olhou para sua tia. Ela provavelmente disse aquilo como um elogio. Mas a pele sob seus olhos tinha escurecido e estava muito magra. Ele nunca soube o que sua tia temia, o que a tinha feito ser assim. Sua mãe dizia que Freddy nunca tinha dado nenhuma explicação. Talvez a essas alturas ela nem sequer recordasse as razões.

-Posso vir aqui mais frequentemente – Se ofereceu.

-Não - ela negou com a cabeça - Nossas visitas mensais estão bem querido. As pessoas me põe nervosa. Incluindo você - levantou o queixo - Mas não se preocupe comigo. Dentro de uma semana estarei no parque. Espere e verá.

Oliver a olhou. Ela apertava a mandíbula com firmeza, embora tremesse um pouco. Seus olhos brilhavam desafiantes.

-Um dia - disse ela - um dia sairei por essa porta e caminharei pelo parque. Um dia, em breve.

-Te amo, Freddy - disse Oliver - E Free também - acrescentou, porque estava seguro de que era certo - Você sabe que sim.

-Sei - Freddy mordeu o lábio inferior - E está lá fora sozinha – sua mão tremia - vá procurá-la, Oliver.

CAPÍTULO 18



Em Nottingham, a cem milhas ao norte de Londres.

-NÃO ESTÁ ALI.

O bosque onde Jane estava a escondia de vista. Ao ouvir a voz familiar, apoiou a cabeça no tronco de uma árvore. Era melhor que golpeá-la contra ela com frustração. Não que se importasse do dano que se fizesse no seu rosto, mas sim porque o ruído podia chamar a atenção e isso era a última coisa que queria.

Os últimos meses tinham sido... difíceis. Annabel Lewis tinha-a advertido daquilo... de que sua tia e lorde Dorling davam a impressão de ser muito amiguinhos quando Jane não estava presente. Ela não queria acreditar, mas...

Levantou os olhos. As folhas das árvores já não eram jovens. Moviam-se e sussurravam com o vento. E sua tia, a senhora Lily Shefton, protestava por trás dela.

Ainda era cedo, uma hora estranha para estar fora, mas sua tia tinha insistido em que essa manhã era ideal para um passeio pelo parque nos subúrbios de Nottingham. Ao chegar ali, sua tia não tinha demorado a desaparecer, deixando-a sozinha.

Sua intenção era juntar Jane com Dorling. A jovem levantou os olhos para o céu. O que imaginava sua tia que ia acontecer?

-Eu pensava que não seria muito difícil conquistar o afeto de uma mulher - dizia sua tia da clareira - Lhe dei todas as oportunidades Dorling, e você não conseguiu nada ainda. Pode se saber o que acontece?

-Não sou eu, é sua mald... sua abençoada sobrinha.

Jane não podia ver a expressão de Dorling, mas imaginava. O honorável George Dorling tinha uma opinião elevada de si mesmo. Annabel a tinha importunado antes que Jane chegasse e se desse conta de que ele era um rico homem branco. Os comentários sobre ele, o segundo filho de um barão, diziam que o tinham enviado para ali de Londres por um jogador libertino.

-Pois tenho pressa - disse a tia de Jane - Todo este assunto faz com que me sinta suja. Disse a meu irmão que a veria casada e o farei. Se você não pode ajudar, procurarei outro que possa.

-Sim, sim - comentou Dorling com voz preguiçosa - Tenha um pouco de paciência. É um tema delicado cortejar sua sobrinha. Se esqueceu que eu só

quero seu dinheiro? Tem muito atrativo nesse campo e muito poucos em todos os outros.

Jane sorriu com relutância.

Dorling queria seu dinheiro. Sua tia a queria fora dali. Não tinha nada de surpreendente que tivessem forjado uma aliança. Não serviria de nada, é obvio, pois não tinha intenção de casar-se com ninguém, mas ao menos isso dava um propósito a sua tia. E Jane agradecia os pequenos favores.

-Isto é inaceitável - disse sua tia, interrompendo seus pensamentos - Meu irmão está com tudo pronto e não pode agir até que você cuide da garota.

Jane prendeu o fôlego. O que ele quis dizer com aquilo que seu tio tinha tudo pronto e teria que ocupar-se dela?

-Farei - declarou Dorling - Assim que...

-Não há tempo - protestou a tia de Jane - Ele cada dia está mais preocupado por sua irmã. Está muito estranha.

Jane tinha usado a palavra "infeliz". Emily não tinha permissão pra sair e seu tio vigiava para que não conseguisse escapar. Não tinha nada de estranho que sua irmã não fosse ela mesma.

Mas sua tia não tinha terminado.

-Se os doutores confirmarem seus medos, conseguirá que a enviem para o manicômio de Northampton em junho. Será melhor para ela, pobrezinha. Você tem que agir agora.

Jane não pôde evitar. Deu um soluço alto, e ao dar-se conta do que tinha feito, tampou a boca com as mãos. Enviá-la a um manicômio? Emily estava indignada, não louca.

E, no entanto, a última vez que tinha ido vê-la, Emily tinha falado de doutores que tinham ido fazer perguntas para ela. Perguntas estranhas. Nenhuma das irmãs tinha prestado muita atenção a isso. Mas se Titus estava pensando em demência, aqueles doutores tinham ido examinar sua mente, não seu corpo.

Era um dia quente e ensolarado, mas Jane sentiu de repente frio por todo o corpo. Se Titus conseguisse declarar que Emily era mentalmente doente... seria horrível.

Tinha cometido um engano. Tinha aceitado a legalidade da situação. Deveria ter fugido com sua irmã meses atrás sem se importar que fosse um delito.

O calafrio que percorreu seu corpo não tinha nada a ver com o clima.

-Não se preocupe - disse Dorling - Assim que seja minha, não terá nenhum modo de protestar.

O frio que tinha feito seu caminho até os dedos de Jane era paralisante. Tinha acreditado que sua tia só queria casá-la para livrar-se dela. Mas na verdade

era muito pior. Agora entendia o plano. Se, se casasse, já não controlaria sua fortuna. Todas as coisas com as quais tinha ameaçado Titus não valeriam nada se não pudesse agir. Queriam deixá-la indefesa, lhe impedir que pudesse ajudar. Deixá-la sozinha.

-Poderíamos acabar com isto esta noite - disse Dorling - depois da assembleia, se você me deixa entrar em sua casa como falamos.

Se Jane havia sentido frio antes, naquele momento ficou gelada. Não podia mover-se. Não queria acreditar no que ouvia.

-Eu lhe disse - replicou sua tia com certa aspereza - que me nego a me sentir ainda mais suja com tudo isto do que o estritamente necessário. O assunto já é bastante sujo por si só. Não consentirei uma violação sob qualquer circunstância - fez uma pausa - Além disso, duvido que lhe importe muito sua reputação.

Jane apertou o tronco da árvore e se sentiu agradecida em silencio a sua tia. Era uma mulher vulgar e horrível, sim, e conspirava contra ela. Mas Jane a teria beijado por suas últimas palavras.

-Não terei que chegar a isso - disse Dorling - Posso ser muito persuasivo. Confie em mim nesse ponto.

"Não. Não confie nele para nada", pensou Jane.

Mas ela não tinha voto naquele tema.

-Bom... - houve um longo silencio.

"Não", queria gritar Jane. "Não vacile nesse ponto".

-Terá que me prometer - disse sua tia devagar - De me prometer que só utilizará a persuasão.

Jane não podia suportar escutar os detalhes. Não queria saber o que planejavam. Voltou lentamente entre as árvores, fazendo o mínimo ruído possível.

Cada ramo que se partia, cada rumor de folhas, a fazia imaginar que seus inimigos se aproximavam. Quando chegou às ruas da cidade, as mãos tremiam.

Tinha que sair dali e ir procurar sua irmã. Amaldiçoou Titus. Não deveria ter respeitado a lei que o convertia em tutor de Emily. E se conseguisse fugir com Emily, seu tio não poderia trancá-la.

Poderiam subir em um navio e...

Não. Se desaparecesse sem explicações, seu tio teria um telegrama em sua mesa antes que pudesse chegar a Cambridge. E então perderia Emily de vista.

Às vezes parecia impossível seguir adiante. Tinha conhecido Oliver Marshall e ele se foi. Feito amizade com Genevieve e Geraldine, mas a tinham

enviado para longe de Cambridge e elas se mudaram para Londres. Agora que começava a fazer amizade com algumas damas dali, tinha que afastar-se delas. E Emily, a única pessoa com quem acreditava que podia contar, estava em perigo.

A companhia era uma ilusão que podia evaporar-se a qualquer momento. Enganou a si mesma. Parou na rua. Suas mãos tremiam.

Estava sozinha, completamente sozinha.

"Não". Aquele pensamento foi a sua mente como um sussurro quente. "Não está".

Aquele pensamento levou consigo uma lembrança... o das mãos de Oliver e de seus olhos. Do calor de sua boca. Jane tinha tentado, sem conseguir, não pensar nele nos meses que tinham passado. Havia falado que não adiantava de nada pensar nele porque não voltaria a vê-lo. Que pensar nele era uma fraqueza.

Por que, então, dava-lhe força pensar nele naquele momento?

Por um glorioso momento, o coração bateu forte. Seus dedos frios fizeram cócegas com nova vida. "Não está sozinha".

Não foi um pensamento racional o que lhe fez descer a rua até seu banco. Foi uma certeza. Não estava sozinha. Não tinha por que estar. Sorriu para o caixa, que a conhecia bem. Quando anotou a quantidade que queria retirar, ele arregalou os olhos, mas não discutiu. Limitou-se a contar as notas.

Talvez fosse uma estupidez. Jane certamente não precisava dele. De todos os modos, sua próxima parada foi no escritório de telégrafos. Não ficava longe do banco. De fato, dividia espaço com uma confeitaria, e como não havia muito trabalho em nenhuma das duas, a mesma jovem trabalhava para ambos.

Jane dizia a si mesma que não precisava de Oliver. Mas queria desesperadamente acreditar que não estava sozinha.

Começou a preencher o formulário do telegrama sonhando com que Oliver Marshall iria em sua ajuda montado em um cavalo branco e a levaria com ele.

A campainha da porta soou e Dorling entrou.

Os sonhos de Jane se evaporaram como bolhas de sabão. Sentiu frio nas mãos. O pequeno lápis que tinha na mão caiu no chão, pois seus dedos já não podiam sustentá-lo. Dorling olhou a seu redor e quando seus olhos caíram sobre ela, sorriu com ar malicioso, como se, se surpreendesse ao vê-la.

Jane sabia que era lógico que tivesse ali. Tinha ido enviar o telegrama que ela temia que enviasse, o telegrama que avisava a Titus que sua sobrinha tinha escapado e precisava vigiar Emily.

-Senhorita Fairfield - disse, quando chegou a seu lado - O que você faz aqui?

Jane tampou com a mão o papel que tinha diante de si e empurrou o lápis debaixo do mostrador com o pé.

Ele esfregou a testa.

-Essa manhã me encontrei com sua tia e me disse que você tinha desaparecido.

Jane olhou para George Dorling nos olhos. Imaginou que era Oliver Marshall, porque esse foi o único modo que pôde para lhe dar um sorriso.

-Precisava de algumas coisas - respondeu com calma. Voltou-se para a mulher da loja - Dois xelins de caramelos e hortelã, por favor.

Assim dizendo, empurrou para a mulher o papel que não tinha terminado de preencher e uma moeda.

Virou de novo para Dorling. A suas costas ouviu o ruído mecânico da caixa registradora e o barulho da bolsa de papel que a mulher começava a encher com caramelos.

Que fácil era fingir!

-Minha tia é uma mulher estressante - comentou Jane - Essa manhã estava me deixando louca com suas queixas. "Não, Jane, não ponha essas luvas". "Não, Jane, não fale tanto. Ninguém quer te ouvir falar mais da anilina" - Jane suspirou pesadamente e baixou o olhar. Havia sentido um sabor amargo ao pronunciar as palavras "enlouquecendo".

-É indecoroso de sua parte! - comentou Dorling - Criticar uma mulher tão doce como você? Sua tia deve ser insuportável.

A mulher de trás do mostrador deu a Jane à bolsa com os caramelos de hortelã e um punhado de moedas pequenas.

Enviaria o telegrama incompleto como estava? E isso importaria se o fizesse?

Em realidade, não. O papel tinha feito seu trabalho. Ele receber ou ele vir, não importava muito. O importante era que Jane sentia que já não estava sozinha. Isso lhe dava um propósito novo. Não ia permitir que ninguém roubasse sua irmã.

Olhou para Dorling, que sorria. Embora Jane sentisse os pelos do braço arrepiar e quera ir para casa e se esfregar bem para livrar-se da ideia dele "convencendo-a", piscou os olhos maliciosamente.

-Minha tia me leva a loucura – repetiu - Não posso passar mais nenhuma noite na mesma casa que ela.

-Não pode? - ele sorriu também. Em seu sorriso não havia afeto nem prazer. Jane recordou a careta de um gato que tinha conquistado um camundongo.

-Não posso.

Para a sorte dela, não era um camundongo. Era uma herdeira e podia comprar bons gatos por uns poucos xelins.

-Você é o homem que procurava - disse Jane - Você vai me ajudar.

CAPÍTULO 19



OLIVER TINHA PERDIDO ALGUM TEMPO desde que recebeu o telegrama de sua mãe e o tempo em que acompanhou a sua irmã para casa. Tinha a sensação de que checava constantemente os bolsos e, quando encontrava nestes os objetos de costume, olhava o relógio.

Mas a ideia que o assaltava nos dias seguintes não era a de ter esquecido uma entrevista ou perdido uma bolsa de moedas. Era algo mais profundo e fundamental.

Uma manhã brilhante de maio, depois de assistir a muitas reuniões, voltou para a mansão Clermont e se retirou para seu quarto.

Era o mesmo quarto que lhe tinham dado aos vinte e um anos, quando seu irmão tinha alcançado a maior idade e o tinha convidado pela primeira vez a vir para Londres. Robert lhe disse que devia considerar a mansão Clermont como sua casa.

-Entende – havia falado, ao ver que Oliver vacilava - eu digo isso no sentido literal. Não quero que trate essa casa como se fosse sua. É sua. Se as coisas tivessem sido de outro modo, teria crescido aqui. É meu irmão e não quero que me contradiga nisso.

Depois de uns meses, Oliver tinha deixado de se sentir como um intruso e tinha começado a acreditar que seu lugar era ali. Tinha deixado de se desculpar quando tocava a campainha e tinha começado a agir como se tivesse um lugar no mundo.

Mas agora... agora via o que o rodeava com visão dupla.

Ele se aproximou da janela. Tinha vista para uma praça, um lugar cuidado, com muitas árvores, alguns arbustos e um banco em cada lado.

Sua mãe se sentou naquele banco quando Oliver não era mais que um vulto em seu ventre. Tinham negado a ela a entrada na casa e o velho duque tinha ignorado sua presença. Hugo Marshall, o verdadeiro pai de Oliver, o homem que o tinha criado, trabalhava então na mansão, mas ele entrava e saía pela porta dos empregados.

Robert podia lhe dizer que tinha um lugar ali, mas nada do que eles dissessem ou queriam podia alterar a história daquela casa.

Sentia-se um impostor.

Suas irmãs não tinham lugar ali. Certo que quando Free ficou para dormir, a receberam com amabilidade. De fato, a duquesa e ela se deram muito bem. Mas Free era uma convidada e aquela não era sua casa.

Riu quando Oliver tinha tocado a campainha para pedir comida.

- Você não pode ir procurar? - tinha perguntado - Ou ser um lorde te tornou preguiçoso?

-Eu não sou um lorde.

Sua irmã tinha arqueado as sobrancelhas.

-Legalmente, suponho que não. Mas entre resgatar donzelas e se relacionar com os membros do Parlamento. Eu não acho que tenha muita diferença.

-Eles sim a veem - tinha respondido Oliver, pensando em Bradenton.

Free encolheu os ombros.

-Está se tornando um deles.

Seria verdade?

-E por que não iria resgatá-la? – ele tinha perguntado - Sou seu irmão mais velho. Você tem que me fazer sentir útil.

-Não, não tenho - contradisse ela - É um homem adulto. Busca algo pra fazer sozinho - mas havia dito sorrindo e se agarrou ao seu lado como quando era mais jovem.

Tinham passado décadas desde que sua mãe se sentou naquele lugar para insistir em que o reconhecessem.

Entretanto, aquele banco continua gritando: "Seu lugar não é aqui".

Oliver suspirou, levantou o olhar e saiu de seu quarto para não ver o jardim.

Os quartos de seu irmão estavam na outra ala da casa, separada da sua por uma ampla escada. Foi até lá, conteve o fôlego e ficou olhando a porta.

Atrás da grossa madeira, ouviu Minnie rir.

-Não - disse ela - Assim não. Eu...

Oliver sabia que interromperia o que estivesse fazendo, assim bateu na porta.

A risada de Minnie deixou de soar. Houve uma pausa.

-Entre.

Oliver abriu a porta.

Seu irmão e sua cunhada estavam sentados juntos em um sofá, com o ar de que acabara de se separar. Minnie tinha a mão na de Robert e as bochechas ruborizadas. Estava claro que Oliver interrompia algo.

Este sabia desde pequeno que tinha um irmão, mas o descobrimento de Robert Blaisdell, o duque de Clermont em carne e osso, tinha sido uma espécie

de revelação. Robert tinha provado ser como um pássaro pequeno que deixou o ninho cedo. Ninguém tinha ensinado nada importante. Não sabia fechar os punhos nem se esquivar de um golpe, e não sabia colocar uma isca na vara de pescar para que os peixes mordessem.

Tampouco sabia escrever como era devido. Era três meses mais velho que Oliver, mas este sempre se sentiu mais velho.

"Olhe, Robert, faça assim. Assim é como se comporta um ser humano decente".

Oliver sabia como ele era importante para Robert. Ele tinha irmãos, pai e mãe. Robert tinha... bom, tinha a Oliver e Minnie.

Oliver era um tolo ao pensar que devia cometer a tolice de contar a seu irmão seus sentimentos confusos. Robert tinha outras preocupações.

-Oliver - disse seu irmão - Do que se trata?

Robert tinha uma habilidade especial para adivinhar quando alguém estava aborrecido. Em geral, ele se dava bastante mal ao adivinhar que estavam aborrecidos, mas adivinhava quando algo ia mal. Essa sua habilidade podia ser muito irritante.

-Robert, ah...

Oliver não sabia como começar aquela conversa. Só sabia que tinha que dizer algo. Cruzou o quarto e se voltou para olhar o casal.

-Sinto que não pertencço a este lugar - disse por fim.

Se seu irmão era um mago na hora de saber quando os outros estavam aborrecidos, também era quase impossível saber quando se sentia ferido. Oliver tinha aprendido a captar os sinais que demonstrava isso: a leve tensão dos músculos, o modo como Robert se retraía. O modo como à mão de sua esposa apertava a sua.

-Não quero que se sinta assim - respondeu Robert por fim - O que posso fazer?

Oliver balançou a cabeça.

-Não é por algo que você faça ou deixe de fazer. Não sei por que as coisas mudaram. Eu só... tenho que ser... - se soubesse como terminar aquela frase, não teria ido ali. Queria voltar a uma época em que se sentia apto. Há um tempo que ainda tinha Jane em sua frente - Sinto que não tenho capacidade em nenhuma parte.

Robert assentiu e respirou fundo.

-Quanto tempo faz que sente isso? Possivelmente possamos determinar a causa.

Oliver queria responder que desde janeiro. Mas então se lembrou de Jane na noite em que a tinha convencido de que confiasse nele lhe contando seus

desejos e ambições. Tinha sido amargo saber o que não tinha e tinha reconhecido nela sua alma gêmea.

Afastou o olhar.

-Acredito que sempre me senti assim.

Dessa vez não teve que se esforçar para ver seu irmão se encolher. Sabia como Robert era. Vacilante, cuidadoso, sempre temendo que alguém se afastasse dele.

-Não é você - insistiu Oliver - Você sempre me fez sentir bem-vindo. Pense o que pense, nunca duvide disso. É meu irmão e sempre será. É só... é só que não sei. E odeio não saber.

-Há algo que tenha desencadeado isso? -Minnie o olhou -. Notei... que você está distante desde que voltou de Cambridge.

Cambridge. Esse nome o afetou como se fosse um punho que o agarrasse com uma nostalgia amarga. Cambridge. Era um nome que falava de passeios na natureza pelo dia e de um parque de noite. De uma mulher que não vacilava nem se encolhia de medo diante de nada.

Jane era a mulher mais valente que Oliver tinha conhecido. Às vezes pensava que a sociedade era como um menino pequeno que tentava colocar aos empurrões um bloco de cores por um buraco redondo. O bloco não entrava e o menino empurrava com mais força. Oliver tinha se visto empurrando em buracos redondos tantas vezes que já quase não notava que suas pontas se tornaram arredondadas. Mas Jane... Jane insistia em ser angulosa e quadrada. Quanto mais a empurrava, mais quadrada e mais colorida se voltava.

Menos mal que não estava apaixonado por ela. Se tivesse sido tão tolo para cair nisso, certamente nunca poderia encontrar a saída.

-Aconteceu alguma coisa com Sebastian? - perguntou Robert.

-Sim. Mas não o que você pensa - Oliver se sentou em uma poltrona em frente ao casal - Não sei o que é - disse por fim - Você sempre sabe quem é e o que quer. E neste momento, eu pareço uma confusão.

Robert se levantou e se aproximou dele.

-Eu sei o que é estar confuso - colocou uma mão no ombro - Se for isso o que se passa, não sei o que dizer, exceto não se questione se há um lugar para você aqui.

Oliver negou com a cabeça.

-É meu irmão - Robert vacilou um momento – Te amo. Sempre te amarei. Tem um lugar aqui; simplesmente não é necessário que fique se não quer.

Oliver levantou o olhar.

-Deixe de choramingar - Robert lhe deu um murro frouxo no ombro – Talvez seja simplesmente devido ao fato de que, com a Ata da Reforma presa no Parlamento, precise de um novo projeto. Há quanto tempo vem trabalhando nele? Pode ser uma decepção se surpreender ao ver como dá fruto algo pelo que trabalhou. Deixa um vazio em sua vida.

-Isso é precisamente o que sinto - Oliver fechou os olhos - Um vazio em minha vida. E não sei o que possa enchê-lo.

Ouviu que batiam na porta e se voltou. Um empregado apareceu na soleira.

-Senhor - disse para Oliver - Chegou um telegrama para você.

-Oh, genial - respondeu Oliver - Pergunto-me o que terá feito Free agora.

O empregado não disse nada e Oliver pegou o envelope se divertindo.

O fino papel de dentro havia três linhas.

NÃO POSSO RECORRER A MAIS NINGUÉM

ESTOU EM NOTTINGHAM

AMANHÃ ME

Aquilo era tudo. Era todo o conteúdo da mensagem. Parecia estranhamente abreviado e a última linha, uma linha a que não podia chamar de frase, pois inclusive na linguagem concisa dos telegramas faltava as partes gramaticais necessárias, não tinha sentido. Amanhã me... Quem era a pessoa que falava?

Oliver não sabia.

"Comer, beber e ser feliz", sussurrou uma parte dele, "pois amanhã me...".

Olhou de novo o papel. Não conhecia ninguém em Nottingham. E a única pessoa que podia lhe enviar uma mensagem pedindo ajuda além de sua família era...

Voltou a ler o papel.

Jane Fairfield.

Lambeu os lábios.

-Robert – disse - me diga se eu estiver errado, mas este seria um momento do mais inconveniente para sair da cidade, não é?

Havia debates em andamento no Parlamento e se decidiam detalhes regularmente. Mas a ideia de ficar, de passar por outro jantar com a maioria das pessoas que lhe faziam se sentir estranho consigo mesmo, era terrivelmente ruim.

Free não precisava dele. Não tinha pedido ajuda. Mas Jane...

-Oliver - disse Robert - Está tudo bem? Não se trata de sua irmã outra vez certo?

-Não - respondeu Oliver, quase aturdido - Não é minha irmã.

Podia ir se encontrar com Jane, caso fosse ela que tinha enviado a mensagem.

Uma ideia estúpida. Tentou dissipá-la com lógica.

Disse que o mundo não girava ao redor de Jane, e que se a reforma do voto fosse rejeitada, mudaria tudo. O que eram os problemas de uma mulher comparados com os de todo o mundo? Não estava apaixonado por ela e aquele telegrama não podia ser dela.

Mas imaginou por um segundo em voltar a vê-la. Imaginou passar alguns dias com um bloco quadrado e colorido, uns dias felizes sem nenhum buraco redondo à vista.

-Vou para Nottingham - disse.

E pela primeira vez em quatro meses, se sentiu bem, como se voltasse para sua casa depois de uma viagem longa por terras estrangeiras.

Robert piscou.

Oliver começou a rir, sentia-se quase tonto de alívio.

-Não sei o que farei lá – disse - Nem por que tenho que ir nem quanto tempo ficarei. Mas vou.

-Vai agora?

"Agora" parecia um bom momento. Um momento excelente. Depois de tudo, quanto mais cedo fosse, mais cedo voltava. E possivelmente, só possivelmente, quando a visse poderia certificar-se como ela conseguia não se desgastar. Possivelmente precisava de uma dose do impossível.

E se fosse. Não estava apaixonado por ela, mas... mas como queria vê-la!

-Vou assim que pegar algumas coisas - respondeu.

REPETIU ESSE MANTRA no trem, entoando-o ao ritmo do clac-clac-clac das rodas.

Não estava apaixonado por ela, só cumpria uma promessa.

Não estava apaixonado por ela, só ia visitar uma amiga.

Não estava apaixonado por ela, só ia consertar um problema.

O trem avançava incansável e Oliver se permitia acreditar naquelas palavras.

Não estava apaixonado por ela. Não estava.

QUANDO CHEGOU À ESTALAGEM, perguntou onde havia algum evento social essa noite e a jovem respondeu que havia um que começava em quinze minutos e que estariam todas as damas para casar.

-Incluindo uma herdeira - disse. Piscou – Me disseram que usa um vestido com cores extravagantes. Eu gostaria de vê-lo.

Oliver também. O telegrama tinha sido dela. Ela precisava dele. Ele ia vê-la e essa ideia lhe dava esperanças. Não estava apaixonado por ela. Só sorria porque sabia que ela gostaria que a chamassem de extravagante.

Não estava apaixonado por ela; só tinha ido a aquela reunião sem desfazer as malas. Isso não era nada de mal, certo?

Pensou em uma desculpa atrás de outra enquanto se vestia e enquanto se certificava de levar nos bolsos tudo o que pudesse precisar se uma mulher estivesse em perigo: dinheiro e uma pistola.

Se disse as mesmas mentiras enquanto entrava na reunião. Só a estava procurando, o qual era perfeitamente normal, não? Procurar uma mulher quando tinha percorrido cem milhas para vê-la. Era normal que o fôlego pesasse seus pulmões, que os segundos sem ela parecesse pesar em seus ombros.

E então a viu. Abriram as portas do salão e entrou ela. Vestia um vestido que se agarrava às curvas de seus seios e brilhava na cintura. Era verde, do tipo de verde que um monge poderia ter usado para iluminar um manuscrito antigo para desenhar uma serpente venenosa que sussurrava tentações de uma macieira.

Outras pessoas podiam achar ordinária a tira dourada de seus tornozelos. Podiam franzir a testa ao ver a cor do vestido ou as contas resplandecentes que o adornavam. Ou podiam, possivelmente, piscar diante sua cor estridente.

Mas aquela era Jane e fazia quatro meses que Oliver não a via. Estava espetacular, das sapatilhas que apareciam por debaixo da barra do vestido até as plumas verdes veneno plantadas em seu cabelo. Jane. Sua Jane. Oliver prendeu a respiração, pela primeira vez no que lhe parecia uma eternidade, sentiu que tinha caído exatamente no lugar onde melhor se encaixava. Ali, naquela reunião que nunca tinha ido, em meio de uma multidão de estranhos.

Mentiu para si mesmo todos esses meses.

Estava apaixonado por ela. E não sabia o que ia fazer a respeito.

CAPÍTULO 20



-ESSE VESTIDO É ODIOSO - disse a tia de Jane pelo que devia ser a quinquagésima vez - Quer que todos pensem que é uma...? - fez uma pausa, mas como não lhe ocorria o que podia ser tachada uma mulher que vestia um vestido verde, não pôde continuar - Pretende ser uma tola?

-Uma tola - respondeu Jane - soa a alguém que é simpática. Não me importaria ser isso.

Sua tia a olhou surpreendida. Soltou um suspiro e moveu a cabeça.

-Como acha que vai conquistar Dorling vestida assim?

Jane não se dignou responder a isso. Negava-se a falar daquele homem com sua tia. Olhou a parede da carruagem. Dorling era o autor da metade de sua desgraça atual e não se importava com nada. O que lhe importava era Emily e o que seu tio pudesse fazer ou pudesse já ter feito.

Possivelmente o telegrama não tinha chegado. E se tivesse chegado, o que lembrava ter escrito no papel não fazia sentido. Não tinha lhe dado uma pista do que precisava, quando precisava, onde deviam encontrar-se nem nenhuma outra informação pertinente, como, por exemplo, seu nome. Oliver tinha sua vida, pessoas que queria e coisas a fazer. Não ia sair correndo porque recebeu um telegrama que possivelmente fosse ou possivelmente não fosse um telegrama de uma mulher que talvez já tivesse esquecido.

Provavelmente ele teria se casado. Era quase certo que teria esquecido sua tola promessa. Além disso, não havia tempo. O telegrama tinha sido enviado logo depois do meio-dia. Tinham se passado sete horas e seu plano já estava em andamento.

Estivesse ou não preparada, tudo aconteceria naquela noite. Não tinha a ninguém em quem confiar além de si mesma, nem mais arma que um par de cilindros de dinheiro. Um foi amarrado a sua coxa e o outro foi colocado de um modo incômodo entre seus seios.

O salão da reunião era em cima de um lance de escadas. O exercício lhe deu muito calor. O dinheiro entre os seios se moviam a cada passo. A parte boa era que era impossível escorregar por acidente, pois estavam como incrustados. A má era que tinha medo que deixassem uma marca indesejável em seus seios.

Menos mal que não precisasse de uma pistola! Isso sim teria doído se tivesse que guardá-la ali.

Sorriu para sua tia, endireitou os ombros e entrou no salão.

Fazia muito calor com tantos corpos juntos. Tanto calor que Jane quase se sentiu aflita pelo golpe de ar quente que recebeu ao entrar. Tinha menos de meia hora para procurar Dorling e lhe explicar o que precisava.

Mas o homem que seus olhos encontraram na multidão não era Dorling. Foi outra pessoa completamente diferente.

-OH! - exclamou.

Tinha que ser sua imaginação. Estava segura que imaginava aqueles olhos azuis, iluminados por um humor interior, aquele cabelo brilhante e aqueles óculos.

Ele vestia um terno escuro com abas largas. Os punhos da camisa eram de um branco resplandecente. Seu cabelo brilhava a luz dos abajures como um raio brilhante. Enquanto Jane o observava, ele olhou a seu redor, ajustou os óculos sobre o nariz e então a viu.

Fazia meses que não se viam e para Jane foi como um golpe que quase a derrubou com o peso do alívio. Todas as demais pessoas desapareceram. Só ficaram eles, e a distância e o tempo que os tinham separado também pareceu evaporar.

Jane teve que recorrer a todo seu autocontrole para não cruzar correndo a sala e cair em seus braços.

Mas sua tia estava olhando.

Assim esperou humildemente, tentando ignorar o suor que lhe descia pelas costas, reprimindo o impulso de coçar os seios. Esperou e conversou com outras pessoas, com a mente aturdida.

Como ele tinha chegado tão depressa?

Para chegar ali naquele dia, ele teria que subir em um trem quase imediatamente depois de ter recebido o telegrama.

Continuava aturdida quando a senhora Laurence se aproximou seguida por Oliver. Jane quase não ouviu as palavras de apresentação; não sabia que história ele teria contado. Limitou-se a assentir com a cabeça quando Oliver lhe perguntou se podia passear com ele pelo salão.

-Senhorita Fairfield - disse ele com um sorriso.

-Senhor... - ela o olhou. Não lembrava se ele tinha usado seu verdadeiro nome na apresentação -. Senhor Cromwell - disse.

Ele sorriu divertido.

-Você veio - ela desejava lhe apertar o braço.

-Pois claro que sim. Pediu que viesse - ele olhou o vestido dela – Que cor infame usa hoje?

-Verde - respondeu Jane - Verde ventre de cobra. Ou possivelmente seja o verde de uma nuvem venenosa de cloro.

-E, entretanto, não há ninguém gritando nem apartando os olhos - ele sorriu - Bom trabalho. Como consegue?

Ela sorriu.

-Simples - disse, reposicionando o colar de diamantes no pescoço - Já disse a você. É a vantagem da herdeira - voltou a lhe sorrir – Você veio. Não posso acreditar que tenha vindo. E com tanta rapidez.

-Eu não disse? - ele sorriu - Não está sozinha.

-Mas se passaram meses - ela o olhou - Só nos conhecemos durante umas semanas. Pensei que você estaria... - mas possivelmente estava. Olhou-o horrorizada.

-Não estou casado - respondeu ele - Nem comprometido. Nem sequer namorando.

Jane se disse que não queria ficar alegre. Negava-se a fazê-lo.

Mas sua negativa não funcionou muito bem. Sentia-se mais leve e alegre.

Ele olhou seu vestido.

-Embora se soubesse que tentava deixar cega a toda a reunião, teria trazido proteção. Como as dos cavalos - Colocou uma mão de cada lado da cabeça para demonstrar - Ajudariam a não me pôr nervoso.

Sorriram mutuamente e, pela primeira vez desde aquela manhã, Jane teve a sensação de que aquilo, de algum modo, podia acabar bem.

-Podemos falar aqui do que precisa ou temos que esperar um momento mais apropriado? -perguntou ele.

-Não há tempo – ela riu - dentro de quinze minutos tenho que me reunir com o honorável George Dorling – engoliu a saliva - com o objetivo de fugir com ele.

Algo mudou na expressão dele. O humor desapareceu de seu rosto. Deu um passo para ela.

-Que me condenem se vou permitir isso!

Não estava casado. Lhe tinha enviado um telegrama com tolices, no que só aparecia o nome da cidade, e ele tinha ido em questão de horas. Jane não era boa em ler as pessoas, mas até ela podia somar dois e dois e chegar a um número maior de três. Sorriu.

Oliver, por sua parte, respirou fundo e balançou a cabeça. Levantando o olhar.

-Sinto muito - sua voz soava um pouco dura - Isso foi um pouco exagerado de minha parte - apertou os punhos - É o que você quer?

-Não é nada disso - explicou ela - É uma fuga falsa.

Ele franziu a testa.

-Ou será. Não há tempo para explicações. Tenho que ir subornar o meu falso noivo. Olhe, se ele fingir que fugiu comigo, minha tia acreditará que fui para Gretna Green. Se pensar que fugi sozinha, avisará a meu tio que estou indo pra lá. E então não poderei sequestrar minha irmã a tempo.

Qualquer outro homem ficaria confuso com tudo aquilo. Oliver se limitou a concordar com a cabeça.

-Isso não faz sentido – disse - Mas entendo que não temos muito tempo. Acho que tem que fingir essa fuga e depois...

-Depois temos que chegar a Cambridge o mais rapidamente possível.

-Disso eu posso me encarregar. Procurarei o transporte - Oliver franziu a testa - Se formos a Cambridge e não quisermos que sua tia saiba... esta noite já não há trens. Se ficarmos em um quarto de hotel, ela saberá.

-Uma amiga minha levou uma mala para a estalagem Cervo e Sabujos, em Burton Joyce. Pensava passar a noite lá e tomar o primeiro trem da manhã.

Ele assentiu.

-Farei com que enviem minhas coisas lá e pedirei outro quarto - fez uma pausa - Meu Deus, Jane! - estendeu a mão para ela, mas a retirou rapidamente – Estou feliz em vê-la – disse - Vá subornar seu pretendente.

Ela começou a rir.

Ele começou a afastar-se, mas se voltou.

-Não esperava isso.

Jane balançou a cabeça com solenidade fingida.

-Ninguém espera uma fuga falsa.

Oliver estendeu o braço e tocou sua mão. Jane teve que morder o lábio para não apertar sua mão com força e se negar a soltá-la nunca mais.

-Não me referia a isso - disse ele em voz baixa - Nunca esqueci você. Por que, então, agora que estou aqui, tenho a sensação de recordar coisas que nunca soube? - olhou nos olhos dela - Senti sua falta.

Ela o olhou desejando que o mundo inteiro desaparecesse. Todos os sonhos que não queria se permitir lembrar... todos retornaram então em uma onda de calor. Mas só disse:

-Eu também senti sua falta.

DORLING ESPERAVA JANE NA SALA lateral onde tinham combinado se encontrar. Ela se deteve na porta e o olhou. Estava se sentido mal por usá-lo, mais ele pretendia usá-la, e tinha planejado coisas muito piores.

-Dorling – ela disse.

Ele se virou guardando no bolso o relógio de corrente que tinha nas mãos. Seria errado dizer que sorriu, pois sua expressão não se parecia com nenhum sorriso que Jane já tinha visto. Era muito treinado, muito inteligente.

-Cuidou de tudo? - perguntou Jane.

Quando tinha falado com ele pela manhã, tinha lhe contado o básico. Que precisava partir essa noite com ele e contaria os detalhes mais tarde.

Não chegou a dizer que fugiria com ele, mas tinha dado a entender.

Dorling sorriu.

-Sim – disse - Trouxe o dinheiro?

Jane sentia o cilindro de notas entre os seios.

-Sim. Mais temos que nos falar.

-Haverá tempo de sobra para isso no caminho até a Escócia.

-Sim, bem. Isso é o que nós precisamos conversar. Você se confundiu. Não vou fugir com você.

Ele piscou e o sorriso morreu em seu rosto.

-Mas já havia dito a seu... Quer dizer, enviei uma carta a sua tia. Pense em sua reputação.

Jane suspirou com desprezo. Sua reputação? Tinha passado um ano cultivando uma reputação de mulher estúpida e desagradável. Tinha feito de propósito. Sua reputação não estava destruída, mas sim muito manchada. Um borrão, mais não lhe faria muito dano.

-Não há tempo para explicar - disse.

-Mas...

-Não vou fugir com você. Lhe darei dinheiro por fingir que o fazemos. Não é tão difícil. Você pode não tirar nada ou tirar uma boa soma. Escolha.

-Dinheiro? - ele a olhou surpreso - Quanto em dinheiro?

-Quinhentas libras. A única coisa que tem que fazer é sair da cidade esta noite e não voltar durante três dias. Quinhentas libras por isso, Dorling.

-Mas...

-Sem mas. Só dinheiro.

Ele bufou.

-Isso não era o que eu planejava, mas vejamos o dinheiro.

Jane se voltou de costas para ele. Tinha que tirar uma das luvas verdes veneno para colocar os dedos entre os seios. Mas era fantástico tirar as notas dali para não continuar roçando sua pele. Esfregou dissimuladamente o peito e então

se deu conta de que provavelmente não era boa ideia fazer isso ali com Dorling tão perto. Voltou-se para ele.

Assim que se girou, se sentiu sem ar. Encontrou-se olhando o cano metálico brilhante de uma pistola. Sentiu frio em todo o corpo e o mundo se reduziu ao cano daquela pistola. As mãos estavam caídas flácidas. Mal conseguia segurar a luva.

-Odeio fazer isso, querida - disse Dorling - Mas sei fazer contas. Você me oferece quinhentas libras para que a deixe partir, mas eu terei cem mil se nos casarmos. Obviamente, não há comparação possível - enquanto falava, estendeu a mão e lhe tirou o rolo de notas dos dedos.

-Não pode se casar comigo apontando uma pistola - disse ela.

-Não - ele parecia ridiculamente descontente com isso - Mas posso obrigá-la a vir comigo. Eu sei que isso parece ruim, gatinha, mas tenho intenção de ser um marido razoável. Me perdoará com o tempo.

-Quer dizer que me deixará usar meu dinheiro para envergonhar meu tio se tratar mal a minha irmã?

Ele sorriu.

-Ah, acredito que nos ouviu esta manhã. Agora tudo tem sentido. Sinto muito, querida, nesse ponto dei minha palavra a ele. Se não fosse um homem de palavra, você não iria querer se casar comigo.

Argumento curioso. Ele parecia se esquecer que acabava de lhe roubar quinhentas libras apontando uma pistola e pretendia roubar sua liberdade pelo mesmo método.

-Que bom que seja um homem de honra! -exclamou Jane.

Por sorte, ele não captou o sarcasmo em sua voz. Jane olhou dissimuladamente por cima do ombro, mas não havia nem rastro de Oliver.

O que ele poderia fazer? Ela precisava de Dorling. Precisava desaparecer para que sua tia acreditasse que fugiu.

A única coisa que tinha que fazer era ser mais esperta que ele e confiar que logo ele apresentasse uma oportunidade. Porque não tinha muito tempo, só o tempo para que sua tia pudesse acreditar que Jane tinha fugido e não correndo para resgatar sua irmã.

-Não me deixa escolha - disse.

Dorling sorriu.

-Bem. Nesse caso, não há necessidade de usar o éter. Vamos para a carruagem.

Éter. Jane tentou não mostrar nenhuma reação.

-É obvio - disse.

Ele segurou o braço dela e a conduziu pelo corredor.

Ela não se atreveu a olhar para trás.

-Aonde vamos? - perguntou corajosamente - E que caminho vamos seguir? -quanto mais soubesse, melhor poderia fazer planos.

CAPÍTULO 21



VÁRIAS HORAS DEPOIS, JANE PENSAVA que ser sequestrada era mortalmente aborrecido. Dorling estava sentado na frente dela na carruagem, ainda com a pistola na mão. Era um carro fechado e a janela de vidro da porta não mostrava nada da noite, exceto a sombra escura dos bosques. Tinham viajado todo o tempo para o norte. Jane bocejou.

-Há uma estalagem perto? – perguntou - Vamos parar para passar a noite?

-Mais tarde - replicou ele cortante.

Ela voltou a bocejar e olhou pela janela da porta. Passavam silhuetas de carvalhos grandes e retorcidos. Tentou contar as árvores. Quando chegou a quarenta e sete, a carruagem parou, coisa que a surpreendeu, pois não havia sinais de civilização por nenhuma parte.

-O que aconteceu? - perguntou.

Mas Dorling parecia tão confuso como ela. Negou com a cabeça e lhe fez gestos para que chegasse para trás.

Um momento depois abriu a porta da carruagem. O chofer era uma silhueta escura tampada com uma capa.

-Há algum problema? - perguntou Dorling.

-Sim - respondeu o homem - Um dos cavalos se recusa a andar - tinha um forte sotaque de camponês e Jane se perguntou se seria subornável. Ainda levava outro maço de notas à coxa.

-Maldição! - Dorling tremia a ponta do nariz - Logo agora. O que fez para seus cavalos para que eles parassem? Isto não deveria ter acontecido. O que vamos fazer agora?

O chofer encolheu os ombros.

-Deve dá uma olhada.

Dorling olhou para Jane.

-Não estou seguro.

O chofer deu de ombros novamente.

-Me dê á pistola. Eu a vigiarei enquanto você vai ver o que aconteceu.

Dorling lhe entregou a arma e saiu da carruagem. Mas o chofer não o seguiu imediatamente. Voltou-se para a porta e levantou lentamente um dedo aos lábios.

Jane respirou com força.

-Oliver - sussurro.

-Shhh. Só mais um momento.

-Maldição! - ouviu-se a voz de Dorling – Um dos cavalos tem uma pedra no casco. Não acredito que possa andar no momento. O que vamos fazer agora? Tem alguma ideia do quão inconveniente é isso?

Oliver se voltou para ele.

-Sim - disse com voz que já não tinha sotaque camponês - Tenho. Porque eu não tinha planejado ter que voltar para a cidade montando dois cavalos em vez de um.

Houve uma grande pausa.

-O que? - perguntou Dorling.

-Falo de voltar - explicou Oliver - Não imagina o quanto foi bom você aparecer. Eu procurava um transporte e ali, justo fora da casa, havia um homem que tinha um que eu sabia que não ia precisar. Imagine minha alegria - moveu a cabeça - Menos mal que consegui chegar a um acordo com o chofer.

-Não compreendo - disse Dorling - Quem é você?

-Minha intenção era jogá-lo da carruagem mais longe da civilização, mas terá que ser agora. Fique com a carruagem e o chofer virá pegar você amanhã no meio da tarde. De noite retornará a Nottingham, no qual acredito que nos dará tempo suficiente - Oliver caminhou até a parte de trás da carruagem - Aqui há mantas, trouxe um pouco de comida, assim não estará muito mal.

-Não pode me obrigar a isso. Tenho uma... - Dorling moveu a mão vazia e ficou olhando-a.

-Sim - disse Oliver atrás da carruagem- Um conselho: da próxima vez que tentar um sequestro, não dê a arma a um desconhecido.

Jane sorriu.

-Isto é ultrajante! - exclamou Dorling - Quem é você e o que fez com meu chofer?

Oliver voltou da parte de trás com uma sela na mão.

-Jane lamento dizer que vamos ter que montar juntos. Importa-se?

Jane sorriu.

-Como soube? Como fez isso?

-Muito simples - respondeu ele – Disse a você que não estava sozinha. De verdade acreditava que a deixaria?

Ela não soube o que dizer. Balançou a cabeça e o observou selar o cavalo. Era a primeira vez que o via fazer algo físico e o fazia com tal agilidade e rapidez que ela lembrou que ele tinha sido criado em uma fazenda. Aquele homem podia falar de política, resgatar as garotas impossíveis e selar cavalos, tudo com a mesma facilidade.

Tinha passado meses pensando nele. Pensando no que poderia lhe falar se tivesse sido mais corajosa.

Já não é preciso muito mais para contar.

-Não temos muito tempo - comentou ele - Mas será suficiente - montou no cavalo e estendeu a mão - Vamos.

-Espere - disse ela - A arma, por favor.

Oliver a estendeu sem perguntar e Jane se voltou. Dorling empalideceu.

-Por favor – disse - Não... não é necessário que...

Jane levantou os olhos para o céu.

-OH, deixe de tagarelar. Quero que me devolva minhas quinhentas libras.

-Mas para você não são nada. Para mim significariam...

-Sim - disse ela - Sei o que significariam para você - apontou-lhe a pistola o rosto - Por isso quero que me devolva.

DUAS PESSOAS COM TRAJES DE NOITE não podiam montar confortavelmente em um cavalo. Oliver passou seu braço em volta de Jane pela décima vez em quatro minutos e se acomodou na cadeira atrás dela.

As saias de Jane se agitavam volumosamente com a brisa. Algo afiado e protuberante cravou na coxa dele. E as perolas costuradas no vestido picavam e incomodava.

Mesmo assim, não era tão desagradável. Afinal de contas, Jane era quente e macia, e era muito agradável inalar seu perfume. Cheirava a um sabonete que para Oliver parecia familiar.

Vinte e quatro horas atrás lia confortavelmente em uma poltrona da mansão de Clermont, pensando no que podia fazer para influenciar os membros do Parlamento que conhecia.

Agora estava em um cavalo, só Deus sabia a que distância da civilização, com uma herdeira de duvidosa reputação, planejando sequestrar uma garota de dezenove anos e separá-la de seu tutor. Era como se tivesse abandonado a realidade e se encontrava de repente no meio de uma história de cavalaria medieval em que precisava usar a sua inteligência e a sua espada para sobreviver.

Tinha planejado o curso de sua vida alguns anos atrás. Um serviço contínuo, que seria reconhecido com o tempo, e uma lenta ascensão até o poder. Nessa história não havia lugar para as ações ridiculamente impulsivas que tinha feito nesse dia: sair impulsivamente de Londres, procurar Jane e frustrar um sequestro quando tinha todas as probabilidades contra.

Mas já teve tempo de sobra para recuperar o sentido comum. Apertou por um instante o braço em torno de Jane, pensando no momento revelador em que a tinha visto na escada.

Sabia o que sentia por ela. Tinha tido a esperança de apaixonar-se algum dia. Mas não daquele modo. Não por ela. Estava na história errada com a dama errada. Alguém tinha cometido um engano... e temia que tinha sido ele.

Mas Jane se apoiou nele, e embora Oliver pudesse fazer uma lista de todas as razões pelas quais ela era um engano, nesse momento já não as recordava.

-Não é justo - disse ela, e suas palavras pareciam tanto com o que ele sentia, que Oliver segurou o fôlego - Acho que isso deveria ser romântico. Que mulher não quer que um homem corra para ajudá-la e a resgate com seu lindo cavalo?

Sim, definitivamente, os dois se encontravam na história equivocada.

-Eu diria que este pobre cavalo tem mais de "pacífico pangaré" que um "formoso cavalo" - respondeu Oliver - Esse é o primeiro problema.

-Nos livros - respondeu Jane - o homem sempre aperta à mulher contra si e ela se derrete em seus abraços.

-Meu abraço não é apaixonado o suficiente pra você?

Os braços ao redor dela. Mas apesar de suas intenções e de seus sentimentos, só Deus sabia o quanto estavam envolvidos, não podia chamar aquilo de um "abraço apaixonado". Foi mais como uma tentativa desesperada por evitar que ela caísse da sela.

-Não posso falar por seu abraço - respondeu ela - Mas acredito que meu corpo não está derretendo no seu. Sinto-me mais como um navio que é jogado contra as rochas.

Oliver voltou a sorrir.

-As fricções são mesmo o diabo - respondeu - E as mulheres que querem abraços amorosos não deveriam carregar um arsenal de contas de vidros. E tem também essa coisa que me crava na coxa.

-Humm?

-É difícil pensar em romantismos com algo tão desconfortável tão próximo das minhas partes íntimas - disse Oliver - De fato, tenho que me

esforçar para não gritar. Essa coisa que leva nas saias está ameaçando me castrar.

-O que quer dizer? - ela estendeu a mão para trás e lhe agarrou sua coxa. Oliver teria gostado de estar em melhor posição para desfrutar aquilo - Oh, isso são quinhentas libras enroladas. Deixe de reclamar. É melhor que as levar escondidas no espartilho - suspirou - As histórias nunca mencionam que as selas de montar feitas para um e não para dois deixam o traseiro dormente. Além disso - voltou-se na sela e ele teve que segurá-la mais forte para impedir que caísse - sabia que suas coxas são incrivelmente duras? E eu que pensava que os assentos da carruagem eram incômodos.

-Gostaria menos ainda que tivesse coxas grossas - replicou ele.

Jane se apoiou contra ele.

-Humm. Agora eu gostaria que fossem grossas. Uma coxa que me permitissem fechar os olhos e me afundar nelas. Suas coxas parecem troncos de carvalhos. São muito incômodas.

-Sim, mas há um problema. Se tivesse coxas grossas, teria que subir no meu lindo cavalo, mas não poderia e a teria jogado no chão - Maldição! - teria exclamado - Acabo de quebrar as costas.

Ela riu com suavidade.

-Todas essas histórias estão erradas - disse ele.

Ele dizia no sentido literal, posto que estavam cheias de mentiras e eufemismos. Mas também dizia em outro sentido: que era um erro que eles estivessem ali.

-Garota impossível - mas seus lábios estavam tão perto do pescoço dela que aquilo soou como um carinho ao invés de um aviso para si mesmo.

Houve uma longa pausa.

-Obrigado. Eu ainda não falei certo? Sua aparição me deixou atordoada e tenho medo de perder um pouco o controle. Tenho medo que tenha sido terrivelmente mal educada e pela primeira vez não era minha intenção.

Voltou-se novamente para ele, ou pelo menos havia virado a cabeça tanto quanto era permitido em um cavalo em movimento. Era uma boa sensação tê-la nos braços. Cheirava a uma mistura de aromas complexos. A lavanda, a rosa e a um aroma limpo e cítrico que Oliver lembrava de sua casa.

Ela suspirou.

-E eu estou falando outra vez. Não sei o que se passa com você. Por que parece que não posso ficar em silêncio quando estou ao seu lado?

Oliver tinha os braços ao redor dela. Podia apoiar o queixo em seu ombro se inclinasse umas polegadas. Todas aquelas histórias estavam erradas, mas havia uma coisa que parecia muito certa.

-É porque está pensando nisso - disse. E a beijou.

Não havia um melhor modo de beijar a uma mulher que compartilhava a mesma sela. O pescoço dele torceu de um modo incômodo e teve que segurá-la com força para evitar que caísse. Mas isso não importava. Todos aqueles longos e escuros meses sem ela desapareceram. Meses nos quais podia ter feito aquilo. Abraçá-la. Beijá-la. Explorar sua boca polegada por polegada.

O cavalo, que percebia a falta de atenção de Oliver, deu um passo. Até a maldita coisa pontiaguda da coxa deixou de ser tão incomoda. Não havia nada mais exceto ela e a noite que os rodeava. Os grilos cantavam perto, um pássaro que não se deu conta de que era noite trilou não longe dali. Oliver a estava segurando. Se a soltasse, podia cair no chão.

Se deixasse de beijá-la, possivelmente teria que pensar no futuro. Não queria olhar um mundo fora daquele caminho, longe do beijo dela. Assim não se deteve, mas sim a estreitou mais contra si e continuou saboreando-a.

-Oh! - disse ela, quando por fim ele levantou a cabeça e esticou o pescoço com a cãibra.

Mas ela não perguntou nada. Simplesmente voltou a se apoiar nele. Seu cabelo começava a escapar do penteado. Se aquilo fosse um romance, teria soltado uns cachos e teriam descido pelas suas costas. Em vez disso, toda a massa de cabelo se derrubava para um lado, inclinando-se como uma árvore meio desenraizada. Ela levantava a mão de vez em quando e fazia o possível por voltar reajustar o cabelo rebelde, mas este voltava a cair de novo. Se Oliver não fosse com cuidado, lhe cravava as forquilha.

-Suponho - disse ela por fim - que isso compensa pela dureza de suas coxas.

Ele sorriu.

-Eu diria que me compensou já de sobra, mas seria mentira. Falta muito para isso.

Ela o olhou nos olhos por cima do ombro.

-Quanto falta?

-Muito - repetiu ele - Milhas e milhas de beijos em um ângulo como este. Possivelmente possa parar quando chegarmos à estalagem *Cervo e Sabujos*.

Possivelmente nunca chegariam lá. Talvez pudessem manter sob controle o resto do mundo e passar uma eternidade naquele lugar sem nada para fazer exceto beijá-la. Possivelmente aquela história pudesse ser assim, beijar toda a noite sem que amanhecesse nunca.

-Então devemos começar imediatamente - Ela levantou a cabeça de novo.

Essa vez o cavalo parou completamente. Oliver a segurou com uma mão firme na cintura e baixou a outra pelo ombro, acariciando-a levemente, brincando com a renda do pescoço e o tecido abaixo. A pele debaixo desse tecido estava quente e suave. Quando roçou a parte superior dos seios, ela soltou um gemido.

Oliver não queria saber que ela respondia tão bem. Não queria saber, mas agora que sabia, não podia deixar de explorar. Queria sentir como prendia a respiração quando explorava a curva suave de seus seios. Tendo-a tão perto podia sentir o gemido quase inaudível que ela emitia. Era uma vibração em seu peito, vibração que ele sentia nas palmas das mãos. Deslizou mais os dedos sob seu decote, sob o espartilho, até que encontrou o lugar que a pele dela trocava da suavidade do peito para o botão duro do mamilo.

Jane soltou um grito suave.

-Em cima de um cavalo não se pode fazer de tudo - murmurou ele em seu ouvido - E possivelmente seja melhor assim, porque se esta noite tivesse você em uma cama, não acredito que pudesse evitar que minha boca ocupasse o lugar de minhas mãos.

Deslizou o dedo formando círculos ao redor do mamilo.

Ela baixou a mão do ombro dele. Não para tocar o tecido ou tocar as lapelas do terno vacilante, não. Ela plantou a mão no peito dele, procurando a forma de seus músculos como se o tecido não estivesse ali.

Não importava onde estavam nem o que faziam. Nem que ela vestisse um vestido de baile e houvesse camadas de seda e lã separando seus corpos. Ardia por ela, por beijar cada polegada de seu corpo. Ardia por tocar lugares que não conseguia chegar naquele momento.

-Por Deus, Jane! Por Deus! Diga-me para não descê-la desse cavalo.

Ela não disse nada semelhante. Limitou-se a deslizar a mão dentro do terno dele e puxou ele para si.

Oliver não queria possuí-la entre os matagais do lado do caminho. Não o faria. Mas a desejava e custava lembrar por que era má ideia.

-Oliver - ela pronunciou seu nome em um gemido e isso quase lhe fez perder o controle.

-Eu adoro que diga meu nome assim.

Jane se moveu e esfregou com o traseiro na virilha dele. Oliver lhe acariciou o mamilo com os dedos.

-Oliver - gemeu ela. E ele a beijou com mais força - Oliver. Não me refiro só em pronunciar seu nome.

Ele se afastou ofegante.

-Quero te dizer que é a terceira gota de chuva que caí em mim.

-Oh, maldição! - ele não queria que o interrompessem nem a chuva nem o trovão nem uma inundação que caísse em cima deles. Não queria que aquilo terminasse. Quando acabasse, não sabia quando iria acontecer de novo.

Mas ela tinha razão. Tinha começado a chover. No nariz lhe caiu uma gota grossa e fria seguida de outra.

Sabia que seus momentos juntos iam terminar. E provavelmente era melhor assim. Não tinha mudado nada. Ela continuava sendo... impossível. Totalmente impossível. Alguns beijos ardentes não podiam adiar a verdade, e continuar só serviria para que tudo aquilo se tornasse feio.

Oliver queria mais. Queria muito mais. A queria com a força de um desejo desesperado de quatro meses. Se obrigou a concentrar-se nas gotas de água fria. Imaginou que cada uma delas lavava seu ardor. Espantava o pensamento do peito dela sob sua mão, das pernas dela abraçando sua cintura.

A chuva, na realidade, não ajudava.

A tempestade chegou mais depressa do que a corrida do cavalo. A garoa suave não demorou a dar passagem a uma verdadeira manta de água. Uma onda fria caiu em cima deles.

Por que, então, não estava gelado? Por que continuava abraçando-a, acariciando-a e beijando as gotas de água que tinha na orelha? Por que explorava suas curvas com as mãos?

Um raio cruzou o céu formando um arco em zigue-zague. Iluminou as silhuetas de edifícios que não estavam muito longe. Aquele interlúdio tinha seu fim. Mas Oliver não podia soltá-la. Não podia evitar que seus lábios saboreassem o pescoço dela uma e outra vez. Não podia separar as mãos das coxas dela, sobre tudo naquele momento, com o vestido dela preso à pele.

Levou-a para a estalagem.

Havia mil maneiras de um homem e uma mulher que chegassem a uma estalagem ensopados na metade da noite arrumassem um quarto juntos. Se ele fosse outro tipo de homem...

A desceu do cavalo.

-Entre – disse - Diga a quem estiver no comando que você é... - não conseguia pensar nada naquele momento. Não podia pensar em nada que não fosse ela - Invente algo. O que quiser. Eu vou esperar meia hora e entrarei com uma história diferente. Enviamos nossa bagagem por métodos diferente e pedido de quartos diferentes. Não há nada que nos relacione.

-Oliver.

Ele não a olhou. Se a olhasse nos olhos, se visse seu vestido grudado à pele molhada, não a deixaria partir.

Engoliu em seco. A próxima coisa que ele disse deu mais trabalho de que imaginava, mas conseguiu dizer.

-Durma bem. Nos veremos amanhã as sete na estação de trem.

CAPÍTULO 22



JANE NÃO PODIA ESPERAR COM CALMA. O tempo passava e ela olhava a porta, esperando ver o resultado de seu subterfúgio. Oliver demorou quarenta e cinco minutos para entrar, ainda molhado, mas em posse de uma das toalhas que Jane tinha pedido que lhe deixassem.

-Jane - a voz dele era dura.

Passou as mãos pelo cabelo, que esfregou até criar pontas ruivas.

Ela levantou o queixo e o olhou nos olhos. No quarto não havia abajures, só o fogo. A fraca iluminação das chamas fazia com que os olhos dele parecessem escuros e perigosos.

-O que acha que está fazendo? - grunhiu ele.

-Você me disse que contasse uma história na recepção - respondeu ela, conseguiu manter uma voz tranquila mesmo com o coração pulsando o dobro de sua velocidade normal - E eu fiz.

-Uma história de como chegou sozinha e ensopada em uma estalagem. Referia-me a isso. Não uma história sobre... sobre...

-Sobre que, meu amante, o filho de um duque, chegaria pouco depois? - Jane arqueou as sobrancelhas - Sobre que iríamos compartilhar um quarto?

Ele colocou a toalha sobre uma cadeira e se aproximou dela.

-Sim – disse – Desejo você. Sim, nesses últimos meses pensei muitas vezes em possuir você. Sim, perdi a cabeça lá fora, Jane. Mas não esperava que pagasse minha ajuda com seu corpo.

Ela ficou de pé. Tinha trocado o vestido molhado por uma camisola seca com um robe bordado em cima. Podia ouvir seu coração pulsar em seus ouvidos.

-Isso é o que pensa? – perguntou - Que me ofereço a você em forma de pagamento pelos serviços prestados? Não seja tolo Oliver - deu um passo para ele - Acha que é o único que desejou isso estes últimos meses? O único que ficou acordado olhando o teto e desejando algo mais? Olhe para mim. Eu não sou um sacrifício.

O coração pulsava com força, mas levantou a mão e desatou o cinto do robe. Ele a observou com olhos famintos como ela deixava cair o cinto de seda ao chão.

-Me olhe - repetiu ela. Baixou o robe pelos ombros e o deixou cair também ao chão. Não conseguia respirar e sentia calafrios, mas não eram causados pelo frio - Não sou um presente –disse - Nem um prêmio que tenha ganhado. Sou uma mulher e te desejo porque isso me dá alegria.

Ele a olhou de cima a baixo. Ela sabia que sua camisola era fina, tão fina que, com o fogo situado por trás, ele poderia ver muito bem a silhueta de seu corpo.

Oliver lambeu os lábios.

-Eu tinha intenção de ser um cavalheiro. De dormir no chão. Ou... ou algo assim.

-Isso é o que faria um cavalheiro? -perguntou Jane.

-Provavelmente.

-Pois os cavalheiros são idiotas.

Ele se pôs a rir.

-Jane. Senhor! É a mulher mais corajosa que já conheci.

Ela se adiantou um passo.

-Eu não tenho os recursos para ser corajosa nisso - deu outro passo, até que estava bastante perto para colocar as mãos no peito dele.

-Sabe o que vai acontecer se continuarmos? - perguntou ele.

-Em termos gerais, sim. Os detalhes... - ela estendeu a mão e puxou a gravata dele com muita gentileza - Os detalhes – repetiu - estou querendo descobrir.

-Então descubra.

Jane desfez o nó do laço da gravata que ele usava e a tirou.

-Vê? – levantou o olhar - Nunca tinha visto sua garganta - inclinou-se e beijou o oco que havia ali. A gola da camisa lhe roçaram as bochechas.

-Jane. Está me matando.

Ela não sabia o que fazer até que ouviu a voz dele, uma voz rouca que indicava claramente que estava a ponto de perder o controle. E isso era o que ela queria. Matá-lo com cada roçar de seus dedos e que ele gostasse.

Puxou a gola de seu terno, ainda molhado, e ele encolheu os ombros, rendendo-se a ela.

Jane tinha visto antes homens só de camisa, mas nunca assim. Não com o tecido virtualmente transparente pela chuva, delineando a curva suave dos bíceps e tricípites. Desfez os botões do colete, desfrutando-se lentamente do que via através do tecido... a cintura magra, a sensação dura do abdômen quando o roçava com a mão...

Ele não se moveu exceto para ajudá-la a retirar o colete. Ela se alegrava. Oliver permanecia imóvel, como se entendesse que ela precisava descobri-lo

pouco a pouco. Acostumar-se com a ideia do que estava acontecendo. Que a deixasse tocar antes de ser tocada.

A camisa parecia ser complicada. Tinha abotoaduras de prata nos punhos e demorou algum tempo para tirar o objeto molhado, embora ele a ajudasse um pouco. Mas quando conseguiu tirar...

A visão de sua pele através da camisa tinha lhe deixado á boca seca, na realidade, todo aquele músculo duro e a flecha de pelo que descia do umbigo, os botões mais escuros dos mamilos...

-OH, Meu Deus! - disse ela - Continua molhado. É obvio que continua molhado. E frio - pegou a toalha que ele tinha abandonado e lhe esfregou os ombros e os braços, apalpando no processo aquele corpo suave e duro, com curvas perigosas que, no entanto, esperava imóvel. Permitindo-lhe explorar até que se cansasse. Secou as costas dele e se colocou em sua frente.

Oliver sugou a respiração quando lhe esfregou o abdômen.

-Eu machuquei você?

-Ao contrário, eu gostei muito - ele a olhou nos olhos – Toque-me novamente.

Ele não se moveu, mas não perdia o controle. Sua pele estava quente sob as carícias, a cor mudava de giz a um rosa leve. Tocou-o, riscou com o dedo a linha do pelo que desaparecia nas calças e sentiu os músculos tensos sob seus dedos.

-Estou fazendo certo?

-Está... Sim, Jane. Continue fazendo isso. Por favor.

Ela passou a mão pela cintura e depois pelo peito. Quando seus dedos roçaram o mamilo, ele gemeu de novo, e ela demorou um momento pra continuar explorando. O corpo dele respondia a seu contato, endurecendo. Esse corpo estremeceu quando ela pegou o mamilo em seus dedos e o tocou como ele havia feito antes.

Lamentou então não ter prestado mais atenção, ter catalogado melhor o que tinha feito com ela.

O que ele havia dito? Que se tivesse em sua cama o...

Se inclinou e começou a lambê-lo.

-Oh, Jane! - as mãos dele pousaram em seus ombros.

-O que devo...? - ela se deteve - Quer que pare?

-Lambe tudo o que quiser.

-Estou fazendo bem?

Tomou a mão e a colocou nas calças de modo que ela pudesse sentir o montículo duro que havia debaixo.

-Está indo muito bem - disse com voz rouca - Tão bem que corro o risco de me derramar com as primeiras investidas.

Aquela frase conseguiu prender o ar dos pulmões dela.

-Oh? - ouviu-se perguntar - E como posso fazer pra isso acontecer?

Seus olhos se pousaram nos dele, ferozes e intensos, e todo seu corpo pareceu se derreter.

-Me passe à vez.

Aquilo fez com que Jane estremecesse de desejo antecipado. Ele mal a tinha tocado desde que entrou no quarto. As mãos dele subiram por sua cintura e por seus quadris.

Colocou as mãos em suas coxas.

-Afaste-se um pouco - disse, empurrando levemente.

Jane afastou dois passos e sentiu que suas pernas tocavam a cama atrás dela. Ele se endireitou, levantou a camisola e a tirou pela cabeça. Deixou cair no chão. Ela ficou completamente nua.

Ela deveria estar se sentindo vulnerável. Estranha. Mas os olhos dele á devoravam com tanta paixão que só se sentiu... Poderosa. Desejada. Preparada.

-Isso - disse ele com voz rouca - Isso é uma boa ideia.

Ela se arrepiou toda. Não sabia o que ele ia fazer, se a empurraria sobre a cama e a penetraria ou a tocaria por todo o corpo como o que havia deixado ele doido.

Mas ele inclinou a cabeça e a beijou. Foi um beijo comprido e doce, um beijo que lhe drogou os sentidos. Um beijo que a fez ficar consciente de cada polegada de sua pele, enquanto se beijavam, a tomou em seus braços e se apertou contra ela. Do peito dele. De sua ereção dura em suas calças. De suas pernas, ainda molhadas. Beijou-a até que todas as partes do corpo dela exigissem mais.

Quando já estava disposta a gritar por uma frustração que não entendia, as mãos dele subiram por seu corpo e lhe cobriram os seios. Teve um momento breve para reagir, para sentir a pressão rugosa do polegar dele em sua pele sensível, antes que Oliver se inclinasse e lhe beijasse um seio.

-Oliver - abraçou-se a ele, dobrando os joelhos - Oliver. Senhor! Se eu fiz você sentir algo um pouco parecido a isso...

-Então acaba com algumas investidas -murmurou ele - Esse é o objetivo.

Pegou-a em seus braços e a deitou na cama. Mas não se colocou em cima, como ela esperava.

-Não tem que te tirar as calças?

-Ainda não.

-Mas...

As mãos dele em suas coxas lhe fizeram ficar em silêncio. Era uma pressão quente e insistente, uma pressão de dedos que abriam seus lugares mais íntimos. Ele se ajoelhou entre suas pernas.

-Para isso não - murmurou. E aproximou a boca nela.

Ter os lábios dele ali foi como um choque elétrico. Como se ele tivesse captado na tensão de seus músculos todas as coisas que ela havia desejado. Como se a língua dele soletrasse seus desejos.

Jane soltou um gemido.

Ele reagiu lhe abrindo mais as pernas, e depois, quando relaxou contra ele, deslizou um dedo em seu interior. Ao mesmo tempo, sua língua fazia algo extraordinário, algo que fazia com que todo o corpo dela brilhar-se com um brilho inexplicável. Ele introduziu outro dedo e depois mais outro.

Jane não tinha como compreender as gloriosas sensações que percorriam seu ser. Era como se seus corpos sustentassem uma conversa que sussurrava ao longo de todas suas terminações nervosas. Parou de pensar. Ele ficou envolvido pela luz.

Reprimiu um grito.

Quando pode voltar a respirar, ele sentou. Tirou os sapatos, as calças e voltou para ela. A cama se afundou sob seu peso.

-Podemos parar por aqui – ele disse com voz rouca.

Ela o abraçou.

-Nem se atreva.

Não tinha visto antes aquela parte dele. Suas coxas eram duras, não macias e mole, graças a Deus, mas com os músculos tensos. Sua ereção era completa. Prendeu o fôlego quando ela estendeu a mão para explorar aquele membro duro e comprido e, entretanto, também curiosamente suave.

Ela se adiantou e o lambeu.

-Por Deus, Jane! - gemeu ele - Deixa isso para outro momento ou será verdade que não haverá mais de três investidas.

Jogou-a para trás com suavidade e lhe abriu as pernas. Esfregou a cabeça do pênis na abertura dela e Jane estremeceu.

-Se doer muito, me diga - ele deslizou para dentro dela. Jane sentiu uma pontada de dor, tão surpreendente em meio daquela excitação flutuante, que apertou com força os ombros dele.

"Deixa isso para um outro momento", ele falou. Mas essa ideia era muito para contemplá-la então. Talvez não houvesse mais vezes. Só aquela. Aquela única vez para sentir a tensão de seu corpo ao redor do membro dele, sentir como se dissipava a dor, tragada pela maravilhosa sensação de ter ele ali.

Ele a penetrou mais e mais fundo, até que a sensação de desconforto desapareceu por completo.

E então só ficou ele, seu peso, seu fôlego, seu corpo sobre o dela, unidos tão intimamente. Suas mãos segurando seu rosto para ele, e seu beijo, quente e doce nos lábios dela. Não haveria outro momento.

Só o presente.

Cada investida enviava uma onda de prazer pelo corpo dela. Sentia-se muito sensibilizada a cada movimento dele, a cada vibração dela. Ao calor que se produzia entre eles, ao grunhido baixo que ressonava na garganta dele quando ela baixava as mãos pelas costas nuas.

-Por Deus, Jane! - ele não podia falar com coerência- Jane! Oh, Senhor, Jane!

As investidas não eram só dele, mas dela também. Dos dois. Ela também as reclamava com seu corpo. Seus corpos unidos se separaram um pouco. Ela sentiu como se aumentasse a tensão em seu interior. Era uma tensão diferente da última vez. Mais profunda. Uma tensão que ele causava. Essa tensão a envolveu de novo, cobrindo toda sua visão.

Ele investiu com mais força durante o orgasmo dela. Mais e mais forte até que suas investidas eram quase brutais. No último momento, saiu de dentro dela e se derramou sobre seu ventre.

Ficou uns segundos em cima. Olharam-se nos olhos tão bem como podiam na crescente escuridão. Já não havia o frio da chuva. Ele estava perto, muito perto. Mais perto do que nunca tinha estado com ninguém.

E então se retirou. Só brevemente. Pegou uma toalha, jogou água da jarra na bacia e voltou com ela. Não disse nenhuma palavra, mas a lavou com muita gentileza.

-Bem? - perguntou suavemente - O que você achou?

Jane balançou a cabeça, incapaz de encontrar as palavras. Tinha sido maravilhoso. Encantador, incrível, poderoso, prazeroso. Não conseguia nem descrevê-lo. Tinha sido tudo o que tinha imaginado... exceto em um sentido.

Tinha acreditado que fazer amor com Oliver seria uma experiência transcendente. Uma lembrança para se agarrar e guardar o resto de sua vida.

Mas não tinha sido. Não tinha sido suficiente.

CAPÍTULO 23



OLIVER ACORDOU MUITO CEDO na manhã seguinte. A chuva tinha passado e tinha que acreditar nos sinos da igreja, era só cinco da manhã. Tinha dormido poucas horas. O corpo quente e suave de Jane estava ao seu lado, nu ainda.

Colocou uma mão no quadril e se esforçou para não pensar.

Se na noite anterior tivesse pensado com a cabeça, jamais teria feito aquilo. Havia muita coisa errada naquela situação. Podia fazer uma lista, mas...

Queria repetir naquela manhã. Imediatamente.

Não acreditava que ela esperasse nada dele. E tinha tomado cuidado. Mas uma parte dele, uma parte horrível e traiçoeira, desejava não ter sido tão cuidadoso e ter feito todo o possível pra deixá-la grávida. Assim seria obrigada a ficar com ele e ele poderia pegar aquilo que tanto desejava sem ter que tomar a decisão consciente de fazê-lo.

"Eu te amo, Jane". Passou os dedos por seu corpo. "Mas continua sendo minha garota impossível".

Era um pensamento triste, muito pouco apropriado para uma manhã de maio.

Ela se virou. Abriu os olhos e lhe sorriu sonolenta.

-Bom dia - disse.

Oliver teria preferido não saber como soava aquilo... a saudação feliz e sonolenta dela vindo da cama.

-Bom dia - respondeu com severidade.

Ela fechou os olhos e balançou a cabeça. Quando os abriu, sentou-se na cama.

-Suponho que temos que fazer isso agora.

-Jane...

Ela colocou uma mão nos lábios dele.

-Me deixe falar primeiro. Passei os últimos meses pensando em meus muitos erros. Desejava você muitíssimo e por pouco não tenho você nunca mais – desviou o olhar e balançou a cabeça – eu tive meses para pensar em você, Oliver. Naquele parque onde eu simplesmente aceitei que, você não iria se casar comigo, eu não teria nada. Pensei muito nisso -levantou o queixo- Não deve

pensar nisso como em uma desonra. Só as garotas sem dinheiro podem ficar desonradas. E minha reputação não foi nunca um de meus valores.

-Jane.

Oliver não sabia por que havia dito seu nome exceto por dizê-lo. Para ouvi-lo em sua boca. O mundo inteiro pensava que a palavra "Jane" tinha uma só sílaba, mas ele sabia que não. Quando pronunciava o nome como é devido, quando o sussurrava lentamente pela manhã, com a proprietária do nome a pouca distância dele, saía como uma sílaba e meia "Ja-ane".

Era muito consciente da presença dela, de seu fôlego, do leve calor no ar a sua direita, onde ela estava deitada. Pelo que tinham feito juntos na noite anterior. Pelo que já não podiam fazer juntos mais vezes.

Tocou-lhe o ombro com gentileza.

-Sou a última mulher no mundo com quem você queira se casar - sussurrou ela. Não era uma pergunta.

Ele fechou os olhos.

-Sim. É a última mulher no mundo que eu deveria querer me casar. Por que, então, é a única em que pude pensar durante meses?

Os olhos dela brilharam.

-Jane - ele a abraçou - Sinto muito. Não queria...

-Deixa de se desculpar por dizer a verdade - replicou ela, soltando-se - É o que é e não tem sentido chorar por isso.

-Mas...

-Já falei com você que tive muito tempo para pensar. E você está certo. O casamento entre nós seria um desastre. Eu sei o que posso fazer e o que não. Posso fingir ser muitas coisas, mas embora pudesse atuar como a perfeita anfitriã, que é o que você precisa, eu não gostaria de fazê-lo. Já não quero fingir mais.

Quando Oliver a ouviu falar, parecia que tinha muito sentido. Era a outra metade das objeções dele. Se aquilo era racionalidade, uma parte dele a reconhecia e se mostrava de acordo. A outra parte...

Bom, ela estava perto e estava nua. Isso cortava a maioria dos pensamentos dele exceto os mais óbvios.

-Estive pensando - disse ela - Na verdade, estive meses pensando. Pensei no que faria quando acabasse tudo isso. Quando estivesse segura com Emily e já não dependesse de meu tio.

Oliver a olhou.

-É provável que nunca me case - seguiu ela - Não porque não possa encontrar um marido, mas sim porque não quero encontra-lo - apertou os lábios - Qualquer homem que estivesse honrado o suficiente para que me casasse com

ele... Bom, acredito que meu nascimento e minha reputação irá assusta-lo. Embora ele pudesse superar isso, eu só seria um estorvo para ele.

Havia um to duro em sua voz, uma nota árida e desolada.

-Jane. Isso não é verdade.

-Se pudesse encontrar um homem exatamente igual a você mais sem ambição... - ela começou a rir - Um sol que fosse quente mais não brilhante, um peixe que vivesse do ar.

Oliver reconhecia aquele sentimento, o reconhecia como a ponta de uma faca que era.

-Quer alguém igual a mim mais totalmente o oposto - Que incrivelmente apropriado!

Aquele não devia ser o modo dele se apaixonar. Supunha-se que devia conhecer alguém e descobrir que seus desejos coincidiam com os dele, que seus sonhos eram inter-relacionados. Não queria conhecer uma mulher, descobrir que o ar que respirava parecia vir dos pulmões dela e depois se dar conta de que não podiam respirar os dois ao mesmo tempo.

-Então é por isso - ela sorriu com tristeza - Uma garota impossível. Eu decidi há muito tempo que você e eu deveríamos ter sido amantes quando tivemos chance. O que aconteceu ontem à noite confirmou minha crença.

Ele não respondeu. Seu corpo sim. Seu corpo acabava de passar de "interessado" a "preparado".

-Estamos aqui - disse ela - Estamos juntos até nos encontrar com Emily. Por que não aproveitar a situação?

Porque ele não queria concordar com ela. Não podia dizer: "Sim, Jane, tem razão, deveríamos ser amantes". Isso separava o acontecido da noite anterior do país dos contos de fadas, do lugar onde se pode imaginar que os obstáculos entre eles podem desaparecer de repente. Isso tornaria real o que aconteceu mais tarde e, portanto, temporário. Isso seria uma aventura. Nada mais que uma aventura.

Ela baixou a voz.

-Me alegro que tenha sido você o primeiro.

Aproximou o rosto para ele.

Oliver colocou a mão nos lábios para bloquear seu beijo.

-Jane -"o primeiro" implicava que haveria outro depois dele e outro depois desse. Que Jane beijaria outros homens que não seriam ele. Se concordasse com isso, estaria admitindo o final sem ter começado.

Mas a alternativa... A alternativa era impossível.

-Jane - disse impotente.

-Oliver.

Ele se rendeu e procurou sua boca.

Se a noite anterior tinha sido um engano, aquilo era um engano gigante. Podia saborear o final nos lábios dela, um sabor amargo; e debaixo dele, o calor esfomeado de sua boca, a doçura de Jane.

-Meu Deus, Jane! – sussurrou - Por pouco perco você.

Ela subiu as mãos para os pulsos dele.

-Por pouco me perco também.

E lhe devolveu o beijo.

Havia coisas que um homem não podia dizer em resposta a uma confissão como a que tinha ouvido.

"Eu te amo, mas..."

"Eu te quero, mas..."

Não tinha nada que lhe dar exceto condições e negativas. Até o beijo que lhe dava era muito consciente, muito de seus lábios nos dela, de acariciá-la e beijá-la, mas...

Sempre havia um 'mas'.

Por isso Oliver não falou. E quando Jane o tocou, não houve hesitação na resposta dele. Ela se colocou em cima, roçando com os seios no peito dele, lhe fazendo cócegas nos ombros com seu cabelo. Ele pensou que podia fazer isso eternamente, inundar-se em momentos como aquele.

Beijou-lhe a boca e recebeu com alegria o peso dela contra ele.

-Oliver - ela flexionou os quadris.

Ele podia perder-se nela. Pior ainda, podia encontrar-se nela. O fazia naquele momento, descobrindo o quanto significava abraçá-la, tocá-la e lhe mostrar quanto lhe importava.

-Garota possível – sussurrou - Muito possível.

Ela sorriu.

Estavam misturados. Já era tarde demais pra evitar o sofrimento. Não havia nada a fazer exceto aguentar até o final. Assim deixou que ocorresse. Beijou-lhe o pescoço e os seios. Se agarrou a sua excitação, a acariciou até que ela estivesse tão preparada como ele. Até que estivesse úmida e desesperada, até que ele não pudesse suportar mais. Então a colocou em cima de seu pênis. Era uma boa sensação estar dentro dela.

Tinha necessitado aquilo todos esses meses. Sustentou-lhe as mãos enquanto ela descobria o ritmo que precisava, a pressão que queria. E quando estava perto, tocou-a onde importava e a levou ao clímax. Com ela estremecendo ainda, colocou-a debaixo e a cavalgou até que todos seus pensamentos se fizeram em pedacinhos e saíram voando. Até que não ficou nada exceto eles dois.

Até que, ao menos nesse momento final, não houvesse nenhum "mas" depois do silencioso "te amo" que lhe deu.

OLIVER ESTAVA DE PÉ atrás da casa onde vivia o tio de Jane. A manhã tinha sido ocupada com a viagem de trem até Cambridge; quando chegaram, já era meio dia. O sol da tarde parecia ter impulsionado os habitantes da cidade a ficar em suas casas. Segundo os cálculos de Oliver, Dorling estaria se reunindo nesse momento com seu chofer. Em umas horas mais, tudo teria acabado, mas no momento...

Oliver tinha tirado os sapatos e a jaqueta. Uma espécie de hera subia pelas paredes, uns ramos pálidos e insanos, muito frágil para aguentar seu peso.

Os últimos dias foram começando a tomar suas formas. Tinha quase a sensação de que despertou brevemente em plena noite e se sentiu sendo sugado de volta para os sonhos. Sim, queria Jane. Mais do que gostava de pensar.

E se ofereceu voluntariamente para subir no quarto de sua irmã em pleno dia.

-Você se lembra por que faço isso? - Perguntou.

-Porque eu uso saias - sussurrou Jane ao seu lado.

Oliver tinha certeza que ia ser fuzilado. Ou o prenderiam. Ou...

Ou possivelmente não. Não havia se sentido assim em... em anos. O pulso pulsava com força. A casa estava em silêncio.

-Não se preocupe - disse Jane - A horta da cozinha quase não produz nada porque meu tio não gosta de colocar armadilhas para coelhos. Se descobrir você, o pior que fará será exigir uma explicação. Uma explicação muito grande.

-E eu lhe direi: "Não se preocupe comigo, só vim roubar sua sobrinha. Não há com que se preocupar. Já fugi com uma delas, assim duas não vão me parar".

-Precisamente - Ela sorriu e de repente para Oliver não pareceu tão grande a escalada até o quarto de sua irmã nem tão dolorosa a possibilidade de que o descobrissem. Subiu o batente da janela do andar de baixo e dali se içou até a parte superior da varanda.

A calha se dobrou. Ele reajustou seu peso sobre as pedras escorregadias. Subiu pela parede com muito cuidado, até que pôde colocar as mãos no parapeito da janela que Jane tinha prometido que pertencia a sua irmã.

Deu uns golpes no vidro e esperou.

Nada. Nem sequer ouviu ninguém mover-se no quarto.

-Emily? - não se atrevia a falar alto, mas seu fôlego logo embaçou o vidro. Voltou a chamar, dessa vez com mais firmeza - Senhorita Emily.

-Tem um sono leve - sussurrou Jane debaixo dele - E nunca dorme nas sextas.

-Pois não vejo ninguém ali dentro - ele voltou a chamar e de novo bateu com os dedos no vidro - Emily - disse mais forte.

Nada.

Ninguém. Oliver via a cama de onde estava e, embora as sombras obscurecessem os olhos em parte, não parecia que houvesse nenhum vulto na cama.

-Jane - disse com suavidade – Quando seu tio ia internar sua irmã?

Ouviu que ela respirava com força.

-Não tão cedo - respondeu Jane lentamente, para convencer a si mesma – Eu não acho que tão cedo. Provavelmente quer ter a certeza de que eu estou neutralizada antes de agir. Estou quase segura disso - mas a voz tremia e Oliver suspeitava que não estava tão segura como dizia.

-Pode ter saído para dar um passeio? -perguntou.

-Não, claro que não. Titus não a deixa sair e, se tivesse escapado teria deixado a janela entreaberta.

Oliver tentou forçar o vidro. Estava descido a tudo, mas não estava conseguindo estava trancada por dentro. Estava difícil subir mais umas polegadas, pois o vidro rangia nas laterais. Mas por fim conseguiu.

-Não está aqui - informou. Já que tinha chegado até esse ponto, não via a necessidade de parar por ali. Entrou pela janela.

-Olhe o armário - disse Jane do chão- Vê se suas malas estão lá.

Ele cruzou o quarto caminhando o mais silenciosamente que pôde, com a esperança de que o chão não rangesse. Não rangeu, mas a porta do armário emitiu um suave ruído de protesto quando a abriu.

Dentro havia algumas peças de roupa espalhadas em desordem, mas nenhuma mala. Oliver retornou à janela.

-Sua irmã está acostumada a ser uma pessoa organizada?

-Sim.

-Pois alguém tirou suas coisas daqui. Embora suspeite que a maioria desapareceram. Não há mala e as poucas roupas que ficou está em desordem. Parece que fizeram a bagagem as pressas.

-Oh, Senhor! - o medo era evidente na voz de Jane - No escritório, olhe no escritório. Há um cacto verde pequeno?

-Não.

-Ela se foi, Oliver. O que vamos fazer?

Ele não conhecia Emily, mas teria entrado em pânico se alguma de suas irmãs estivesse naquela situação.

-Dentro de uma hora ou mais, Dorling retornará a Nottingham - disse Jane - E Titus não demorará muito em receber um telegrama e saberá que desapareci.

Oliver balançou a cabeça.

-Vou descer e depois falaremos racionalmente. Para começar, se já levou sua irmã, não importa que saiba de você. Mudaremos de estratégia.

-Certo - concordou ela - Certo.

Oliver começou a descer.

Pela extremidade dos olhos viu que Jane passeava de um lado para o outro pelo chão.

-Esta manhã... no que estava pensando? -disse ela.

-Não teria feito nenhuma diferença - respondeu ele. Moveu-se para poder abraçar à lateral da casa.

-Mas se houvéssemos...

-Não poderíamos ter feito com que os trens andassem mais depressa e viemos no primeiro que saiu. Não se culpe pelo que passou - descer era mais complicado, não podia ver onde colocava os pés e a tarefa era mais lenta. Quando faltava pouca distância do chão, soltou-se e saltou o último lance.

Aterrissou e se voltou para Jane. O que passava pela sua cabeça estava errado. Deveria sentir plenamente pelo que quer que fosse que tinha acontecido com sua irmã.

Mas não sentia compaixão. Era um egoísta. Um maldito egoísta. Não importava nada a irmã dela.

Só podia pensar que ela havia dito que aquilo duraria até que encontrassem Emily. "Não terminou. Isso não acaba aqui". Teria mais tempo com Jane.

-Mas se eu... - disse ela.

Oliver segurou sua mão.

"Não acaba aqui. Não acabou ainda". Não deveria sorrir. Entretanto, ele não pôde reprimir um deixo de triunfo em sua voz.

-Possivelmente tenha passado mal e a tenham internado – disse - Mas o que foi feito se pode desfazer. Só temos que verificar para onde levaram a sua irmã e depois...

-Titus jamais me dirá isso - respondeu Jane - E mesmo de me diga, como vamos agir?

-Há maneiras de descobrir. Mas neste caso, acredito que o melhor é a rota direta. Faremos que peça a alguém. Alguém que possa descobrir toda a história.

Jane franziu a testa.

-Mas essa pessoa não existe.
"Isto não terminou. Não terminou".
Oliver sorriu.
-Na verdade, existe sim.

-ENTÃO VOCÊ VÊ - disse Oliver a Sebastian - Precisamos encontrar Titus Fairfield e pegá-lo em uma situação que acredite que não possa sair. Lhe perguntar onde está à irmã de Jane e...

Sebastian examinava as unhas enquanto Oliver falava, mas tinha um sorriso no rosto. Seu aspecto não era bom. Não tinha se barbeado ainda, embora fosse três da tarde, e seus olhos estavam vermelhos.

Mas se tinha tresnoitado no dia anterior, não se notava em nenhuma outra coisa que não fosse seu rosto.

-E enganá-lo para que nos diga onde a colocou? - Sebastian encolheu os ombros - Posso fazer isso. Esta tarde vou dar uma conferência. O convidarei e então veremos.

-Obrigado - interveio Jane. Eram as primeiras palavras que pronunciava desde a saudação inicial, mas as disse com ardor-. Muitíssimo obrigado, senhor Malheur.

Sebastian negou com a cabeça.

-Não, senhorita Fairfield. Não me agradeça ainda. Oliver não disse que minha ajuda sempre tem um preço?

Ela balançou a cabeça.

-Seja o que for, pagarei...

-Não é esse tipo de preço. Quando me pedem ajuda, conseguem - Sebastian sorriu largamente - Mas eu garanto essa ajuda a meu modo.

CAPÍTULO 24



A CONFERÊNCIA PARECIA INTERMINÁVEL PARA OLIVER. Talvez fosse porque sabia o que estava em jogo. Tinha visto Titus Fairfield em uma das últimas filas do salão.

Talvez fosse porque, nesse momento, Oliver não conseguia sentir o menor interesse pelo que dizia Sebastian sobre ervilhas, bocas de dragão ou sobre a cor dos gatos.

Talvez fosse porque Jane não estava lá, embora próximo. Em uma sala próxima. Tão perto que os poucos metros que os separavam pareciam murmurar todas as coisas que não tinham feito, os beijos que não tinham dado e os meses que não tinham passado na cama.

Não. Não era o momento de pensar nisso. Olhou para Sebastian e tentou fingir interesse. Sebastian sempre estava em seu elemento quando falava com uma multidão. Gesticulava ao falar. Mas esse dia parecia diferente. Seus gestos eram muito amplos, quase descontrolados. Como se tivesse perdido o equilíbrio e quisesse recuperá-lo.

Ao lado de Oliver estava Violet Waterfield, a condessa de Cambury. Inclinou o corpo para frente e olhou para Oliver.

Não a conhecia tanto como Robert e Sebastian. Tinha sido vizinha de Sebastian e Oliver nunca tinha sido convidado para a casa de verão. Tinham falado dela, mas não a tinha visto até que tinha dezenove anos. Até então, ela já era condessa, uma mulher fria e intimidante.

Essa noite não parecia intimidante. Sua calma habitual tinha evaporado. Olhava para Sebastian com muita atenção, com os olhos muito abertos e um grande sorriso nos lábios. Oliver nunca a tinha visto olhar pra ninguém daquele modo. Observá-la era quase muito íntimo, quase como se descobrisse um segredo dela. Como se estivesse apaixonada e nesse momento não pudesse ocultar.

Aquela ideia era perturbadora. Sebastian sempre tinha insistido em que Violet e ele eram amigos e só amigos, nada mais. Sebastian olhava para todo mundo do público, estabelecia contato visual até com os homens da parte de trás que o olhavam irados com os braços cruzados. Olhava a todo mundo menos para Violet, e isso foi o que fez Oliver começar a compreender que ali ocorria algo estranho.

Essa sensação durou por toda a conferência. No turno de perguntas, Violet estava sentada na beira de seu assento, inclinando-se para frente, com toda a mente concentrada em Sebastian, acenando para si mesma diante as respostas dele, como se ele tivesse a chave do universo. Isso durou até que Sebastian se despediu com uma inclinação de cabeça e Oliver caminhou até ele para pôr em prática a segunda parte do plano que havia sido definido.

-Muito bem, Malheur - disse um homem. Deu uma palmada nas costas de Sebastian - Sempre aprendo algo novo com você.

-Obrigado - respondeu Sebastian - Isso significa muito para mim - sua voz era quente e olhava para onde ele estava olhando, mas havia algo mecânico em sua resposta, como se só ele prestasse atenção.

Outro membro do público o agarrou pela manga.

-Malheur - aquele homem estreitou os olhos e fechou o punho ao lado do corpo, como se contemplasse a ideia de lhe dar um murro na cara - Irá para o inferno por tudo o que tem feito, e espero que queime por toda a eternidade.

-Obrigado - respondeu Sebastian com fervor, olhando-o nos olhos - Isso significa muito para mim - deu uma palmada nas costas do homem, uma palmada amistosa, e seguiu seu caminho.

-Espero que alguém corte sua garganta - grunhiu um homem bigodudo ao lado de Sebastian.

-Muito obrigado - respondeu esse - Isso significa muito para mim.

Era como se tivesse colocado um robô em seu lugar.

Oliver se aproximou dele, quase com medo de lembrá-lo o que tinham planejado. Não estava seguro do que faria se falava com seu amigo e recebesse a mesma resposta amável e genérica.

Mas talvez fosse melhor assim. Pois por cada homem que o felicitava por seu trabalho, havia três que murmuravam imprecações. Ameaças. Queixa. Uma mulher lhe pôs a mão e o empurrou.

Sebastian tratava todos da mesma forma. Dedicava-lhes um sorriso, que cada vez parecia mais desconjuntado em seu rosto da cor da cera; concordava com a cabeça, agradecia muito e parecia sincero.

Oliver quase soltou um suspiro de alívio quando Violet se reuniu a eles. Ela conhecia Sebastian; eram amigos há séculos. E se sentia alguma coisa por ele...

Violet teve que pegar a manga de Sebastian para que este se voltasse para ela. A mulher lhe sorriu. Seu rosto era um eco débil do brilho que tinha lhe dirigido durante a conferência.

-Sebastian - disse.

Ele sorria a toda àquela gente com tal ardor que Oliver se perguntava se não estava doente. Mas quando olhou para Violet, o humor desapareceu de seu rosto; a amabilidade se apagou como se apaga o giz de um quadro.

-O que aconteceu? - perguntou secamente.

-Esteve brilhante - respondeu ela - Realmente brilhan...

Ele cambaleou um passo para trás.

-Foda-se, Violet - disse grosseiramente-. Foda-se.

Tinha falado em uma pausa momentânea da conversa, de modo que todos os que estavam perto puderam ouvir suas palavras.

Violet fez um gesto de dor.

Oliver se colocou ao lado de seu amigo.

-Sebastian - murmurou. Ele estava preparado para uma explosão.

Mas quando Sebastian se voltou para ele, parecia cansado, não selvagem.

-Ah, Oliver. Possivelmente possa explicar...

-Desculpem - disse Oliver às pessoas que os rodeavam - Está bêbado.

-Não estou...

-Será melhor que esteja - sussurrou Oliver. E segurou seu braço - Pode-se saber o que faz? Você sabe o que está em jogo aqui. O que temos que fazer.

Sebastian abriu a boca para responder, e nesse momento Oliver ouviu aquela voz estranhamente tímida que recordava do passeio que tinha dado com Sebastian uns meses atrás.

-Senhor Malheur? Senhor Malheur? - disse a voz atrás deles - Quer falar comigo? Porque recebi sua mensagem que dizia que queria me contar algo.

Sebastian e Oliver se viraram ao mesmo tempo. Titus Fairfield estava diante deles esfregando as mãos. Trocou o peso com nervosismo de um pé para outro.

-Não é um bom momento? - perguntou.

Aquele homem tinha que ser um inepto. Qualquer um que tivesse cérebro saberia que era um momento terrível, o pior momento imaginável.

Mas a cara de Sebastian não mudou absolutamente. Manteve sua máscara impassível.

-Senhor Fairfield - disse em um tom ameaçador, que contrastava com suas palavras. - Você é a pessoa que queria ver.

-Sou? - até Fairfield parecia duvidoso.

-É. Infelizmente, neste momento estou um pouco tonto.

Oliver inalou profundamente. Não era esse o plano que tinha combinado com Sebastian. Deu um passo à frente e estendeu o braço, mas seu primo seguia falando.

-Por sorte, minha amiga Violet, aqui presente, explicará tudo. Confio plenamente nela, assim...

-O que está fazendo? - sussurrou Oliver - Esse não era o plano.

-Sim - continuou Sebastian - Imagino que Violet possa dizer tudo o que eu posso dizer. E um giro inesperado sempre é jogo limpo.

Oliver olhou para Violet. Esperava que se mostrasse ferida pelo ataque selvagem de Sebastian. Ou no mínimo, confusa. Em vez disso, ela simplesmente encolheu os ombros.

Sebastian pegou Oliver pelo braço.

-Vamos - disse - Deixemos isso com Violet.

-ESSE NÃO ERA O PLANO - disse Oliver para Sebastian quando esse se dirigia à rua - Não era isso que íamos fazer. Íamos A...

-Vamos, Oliver. Se voltarmos e olharmos para trás agora, Fairfield acreditará que pode falar comigo. E neste momento não posso suportá-lo.

-Não se trata de você - respondeu Oliver zangado - Trata-se...

Seu primo parou na rua e olhou a seu redor. Tinha escurecido e havia um pouco de névoa. As luzes da rua estavam iluminadas e faziam o que podiam para espantar a escuridão com sua luz. Mas não era suficiente.

-Faz muito tempo que não se trata só de mim - respondeu por fim Sebastian - Creio que já está na hora que me importe comigo.

Oliver o olhou naquele momento. Sebastian parecia... Oliver acreditava que "destroçado" era uma palavra que o descrevia bem.

-Violet vai lidar com tudo - disse Sebastian - Veja bem a senhorita Fairfield é a mulher mais terrivelmente competente que conheci. Se prestasse atenção, meu querido primo, possivelmente teria notado que mais da metade da população da Inglaterra me quer morto. Acredito que estou me permitido desmoronar pela pressão. Pela primeira vez, tenho certeza que é permitido.

Parecia impossível. Sebastian sempre se mostrava indiferente ao que os outros pensassem dele. Falava de sua má fama brincando. Era...

A última vez que Oliver esteve em Cambridge o tinha acusado de ocultar sua tristeza. Mas então suspeitou que algo um pouco melancólico, não... aquilo. Sebastian sempre brincava e ria. Quanto tinha sido real nele?

Caminharam umas quadras em silêncio.

-Sabe Sebastian? - murmurou Oliver - Não pretendo entender o que acontece aqui, mas deve uma desculpa a Violet.

Sebastian fez uma careta.

-Estou falando sério. Na frente de todo mundo, você...

-Você não sabe o que ela me tem feito – a voz de Sebastian tremia - O que está me fazendo.

-Não me importa o que esteja fazendo. Como você pode justificar o que disse a ela diante de todo mundo?

Sebastian encolheu os ombros e afastou o olhar. Não disse mais nada, que não se encaixava com sua forma de ser.

-Muito bem - disse Oliver - O que ela está fazendo?

-Nada - respondeu Sebastian, balançando a cabeça - Não está fazendo nada - mas sua voz era uma nota mais alta do que o normal.

-Sebastian, não pode fazê-la parar de...

-Todo mundo me odeia - Sebastian se voltou para ele - Todo mundo. A princípio eram só algumas pessoas. Agora em qualquer lugar que eu vou há ameaças de morte, gente que me deseja muito mal. Os jornais estão cheios de veneno. Todo mundo me odeia, Oliver. Todo mundo.

-Todo mundo não acredito.

-O suficiente para que seja igual a todos - replicou Sebastian – Não importa se toda a Inglaterra me quer ver morto ou é só a metade do país? De qualquer forma é muita gente pedindo meu sangue.

Oliver engoliu em seco.

-Eu pensava que você gostava disso. Cutucar as pessoas. Provocá-las.

Sebastian levantou as mãos para o céu.

-Faz tanto tempo que me conhece, Oliver - disse com voz trêmula - em todo esse tempo, quando brinquei com a opinião dos outros?

-Ah...

-Quando eu fiz outra coisa que não seja rir de mim mesmo, me expor ao ridículo para fazer os outros rirem?

-Bem...

-Sim, eu adoro provocar - Sebastian se afastou uns passos, mas depois retornou - Mas eu gosto de gostar, Oliver.

Como era possível que Oliver alguma vez tivesse visto isso? Sebastian o brincalhão, Sebastian o sorridente. Mas tinha razão. Todas suas brincadeiras e amostras de alegria sempre foram dirigidas a fazer os outros rirem. Zombava de si mesmo com maior entusiasmo que de nenhuma outra pessoa, e quando estudavam juntos todo mundo gostava dele por isso.

Oliver engoliu com força.

-Sinto muito – disse - Sei que a resposta que está recebendo te pegou de surpresa, mas... O que acaba de dizer a Violet? Isso é inadmissível.

Sebastian ficou rígido.

-Não quero falar de Violet com você.

-Nesse caso, serei eu o único a falar, porque não vou deixar de dizer isso. Acredito que Violet está apaixonada por você.

Esperava que seu primo protestasse, que franzisse a testa, que possivelmente pensasse e reconsiderasse.

Em vez disso, Sebastian se pôs a rir.

-Não - disse, quando se recuperou - Não está.

-Pense bem. O modo como olhava para você quando estava falando... era como... Não sei, não posso descrever.

-Sei como me olhava - disse Sebastian com um sorriso estranho - Acredite em mim. Estou bastante seguro de que não está apaixonada por mim.

-Não pode estar seguro. Não viu...

-Sim posso - Sebastian levantou o olhar - Deixe de lado, Oliver - sorriu - Terei que encontrar um modo de sair desta confusão, mas não se preocupe - sua voz ganhou força. Ou talvez voltasse a descobrir sua capacidade para mentir - Nosso intrépido herói, assediado por todos os lados, pode ter tido um momento de fraqueza - sua voz era profunda, mas com um tom estridente - Mas sempre acontece o mesmo. Na hora mais escura é a que procede A...

Oliver lhe deu um empurrão.

-Vamos, deixe de fingir. A mim não tem que fazer rir.

Seu primo arqueou uma sobrancelha.

-Não tenho que fazê-lo - disse - Mas já verá como eu faço.

JANE ESPEROU MAIS DE UMA HORA no quarto pequeno ao lado da biblioteca e cada minuto lhe parecia mais longo que o anterior. Sua única companhia era o ruído da multidão, que não passava de um murmúrio apagado. O volume crescente desse murmúrio era a única indicação de que a conferência tinha terminado e de que seu tio chegaria logo, ou assim esperava ela. Esperou longos minutos depois disso, até que ouviu passos no salão exterior.

-... não estou seguro - ouviu que dizia a voz de seu tio - De fato, parece-me um pouco indecoroso. Tem certeza de que o senhor Malheur...?

-Estou muito segura - respondeu uma voz feminina - Terá que demonstrar algo importante.

A porta se abriu. Atrás dela havia uma mulher vestida de marrom escuro, a mulher que havia dado o cacto a Jane no Jardim Botânico. Jane piscou. Não recordava o nome da mulher. Recordou-o um instante depois. Era uma condessa. A condessa de Cambury.

Era o tipo de mulher que se poderia chamar "imperiosa" mais que bonita, e era o bastante para ser atraente. Estava perfeitamente arrumada, sem

um fio do cabelo fora do lugar e sem uma só ruga no vestido, apesar de que devia ter estado sentada nas incômodas cadeiras de cima. Era como se a gravidade não se atrevesse a desafiá-la.

Tinha um aspecto formidável e Jane queria saber como fazia.

-Bem, Fairfield - disse a mulher, com um tom que deixava claro que não tinha retirado o "senhor" diante do sobrenome por familiaridade - O que é que você me diz?

-Perdão? -Titus fez uma leve reverencia - Bem, eu pensei que o senhor Malheur tinha algo a me dizer - repetiu a reverência, nem sequer teve o cuidado de olhar na sala nem tinha visto Jane - Claro que compreendo que esteja ocupado. É natural. Mas...

A condessa de Cambury fechou a porta com um suspiro.

-Isto está ficando indecoroso - Titus negou com a cabeça e esfregou as mãos consternado - Em uma sala a sós... não posso pensar que... Quer dizer... - aparentemente um pensamento entrou em sua cabeça, um pensamento horrível, a julgar pela palidez que adquiriu seu rosto e o modo como levou as mãos à garganta - Oh, uau - sussurrou - O senhor Malheur certamente esteve pensando em um programa de reprodução de que falamos faz uns meses. Não pensará começar comigo.

Jane sentiu desejos de rir alto. Ninguém, nem sequer alguém tão depravado para iniciar um programa de reprodução humana, olharia a um ser suscetível e duro como seu tio e pensaria: "Esse é um homem com o que terá que contar".

A condessa de Cambury simplesmente piscou diante de tais tolices e balançou a cabeça.

-Fairfield - disse com tom seco - se você tivesse sido um antigo caçador da savana, os leões o teriam matado enquanto você rondava pela planície dizendo: "Onde estão todos e o que fizeram com minhas lanças?".

Jane sim gemeu alto quando ouviu isso.

-Como diz? - Titus moveu a cabeça.

A condessa mostrou Jane.

-Não estamos sozinhos.

Titus franziu a testa.

-Não estamos?

Voltou-se lentamente para ver o que mostrava a condessa. Seus olhos se pousaram nos de Jane.

Ela pensava que ao vê-la se mostraria envergonhado ou temeroso. Depois de tudo, ela o tinha chantageado.

Em vez disso, ruborizou-se profusamente.

-Você! - exclamou.

Assinalou-a com o dedo e deu um passo para ela. Apertou os punhos ao seu lado.

-Você! –repetiu - O que fez com sua irmã?

CAPÍTULO 25



JANE DEMOROU UM MOMENTO PARA COMPREENDER o que Titus havia falado. Seu tio avançou para ela com o rosto de cor escarlate.

-O que fez com ela? – repetiu – Denunciarei você à polícia, é o que farei. Você não pode apenas vir e levá-la simplesmente porque quer.

Então Jane o entendeu. Titus não tinha enviado Emily a nenhuma parte. E ela tinha ido embora de qualquer maneira...

Não pôde evitar. Ela levou dois dias morta de preocupação. Tinha fingido sua fuga, tinha sido sequestrada e depois resgatada. Tinha atravessado a metade da Inglaterra acreditando que o futuro de sua irmã estava em jogo. Tinha sido tão tola como Titus. Se pôs a rir.

-Basta! - disse seu tio - E entrega a sua irmã ou eu lhe... lhe... - como não lhe ocorria uma ameaça o bastante séria, olhou-a entreabrindo os olhos -. Ou estarei muito aborrecido.

-Eu não estou com Emily - explicou Jane - Estou aqui porque acreditava que você a tinha colocado em um asilo para loucos.

O rosto de seu tio ficou muito vermelho.

-E por que... ah... por que pensava isso? Certamente, eu... bom, quer dizer, certamente estava sendo examinada por médicos para ver se tal coisa era possível. Estava tão... diferente! Menos exuberante. Temia que estivesse sucumbindo à depressão e estava considerando opções.

-Ouça o que diz. Se ela gritar com você, a considera desobediente; se deixar de gritar, acredita que tem depressão. Faça o que fizer, ela nunca pode ganhar.

Titus se ruborizou ainda mais.

-Eu só queria me assegurar de que não estivesse sem tratamento. Sim, falei com alguns médicos e sim, um deles disse que estava disposto a me dar um certificado se pagasse... – tossiu audivelmente - Mas os outros dois disseram que parecia estar em seu juízo perfeito - possivelmente Titus se deu conta de que contava detalhes de seu plano de não falar muito bem dele, pois balançou a cabeça - Mas tudo isso foi sua culpa. De sua influência. Você o causou. E você a levou. Não me engana.

-Emily foi embora sozinha - respondeu Jane - Sempre se arrumou sozinha. Isso é o que eu acho tão engraçado, que eu tenha vindo até aqui para resgatá-la e...

Titus agitou uma mão no ar.

-Você supõe que sua irmã fugiu sozinha sem nenhuma ajuda de sua parte? - parecia em dúvida.

-Por que não? - perguntou Jane - Eu também fugi, e ela tem quase minha idade.

-Mas você...

-Sim, eu tenho dinheiro. Mas até onde eu sei, você não tinha encontrado as cem libras que lhe dava. Imagino que, quando fugiu, alugou uma carruagem. Ou tomou o trem.

Seu tio ruborizou uma vez mais.

-Não estou falando de dinheiro. Referia-me ao fato de que você está sã.

Jane sentiu que ia explodir. Aproximou-se dele. Era mais alta. Como não percebeu antes? Provavelmente porque nunca tinha estado tão perto, estremecendo-se por anos de ressentimento acumulado. Golpeou-lhe o peito com as mãos.

-Emily é saudável - disse entre os dentes. -Tem convulsões, nada mais. Joana D'Arc as tinha e olhe tudo o que fez. A única pessoa que está doente aqui é você, porque não é capaz de ver.

-Não sei do que está falando.

-Quando encontrarmos Emily verá que está sã e salva. Que tem um plano. Que agiu de uma forma inteligente e racional frente a sua estupidez - Jane balançou a cabeça - Santo Deus, você pretendia subornar os médicos para declará-la mentalmente incapaz. De todos os truques sujos e mesquinhos...

Lembrou tarde demais que talvez ela não podia se indignar muito com o tema de subornar os médicos, ficou em silêncio e o olhou atentamente.

-Racional -Titus suspirou - Não pode ser racional. Acabei de receber um bilhete dela em que dizia que ia se reunir com seu promotor. "Seu promotor". Ela não tem nenhum promotor. Se tivesse um eu saberia.

O coração de Jane acelerou e quase se pôs a rir de novo. Emily tinha conseguido lhe enviar uma mensagem abertamente, um que seu tio não era capaz de decifrar.

-Pois provavelmente pensa em arrumar um – disse - Se você pensava fazer com que a declarassem louca...

-Não é racional - insistiu Titus - Primeiro necessitaria de um advogado, não um procurador. E logo ele teria que... – balançou a cabeça - Suponho que deveria começar a procurar por lá. Começarei a perguntar por Londres se alguém

viu uma garota pedindo ajuda aos advogados - franziu a testa - Se por acaso a encontrar, lhe diga... diga que estou disposto a mudar de ideia - engoliu em seco - Assinarei um papel se quiser. Eu só quero que esteja segura. É a única coisa que quero. O que sempre quis.

O mais triste era que Jane acreditava. Ele queria que estivesse segura e a tinha mantido segura. Tinha mantido Emily tão segura que a tinha resguardado de todo o resto. Quando ela gritava por isso, ele a acusava e, quando deixava de gritar, ele se perguntava por que tinha alterado seu comportamento.

Porque Titus só tinha dado as coisas que queria para si mesmo. Ele tinha permanecido em Cambridge muito depois que terminou seus anos de universidade, querendo pensar as mesmas coisas repetidas vezes. Quase sentiu pena dele.

Quase. Até que se lembrou das cicatrizes de Emily.

-Eu a encontrarei – prometeu – Direi a ela o que me disse. Mas por onde começo a procurar? –afastou o olhar ao falar para que ele não visse o conhecimento em seus olhos.

-Por onde, sim - Titus assentiu sombrio. Estendeu o braço e tocou de leve o ombro de Jane - Agora vejo – disse – que se preocupa com sua irmã. Embora o tenha feito mal, vejo que, a seu modo perturbado, a ama.

Quase parecia ter um momento de empatia. Jane assentiu. Ele afastou a mão do ombro dela e saiu em silêncio da sala.

-Suponho que você sabia que advogado ela iria visitar, não? - perguntou á condessa de Cambury - Eu poderia ter falado mais, mas não me pareceu necessário - encolheu os ombros e sorriu para Jane - Arrumou-se muito bem sozinha.

Jane lhe devolveu o sorriso.

-Claro que sei onde ela está – disse - Ao menos sei o nome dele. Ou melhor dizendo, sei como soa seu nome e não acredito que seja muito difícil encontrá-lo.

Nesse mesmo dia em Londres...

ANJAN ACREDITAVA QUE NÃO SE ACOSTUMARIA nunca ao ruído de Londres. Tinha crescido em uma cidade mais povoada e seria natural que Londres não lhe parecesse nada estranho. Mas o ruído dali era totalmente diferente. Não sabia por que. Não havia nada concreto que pudesse dizer, o problema parecia ser da totalidade.

Essa diferença lhe preocupava inclusive no escritório que tinha em Lirington e Filhos.

Anjan tinha um trabalho. Um lugar com uma mesa velha na sala dos copistas, certo, e não queria lembrar sua graduação com honras nem sua recente admissão nas filas dos procuradores. Mas era um começo, e por isso sorria e se sentava com os copistas. Quando se voltasse inestimável, começariam a trocar as coisas.

Como em resposta a seu pensamento, George Lirington abriu a porta da sala. Olhou por cima das cabeças dos copistas até que seus olhos pousaram em Anjan.

-Hei, Batty. Estão te procurando - disse.

Anjan ficou de pé. Lirington e Filhos se especializavam em temas marítimos. Era contratado por diferentes razões, uma das quais, e não a menor, era que falava hindi e bengali. Poder entender-se com os hindus que trabalhavam nos navios tinha suas vantagens.

Tomou sua caderneta e ficou de pé.

-É outra vez a conta de Westfeld? -perguntou.

Lirington negou com a cabeça.

-Não. É uma jovem. Veio sozinha e quer nos contratar - olhou para Anjan com curiosidade - perguntou por você dizendo seu sobrenome completo.

-Me diga que não é minha mãe - sua mãe tinha chegado á Londres umas semanas atrás e embora lhe tinha feito saber, muito amavelmente, que não podia visitá-lo no trabalho... Bom, ela era sua mãe.

-Não, já lhe disse isso. É uma jovem - Lirington voltou a olhá-lo - Não sabia que conhecia jovens, Batty. Me escondeu essas coisas.

Anjan não conhecia ninguém que pudesse visitá-lo. Encolheu os ombros, pegou seu caderno de notas e seguiu seu amigo. A sala mais próxima à entrada utilizavam para falar com os clientes. A porta estava entreaberta. Lirington entrou e saudou alguém com uma inclinação de cabeça. Anjan entrou atrás dele.

Ele parou na porta.

Emily, a senhorita Emily Fairfield, estava de pé ao lado da janela.

Ela sempre parecia maravilhosa, mas naquele momento o deixou atônito. Seu cabelo brilhava a luz do sol que entrava pela janela. Usava um vestido de musselina azul, muito diferente aos vestidos de passeio com que a tinha visto. Aqueles tinham as mangas longas e a cintura solta. O desse dia, entretanto, rodeava sua figura até a cintura. Lirington e ele se detiveram juntos na porta e ambos emitiram um suspiro apreciativo.

Anjan não sabia o que pensar. Ela estava ali depois de todos esses meses. O que podia significar aquilo?

Lirington, possivelmente porque não conhecia Emily, foi o primeiro em recuperar-se.

-Senhorita Fairfield – disse - trouxe o senhor Batty, como me pediu - aproximou-se de uma cadeira e a retirou para ela - Sente-se, por favor. E nos diga no que podemos ajudá-la.

Ela se aproximou da mesa, pôs as mãos sobre as saias e se sentou com graça. Anjan engoliu saliva com força.

-Batty - disse Lirington por cima do ombro -. Traga chá, por favor.

Ela franziu a testa então.

Quando Anjan voltou com uma bandeja, estava sentada decorosamente; parecia tão cômoda na cadeira como se tomasse o chá todos os dias ali.

-Sabe senhorita Fairfield? - disse Lirington - Espero que possamos encontrar o modo de ajuda-la, mas acho que não será tão fácil. Terá que procurar um advogado, claro, embora posso lhe fazer algumas sugestões. Nossa especialidade são os temas marítimos. Se nos disser o que é que preocupa você...

-Se não puderem me ajudar - respondeu Emily com calma - estou segura de que poderão me aconselhar a alguém que possa. Eu esperava que escutassem minha história.

-É obvio - assentiu Lirington.

Ela olhou brevemente para Anjan quando ele voltou para a sala. Tinha sido um olhar frio e interrogativo. Nesse momento cruzou as mãos e ficou olhando para eles.

-Meu tio é meu tutor – disse - Tenho um problema médico que o doutor Russell, daqui de Londres, diagnosticou como um problema de convulsões - seus dedos brincavam com um botão do punho- Não tem cura, ou pelo menos não foi descoberto ainda – encolheu os ombros - É um aborrecimento, é obvio, mas não representa qualquer perigo.

Anjan concordou, lembrava o ataque que tinha presenciado.

-Meu tio, no entanto, quer procurar uma cura. Acredita que nenhum homem se casará comigo até que resolva esse problema.

Assim dizendo, desabotoou muito devagar um botão do punho.

-Entendo - murmurou Lirington. Mas não disse mais nada. Olhava a pele pálida do pulso, cativado pelo que via, jogando o corpo para frente. Anjan queria bater em seu amigo ou puxá-lo para que não visse a pele dela.

-Ele fez com que me tratassem com correntes galvânicas - disse ela, abrindo um segundo botão - Fez que um homem segurasse minha cabeça debaixo da água. Outro homem veio com um aparelho e utilizou uma alavanca para aplicar pressão em minha perna quando começava uma convulsão -

desabotoou mais um botão - Paramos de usar a máquina quando quebrei o fêmur.

Anjan a olhou nos olhos e sentiu um momento de compreensão. Quando lhe tinha contado que seus passeios eram uma fuga, a achava uma garota rebelde. Mas aquilo... Aquilo era horrível.

Falava com tanta naturalidade que Lirington assentia em sintonia com seu recital, como se as coisas fossem normais. Se não a tivesse observado atentamente, Anjan não teria notado como tremia os dedos quando desabotoou o botão seguinte, subiu a manga e mostrou uma cicatriz branca e redonda.

-Um doutor me queimou com um ferro quente – disse - Pensava que isso alteraria minhas convulsões. E não foi assim.

Anjan se agarrou aos braços de sua cadeira. Aquilo era uma barbárie. E por que ele não ficou sabendo nada disso? Tinham passeado juntos durante semanas e ela não havia dito nenhuma palavra. Ele a tinha exortado com o assunto de sua família. Tinha lhe pedido que obedecesse seu tio.

Sentia que a fúria ia tomando conta dele.

-Senhores - disse ela, ainda com calma - espero que compreendam porque não lhes mostre as queimaduras das coxas.

-Senhorita Fairfield - disse Lirington, confuso - Todo isso é terrível, mas não sei como vamos ajudá-la. Afinal de contas, é o dever de seu tutor lhe proporcionar cuidados médicos.

-Isso não está certo - grunhiu Anjan - E não é bom.

Ela o ouviu e sorriu.

-Uma possibilidade é solicitar uma mudança de tutor. Eu esperava...

-Nos ocupamos de assuntos marítimos –respondeu Lirington - Isto é um assunto para os tribunais - balançou a cabeça - Apesar do que sofreu, não vejo como podemos ajudá-la. Meu secretário, o senhor Walton, lhe dará uma lista, mas lamento dizer que nós não podemos fazer nada. E agora, se nos desculpar...

Ficou em pé.

-Batty, já que está aqui, acredito que deveríamos falar das contas do Westfeld depois de tudo. Meu pai está em seu escritório e...

Voltou-se quando Emily ficou de pé. Pela primeira vez durante a visita, ela parecia alterada.

-Mas não os conheço – disse - Não conheço essas outras pessoas. E a situação é muito urgente para o ritmo dos tribunais. Protestei pelos tratamentos e meu tio há... Quer dizer, encontrei sua correspondência com... – engoliu em seco e olhou para Anjan nos olhos - Quer me declarar incompetente. Me encerrará. Não poderei jamais tomar minhas próprias decisões.

Anjan engoliu em seco, que ia acompanhada de náuseas. As pessoas faziam brincadeiras sobre o Bedlam, mas as coisas que tinha ouvido... Um manicômio não era um bom lugar para ninguém, muito menos para Emily.

-Ele já se nega a me deixar sair de casa. Quando descobrir que fugi... - olhou para Anjan e concordou com a cabeça - Colocou uma empregada pra dormir em meu quarto. Nem sequer tive a oportunidade de me despedir.

Lirington balançou a cabeça.

-Sinto muito - era uma despedida, não uma desculpa.

Anjan não se moveu. Estava preso ao chão. Tudo o que sabia dela começava a ter sentido.

A respiração da jovem se tornou mais rápida.

-Minha irmã me ajudará – disse - É maior de idade e tem dinheiro suficiente para pagar tudo o que necessitem.

-Lhe desejo o melhor - respondeu Lirington - mas...

-Silêncio, Lirington - interveio Anjan - Ela não te pediu opinião. Foi a mim.

-Isso é ridículo - Lirington enrugou a testa e franziu os lábios, como se lembrando então que ela, de fato, tinha perguntado por Anjan. Por seu nome completo - Não compreendo – disse por fim - Por que fez isso?

Anjan não respondeu.

-Porque sabia que, se viesse aqui, me escutariam - disse Emily - Sabia que ao menos você me escutaria. Que se importaria.

-Isso é o que acha? - perguntou Anjan, quase curioso por ouvir a resposta - Faz meses que não nos vemos, desapareceu sem me dizer nada. E acredita que agora pode chegar e me dizer que me importo?

Emily jogou a cabeça para trás.

-Não diga tolices – comentou - Eu sei que se importa.

Anjan sentiu que um sorriso se estendia por seu rosto. Um sorriso autêntico.

-Bem.

-Disse uma vez que, se nossos pais tivessem arranjado nosso casamento, eu não iria reclamar. Após...

Anjan se inclinou para frente, sem fazer caso do som de surpresa que Lirington fez.

-Nos piores meses dos excessos de meu tio, quando minha irmã estava fora eu não tinha nenhuma saída para minha frustração, imaginava que tinha sido assim. Que sabia que me casaria com você. Que, acontecesse o que acontecesse enquanto isso tinha essa esperança para me sustentar.

Anjan engoliu em seco.

-E então descobri que meu tio mantinha correspondência com um manicômio - ela fechou os olhos - Não podia ficar e correr esse risco. E isso era estranhamente liberador. Podia ir para onde fosse e escolher o que quisesse. Em meu futuro não havia nada organizado, nenhuma coisa, exceto aquilo que pudesse organizar por mim mesma.

Anjan não podia afastar os olhos dela. Emily sorriu e ele devolveu o sorriso.

-E vim aqui - disse ela - Para buscá-lo.

Lirington a olhou. A olhou de verdade. E logo voltou a olhar para Anjan.

-Batty – disse - Acredito que me escondeu muitas coisas.

Emily, sentada do outro lado da mesa, fez uma careta e golpeou a mesa com a mão.

-Seu nome é Bhattacharya - disse afetadamente - E uma vez que também vai ser meu nome, será melhor que aprenda a pronunciá-lo como é devido.

CAPÍTULO 26



-MINHA IRMÃ PARTIU SOZINHA - disse Jane quando Oliver retornou ao hotel naquela noite - Sei aonde foi e acredito que está a salvo.

Jane o recebeu com um sorriso amigável. Ele estavam em quartos de lados opostos do hotel, para salvar sua reputação. Mas ela tinha ido chamar na sua porta pouco depois que ele voltou de seu passeio com Sebastian.

Agora estava sentada na cama, sem sapatos, com os cabelos soltos, e ele não queria que estivesse em nenhum outro lugar. Queria parar o tempo. Queria ela em seu quarto. Não queria que se fosse nunca dali. E ela sabia onde estava sua irmã.

Talvez fosse a brevidade de seu caso de amor que fazia com que cada momento parecesse tão importante.

-Estou muito feliz - declarou ela – Só temos que encontrá-la.

Para Oliver era fácil rodeá-la com seus braços, puxá-la para si e inalar seu perfume. Pensar que ela era não só possível mais também provável... a única possibilidade que se atrevia a compreender.

Negava-se a pensar no final.

Mordiscou o seu pescoço.

-Me alegre que tudo esteja saindo bem –disse - Então precisa de mim um pouco mais. Para garantir - prendeu o fôlego.

-Sim. Se não se importa.

Oliver lhe beijou a orelha e a puxou para si. Não queria soltá-la. Deslizou as mãos em seu cabelo e inalou seu aroma.

-É carinhoso - disse ela.

-Não. É que estou louco por você.

Louco por ela e assediado pela preocupação que sentia no ventre. Quando ela estivesse com sua irmã e a ameaça de seu tio tivesse passado, já não teria nenhuma desculpa. Podia sentir o final tão perto que quase o ouvia, e não queria deixá-la partir.

-Onde está? - perguntou.

-Em Londres. Eu tenho certeza.

-Que... Coincidência! - respondeu ele - Eu também tenho que ir a Londres.

Mas ele teria gostado que fossem para outro lugar. Em Londres havia deveres esperando. Fechou os olhos e pensou naqueles deveres... nas reuniões descuidadas, a coluna de imprensa que podia escrever sobre as últimas emendas propostas... Afastou tudo isso de sua mente.

-Mas ainda não estamos lá – disse - Estamos aqui e agora.

-Percebi - sussurrou Jane - O que podemos fazer a respeito?

Oliver a abraçou.

-Isto – disse - Baixou a cabeça e a beijou.

-NÃO SEI, ANJAN.

A mulher que estava sentada em frente á Emily na mesa vestia um sari de seda púrpura e ouro. Tinha os mesmos olhos de Anjan, olhos escuros, rodeados de cílios incrivelmente longos. O rosto da senhora Bhattacharya era liso, sem rugas, exceto pelo cenho franzido quando olhava para Emily. Tinha os braços cruzados e Emily tentava não encolher-se sob seu olhar.

A mãe de Anjan aspirou ar e olhou para seu filho.

-Aconteceu algo? Parece uma garota doente.

-Não estive muito tempo ao ar livre - Anjan parecia muito tranquilo.

Emily não compartilhava essa sensação. Tinha o estômago revoltado e lhe custava muito esforço ficar quieta.

A senhora Bhattacharya balançou a cabeça.

-E o que vai dizer seu pai quando lhe disser que sua futura esposa tem ataques? Nós queremos o melhor para você - olhou para Emily com a testa franzida - Não poderia encontrar outra garota? Uma boa garota de nosso país...

-Suponho que seria possível – respondeu Anjan com cortesia - Mas o pai da senhorita Emily não é advogado e seu tio é um tutor em leis. Pode me apresentar a mais pessoas além dos pais de Lirington. A esse respeito, é uma união vantajosa.

A senhora Bhattacharya entrecerrou os olhos e olhou para seu filho.

-Entendo que tente me convencer com isso. Então se mostre muito sensível - houve uma pitada de diversão em sua voz - Não se incomodará que também seja bonita. E você me escreveu dizendo que podia falar com ela sobre tudo. Mas não tem nada a fazer, certo?

Anjan sorriu francamente.

-É obvio que sim - disse secamente - O que pode haver mais pragmático?

Sua mãe o olhou.

-Não sou estúpida, Anjan.

-Conhece-me muito bem. Mas já disse a você que estou apaixonado por ela. Se quero ter influência na Inglaterra algum dia, necessito alguém que os compreenda. Alguém que os entenda e que não queira que eu esqueça quem sou.

-Esquecer?

-Praticamente todo mundo na Inglaterra come carne e bebe álcool - interveio Emily - Imagine que seu filho vá a uma reunião e lhe sirvam assado. Com quem você falaria antes para garantir que isso não aconteça? Quem poderia garantir que houvesse limonada em seu copo em lugar de vinho branco? É tarefa de uma esposa ocupar-se desses detalhes - olhou para Anjan - É obvio, não acredito que seu filho esquecesse, mas eu posso ajudar a lhe facilitar o caminho.

A senhora Bhattacharya franziu a testa e pensou naquilo.

-E é obvio, contrataremos um cozinheiro indiano.

-Humm - a mãe de Anjan parecia um pouco apaziguada. Mas quando ele percebeu que tinha suavizado a expressão, olhou para Emily com determinação - Comidas são comidas. E a Índia? Quer que se esqueça da Índia? Que nunca mais venha para casa, que seus filhos não saibam de onde vêm?

-Não - respondeu Emily - É obvio que não. Iremos tão frequentemente como podemos.

-Entendo. Quem é essa garota que quer o mesmo que você, Anjan? Não tenho certeza se acredito nisso.

-Mas eu não quero o que Anjan quer - respondeu Emily - Ele me explicou como funciona isso. Quero o que você quer.

Um silêncio seguiu a suas palavras. A senhora Bhattacharya inclinou a cabeça para um lado e a olhou.

-De verdade? - perguntou por fim.

-É obvio que sim. Eu não sei o que é estar casada com um indiano nem criar meninos indianos. A quem vou pedir conselhos se não a você?

A mãe de Anjan arqueou as sobrancelhas e olhou para seu filho.

-Você lhe disse para falar isso.

Anjan tossiu em sua mão.

-Eu prometo que não, mãe. Eu lhe disse que quem manda é você e ela tem feito todo o resto.

A senhora Bhattacharya balançou a cabeça, mas franzia os lábios com uma expressão de humor reprimido que para Emily lembrava seu filho.

-Bom, pelo menos sabe o que tem que dizer.

Anjan sorriu para Emily e esta lhe devolveu o sorriso. Perdendo-se em sua expressão...

A senhora Bhattacharya deu uns pequenos golpes na mesa.

-Eu disse que podem sorrir assim? Prometi a meu marido que não seria fraca com vocês. Ficam ainda dezessete pontos em minha lista. Não terminamos ainda.

A lista incluía perguntas sobre o que pareceria para Emily acolher os membros da família que viesse a Inglaterra para fazer exames para cargos oficiais, sobre como trataria os seus filhos, sobre temas religiosos e outras perguntas mais referentes aos meninos, a suas convulsões e a história de sua família.

-Você o ama? - perguntou por fim a senhora Bhattacharya.

-Sim - respondeu Emily – Na verdade...

- Não tem que me convencer - interrompeu-a a mulher - Pois é claro que o ama. Quem poderia não amá-lo?

Emily sorriu.

A expressão da senhora Bhattacharya não mudou.

-Teremos que falar com sua família sobre o momento mais propício para o casamento.

O sorriso de Emily se fez mais amplo. Anjan lhe havia dito que não se preocupasse, que se os dois se mostrassem respeitosos, convenceriam sua mãe. Mas talvez ela não tinha acreditado em tudo.

-Você não tem mãe - disse a senhora Bhattacharya - Quem é responsável por você?

-Tenho uma irmã - Emily fez uma careta - E um tio. Mas possivelmente seja melhor que não... - interrompeu-se.

-O que quer dizer agora? - perguntou sua futura sogra com expressão de incredulidade.

Anjan foi sentar ao lado de Emily.

-Mãe, pode ser que haja algumas dificuldades com seu tio.

-Dificuldades? Que tipo de dificuldades?

-Não sou maior de idade - respondeu Emily – Preciso de sua permissão.

Anjan estendeu as mãos.

-OH - a senhora Bhattacharya apertou a mandíbula - Essas dificuldades - a expressão de seu rosto parecia familiar, ativamente familiar. Depois de uma pausa, encolheu os ombros - Eu vou falar com ele. Quando seu pai teve dificuldades desse tipo com o coronel Wainworth, eu falei com ele.

Anjan negou com a cabeça.

-Não – murmurou - Agradeço a oferta, mãe, mas acredito que eu devo fazê-lo.

JANE ESTAVA DE PÉ AO LADO da janela olhando a rua lá embaixo. O hotel que Oliver tinha procurado se localizava em uma rua tranquila, longe das multidões que tinham encontrado na estação de trem. Registraram-se com um nome falso. Ele tinha ido para o seu quarto, mas ela estava andando por dez minutos até que finalmente tinha escrito um punhado de notas e tinha chamado tocado á campainha para pedir que as entregassem.

-A meu irmão - disse como explicação - E a um conhecido que perguntará na Associação de Procuradores pelo paradeiro de sua irmã.

Não lhe perguntou por que tinha que pensar tanto antes de dizer a seu irmão que estava na cidade. Nem por que tinha usado um nome falso no hotel. Nem por que tinham ido para lá, aquele hotel era tranquilo a mais de uma milha do centro da cidade.

Já sabia.

Não era porque se envergonhasse dela. Simplesmente, não queria que ninguém soubesse de sua aventura. Isso era tudo.

Por que então se sentia ofendida?

O menino que tinha enviado para entregar as mensagens tinha retornado uns minutos atrás, carregando uma bolsa. A bolsa estava cheia de papéis: jornais, cópias da ata parlamentares, notas, convites... Oliver se desculpou e se retirou para uma mesa. Jane olhava pela janela e seus pensamentos davam voltas.

Se havia uma coisa que tinha aprendido nos meses que conhecia Oliver, era que os problemas se confrontavam melhor com atos ousados. Sempre que tinha se acovardado, seus problemas tinham aumentado de tamanho. Aquele afeto crescente entre eles, aquela aventura amorosa, era impossível, era um problema.

Jane queria uma solução ousada.

Mas o que conseguia...

Vê-lo trabalhar em seus papéis era como vê-lo afastar-se dela. A cada carta que abria, cada emenda nova que lia, parecia mais distante. Mas consciente de que o cartão que tinha recebido o convidava a um jantar em que Jane nunca se encaixaria.

"Um pardal, não uma fênix", havia dito ele. Ela havia dito em uma ocasião que era uma labareda, mas as mulheres que se casavam com os homens como Oliver não se atreviam a acender um fósforo e atizar um fogo.

Ela podia mudar. Podia solucionar o problema com dinheiro. Podia pagar instrutores de etiqueta que a intimidassem dia e noite até que deixasse de cometer erros. Podia contratar uma mulher que seria responsável por buscar um guarda-roupa perfeito e aborrecido. Tinha dinheiro suficiente para cortar todas

suas plumas e pintá-las de marrom. Se ela se esforçasse podia chegar a se encaixar.

Mas quando pensava em uma existência composta de mentiras, estremecia. Uma vez era suficiente.

Balançou a cabeça e continuou olhando pela janela. Continuou pensando em encontrar uma solução para um problema covarde.

CAPÍTULO 27



-QUEM É VOCÊ?

Anjan tinha sido levado a um estúdio na penumbra situado na parte detrás da casa. Demorou um momento para fixar no homem que devia ser Titus Fairfield. Era roliço, quase careca, e olhava para Anjan com gravidade.

Anjan o tinha visto antes. Anos atrás, um outro estudante indiano, que tinha se formado no ano em que ele chegou, o tinha como tutor particular. Não alguém em quem ele pudesse recorrer, pois provavelmente não aceitaria um aluno indiano. Se soubesse que esse homem era o tio de Emily...

Provavelmente não a teria convidado para passear com ele. Assim era melhor que não o ficasse sabendo.

Vestiu-se com cores sóbrias e se assegurou de ter um aspecto muito respeitável. Tinha a gola da camisa tão engomada que as pontas lhe cravavam na bochecha quando virava a cabeça. Estendeu um cartão.

-Sou o senhor Anjan Bhattacharya – disse - E venho por um assunto de muita importância.

Fairfield depositou seu cartão na mesa sem olhá-lo.

-Bem - disse com voz corajosa-. Este ano não aceito mais alunos - tinha uma expressão matreira, como se pensasse que Anjan não ia reconhecer que o estava descartando.

-Melhor para você. Eu não procuro um professor. Licenciei-me em março – informou - Mas conheci seu último tutelado. John Plateford. Fez um bom trabalho com ele.

O senhor Fairfield não esperava elogios. Ele piscou e foi incapaz de invocar a rudeza necessária para tocar a campainha e pedir que levassem Anjan dali. Assim que este se sentou em frente a ele, por um momento, Fairfield se limitou a olhá-lo fixamente, inseguro do que a etiqueta marcava em uma situação assim. Seu orgulho natural acabou ganhando depois de uns momentos.

-Sim, Plateford - murmurou contente - Graduou-se com honras.

-Mérito seu – respondeu Anjan com cortesia - Eu também me licenciei com honras.

Fairfield piscou de novo e moveu a cabeça, para dispersar a ideia de que Anjan pudesse estar na mesma categoria que seu tutelado.

-Agora sou procurador em Londres - continuou Anjan. Esperou um momento para ver se Fairfield relacionava sua profissão com o bilhete que Emily tinha deixado.

Mas não foi assim. Fairfield o olhava com a testa franzida.

-A senhorita Emily Fairfield veio me procurar faz uns dias - continuou Anjan depois de uma longa pausa.

O senhor Fairfield suspirou.

-A você? - perguntou surpreso - Por que foi ver você?

-Porque lhe pedi em casamento - respondeu Anjan - E queria me dizer que aceitava.

-Ridículo! - Fairfield negou com a cabeça e empurrou a mesa como se assim pudesse apagar as palavras que Anjan dizia - Uma loucura! Isso não é possível.

Anjan poderia ter feito uma lista de todos os modos nos quais era possível, começando com o beijo de boa sorte que ela tinha lhe dado na noite anterior. Poderia ter mencionado a longa conversa que tinham tido no dia anterior sobre seu futuro. Mas optou por fingir que não entendia bem.

-Asseguro-lhe que não há nada que a proíba - disse.

-Não me referia a isso - Fairfield fez uma careta - E você sabe. Referia-me a que não pode casar-se com ela.

-Refere-se a que não posso me casar com ela porque você se opõe.

Fairfield parecia aliviado de que falassem do assunto tão claramente.

-Sim. É Isso. Eu me oponho.

-Não me admira nada - respondeu Anjan - Mas vim para liberá-lo de suas objeções. Sei que se preocupará de como sua sobrinha será tratada.

-Na verdade sim - Fairfield estufou o peito - Me preocupa seu tratamento.

-Isso eu compreendo - disse Anjan - Meu pai ocupa um lugar importante entre os funcionários. Meu tio é o assessor de campo do governador geral. Eu sei que você se preocupará que eu acredite que sua sobrinha está abaixo de mim.

Fairfield piscou rapidamente.

-Ah. Bem...

-Não temas. Não se preocupe. Cuidarei dela tão bem como faria um homem de menos status. Pode ser que nós sejamos mais ricos que você, mas eu não sou mais que outro leal servidor de Sua Majestade.

O senhor Fairfield parecia atônito. Passou a mão pela cabeça com um gesto estranho.

-Isso não era...

-Ah. É por suas convulsões, acredito? Você teme que não tenha sido sincera comigo nesse aspecto. Senhor Fairfield, aplaudo seu desejo de assegurar-se de que tenha havido sinceridade completa por ambas as partes antes de entrar em uma relação permanente. Mas lhe asseguro que conheço esse tema desde o começo e não me parece que valha a pena pensar nele.

-Você não entende - Fairfield começava a empalidecer.

-Ah! - Anjan se levantou devagar e colocou as mãos na mesa - É porque sou indiano.

Houve uma longa pausa, cheia de significados.

-Não sei se Emily está bem o bastante para casar-se - respondeu por fim o senhor Fairfield - Mas se estiver, sim, eu o rejeitaria porque você é... você é...

-Da Índia - terminou Anjan, - É o nome de um país, não de uma doença grave. Terá que aprender a pronunciar-lo, vamos ser uma família.

-Não, não, claro que não vamos ser - respondeu Fairfield teimosamente - Não tenho que aprender a pronunciar nada. Não darei minha permissão. Não o farei.

-Possivelmente possa me explicar por que.

-Porque conheço sua raça - grunhiu Fairfield - Você é louco, terá dez esposas e, se morrer, obrigarão a minha sobrinha a queimar-se viva em sua pira funerária.

-Sim - replicou Anjan - Porque é muito melhor não deixar que o marido, a queime com atizadores estando viva e submetê-la a choques elétricos. Você não tem direito a me repreender nesse sentido, senhor Fairfield. Pelo menos eu nunca fiz mal a ela.

Fairfield engoliu em seco.

-Isso é diferente. Ela está doente e... e...

-E você a fez piorar. Sabe que só vi sua sobrinha chorar uma vez? Foi quando lhe disse que seu tutor deveria tratá-la como um tesouro precioso.

-Mas...

-E já que falamos no assunto, eu acho que deveríamos esclarecer algumas coisas. Os hindus acreditam na monogamia; não conheço nenhum que tenha mais de uma esposa. Quando meu irmão morreu, sua esposa chorou, mas continuou viva - As mãos de Anjan tremiam de raiva - Não vou admitir que minha raça, como você a chama, seja perfeita, mas eu tento ser bom - olhou para Fairfield cara a cara - Vi as cicatrizes de Emily e isso é mais do que eu posso te dizer.

Fairfield se encolheu diante a fúria que continha a voz de Anjan.

-Minha intenção era boa - sussurrou.

Anjan se inclinou para frente até que seu rosto esteve a uma polegada da de Fairfield.

-Pois os resultados não.

Fairfield curvou-se em sua cadeira. Olhou ao seu redor.

-Viu suas cicatrizes?

Anjan assentiu.

-Mas estão...

Anjan assentiu de novo.

-Ela teria tido que... retirar um pouco da roupa para mostrar-lhe - parecia perturbado e Anjan decidiu não mencionar que não tinha visto todas as cicatrizes de Emily – Falou que quando Emily fugiu foi se encontrar com você?

-Sim foi.

-Então está... desonrada. Tem que se casar - Fairfield lambeu os lábios.

Anjan não achava que fazia sentido esclarecer a situação exeto pela desonra de Emily.

O senhor Fairfield não disse nada por um momento. Movia os lábios como se discutisse consigo mesmo. Por fim se endireitou em sua cadeira.

-Você é indiano – disse - Isso não significa que você tem... Habilidades especiais de cura? Acredito que me lembro de ter ouvido falar delas. Coisas... Especiais - fez um gesto - Com substâncias de seu país.

Anjan era licenciado por Cambridge. Na mesma carreira que tinha estudado o senhor Fairfield. Sentia vontade de rir. Sabia que devia corrigi-lo. Mas em vez disso, respondeu:

-Sim. Eu faço coisas com substâncias. Como você sabia?

-Possivelmente isto seja para o bem - respondeu Fairfield - Talvez você conheça uma ampla espécie de curas que eu não pude ter acesso. Pode ser o melhor para ela depois de tudo.

Anjan não assentiu. Não sorriu.

-Estarei encantado de provar tudo o que me pareça uma boa ideia - disse. E Fairfield parecia satisfeito consigo mesmo.

-Bem, bem. Mas, só para ter certeza, vamos escrever contrato de casamento que não a queimarão viva.

-Bom - respondeu Anjan, generoso - Você tem que cuidar de sua sobrinha.

O FINAL CHEGOU COM TAL RAPIDEZ que Jane nem sequer se deu conta de que era o final até que tudo estava acabado.

Chegou primeiro com felicidade, pois as averiguações de Oliver não demoraram a dar resultados. Havia um procurador chamado Anjan Bhattacharya. Eles descobriram o endereço, mandaram mensagens mediante um mensageiro rápido e, duas horas depois, Jane entrava no hotel de Emily e a abraçava.

Sua irmã quase não podia falar da alegria que sentia. Acabava de receber um telegrama de Titus.

-Não posso acreditar – disse - Não tenho nem ideia do que Anjan disse, mas consentiu. Vou me casar! Já não será meu tutor. Acabou.

Acabou. Jane riu com sua irmã, aceitou ser sua dama de honra, abraçou-a e a escutou falar das dificuldades de ter duas cerimônias de casamento.

Também ouviu falar mais de Anjan.

-Terá que conhecê-lo quando ele voltar. Você gostará dele, prometo-lhe isso. Oh, Jane! Estou tão feliz!

Depois disso, falaram dos detalhes do contrato de Emily, do seu enxoval... Eram detalhes felizes. Jane voltou flutuando para o quarto de hotel que compartilhava com Oliver.

Ele tinha diante si um segundo montão de papéis. Mas a beijou devagar.

-Fico feliz que tudo esteja arrumado - disse, quando ela explicou tudo.

Mas não parecia contente. E não a olhou nos olhos quando disse que tinha que voltar para o trabalho. Estava tudo arrumado... e ele havia dito que sua aventura amorosa duraria só até que encontrassem Emily sã e salva.

Jane se retirou para se trocar para o jantar. A jovem do hotel tinha desfeito já os laços do vestido quando bateram na porta.

-Senhor Cromwell?

Jane reconheceu a voz de um dos empregados do hotel e reprimiu um sorriso ao ouvir o nome falso.

-Sim.

-Há uma mulher que pergunta por você.

-Uma mulher? - perguntou Oliver - Não espero A... - interrompeu-se.

Jane estava de espertalho. Mas embora tivesse estado vestida, não teria entrado no quarto. Anunciar sua presença em um momento assim... Embora não lhe importava muito sua reputação, considerava que a de Oliver tinha ainda algum valor.

Houve uma pausa, seguida do som de passos. E depois...

-Mãe? - disse ele. Houve outra pausa. Quando voltou a falar, sua voz tinha um pouco de angústia - Oh, Meu Deus! Mãe. O que aconteceu?

Jane fez um gesto à jovem e a enviou pela porta pequena dos empregados. Nenhuma jovem tinha que ouvir aquilo. Ela tampouco deveria ouvi-lo, mas não tinha para onde ir.

-Me alegro de ter encontrado você a tempo - disse uma voz de mulher, a mãe de Oliver - O duque me disse... bom, de qualquer maneira, não posso pensar. Oliver ouça, não consigo falar com clareza. É que...

-Respire fundo. Fique a vontade. Diga-me o que foi.

-À voz da mulher se quebrou.

-É Freddy - disse.

-O que aconteceu com ela? Cuidaremos dela, buscaremos os melhores doutores, daremos...

-Eles a encontraram em sua cama um dia e meio depois de sua morte.

-Não - Mas Oliver não falava como se negasse, mas sim de um modo reflexivo - Não pode ser. Eu a vi não faz muito tempo. Ela parecia doente, mas...

-Foi um acidente vascular cerebral. Eles dizem que não sofreu.

-Oh, mãe! - a voz de Oliver soava apagada - Tinha que ter te falado algo quando a vi, ter feito você saber que não estava bem. Deveria ter...

- Silêncio. A última vez que a vi lhe disse que a amava. Tivemos nossas diferenças, mas também nossos bons momentos - a voz da mulher tremeu - Não fale de culpas. Já tem bastante tristeza sem isso.

Depois dessa frase, não houve mais palavras, só alguns soluços. Sons de pessoas que davam e recebiam consolo.

Oliver tinha mencionado a sua tia Freddy meses atrás na livraria. Era uma das primeiras coisas que tinham atraído Jane, que falasse com tanto respeito e afeto de uma mulher que obviamente tinha suas peculiaridades.

Quase como se alguém lhe sussurrasse que, se ele queria amar uma mulher teimosa e mal humorada, possivelmente pudesse gostar dela.

E assim tinha sido.

-O funeral é amanhã - disse a mãe de Oliver - Já vieram todos. Laura e Geoffrey, Patricia e Reuven, Free e seu pai. Esta noite jantaremos juntos.

-É óbvio, estarei lá.

Houve uma longa pausa.

-E Oliver, a mulher que está contigo...

Jane ficou paralisada no lugar.

-Que mulher?

-Não seja ridículo. Está aqui com um nome falso. Você nunca usou o meu sabão, mas aqui tem alguém que usa minha mescla de maionese. Senti o cheiro assim que entrei. Só quero que saiba... que não haverá muitos presentes. A família e alguns outros. Se ela for importante para você, se te consolar, deverá trazê-la.

-Mãe...

-Não beliscarei a sua bochecha diante dela, e se você não se preocupar com o exemplo que possa dar a sua irmã...

-Mãe...

-Que não se preocupe. Free certamente te questionará melhor que eu.

Houve uma longa pausa. Oliver devia saber que Jane estava escutando. Certamente se perguntava o que ela estava pensando, como eles levariam tudo aquilo. Jane se abraçou e rezou em voz baixa. Embora aquilo não durasse, embora não voltassem a se ver depois desses dias, embora Oliver se casasse com o pardal perfeito no mês seguinte...

Nesse momento queria ser ela a consolá-lo.

-Eu...

-Pense Oliver.

Jane mordeu o lábio e baixou o olhar, tentando fazer com que não doesse. Afinal de contas, era algo acordando entre eles. E ele estava arrependido. Na vida dele não havia um lugar para ela, e a ela só teve um momento, um momento triste, de perdoar a pequena dor que lhe causava.

-Vamos ver - respondeu Oliver.

CAPÍTULO 28



OLIVER SABIA O QUE VIRIA assim que fechou a porta depois de sua mãe sair. Nem sequer queria se virar. Não queria olhar para Jane e ver o que tinha feito.

Mas se voltou e foi procurá-la no vestiário, onde ela continuava sentada em um banco. Usava anáguas e espartilho e tinha o olhar perdido no espaço. Levantou o olhar quando ele entrou.

-Bem - disse ela - Está aqui. Eu acho que temos que... - interrompeu-se e olhou as mãos unidas no colo.

-Jane - ele sentiu um nó na garganta.

-Preciso que me ajude a colocar meu vestido – ela apontou para um vestido de seda azul com fitas vermelhas - Esse.

-Jane...

-Não vou falar disso com você estando meio vestida - disse ela.

Oliver a ajudou a colocar o vestido. Foi duro lhe roçar a pele e querer lhe beijar o ombro quando alisava o objeto. Queria fazer tantas coisas com ela! Mas suspeitava que ela colocou aquele vestido para o fim e não um começo.

Quando terminou de ajudá-la o melhor que pôde, ela se voltou para ele.

-Posso... - disse Oliver. Mas não. Não podia exonerar-se.

-Explicar? - perguntou ela - Não há nada que explicar. Já o fez. Sou a última mulher no mundo com a qual não quer se casar. Está triste por sua tia. Por que vai me apresentar a sua família? Não disse nada que eu já não soubesse.

Ele deu um passo para ela.

-Não é isso.

-Oh? - perguntou ela duvidosa.

-Sim é isso – respondeu ele - Mas é muito mais. Eu te amo.

Ela inclinou a cabeça para um lado.

-O que?

-Te amo. E se deixo você compartilhar isso, se levar você comigo neste momento, não sei como poderia deixar você partir. Seria uma parte de mim. Uma parte de minha família.

Ela já era. Uma parte de Oliver sentia que estava ainda em um caminho escuro no bosque com ela. Sem ninguém mais ao redor, só os dois contra o resto do mundo.

Ela não havia falado mais nada.

-Eu quero isso - disse ele - A desejo tanto que dói. Vêm comigo, Jane. Não como minha amante, mas sim como minha noiva.

Ela não respondeu.

-Sei que haverá dificuldades, mas poderemos vencê-las - prosseguiu Oliver - Minnie ajudará você. Posso pedir à duquesa viúva de Clermont que treine você e...

-Me treinar? - perguntou Jane - Acaso sou um cavalo?

Oliver fez uma careta de dor.

-Não. É obvio que não. Mas algumas classes...

-Algumas classes do que? - Jane levantou o queixo, mas seus lábios tremiam - De como agir, como me comportar, como vestir. Refere-se a isso?

Ele não pôde responder.

-Me diga Oliver, quanto tempo acha que eu levarei para aprender a frear minha língua? A falar sem elevar a voz? A me vestir como todas as demais?

-Jane...

-Se quiser um pardal, se case com um. Não me peça isso.

Oliver fechou os olhos.

-Sei, sei, é horrível te pedir isso, mas... - fez uma pausa para se reagrupar. Para tentar explicar - Eu tenho feito minha carreira não elevando a voz. Uma pessoa com meus antecedentes tem que ser especialmente cauteloso. Meu irmão pode fazer o que quiser, eu tenho que ser precavido. Fazer com que, quando as pessoas pensem em mim, pense em um homem razoável. Em alguém que é como eles. Alguém que...

-Alguém que não tem uma esposa horrível - disse Jane. E sua voz soava rouca.

-Sim - sussurrou ele. E quando viu seus olhos brilharem, negou com a cabeça - Não, não me referia a isso. Eu só estou dizendo o que todo mundo acharia.

Ela se levantou.

-Parece-me bem, por que... - deteve-se, mordeu o lábio inferior e negou com a cabeça-. Não, esqueça. Acabaram de te dizer que sua tia morreu. Não precisa que eu aumente sua dor.

-Diga - replicou ele -. Economize-me de sua compaixão.

Ela levantou o queixo.

-É bom que não queira uma esposa feia - disse ela - porque eu quero um marido que tenha um pouco de coragem.

Aquilo doeu em Oliver. Não tinha que escolher entre a aceitação de Jane, entre um salão de baile cheio de amizades felizes e aquele caminho escuro

a sós com Jane. Tinha que escolher entre um caminho escuro e solitário com ela e um sem ela.

-Você não foi a Eton - disse - Não foi a Cambridge. Não passou anos se convertendo em uma pessoa que pudesse se encaixar na sociedade para poder deixar sua marca nela. Não me diga que isso não requer coragem. Não me diga isso - a cada palavra que pronunciava elevava mais a voz - Não me diga que não era a coragem que me empurrava a voltar uma e outra vez depois de cada tentativa deles de me expulsar dali. É preciso coragem para ser eu, maldição.

Jane o olhou. Tinha a sensação de ver através dele.

-De verdade, Oliver? - colocou uma mão no quadril – Precisava de coragem para se afastar de Clemons e deixar que os outros meninos fizessem o que fizeram? Precisou de coragem para considerar a oferta de Bradenton para me humilhar? Vá! A coragem já não é o que era.

Aquelas palavras eram como lanças no estômago dele. Mas o pior de tudo era que ela via que suas mãos tremiam e tinha os olhos arregalados e cheios de dor. Se ela o havia ferido, ele também o tinha feito a ela. E nem sequer podia dizer que não tinha sido sua intenção.

-Isso me pareceu - Ela virou as costas - Vou mandar alguém para pegar minhas coisas – E passou na frente dele.

Oliver queria impedi-la, dizer que não fosse embora. Agarrar o braço dela ao passar. Fazer algo.

Não fez nada. Ela saiu e ele não a deteve. Deixou passar o momento, o último momento que tinha para desculpar-se e salvar tudo, e nem sequer sabia se aquilo era coragem ou covardia.

O FUNERAL DE FREDDY FOI UM ASSUNTO ÍNTIMO. Não havia muita gente que tivesse conhecido à tia de Oliver, só o menino que lhe levava as compras, algumas mulheres que a visitavam e sua família.

As irmãs de Oliver sim tinham ido. Laura com seu marido e com a sobrinha menor de Oliver, um bebê que chorou durante a cerimônia; e Patrícia com seu marido e seus filhos gêmeos. Free também tinha ido. Esteve muito tempo ao lado do caixão de sua tia, olhando-a sem dizer nada. Passou uma mão pela beirada e chorou em silêncio.

Para Oliver parecia errado que sua tia estivesse exposta em uma igreja. Não teria gostado nada de se ver em um lugar estranho. Teria odiado os olhares das pessoas, embora fossem os olhares das poucas pessoas que a conheciam. Freddy possivelmente foi à única pessoa que suspirasse de alívio ao pensar em

ser enterrada a seis pés clandestinamente em um caixão estreito. Quando terminaram de encher a tumba de terra, Oliver pôs em cima as flores que levava.

-Aqui está – murmurou - Agora ninguém a incomodará.

Depois do enterro se retiraram para o pequeno apartamento de Freddy com o advogado dessa. Oliver tinha passado ali todos os Natais que recordava. Tinha sido uma tradição nascida da necessidade. Sua mãe não queria que Freddy estivesse sozinha no Natal e esta se negava a deixar sua casa para ir a New Shaling. Portanto, toda a família tinha ido ali, inclusive quando a casa começou a ficar muito pequenas para abrigá-los.

Naquele momento era uma pequena multidão, tantos que não havia cadeiras para todos. Oliver e suas irmãs, seus sobrinhos, seus pais... Seu pai estava de pé ao lado de uma parede. Reuven se sentou no chão com seus filhos.

Foi uma surpresa para todos que Freddy tivesse um advogado. Para Oliver também foi que tivesse feito um testamento. Freddy não tinha muito que legar e quase parecia cruel ter que escutar como tinha disposto de seus poucos pertences.

-Este testamento é da semana passada - disse o advogado. Tirou vários papéis. Aparentemente, o testamento era muito maior do que Oliver teria imaginado dadas as circunstâncias.

Mas, por outra parte, tratava-se de Freddy. O comprido testamento fez com que todos se entreolhassem, sem saber muito bem se seria aceitável sorrir tão cedo depois do enterro. Suas palavras eram tão próprias dela, que quase parecia que estava presente. Tinha empregado uma página inteira em contar o que esperava de cada um deles, do legado que lhes faria e as expectativas que tinha.

E a seguir o advogado pigarreou e começou a ler a herança.

Freddy deixava umas poucas joias de família e uma miniatura de sua mãe a Serena Marshall, sua irmã.

-"Para Oliver, meu sobrinho. Deixaria uma parte de meus bens materiais, mas acredito que não vá precisar. Em vez disso, deixo os poucos patchwork que costurei ao longo dos anos e guardei para mim. São muito melhores que qualquer coisa do que possa comprar hoje em dia nas lojas e não tem nenhum ponto feito a máquina. Lhe abrigarão bem. À medida que envelhecer, descobrirá que é mais vulnerável às correntes".

Oliver sentiu um nó na garganta. Freddy tinha dedicado tanto tempo e tanta energia a seus patchwork, que aquilo era como receber uma parte dela como lembrança.

-"A Laura e Patrícia deixo o resto do dinheiro que herdei quando menina, a dividir em partes iguais entre as duas. Também lhes dou todos os bens

restantes que fiquem na casa para que os dividam como lhes parecer melhor. Recomendo especialmente o seguinte: minha faca de podar, que nunca tive que afiá-la; o guarda-roupa que usei estas últimas décadas e a porcelana da China ".

Laura olhou para Patrícia por cima dos braços de seu marido.

-Isso não pode ser correto – disse - Imagino que Freddy não tinha muito em suas contas, mas isto termina com suas posses sem...

Ambas olharam para Free, que estava sentada em sua cadeira com a cabeça baixa. O coração de Oliver se apertou por ela. Também por Freddy. Pela discussão que tinham tido e que nunca tinham arrumado, a que lhe tinha feito tirar a sua sobrinha predileta do testamento.

-Discutimos - murmurou Free - E eu não quero... Não se trata disso.

Não. Não era pelas posses. Era por saber que não a tinha perdoado.

-Não - respondeu Patrícia - É muito simples. Dividiremos tudo em três partes. Estou segura de que tia Freddy queria isso. De que neste momento gostaria de ter feito isso.

O advogado ajustou os óculos e olhou às duas mulheres.

-Mas há um legado para a senhorita Frederica Marshall.

Todos levantaram os olhos para ele. Laura encolheu os ombros como se dissesse: "Não tenho nem ideia de que mais pode haver".

- "Finalmente, chegamos a Frederica Marshall, minha afilhada, sobrinha, xará e açoite de minha existência. Suponho que todos recordem que há vários anos teve a presunção de insistir em que colocasse os pés fora deste apartamento, saísse ao mundo e tivesse uma aventura embora fosse tão corriqueiro como comprar uma maçã. Quando ela partiu, tentei fazer o que dizia".

Free soltou o ar de repente. Sua respiração se parecia com um soluço.

- "Descobri que era incapaz de sair" - leu o advogado - "Por alguma razão, não conseguia cruzar a porta. Mas fiz o que pude para compensar isso, por esse motivo, deixei de ganhar grandes aventuras e o conteúdo de meu baú à senhorita Frederica Marshall. Suspeito que ela lhes dará melhor uso do que eu lhes dei ".

Free levantou o olhar.

-Lucros? – perguntou - De que lucros falas?

-Os lucros da senhorita Barton - respondeu o advogado - Os direitos autorais dos vinte e cinco livros publicados até a data, sem contar os quatro que estão em processo de ser publicados.

Frederica piscou.

-Vinte e cinco livros? - repetiu.

Oliver sentiu uma pontada de dor repentina. Sabia que autora tinha escrito vinte e cinco livros, um após o outro, em rápida sucessão. Em janeiro

tinham sido só vinte e três, mas... Sua irmã se aproximou do baú de sua tia e abriu a tampa. Colocou a mão dentro.

Havia pilhas de papéis escritos com a letra apertada de sua tia. Tomou um e o depositou na mesa.

Oliver sabia, estava seguro de que sabia, o que veria naquelas páginas.

-"A senhora Larriger e a brigada de Gales" - leu Free. Tomou outro molho -. "A senhora Larriger e a condessa francesa. A senhora Larriger viaja para Irlanda" – ela perdeu a voz-. Quem é a senhora Larriger?

Oliver sabia. Se sua irmã buscasse mais entre os papéis, veria que a senhora Larriger viajava a China, a Índia e a todos os mares do mundo. Lembrava-se de ter zombado desses livros com Jane, haver dito que estava claro que sua autora não tinha viajado além de Portsmouth.

Errou. A autora não tinha ido tão longe. Tinha passado a maior parte de sua vida em pouco mais de cem pés quadrados. E tinha tido tantas aventuras dentro de si que estas tinham saído dela assim que as tinha deixado soltas. Era quase impossível absorver a enormidade do segredo de sua tia Freddy. A senhora Larriger tinha percorrido o mundo, tinha fumado cachimbos da paz com os índios, feito amigas de um bando de pinguins, tinha sido capturada por uns baleeiros e tinha conseguido liberar-se.

E enquanto, Freddy estava sentada em uma sala pequena, olhando a porta e confiando que no dia seguinte fosse capaz de sair.

Possivelmente tinha conseguido.

ERA UMA PEQUENA LISTA.

Jane tinha procurado uma folha de papel grande, de um papel bonito cor creme, e se assegurou de que o tinteiro estivesse cheio.

Sua intenção tinha sido encher páginas inteiras com seus planos. Mas no final, a lista que tinha conseguido escrever era pequena.

A tinha titulado: O que farei a seguir.

Na lista faltava uma coisa. Jane não tinha nenhuma intenção de passar por mais uma rodada dolorosa de vida social, de se colocar em posição para ser julgada e não passar no exame. As danças, noitadas e festas soavam bem em teoria, mas na realidade eram exaustivos e dilacerantes. E ela queria coisas simples.

Fazer boas obras.

Fazer mais amigas.

Conservar com as amigas que tinha.

Depois de pensar um momento, acrescentou outra linha.

Demonstrar a Oliver que estava errado.

Isso também devia estar em sua lista. Em quarto lugar, porque não merecia um lugar mais importante em sua vida futura, mas sim estar em sua lista. No momento...

Ainda doía. E doeu que doesse. Tinha passado á tarde com sua irmã, planejando os detalhes do casamento. Tinha sorrido tanto que teve a sensação de que ia quebrar a boca pelo esforço.

Doía.

Mas apesar da dor, havia também clareza. Estava feliz por tê-lo conhecido e de ter quebrado com a pessoa que era antes. Com aquela fachada que tinha tentado usar e que quase tinha conseguido dominar. Não estava disposta a interpretar mais, e menos que pedisse um homem que dizia amá-la.

Oliver lhe tinha feito sofrer, mas ela faria que essa dor fosse como todas as outras que tinha recebido: um simples ato de confiança.

Ela estava prestes a começar uma vida melhor e sabia como devia fazê-lo: com amizade.

Deixou de lado a lista e pegou outra folha de papel.

Queridas Genevieve e Geraldine, A última vez que nos escrevemos, vocês estavam em Londres e eu em Nottingham. As circunstâncias mudaram e agora estou em Londres. Eu gostaria que pudéssemos renovar nossa amizade...

CAPÍTULO 29



OLIVER CONTINUAVA ATURDIDO QUANDO RETORNOU à mansão Clermont. Aceitou as condolências de seu irmão e se retirou a seus aposentos.

Tinha comprado um livro há muitos meses atrás com intenção de lê-lo então, mas tinha acontecido outras coisas. O livro tinha acabado no fundo do baú e, desde sua volta de Cambridge, estava em sua estante. Ele estava lendo as lombadas dos livros até que o encontrou.

A senhora Larriger sai de casa.

As páginas ainda estavam novas e o couro da encadernação ainda não tinha rachado. Abriu o livro com um nó na garganta. Aquelas palavras, aqueles pensamentos, eram de Freddy. E ele os tinha comprado sem saber. A tinha conhecido muito pouco. Passou as páginas até o capítulo um.

Os primeiros cinquenta e oito anos de sua vida, a senhora Laura Larriger viveu em Portsmouth, com vista para o porto. Nunca se perguntou aonde iam os navios, e só se interessava por sua volta quando algum deles trazia o seu marido de volta de uma de suas viagens comerciais. Nunca teve motivos para se interessar.

Oliver engoliu em seco. Se perguntou o que sua tia teria visto dessa sua janela. Com o que teria sonhado, o que teria desejado.

Um dia, a senhora Larriger estava sentada em seu salão. Mas as paredes pareciam mais grossas e o ar mais denso. Durante quase sessenta anos, não tinha sentido curiosidade pelo mundo que havia além de sua porta, mas naquele momento o ar do outro lado das paredes parecia chamá-la. "Vem", sussurrava. "Saia".

Aquilo era algo que Freddy teria compreendido bem. Possivelmente por isso essa passagem parecia tão autêntica.

Respirou fundo. Preparou uma bolsa de viagem. E depois, com um grande esforço, com o esforço de uma mulher que arrancava da raiz tudo o que tinha conhecido em sua vida, a senhora Larriger colocou um pé fora da porta e saiu ao sol quente de maio.

Oliver fechou os olhos e pensou em sua tia colocando um pé fora da porta e tendo palpitações. Lembrou-se dela dizendo que estava tentando e algum dia conseguiria. Que iria ao parque e daria um bom passeio...

Confiou que tivesse conseguido fazê-lo antes de morrer. Mas já não se tratava só disso. O que Freddy não tinha podido fazer de um modo, tinha conseguido fazer de outro. Aquela solteirona amargurada que criticava e exortava tinha obtido...

Ela tinha conseguido que milhares de pessoas sonhassem com aventuras. Fez mais do que ninguém poderia ter imaginado. A mulher que o advertiu contra as correntes em seu testamento tinha sido mais valente do que qualquer um esperava.

Oliver recordou a última vez que a tinha visto. "Sua mãe pegou as brasas", havia lhe dito. "Mas você é como eu". Em seu momento, Oliver tinha rido disso. Sua tia nunca saía de casa e ele tinha uma carreira interessante e variada. Freddy lhe advertia continuamente contra qualquer alteração em sua rotina, por pequena que fosse. Oliver fazia coisas novas. Ele não era como ela.

"Lembrou-se da dor e se encolheu".

Ele não se encolhia. Não tinha medo. Ou sim?

De sair à rua não. Mas...

Fechou os olhos e respirou fundo. Se encolhia de medo de muitas outras coisas.

De Jane, por exemplo. Quando a tinha conhecido, apenas podia olhá-la. Ela violava os preceitos da boa sociedade e ele se encolheu quando a viu. Jane também era uma das pessoas que seguravam carvão em brasa.

Mas Freddy tinha razão. Em outro tempo, Oliver também tinha sido assim. A sua chegada a Eton, por exemplo. Os primeiros anos insistia em se fazer valer. Proclamava em voz alta que valia tanto como qualquer outro menino e estava disposto a lutar para demonstrar. O que tinha mudado e quando tinha começado a falhar?

As paredes pareciam mais grossas e o ar mais denso. Oliver quase podia sentir como se fechavam em torno dele as paredes que ele tinha construído na sua vida. Ele tinha feito isso silenciosamente, não se deu conta de que estavam ali. Mas se estendesse a mão, ali estavam. Freddy havia dito para Free que passasse mais tempo em casa e usasse chapéu. E Oliver fazia o mesmo. Tinha visto sua irmã com a cara brilhante no Hyde Park e rodeada por cem mulheres e, em vez de sentir-se orgulhoso de sua realização ou feliz pelo que tinha feito, tinha sentido cansaço e tinha tentado dissuadi-la de ir a Cambridge.

O cansaço que sentia era velho. Era o cansaço de um cão velho que vê jogar os filhotes que encontraram ao sol de verão. Como se a exuberância fosse propriedade exclusiva da juventude. Recordava vagamente dessa sensação. Os dias que insistia repetidas que ele era tão bom como o que o viam, os dias em que insistia que iria ser forte e teriam que ser os outros a se curvarem.

Passou uma página do livro, mas as palavras acabaram embaçadas.

A pergunta que se fazia não era a correta. Em outros tempos tinha sido como Free, sem vontade de recuar ou a aceitar um não como resposta. A questão não foi quando as coisas tinham mudado. A questão era quando tinha decidido aceitar as regras da sociedade, jogar com as normas que tinham criado os que já tinham o poder.

Havia sido em Eton.

Quando finalmente tinha aprendido a manter a boca fechada. Quando descobriu que podia obter mais por manter o silêncio e esperando seu momento para atacar com gritos e golpes.

Havia falado para Jane que tinha feito carreira de silêncio. Mas o silêncio deixava de ser útil em certo momento. Se nunca aprendeu a falar, do que serviria alcançar o poder? Só para que tudo fosse igual?

Com um grande esforço, com o esforço de uma mulher que arrancava da raiz tudo o que tinha conhecido em sua vida, a senhora Larriger pôs um pé fora da porta e saiu ao sol quente de maio.

Oliver demorou um momento para recordar seu antigo ser, a pessoa que tinha considerado imatura, o moço que tinha deixado de lado ao tornar-se adulto. Até esse momento jamais tinha pensado que se envergonharia de suas origens. E, entretanto...

Por que tinha adotado para si as regras que tinha odiado tanto? Ele tinha pessoas que o chamavam de bastardo. Ele tinha se enfurecido quando lhe disseram que nunca chegaria a nada, que seu pai não era nada. Como ele podia pensar agora em dizer á mulher que amava que ela não era nada, que era horrível?

Ele havia começado a se interessar novamente em se tornar no tipo de pessoa que podia mudar coisas em si. Afastou-se de Jane e, ao fazê-lo, havia lhe dito tudo que outros lhe tinham jogado na cara: que agia mau, que era horrível.

Não era só desejo físico o que sentia por ela. A amava. Amava tudo nela, da ferocidade de sua devoção por sua irmã até o modo como encolhia os ombros quando se encontrava cavalgando um cavalo com ele. Amava seu sorriso. Amava o modo como se negava a se envergonhar só porque alguém não aprovava seu comportamento.

Amava Jane e a amaria sempre.

Amava a pessoa em que ele havia se tornado. Um homem que podia impedir sequestros e entrar em casas alheias quando as circunstâncias assim exigia. Um homem que podia enfrentar Bradenton e ver nele um inimigo a ser derrotado, não a um lorde poderoso a se apaziguar.

E ele queria anulá-la porque isso era o que tinha feito a si mesmo.

Acreditava que precisava de um pardal, uma mulher de bom berço que precisasse de seu dinheiro tanto como precisava ele da boa educação dela.

De repente pôde ver sua vida com aquela mulher ainda não escolhida. Sua sempre correta esposa nunca lhe diria diretamente que seu pai era inculto e indigno. Simplesmente o daria a entender com sua altivez. Possivelmente sugeria que no próximo ano considerasse a possibilidade de que o velho senhor Marshall ficasse em sua casa durante a temporada, pois se sentiria muito mais cômodo entre os de sua classe.

Essa esposa teria filhos com ele e os educaria para serem pessoas caladas e educadas, iguais a ela, um pouco envergonhados das origens de seu pai.

"Sim", imaginou que diria um deles, "possivelmente houve esse defeito por parte de sua mãe, mas pelo menos nosso avô era um duque. Isso tem que contar para algo".

Nunca falariam de sua tia Free. Muito corajosa, muito direta, muito tudo. Até Patrícia, casada com um judeu, ou Laura, que tinha uma mercearia, seriam suspeitas. Por fim essa esposa imaginária que Oliver acabaria por sugerir que possivelmente seriam todos mais felizes se fingissem que a família de Oliver não existia.

Jane tinha razão. Tinha mudado sua coragem por sua ambição.

E não se emendava isso, se não aprendesse a reprimir as lembranças da dor e estender a mão para agarrar o que a vida colocava diante dele, ficaria trancado por sua vida nas correntes de seu próprio silêncio. Já tinha deixado acontecer muitas coisas: Jane, sua irmã, inclusive aquela vez com Bradenton. Tinha deixado que fosse Jane a falar. Nem sequer havia dito a Bradenton na cara que o achava asqueroso.

Nesse aspecto, ao menos uma coisa estava clara. Oliver ficou de pé. Ainda não sabia como consertar as coisas com Jane, mas Bradenton...

Bradenton lhe devia um voto e Oliver ia cobrar.

Deixou o livro e pegou o terno. Desceu ao vestibulo.

E com um grande esforço, com o esforço de um homem que arrancava da raiz tudo o que tinha feito de si mesmo, Oliver saiu ao sol quente de maio.

MEIA HORA DEPOIS, OLIVER ENTROU no estúdio do marquês de Bradenton, que parecia extremamente irritado e balançava a cabeça dando golpes na mesa com o cartão de Oliver.

-Estive a ponto de não receber você - disse.

-É obvio - respondeu Oliver - Mas venceu a curiosidade.

-Mas logo recordei que o Parlamento votará logo e quero trabalhar em um discurso sobre fazendeiros e governantes. E pensei que precisava estudar o material de minha fonte.

E Bradenton acreditava que aquilo era ofensivo?

-Guarde suas insinuações - disse Oliver - E seus sarcasmos. Precisarás desse fôlego para votar pela ampliação do voto.

Bradenton se pôs a rir.

-Não pode estar falando a sério. Depois do que me fez, acredita que vai ganhar meu voto?

-É obvio que não - respondeu Oliver - Como poderia ganhar seu voto? Você é um marquês e eu sou só um homem entre cem. Um homem entre mil - sorriu e tamborilou com os dedos na mesa - Ou melhor dizendo um homem entre cem mil.

Bradenton franziu a testa.

-Cem mil?

-Mais do que isso, em verdade. Foi ao Hayde Park há algumas semanas? Eu sim. Havia uma alegria contagiante, uma exuberância no ar. O povo se reuniu e o povo ganhou. Li no Jornal as estimativas sobre as pessoas que podia haver e sim, eu diria que eram ao menos esses. Cem mil.

Bradenton se moveu incômodo em sua cadeira.

-É justo o que disse - continuou Oliver - Há um como você e cem mil como eu. Você parece achar isso reconfortante, mas não sei por que – sorriu - depois de tudo, as probabilidades estão contra você.

-Os protestos das “gentinhas” não me afetam - disse Bradenton. Mas não olhava Oliver nos olhos - Tenho uma cadeira na Câmara dos Lordes por nascimento. Não tenho que me inclinar ante o que deseja as pessoas comuns.

-Então não se importará que os titulares digam que a Ata da Reforma foi bloqueada de novo, e dessa vez por uma margem que incluía o marquês de Bradenton.

Bradenton arregalou os olhos e respirou com força. Um momento depois negou com a cabeça com veemência.

-Eu não seria o único.

-Não. Mas pensa como seria bom ter seu nome em uma manchete. Bradenton bloqueia lei. É quase uma repetição.

O marquês apertou os punhos.

-Basta, Marshall. Isso não tem graça.

-É obvio que não. Não lhe afetam os protestos da ”gentinha”. Quando se concentrarem diante de sua casa em números difíceis de contar, irão rir de sua cara.

-Silêncio, Marshall - grunhiu Bradenton – Silêncio.

-Sim, isso é bom. Diga-lhes quando estiverem gritando. "Silêncio". Pode ser que funcione. Ou melhor, eles te obedecem. Ou possivelmente deixem de falar e comecem a atirar pedras. Sabia que tocaram o hino da França perto do final da manifestação?

-Cale-se! A polícia colocará todos na prisão.

-Eu vi a polícia no dia da concentração da Liga pela Reforma. Vi dois agentes. Com seus uniformes azuis, seguros de que formavam uma boa barricada diante de sua casa, ameaçando com os cassetetes cem mil pessoas. Possivelmente poderiam parar uma carga por uma fração de segundos.

-Cale-se!

-Não - murmurou Oliver - Tem razão. Não durariam muito. Porque mais da metade da polícia não podem votar.

Houve um silêncio. Bradenton respirava pesadamente.

-Então você vê Bradenton, você vai votar para ampliar o sufrágio. Porque nós somos milhares e você um e já não estamos calados.

-Silêncio! - repetiu Bradenton. Mas as mãos tremiam e sua voz era fraca.

-Não - respondeu Oliver – É isso. Você teve um longo tempo para me silenciar. Para me fazer seguir suas normas. Cansei do silêncio. Agora é a sua vez.

CAPÍTULO 30



-QUERO ALGO GRANDE - JANE ESTAVA SENTADA no sofá do salão, parte do quarto que tinha alugado em Londres. Genevieve estava ao seu lado - Algo gigantesco. Tão chamativo e tão impossível de ignorar como meus vestidos. Mas dessa vez quero que tenha um propósito.

-Tem algo em mente? - perguntou Genevieve -. E o que tem isso a ver comigo?

Jane engoliu em seco.

-Uma vez me disse que você gostaria de ter um marido só para gastar seu dinheiro em obras de caridade. O que acha de fazer isso com o meu?

Genevieve piscou.

-OH, Meu Deus! Conte-me mais.

-Ofereço a você uma posição paga na Junta dos Conselheiros do Consórcio Benéfico Fairfield.

Genevieve arregalou os olhos.

-Ainda não existe - disse Jane - Mas existirá. Não quero economizar, quero gastar. Fazer coisas.

-Que tipo de coisas?

Jane encolheu os ombros.

-Sempre quis um hospital. Ou uma escola. Ou possivelmente um hospital e uma escola tudo em um, que dite padrões ao resto do país. Assim poderemos parar aos enganadores que fazem experimentos médicos com pobres inocentes. Para começar.

Os olhos de Genevieve brilhavam.

-Um hospital beneficente – disse - com fama de progressos significativo. Um hospital que as pessoas briguem por patrocinar, pra fazer parte dele. OH, vou tomar notas.

-Pedirei papel - mas assim que Jane pegou o papel para anotar, a porta se abriu.

-Senhorita Fairfield - disse o jovem - Tem visita.

-Quem é? - perguntou ela.

Mas soube imediatamente. Viu uma figura atrás do empregado. Seu coração parou e voltou a pulsar com tanta força que parecia que ia se partir em pedaços em seu peito. Jane se levantou apertando as mãos e Oliver saiu da

sombra do corredor. Seus óculos brilhavam com o sol da tarde. Seu cabelo parecia feito de fogo. Mas não foi seu rosto que atraiu a atenção dela, nem tampouco o olhar direto e exigente de seus olhos.

Entrou no salão e ela notou de repente que não podia respirar.

-Oliver - conseguiu dizer. Mas não pôde dizer mais nada.

-Jane.

-O que...? - ela engoliu em seco, alisou a saia e balançou a cabeça - Oliver – repetiu - Pode-se saber que cor é esse de seu colete?

Ele sorriu. Não, sorrir era pouco. A expressão de sua cara era como um raio de sol depois de sair de uma caverna escura: Ofuscante.

-Sabe que no caminho para cá três homens conhecidos meus me pararam e todos me fizeram a mesma pergunta?

Ela balançou a cabeça.

-E o que você disse?

-O que você acha? - ele voltou a sorrir – Eu lhes disse que era fucsina.

-E o que eles disseram? - Jane falava em voz baixa, seu coração pulsava com rapidez.

-Eles me acharam de completamente liberador - disse Ele - Como se acabasse de fazer uma declaração - olhava-a aos olhos, totalmente concentrado nela.

-Quanto de liberador você se sentiu exatamente? - Jane quase não reconhecia sua própria voz.

-Jane, você não é uma praga. Não é uma doença. Não é nenhum veneno. É uma mulher linda, brilhante e corajosa, a melhor que eu já conheci. Eu nunca deveria insinuar que não era adequada. O defeito estava em mim. Acreditava que não era bastante forte para estar ao seu lado.

Jane não queria chorar. Nem queria abraçá-lo nem voltar a recebê-lo em sua vida sem questionar nada só porque ele sentia falta dela. Tinha-lhe feito muito mal.

Oliver deu outro passo à frente e cravou um joelho no chão.

-Jane, quer me fazer á honra de ser minha esposa?

Ela não sabia o que pensar. Tudo aquilo era confuso. Balançou a cabeça e pensou na única coisa que entendia.

-E sua carreira – disse - O que vai acontecer á sua carreira?

-Eu quero uma carreira - ele engolindo em seco - Mas não essa. Não uma carreira em que tenho que morder a língua quando outros homens brigam com as mulheres por estarem usando muita renda. Ou ficar em silêncio quando levarem a minha irmã menor diante de um magistrado por falar muito alto. Ou onde o preço de meu poder seja calar sobre as coisas que mais valorizo -

inclinou a cabeça - Não quero que mude o que é nem ser menos que você. Não te pedirei que mude por mim porque me dei conta de que preciso de você assim como é.

Jane levou uma mão à boca.

-Não preciso de uma esposa calada. Preciso de você. Uma mulher corajosa. Alguém que não me deixe fugir de mim mesmo e que me diga claramente quando errei.

Ela não sabia o que dizer.

-Precisava que você me tirasse do maior engano de minha vida. Que me fizesse reconhecer meus medos, colocar a mão no fogo e agarrar os carvões em brasa.

Sua voz era rouca.

-Preciso de você, Jane. E te amo muito mais do que posso expressar.

Genevieve fez um ruído atrás de Jane.

-Acredito que devo me ausentar - disse.

Oliver piscou.

-Oh, céus! Senhorita Johnson, não a tinha visto.

Genevieve sorriu.

-Eu notei - olhou para Jane-. Voltarei mais tarde com os papéis e as ideias – Disse e saiu do quarto.

Oliver olhou para Jane. E se sentou no chão.

-Há algo mais que tenho que te dizer.

Ela assentiu.

-Você estava certa sobre minha coragem. Sei onde a perdi - respirou fundo - Tinha dezessete anos. Meu irmão estava um curso na minha frente. Foi para Cambridge e eu fiquei sozinho em Eton no último curso. Pensava que não importava, mas estava equivocado.

Fechou os olhos.

-Havia um professor que ensinava grego e decidiu me ensinar algo mais que isso. Sempre que ouvia que eu tinha elevado a voz e protestado por algo, me tirava de sua classe. Pedia-me que traduzisse diante de todo mundo textos que nenhum de nós tínhamos visto antes. E quando errava, dizia a todos que eu era um tolo. Dizia-lhes que era estúpido e estava errado.

Oliver cruzou os braços.

-Eu podia lutar com os outros meninos, mas com um professor que abusava de seu poder? Não havia nada a fazer. As coisas pioraram a medida que avançava o curso. Os castigos deixaram de ser só humilhações. Eu não fui o único menino que sofreu castigos corporais em Eton e ele jamais passou além do limite. Mas quando acontecia todos os dias, cada vez que falava...

Jane se aproximou dele e se sentou devagar no chão a seu lado.

-Tudo é suportável quando se pode lutar, mas se você tiver que ficar quieto e parado... Você quebra o espírito de um modo que não é capaz de explicar - respirou fundo - À medida que ficava mais calado, inventava uma desculpa atrás da outra pelo meu silêncio. Empurravam-me. Obrigavam-me. Era temporário. Pararia quando saísse dali. Mas no fundo sempre soube a verdade: não era bastante corajoso para continuar falando. Aprendi a me calar tão bem que depois não conseguia desaprendê-lo.

-Meu Deus, Oliver!

-Não parece grande coisa. Mas uma experiência assim te treina a se sentir mal quando abre a boca, a se conter.

Jane pôs uma mão no ombro e ele se voltou para olhá-la.

-Não quero que sinta pena de mim – disse - Quero que saiba o quanto te amo e te admiro. Porque tentaram fazer isso com você também e não conseguiram.

Ela sorriu.

-Comigo não começaram até que tinha dezenove anos. Tive mais tempo para endurecer.

-A última vez que pedi que se casasse comigo pedi a você para mudar - Oliver respirou profundamente - Dessa vez posso fazer melhor. Deixe-me ser seu apoio, que acredita que não deve ser menos do que você é. Que contribua a sua magnificência em vez de pedir a você que a perca.

Jane lhe acariciou as costas.

-Acredito que me deve uma desculpa melhor.

Ele a olhou.

-Sinto muito, fui um imbecil.

Ela colocou os dedos na boca.

-Não falei que tivesse que ser com palavras.

Oliver demorou um momento para compreender. Um sorriso se estendeu por seu rosto. Abraçou-a. Estendeu o braço e lhe tocou a bochecha.

-Jane - disse com suavidade -. Eu te amo –levantou o queixo dela – Te amo - baixou a cabeça até que seus lábios ficaram tão juntos que suas bocas se tocariam se falasse - E não voltarei a falhar com você nunca mais.

Esse sussurro juntou os lábios de ambos. E Oliver a beijou longamente, com um beijo doce que ela não queria que acabasse.

-Muito bem - sussurrou Jane.

-Muito bem o que?

-Isso - Jane se achegou mais a ele - Te perdoar, te amar - levantou a cabeça para receber outro beijo - Me casar com você.

Oliver a estreitou contra si.

-Estou feliz.

EPÍLOGO



Seis anos depois.

Oliver OLHAVA A FOTO DA CASA na parede. Essa noite havia bastante gente em seu salão principal, não sabia quantas. Tinha deixado de contar quando chegou a duzentos.

Às vezes parecia estranho pensar que tinha um salão principal. Jane e ele tinham comprado a casa ao se casar e às vezes ainda lhe parecia estranho ter uma casa em que cabia a casa inteira em que tinha crescido. Era uma casa bonita, com uma grande janela na parte dianteira que dava para um parque. Através da praça se via vagamente o brilho de luzes das janelas de outras casas.

A janela era, de fato, a mais bonita da casa. Jane estava diante dela e era o centro das atenções.

Seu vestido desse dia era extraordinário. De seda com listras verdes e roxas. Brocado dourado, talvez um pouco exagerado para os gostos da moda. Rubis pesado no pescoço.

As pessoas já tinham deixado de se questionar. Ela já havia se acostumado a isso e seu traje não despertava mais que certa curiosidade. Ela era muito importante para menosprezá-la.

Afinal, naquele evento especial, uma noite musical benéfica para o Hospital Juvenil, o marido da protagonista era ele.

Jane conversava animadamente com um barão, que lhe apresentou ao homem com barba que estava a seu lado, um de seus jovens protegidos, um homem que, se Oliver se lembrava corretamente, ela tinha pago a escola de medicina. Agora escrevia sobre ética médica.

-Marshall - disse uma voz.

Oliver se voltou. Era o honorável Bertie Pague, um de seus colegas no Parlamento.

-Pague - Oliver o saudou com uma inclinação de cabeça.

-Bom discurso o de hoje - disse o homem.

Oliver sorriu.

-Muito enérgico para meu gosto, mas convincente.

-Você sempre diz isso - comentou Oliver - Se fosse uma repreensão suave, já teria deixado de funcionar.

-Não, não - o outro homem se voltou e estendeu os braços - Quando anunciou que estava se casando com ela, pensei que seria um erro. Um grave erro. Ela era...

-Ela é... - corrigiu Oliver.

-Muito estridente - disse Pague - Muito resplandecente. Esse vestido que usa não tem nada de sutileza. Nunca houve nada de sutil nela. E, entretanto...

-É por isso precisamente que me casei com ela. E é melhor você chegar logo a esse "entretanto" porque está falando de minha esposa.

-E, entretanto, seu hospital já atraiu algumas das mentes mais brilhantes da nação. O simpósio que patrocinou sobre ética médica produziu um efeito extraordinário no mundo. As pessoas prestam atenção.

Oliver sorriu.

-E você ganhou o respeito como marido dele.

Ao final tinha sido fácil atrair atenção para sua campanha parlamentar. Jane já tinha captado o interesse de todos com seus planos. Não importava o vestido que vestisse eles sempre se encaixavam com sua personalidade. Tinha fascinado a todo mundo, e assim que começou a obter coisas, foi ganhando também seu respeito.

-Como sabia? - perguntou o colega de Oliver.

Esse encolheu os ombros.

-Já a tinha visto em ação. Sabia o que podia fazer. Mas vamos. Chega disso. Quero apresentar você a alguém.

Fez as apresentações. Estreitaram-se as mãos. Oliver considerou que tinha feito bem seu trabalho e deixou sua taça em uma mesa próxima. Cruzou a sala. Ninguém, além dele, notava que o ventre de Jane crescia sob seu vestido. Em mais alguns meses seria evidente que esperavam seu segundo filho, mas no momento...

Caminhou para ela. Que adorável era! Estava de costas para ele e mostrava o pescoço, adornado essa noite com ouro e diamantes. A curva da cintura pedia a gritos que a tocassem. Falava animadamente com as pessoas que a rodeavam.

-Toda essa teoria tem que ter repercussões – disse - É muito bom dizer que os médicos deveriam atuar em interesse de seus pacientes, mas e se não o fizerem? Quem decide o que acontece em seguida? É isso que eu quero que considerem. E depois falaremos com o Parlamento.

-Falando do rei de Roma... - disse o doutor que havia a seu lado.

Jane se voltou.

-Oh, é você - sorriu para Oliver como sorri uma mulher que está em seu elemento e pegou a mão - trouxe Bertie Pague? Quero apresenta-lo a Anjan. Emily disse que está querendo se unir a você no Parlamento.

-Sei. Falei com ele antes - Oliver assinalou o outro lado da sala, onde seu colega falava com seu cunhado. Emily sorria ao lado de seu marido.

-É eficiente - disse Jane.

-Às vezes.

Jane estava emoldurada pela janela. Possivelmente as pessoas achassem a decoração do salão um pouco estranha. Afinal, havia uma pequena coleção de plantas em uma mesa ao lado da janela: seis ao total. Um cacto por cada aniversário que tinham celebrado juntos, além dos que Jane tinha trazido para o casamento. Para seu décimo aniversário, Oliver iria tentar lhe dar de presente um cacto saguaro. Mas no momento...

-Vim ver se está cansada - disse Oliver -. Depois de tanto trabalho, acho que quando terminar precisará de um descanso.

Os primeiros meses de gravidez tinha estado esgotada. Tinha precisado descansar e fazer massagens nas costas e Oliver às tinha dado encantado.

-Nem sequer estou cansada - respondeu ela - Mas sim, quando tivermos terminado, Estarei.

Olhou-o nos olhos e viu o sorriso dele. Oliver lhe acariciou os dedos da mão com seu polegar.

Ela respondeu com um sorriso próprio.

-Agora que mencionou – murmurou - Acredito que estarei cansada depois disso e acho que precisarei de ajuda para chegar lá em cima.

O dedo indicador dele riscou uma linha pela lateral da mão dela.

-Sim - respondeu Oliver - Isso eu posso fazer - inclinou-se e lhe beijou o rosto - Até então...

Primeiro Capítulo: A Conspiração da Condessa

Cambridge, maio de 1867.

VIOLET WATERFIELD, A CONDESSA DE CAMBURY, sempre se sentiu muito confortável entre a multidão.

Outras mulheres de sua posição podiam desprezar sentar-se em um auditório cotovelo com cotovelo com qualquer pessoa da rua sem que nada a distinguisse do velho amigo que se sentava a sua esquerda ou do homem mais velho, que sem dúvida vivia com uma pensão magra, sentado a sua direita. Outras mulheres podiam murmurar entre elas sobre o aroma que desprendia de uma multidão compactada.

Mas Violet conseguia desaparecer em uma multidão. O aroma de fumaça de cachimbo e a corpos sujo significava que ninguém notaria nela. Ninguém a olhava procurando aprovação nem queria sua opinião sobre algo estúpido que ela não se importava. Em uma multidão, Violet podia deixar de fingimentos e se permitir sua única paixão proibida: o senhor Sebastian Malheur.

Ou, para ser mais exata seu trabalho.

Sebastian era seu amigo mais antigo e esse dia era ele que falava com a multidão. Tinha uma voz profunda e um sorriso travesso, e ambas as coisas as utilizava muito bem para conseguir com que as observações científicas mais anódinas ficassem interessantes. Malvadas, inclusive. O resto dele, seu lustroso cabelo castanho, o deslumbrante sorriso que ele sempre usava, deixava corada as damas da sociedade que desejavam conhecê-lo intimamente.

Não estava interessada nem em seus atrativos nem em seus flertes. Seu trabalho, no entanto...

-Até o momento - dizia Sebastian - minhas pesquisas tem se concentrado em recursos simples, as cores das flores, as formas das folhas... detalhei vários mecanismos das diferentes heranças. O que vou apresentar hoje não é uma explicação mais clara, mais uma série de perguntas desconcertantes.

Violet tinha ouvido antes aquelas palavras. Mais de uma vez. Essa manhã as tinha repetido varias vezes, tentando manter a perfeição.

Tinha conseguido.

Ele correu o olhar pelo público e, embora não olhasse em sua direção, Violet se encontrou sorrindo em resposta. A parte interessante estava por vir.

-O desconcerto - disse Sebastian - significa que fica sempre algo para descobrir. Permitam-me dizer o que não sabemos.

Violet estava consciente de que não era a única que jogava o corpo para à frente para esperar. Sebastian era um ímã. Atraía às pessoas sem nem sequer tentar. Alguns de seus ouvintes eram jovens cientistas que o adoravam, estavam pendurados em cada palavra sua e sonhavam seguir seus passos. Outros eram seguidores de Darwin, como Huxley, que estava em um canto e observava o que acontecia com olhos vivos sob grossas sobrancelhas. Havia também muitas damas presente. Sebastian sempre tinha atraído às mulheres.

Mas havia também pessoas como as que estavam sentadas bem atrás de Violet. Não as via, mas, apesar de seus esforços para ignorá-las, estava muito consciente de sua presença. Era o pior público: pessoas que interrompiam.

-Vergonhoso - murmurou o homem sentado atrás dela bastante alto para despertar todo desinteresse de prazer de Violet - Realmente vergonhoso.

A figura que apontava Sebastian não tinha nada de vergonhoso, a menos que tivesse um ódio irracional pelos gráficos de barras. Aquele só mostrava números, números ao quais se chegou depois de uma árdua atenção aos detalhes, sempre, claro, que para Violet lhe permitisse dizer isso sem ser acusada de arrogância.

Franziu a testa, inclinou o corpo para frente e fez o possível para se concentrar em Sebastian.

-Uma vergonha absoluta - respondeu uma mulher atrás dela - Isso é o que é - sua voz, embora baixa, chegava longe. Era como uma furadeira que atravessava o crânio de Violet - Ele mostra seus métodos pagãos. É o ateu mais dissoluto que existe. Fala de reprodução e relações sexuais em publico.

-Vamos, vamos - respondeu seu companheiro - Tampe seus ouvidos com as mãos e eu avisarei quando for seguro voltar a ouvir.

Como alguém iria falar da herança dos genes sem mencionar o ato de propagação? Por acaso as pessoas deveriam manter em silêncio fatos biológicos básicos em nome da decência? E se esse casal sabia que Sebastian Malheur ia falar de temas tão odiosos, por que tinham vindo?

-Malheur certamente pensa nessas coisas o tempo todo - continuou a voz aguda da mulher - Que sujeira! Que mente tão depravada!

Violet fez o que pôde por ignorá-los e manteve um meio sorriso no rosto. Mas fervia por dentro. Não só porque Sebastian era seu amigo mais querido, mas sim porque aquelas palavras lhe pareciam um ataque direto. Como se dissessem tais coisas dela.

E de certo modo, era assim.

-Há uma razão para que todos esses supostos filósofos naturalistas sejam homens - replicou o homem - O sexo feminino é muito bom para considerar pensamentos tão repugnantes.

Violet já não aguentou mais. Virou-se e viu uma mulher com um vestido de musselina rosa sentada ao lado de um cavalheiro com um brilhante bigode. Dirigiu seu olhar mais severo.

-S! - brigou.

A mulher abriu a boca, surpreendida. Violet assentiu firmemente com a cabeça e se virou novamente.

Sebastian tinha começado a falar do primeiro quebra-cabeças.

Oh, sim. Aquele era um dos favoritos de Violet. Relaxou-se lentamente. Começou a mergulhar novamente na explicação de Sebastian, no fluxo e refluxos dos argumentos. Uma conferência bem construída era como o ronronar de um gato. Era difícil de fazer, mas era gratificante quando finalmente...

-Acredito - prosseguiu a mulher de voz de apito, como se Violet lhe tivesse pedido meio minuto de silêncio e não um respeito elementar - que deve ter assinado um contrato com o diabo. De que outro modo poderia ter um homem uma presença tão forte, se não estivesse enganando?

A concentração de Violet vacilou novamente. Pensou com saudade na sombrinha que tinha deixado no guarda-roupa, a encantadora sombrinha de cor púrpura com suas recatadas fitas e sua ponta pontiaguda. Era útil para cravar nas pessoas mal educadas e, além disso, era moderna. Sua mãe a teria aprovado.

-Ouvi dizer que tem uma mulher virtuosa todas as noites. Céus! O que farei se olhar para mim?

Violet levantou os olhos aos céus e se inclinou para frente.

No palco, Sebastian apontou para o cavalete e o jovem que o acompanhava trocou o cartão por uma figura de um gato. Violet conhecia bem o quadro.

E conhecia ainda melhor o gato.

-Esse desenho - Sebastian assinalou o gato de raias negras e ruivas – se consegue às vezes quando um gato listrado acasala com outro mais escuro.

-Santo Deus! Ele disse acasalar. Ele disse a palavra acasalar.

Violet cruzou os dedos e se concentrou com grande esforço em Sebastian, esforçando-se por se desligar do resto do mundo.

Ele mudou de posição e olhou à multidão.

-É um fato estabelecido que a noite todos os gatos são pardos -Violet não tinha que ver sua expressão para imaginá-lo arqueando uma sobrancelha maliciosamente - Entretanto, durante o dia, devemos lhes perguntar por que há tão poucos gatos pardos.

A mulher atrás de Violet soltou outro gemido horrorizado.

-Refere-se A...? Deus Santo! Isso... isso é indecente.

Sebastian fez um gesto com a mão.

-A ciência da hereditariedade que foi descrito nos últimos anos explica por que os recursos podem ter cinquenta por cento de chances de ser herdados, ou vinte e cinco por cento. Mas a probabilidade de que um gato macho seja pardo é tão pequena que não podemos calculá-la. Uma entre mil, talvez. Minha teoria não oferece nenhuma explicação para semelhante mesquinhez.

A voz da mulher se fazia cada vez mais aguda, algo que Violet não podia acreditar que era possível.

-Acaba de se orgulhar de seu tamanho em público. William, você é da polícia. Faça algo.

Violet se voltou imaginando. A outra Violet, a que não ligava para o que as pessoas falavam, enfrentaria à dama em questão.

"Se não ficar em silêncio", se imaginou dizendo, "vou arrancar a sua língua pela raiz".

Mas uma dama não fazia uma cena assim em público. Ainda recordava a voz de sua mãe. "Quando não tiver nada agradável pra dizer, guarde sua opinião para você e depois me conta tudo." Fazia muito tempo que Violet não podia falar com sua mãe do que a irritava, mas o conselho seguia sendo apropriado. O silêncio guardava segredos.

Assim, ficou em silêncio. Separou de sua mente tudo o que não queria ouvir. O resto do mundo ficou envolto em algodão, com as bordas afiadas suavizadas para que não pudessem cortá-las.

Uma parte de sua mente estava vagamente consciente de que o casal continuava conversando.

-Vamos, vamos - dizia o homem - Eu também tenho que cumprir a lei. Não tenho uma ordem judicial e tampouco estou seguro de que me dessem uma. Tenha um pouco de paciência, minha querida.

Violet decidiu que aquele era um bom conselho.

"Paciência", disse a si mesma. "dentro de uns minutos eles irão e tudo estará melhor".

UNS MINUTOS DEPOIS, tudo foi pior.

Ao final da conferência, Violet abriu caminho entre a multidão, empurrando alguns suavemente com os cotovelos. Cada vez mais as conferências eram assistidas por mais pessoas e mais turbulentas. Tinha sido uma curiosidade os primeiros meses da carreira de Sebastian, este, um homem que escrevia sobre traços herdados e às vezes defendia Charles Darwin. Havia tido algumas queixa desinteressadas por parte do público, mas nada exagerado.

Depois tinha publicado seu ensaio sobre a traça pimenteira, com o propósito de demonstrar a teoria da evolução de Darwin em ação.

Violet suspirou. A metade do mundo respeitava Sebastian e a outra metade o desprezava. Os falatórios desagradáveis em suas conferências aumentavam de ano em ano. Nesse momento zumbiam ao redor de Violet, que tinha a sensação de ter aterrissado em um vespeiro de ignorância.

Abriu caminho até a parte da frente. Oliver Marshall, o amigo que tinha estado sentado a seu lado, tinha chegado já ali. Sebastian estava rodeado de pessoas.

Ele sempre estava rodeado de pessoas, desde que tinha chegado à idade adulta.

A metade das pessoas que o rodeavam eram mulheres, algo incomum na maioria das palestras científicas, mas bastante normal em seu caso.

Violet às vezes se perguntava se a veriam também assim, como uma mulher que levou anos tentando atrair a atenção de Sebastian. Como se ela também esperasse que a olhasse e a visse ela e só a ela. Sua irmã brincou com isso muitas vezes.

Se as coisas tivessem sido diferentes, talvez tivesse pensado nisso. Mas ela era o que era, e não tinha sentido chorar pelo leite derramado até que se tornou azedo. Caminhou até o círculo interior das pessoas que o rodeavam.

De seu assento, situado na metade do salão, viu a feição dele imprecisa. Agora pôde ver sua expressão e se alarmou.

Ele não tinha bom aspecto. Mostrava as bochechas ruborizadas e os olhos, normalmente escuros e faiscantes de humor, estavam apagados. O gesto expressivo de sua boca tinha dado espaço a uma seriedade grave. Dava a impressão de que tinha febre.

-Está errado - dizia um homem grande. Ele virou sua cabeça para Sebastian e apertou os grandes punhos como patas de porco - Você é um idiota egoísta. Todos os filósofos naturalistas desde Newton foram condenados. Condenados, eu garanto.

Uns anos atrás, Sebastian teria rido de uma declaração assim. Naquele momento se limitou a olhar o sujeito.

-Muito obrigado - disse, como se recitasse de cor. Como se tivesse aprendido as palavras e as falava agora como uma falsa isca, com a esperança de distrair o homem tempo suficiente para afastar-se - Isso significa muito para mim.

-Mentecapto insolente! - o homem grande se adiantou um passo.

Violet respirou fundo e se colocou diante do sujeito. Agarrou a mão de Sebastian. "Me olhe. Me olhe. Tudo irá melhorar só tem que me olhar".

Sebastian se virou para ela, mas o último rastro de humor fingido desapareceu de seu rosto ao vê-la.

Violet tinha sido sua amiga por muito tempo. Acreditava que o conhecia. Acreditava que ele ignorava alegremente a pressão pública de críticas constantes, que a série de insultos e ameaças não lhe importava nada. Ela tinha que pensar assim ou não seria capaz de submetê-lo a essa pressão.

Naquele instante compreendeu como estava errada.

Engoliu em seco.

-Sebastian - disse, hesitante.

-O que é? - grunhiu ele.

-Esteve brilhante - olhou-o nos olhos, desejando poder fazer com que se sentisse melhor - Realmente brilham...

Algo brilhou nos olhos dele. Algo escuro e furioso.

O comentário de Violet não tinha sido acertado. Soube assim que saíram as palavras de sua boca. Certamente parecia que ela estava satisfeita com ela mesma.

Estavam rodeados de gente. Ele apertou os punhos ao lado até que seus nódulos ficaram brancos e levantou o nariz no ar.

-Que se foda Violet! - sua voz foi um grunhido baixo e selvagem -. Foda-se!

Levavam tanto tempo metidos naquela conspiração, que às vezes até Violet esquecia a verdade. Nesse momento a recordou. Sentiu-a em todas as células de seu ser.

A sensação de invisibilidade desapareceu. Violet às vezes pensava que sua posição na sociedade era como um tronco caído em meio de um bosque. Talvez não fosse pitoresco, mas ao menos era aceito como parte da paisagem. Enquanto não se movesse muito, ninguém descobriria a verdade.

Naquele momento, Sebastian a observava atentamente, lívido, como se preparando para atacar aquele tronco com um machado. A mostrar ao mundo seu coração podre e mostrar que, por dentro, Violet era uma coisa escura, horrível, infectada de criaturas com muitas patas. Se ele dizia uma palavra, todo mundo saberia.

Nunca em sua vida tinha pensado que Sebastian poderia traí-la. Mas aquele desconhecido que a olhava com os olhos de Sebastian? Violet não sabia o que aquele homem podia fazer.

Suas mãos estavam frias. Quase podia ver aquele pesadelo representado diante deles. Ele diria a verdade diante de todo mundo. Os jornais a proclamariam aos quatro ventos no dia seguinte e, ao meio-dia, ela seria desonrada, totalmente proscrita.

A multidão já não era mais que sombras ao seu redor. Quase não podia respirar. "Indecente", as pessoas pareciam sussurrar. "Depravada". Engoliu em seco. Ficaria desonrada e arrastaria em sua queda a sua mãe, sua irmã e seus sobrinhos.

A ponta do nariz de Sebastian tremia, se virou para falar com outro homem, deixando em silêncio o que podia dizer.

Violet não pôde evitar. Respirou aliviada. Estava a salvo. E se ninguém nunca ficasse sabendo, poderia continuar.

O SOL DA MANHÃ CAÍA com força e golpeava os olhos de Sebastian, que olhava o jardim. A roseira refletia a luz do sol matinal e os canteiros de flores brilhavam com o orvalho. Era uma vista maravilhosa e ele possivelmente a teria desfrutado a não ser pela obstinada dor de cabeça. Desde que soube o que não podia saber, teria acreditado que aquilo eram os efeitos do álcool. Mas nas últimas quarenta e oito horas não tinha tomado nada mais forte que chá. Não. Era outra coisa que o atormentava. Algo que, ao contrário de algumas garrafas de vinho, não se curava com uma poção eficaz.

Para mudar o que sentia, precisava de uma dose muito maior da que poderia encontrar em uma farmácia.

Sabia o tempo todo onde estava indo. Violet estava na estufa; quando terminou de dar a volta nos arbustos, viu-a sentada em um banquinho, olhando uma fileira de vasos de barro pequenos cheios de terra. Os pés, calçados com botas, agarravam-se aos pés do banquinho. De onde estava, Sebastian a ouviu assobiando alegremente para si e sentiu mau.

Quando abriu a porta, ela não levantou a cabeça. Não levantou o olhar quando Sebastian se aproximou. Tinha uma lupa na mão e estava tão concentrada nos pequenos vasos de barro que tinha diante dela, que não o ouviu chegar.

Senhor! Parecia feliz ali sentada e ele o ia estragar tudo. Quando tinha aceitado aquela farsa, não tinha entendido o que significaria aquilo. Então pensava que só se tratava de assinar seu nome e ouvir falar com Violet, duas coisas que acreditava que não requereriam nenhum esforço.

-Violet - disse com suavidade.

Viu como voltava para a realidade. A jovem piscou rapidamente e deixou de lado os vasos de barro a lupa que tinha na mão antes de virar-se.

-Sebastian! - exclamou.

Havia um tom alegre em sua voz. Havia perdoado ele na noite anterior. Mas o sorriso que começou a dedicar morreu quando viu o rosto dele.

-Sebastian? Aconteceu alguma coisa?

-Tinha que me desculpar - respondeu ele - Deus sabe que deveria pedir desculpas por ontem à noite. Não devia falar com você desse modo, e muito menos em público.

Violet moveu a mão no ar como descartando suas palavras.

-Compreendo a tensão a que está submetido. Sério Sebastian, depois de tudo o que temos feito um pelo outro, umas poucas palavras duras não significam grande coisa. Mas tem algo que queria te dizer - franziu a testa e deu uns pequenos golpes nos lábios com o dedo - Vamos ver...

-Violet. Não se distraia. Escute-me.

Ela se virou para olhá-lo.

Ninguém mais a achava bonita. Isso era algo que Sebastian nunca tinha entendido. Sim, seu nariz era muito grande e sua boca muito larga. Seus olhos estavam um pouco separados para o padrão de beleza. Sebastian via essas coisas, mas não tinham nenhum significado para ele. De todas as pessoas que havia no mundo, Violet era a mais próxima a ele, e isso fazia com que a quisesse muito, e de um modo que ele mesmo não queria entender. Era sua amiga mais querida e estava a ponto de magoá-la.

Levantou as mãos em um gesto de rendição diante do mundo inteiro.

-Violet não posso continuar com isso. Parei com essa farsa.

Ela empalideceu. Estendeu a mão, que caiu sobre a lupa. Agarrou-a com força e a apertou contra seu peito.

Sebastian se sentia doente.

-Violet.

Não havia ninguém no mundo a quem conhecesse melhor nem a quem quisesse mais. A pele dela se tornou cinzenta. Olhava-o com o rosto totalmente desprovido de expressão. Sebastian a tinha visto antes assim em uma ocasião e nunca tinha imaginado que seria ele quem voltaria a lhe fazer isso.

-Violet, você sabe que faria qualquer coisa por você.

Ela emitiu um ruído estranho com a garganta, metade soluço, metade como se engasgasse.

-Não faça isso. Sebastian, podemos tentar...

-Nós tentamos - respondeu ele com tristeza - Sinto muito – sussurrou - mas é o fim.

A estava destruindo, mas, por outro lado, a última coisa que foi boa para ele já estava quebrada e ele já não tinha mais nada pra dar. Sorriu com tristeza e olhou a seu redor. A estufa. As numerosas prateleiras cheias de vasos de barro, todas elas etiquetadas. A prateleira de livros que havia no canto, com vinte volumes encadernados em couro. Todos os testes que sempre esperava descobrir

e outros mais. Finalmente olhou para Violet, uma mulher que tinha conhecido toda sua vida e querido a metade desse tempo.

-Serei seu amigo. Seu confidente. Ajudarei você quando precisar. Farei o que for por você, mas há algo que jamais voltarei a fazer - respirou fundo - Não voltarei a apresentar seu trabalho como se fosse meu.

A lupa caiu dos dedos dela e aterrissou nas pedras do chão debaixo do banquinho. Mas era forte, como Violet, e não se fez em pedaços.

Sebastian se agachou para pegá-la.

-Tome – disse - Acho que vai precisar dela.

A série Irmãos Sinistros

A Paixão da Governanta

A Guerra da Duquesa

A Vantagem da Herdeira

A Conspiração da Condessa

O Escândalo da sufragista

Nota da autora

Fiz o possível para assegurar que o tempo desta história fosse paralelo à história da Ata da Reforma de 1867, que estendeu o sufrágio universal a muitos homens da classe trabalhadora, embora não a todos.

À concentração que descrevo no Hyde Park aconteceu de verdade mais de cem mil pessoas, assustou o Governo e conseguiu uma ampliação muito maior do sufrágio do que o previamente previsto. Se querem ler um artigo jornalístico surpreendentemente sarcástico desse sucesso, de sete de maio de 1867 no The Daily News, encontrarão em minha página Web, em: <http://courtneymilan.com/heiresseffect-dailynews.php>.

O jornal não fala de um grupo de mulheres no parque, mas menciona a uma mulher com gorro de marinheiro que, conforme diz, "liderou" à multidão pedindo direitos iguais para todos. Suspeito que de qualquer mulher que falasse tão alto para ser ouvida em uma multidão tão numerosa se haveria dito que "liderar", assim assumi que se mostrou tão razoável como os homens.

Hoje diríamos que Emily tinha epilepsia com ataques parciais. Naquela época, entretanto, não se entendia muito bem a epilepsia. O doutor Russell (ao qual Emily se refere no livro como um dos doutores que a trataram) foi possivelmente um dos que melhor que entendeu a enfermidade; foi um dos primeiros em aplicar o "método numérico" à epilepsia.

Podem ler seu livro sobre este tema neste link: <http://bit.ly/150aVdY>.

Em qualquer caso, Russell, apesar de ser o mais avançado, acreditava que não havia epilepsia a menos que houvesse perda de consciência; daí a razão de que Emily afirme que seus ataques não são epilepsia.

Se alguma vez tiverem a sensação de que necessitam de motivos para sentir-se mais agradecidos pela medicina moderna, podem folhear o livro mencionado e ver a lista dos tratamentos que se provaram com a epilepsia. Todos os "tratamentos" que Emily experimenta nesse romance os encontrei mencionados em vários textos médicos dessa época.

Uma breve nota sobre os estudos de Anjan. Nos Estados Unidos, hoje em dia parece ridículo que alguém esteja preparando exames de Direito em janeiro e seja já procurador em maio, mas então era muito possível. Quando Anjan diz que vai terminar, refere-se a que logo acabará a universidade, pois o último curso ali não era um curso completo. Anjan estuda para licenciar-se em Direito e isso suportava uma série de exames duros que determinavam se um

estudante se graduava com honras e que honras eram essas. Esses exames teriam terminado por volta da Semana Santa. Logo Anjan teria que voltar para Cambridge para sua cerimônia de graduação, mas isso teria sido um mero formalismo.

O mais importante é que não teria tido que ser licenciado em Direito para praticar a lei ante os tribunais. As exigências para ser admitido em um Colégio de Advogados dependiam de cada colégio, mas normalmente se requeria que alguns membros de dito Colégio avaliassem seu bom caráter, que passasse um exame básico e que estivesse em "bons términos" com a Associação Profissional de Procuradores. Em outras palavras, que jantasse um certo número de vezes com um grupo de procuradores. Em muitos casos, podia substituir dois anos de educação em Oxford ou Cambridge pela parte dos jantares. Anjan, como bom planejador, teria completo com os requerimentos do Colégio de Advogados durante o ano anterior.

Para tentar retratar com precisão a experiência de Anjan, li um punhado de histórias escritas por estudantes indianos que estudaram na Grã-Bretanha entre meados e finais do século XIX e tentei extrapolar no possível como teria sido a vida de Anjan. A mais famosa dessas narrações é, obviamente, a autobiografia de Mahatma Gandhi. Mas também me apoiei muito em uma descrição da vida em Cambridge escrita por S. Sathianadhan, que estudou em Cambridge na época em que também o teria feito meu personagem fictício Anjan Bhattacharya.

Sathianadhan não fala diretamente de racismo, mas há um punhado de vezes nas quais dá a impressão de que fala com a boca pequena. Seus elogios aos ingleses são exagerados, quase como uma advertência. Um parágrafo em concreto diz (parafraseando): "Os ingleses podem parecer uns cretinos, mas isso é porque se acreditam melhores que nós. Lhes dê a razão e serão amáveis contigo".

Reproduzi essa passagem em meu tumblr. Se quiserem, podem lê-lo em: <http://bit.ly/12j72Ch>.

Uma das coisas nas quais me separa dos usos históricos é que, naquele momento, os indianos na Inglaterra eram chamados frequentemente de "negros". Acredito que esse uso resultaria excessivamente confuso para os leitores modernos, especialmente os norte-americanos.

Uma última nota referente ao Anjan: Algumas pessoas pensarão que é exagerado que no epílogo desse romance se fale do interesse dele em ser apresentado a um deputado em 1874. Mas o primeiro hindu membro do Parlamento, Dadabhai Naoroji, foi eleito em 1892 à idade de 67 anos. Em 1874

Anjan teria 27 anos. Era bastante jovem para que começasse a trabalhar com esse objetivo, essa barreira já teria caído quando chegasse aos cinquenta.

Finalmente, vou repetir o que já disse na Nota da Autora na guerra da duquesa. Esta serie reescreve a história científica da evolução e a genética. Embora Mendel levasse a cabo seus experimentos com ervilhas em 1830, até muito mais tarde não se compreendeu sua importância. No livro assumi que colocar Darwin e a um geneticista famoso no mesmo lugar e na mesma época teria acelerado o ritmo do progresso científico.

Courtney Milan: A Vantagem da Herdeira

Titulo original: "The Heiress Effect"

(c)2013 Courtney Milan

A vantagem da herdeira (Irmãos Sinistros 2) : Courtney Milan